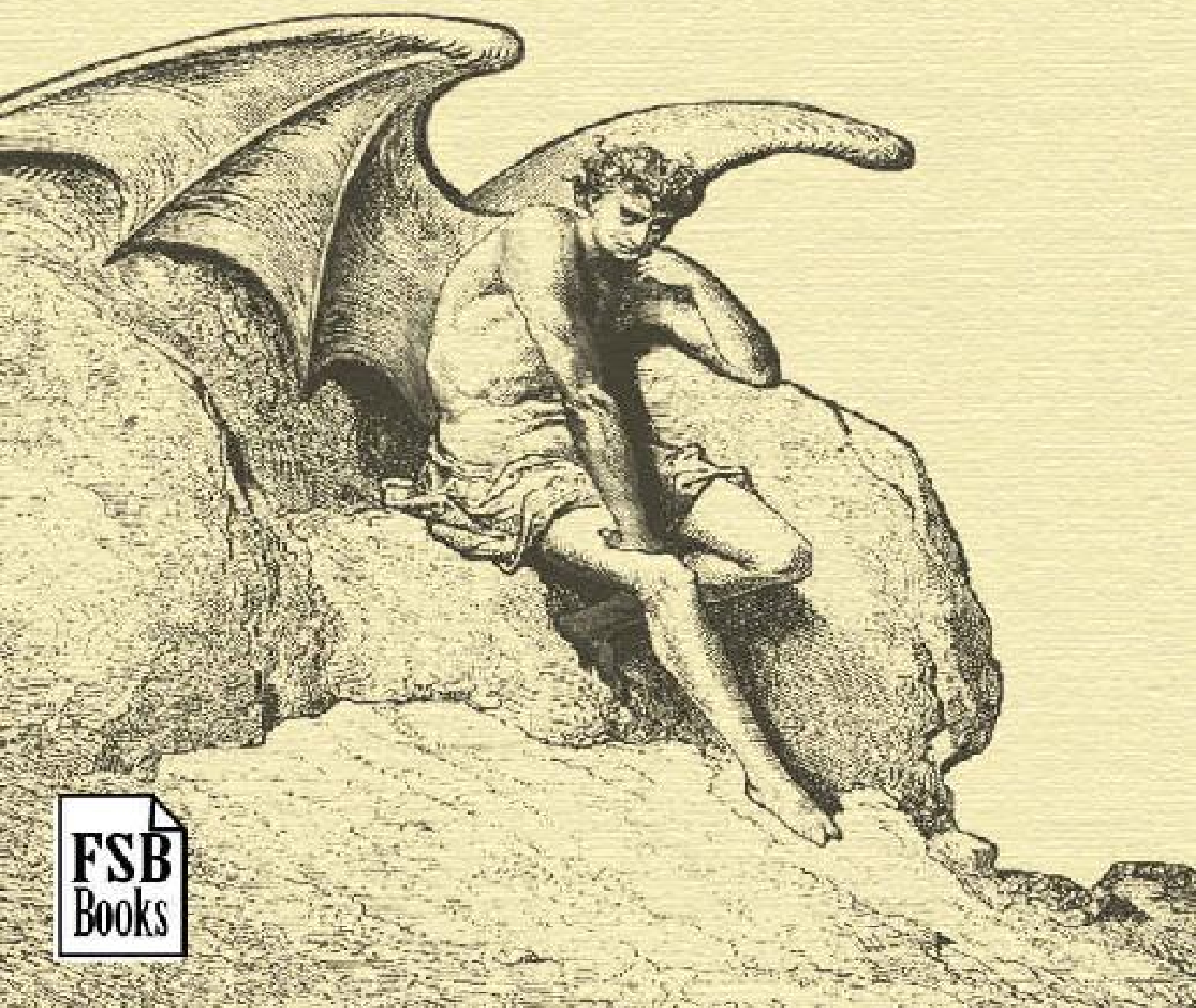


FABIO BAPTISTA

# A REDENÇÃO DO ANJO CAÍDO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **A REDENÇÃO DO ANJO CAÍDO**

**A REDENÇÃO DO ANJO CAÍDO**  
**FABIO BAPTISTA**  
**Ilustração de capa: Gustave Doré (Domínio Público)**

## PRÓLOGO

O anjo chegou empolgado ao último degrau da escadaria.

Nas mãos trazia a harpa e, no peito, um conjunto de versos que compusera pela manhã e intitulara "O Poema da Criação". Agora, estava ansioso para recitá-lo ao Pai, que se encontrava entretido às margens da *Fonte da Vida*.

— O que estás fazendo, Pai? – ele perguntou com voz alegre, ao se aproximar do Altíssimo.

— Estava aguardando por ti. Há algo que quero te mostrar – Deus respondeu.

Antes de o anjo externar em palavras as dúvidas que lhe vieram à mente, o Criador imergiu um dedo na fonte e fez leves movimentos circulares, até diminutas ondas se formarem. Em seguida, puxou repentinamente a mão, trazendo para fora um fino turbilhão cristalino, como se fosse extensão de seu dedo. A água começou então a tomar forma: pernas, depois corpo, braços, cabeça e, finalmente... asas.

— Era esta estátua que querias me mostrar? – o anjo questionou, admirado com a figura imóvel terminando de se materializar diante de seus olhos.

— Não é uma estátua! – Deus divertiu-se.

— Não? Então o que é?

— É um anjo, como tu... – o Altíssimo afirmou, atento à reação causada pela resposta.

Por um tempo, o jovem refletiu, tentando assimilar as dimensões do que aquilo significava. Apertava a harpa com força, sem perceber. Em seu âmago, donde só brotara a mais pura alegria desde o dia em que fora criado até então, floresceu um sentimento tão desconhecido quanto incômodo.

— Por que precisas de outro anjo, Pai? – perguntou, num único fôlego.

— Precisarei de ti, deste aqui e de muitos outros mais. Olhe a tua volta... – Deus abriu os braços e virou a cabeça de um lado para o outro, instigando o filho a imitá-lo. – Veja quão extenso é o Paraíso. Não te sentes um pouco solitário ao bater tuas asas em tão

vazia imensidão? Verás como tudo ficará melhor, preenchido de vida, movimento, sons e cores, por todos os lados. Verás como tuas canções soarão ainda mais belas quando cantadas por um coral de querubins.

O anjo ponderou sobre aquelas palavras e tentou projetar na mente o mundo novo descrito pelo Pai. Tentou afugentar a constatação de que, pela primeira vez em sua existência, discordava do Altíssimo. Não entendia porque tudo não poderia continuar como estava, por todo o sempre – apenas criador e criatura, apenas Pai e filho caminhando entre as árvores e as estrelas, sob o som dos doces sonetos de adoração por ele compostos. Mas a presença daquela estátua d'água, que agora parecia encará-lo, trazia consigo a certeza de que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

— Deixarei de ser teu preferido? – resumiu assim as aflições surgidas no coração.

— Amarei todas as minhas criaturas da mesma forma, pois infinito é o meu amor e razão não há para dosá-lo, dividindo-o mais para um ou mais para outro. O conceito de preferido perde-se dessa forma. – Depois que Deus disse essas palavras, o anjo nada respondeu, permanecendo cabisbaixo. Após alguns instantes, o Altíssimo voltou a quebrar o silêncio: – Não te preocupes, posso garantir que sempre terás papel fundamental em meus planos. E não falo isso somente para te agradar, pois bem sabes que minha palavra é a expressão da verdade. Além disso... estou certo de que gostarás de liderá-los.

— Eu os liderarei? – animou-se o anjo, com a alegria subitamente retornando ao espírito. – Quantos deles?

— Muitos! Hostes tão numerosas que se perderão de vista e darão a volta ao mundo quando enfileiradas! – o Criador respondeu, enchendo-se de orgulho ao perceber o interesse transbordando no semblante de sua criatura.

— E o Senhor criará todos eles hoje? – o anjo agora estava eufórico.

— Não, hoje não! – Deus deu uma gostosa gargalhada, sacudindo as estrelas no firmamento. – Quando estiver seco por

completo – o Altíssimo apertou o ombro da figura moldada com a água da fonte –, soprar-lhe-ei a centelha da vida. Assim como fiz contigo e como farei com os outros. Mas apenas um a cada dia, não mais do que isso. Pois, para que fiquem perfeitas, as coisas devem ser feitas com calma. Compreendes?

O anjo balançou a cabeça em afirmação, satisfeito pela sensação que o incomodara havia pouco ter ido embora – esperava não senti-la nunca mais. Já não via aquela “estátua d’água” como uma ameaça e, além disso, a perspectiva de ter incontáveis subalternos animava-o em demasia. Então, perguntou ao Altíssimo:

— Poderei ensiná-los a compor louvores e a cantar?

— Sim. E também... a guerrear – Deus falou, desviando o olhar para o horizonte.

— Guerrear? – o anjo arregalou os olhos, desconcertado. Entendia o significado da palavra, mesmo sem nunca tê-la ouvido antes, mas não compreendia como esse tipo de evento poderia vir a ocorrer. – Contra quem?

— Existem forças que se alastraram pelo universo enquanto Eu dormia. E, agora, anseiam retomar o que lhes foi tirado quando acordei. Desejam destruir a ordem e lançar todas as coisas de volta ao *caos primordial* que havia no mundo antes que o tempo fosse criado – assim respondeu o Senhor.

— Tu és o Pai-Todo-Poderoso, onipotente, onipresente e onisciente – o anjo sorriu com confiança. – Desconheço essas forças por ti mencionadas, mas estou certo de que estão loucos caso planejem qualquer tipo de levante contra ti, meu Pai amado. Infinito é teu poder: com apenas um pensamento poderia rechaçá-los... – enquanto falava, o anjo refletia a respeito das próprias palavras, e a confiança cedia lugar à dúvida. – Com apenas uma palavra, poderias destruí-los agora mesmo, onde quer que estejam... não é?

— Sim, sou aquele que tudo pode e tudo sabe, aquele que sempre existiu e sempre existirá. Sou aquele que é. Porém, a onipotência também me possibilita abrir mão de poder certas coisas, conforme a minha vontade. Entendes? – o Altíssimo perguntou.

O jovem coçou o queixo, olhou para o alto e pensou por algum tempo. Na falta de melhor argumento, acabou ficando com a resposta mais simples, direta e sincera possível:

— Não, não entendo.

Deus sorriu, sem nada dizer de imediato. Caminhou até ele e encarou-o com um misto de alegria e tristeza, como se estivesse vendo todo o destino do universo refletido no azul de seus olhos. Acariciou o rosto de seu primeiro anjo, tão belo quanto a estrela que brilha na alva e traz a luz para o mundo. Então, assim disse o Senhor:

— Um dia, entenderás, Lúcifer. Um dia, entenderás...



## CAPÍTULO I – SOBERBA

### *Centenas de anos depois...*

Lúcifer distraiu-se por alguns instantes, segurando a manopla de combate em frente ao rosto. Contemplou todas as nuances e detalhes da luva prateada a refletir seu semblante, agora estagnado em algum ponto entre a hesitação e a ansiedade. Pensamentos perdiam-se nos feixes luminosos irradiados pelos diamantes que adornavam a última peça da magnífica armadura. Respirou fundo, enchendo-se do aroma celeste, sempre fresco e revigorante a qualquer hora do dia ou da noite. Sentiu o cheiro das rosas, das maçãs, da relva e dos troncos das árvores, ainda umedecidos pelo sereno. Prendeu o ar por um longo momento de incerteza e, em seguida, soltou tudo de uma só vez, em um assovio determinado. Desejou que os últimos resquícios de dúvida, que cobriam seu coração como folhas mortas boiando num lago, fossem levados embora pelo vento suave que brincava com seus cabelos naquela alvorada.

Mas eles não foram.

Mesmo assim, o Primeiro entre os Anjos colocou a luva, ficando totalmente equipado para a guerra – para a batalha que viria ainda naquele dia e haveria de se definir antes que o Sol tingisse de vermelho as nuvens no oeste. A batalha que concederia a ele seu *lugar de direito*, que abriria espaço para que chegasse ao trono do Altíssimo e dali arrancasse o velho Pai, tomando assim, com mão forte, o posto mais alto na hierarquia celestial. A batalha que apresentaria ao universo o seu novo Deus.

Abriu e fechou o punho algumas vezes, com a confiança avolumando-se em um leve sorriso no canto da boca. Gostava de ouvir o ranger do metal nas articulações perfeitamente encaixadas. Refletiu por um instante, questionando se seria capaz de construir uma armadura com tamanha maestria. Concluiu que era óbvio que sim, afinal, não havia nada que o Pai tivesse feito que ele, o *Portador da Luz*, não poderia fazer igual, ou ainda melhor. Empunhou a espada conhecida como “Aniquiladora do Caos”: a

arma mais destrutiva já criada, forjada pessoalmente por Deus, com energia suficiente para costurar um milhão de *quasares* na malha negra do espaço. Segurou-a, com a costumeira sutileza, e a brandiu no ar. Partículas brilhantes marcaram o caminho percorrido pelo gume, flutuando em silêncio feito a neve que chega ao chão sob os suspiros agonizantes do outono. Sentiu poder, confiança e certeza irradiando no punho, permeando a manopla de combate, infiltrando-se na mão e subindo pelo braço, atravessando-o de ombro a ombro, percorrendo todo corpo, dos pés à ponta do último fio de cabelo e, finalmente, invadindo e inflamando seu coração com as chamas da ousadia, que precisam arder para que um grande passo seja dado.

As mesmas chamas que às vezes queimam demais e tornam-se loucura.

O sorriso, a princípio tímido, não tardou a se transformar em gargalhada de dentes escancarados, enquanto nuvens cobriam o Sol, lançando sombras de mau agouro sobre os campos do Paraíso. Lúcifer, aquele que brilha como a Estrela da Manhã, o mais notável dentre todos os anjos, arcanjos, serafins e querubins, caminhou em direção às tropas que o aguardavam em prontidão, lideradas por Belial, o Valoroso.

— Comandante... – Lúcifer cumprimentou Belial, batendo as asas para se erguer um côvado acima do solo e assim conseguir olhar seu subordinado de cima para baixo.

— General... – Belial respondeu, com igual formalidade e frieza. Meneou levemente as asas negras e esplendorosas que lhe brotavam nas costas, mas permaneceu com os pés fincados ao chão.

— Como está o moral das tropas, Comandante? Observando daqui, vejo uma quantidade considerável de semblantes assustados, olhares que se esquivam buscando o solo quando encarados, lanças que tremem às mãos, espadas empunhadas sem confiança, escudos que parecem ter ficado mais pesados da noite para o dia... eu vejo isso em alguns, Belial. Na verdade, em muitos – disse Lúcifer, percorrendo suas hostes com o olhar e segurando o punho da *Aniquiladora do Caos*. – Mas não é o que vejo em uns e

outros o que me preocupa, Comandante. O que me preocupa de fato é o que eu *não estou vendo...* em ninguém. Quer que eu diga o que é, Belial?

— Sim, meu... Senhor... — as palavras só conseguiram sair após longa inspiração, que apaziguou o ímpeto de responder as primeiras coisas, certamente não condizentes com a hierarquia, que lhe vieram à cabeça.

— Sabia que iria querer, Comandante — Lúcifer sorriu com ironia. — Pois te direi, com prazer: eu não estou vendo aqui a sede de sangue, a vontade de correr em direção às linhas inimigas e promover um massacre, a empolgação de brandir uma espada em direção ao pescoço desprotegido do oponente, de arremessar a lança à distância e ouvi-la assoviando no ar até encontrar um coração no caminho — enquanto falava, Lúcifer interpretava cada um dos ataques descritos. Então, após pausa e suspiro carregado de decepção, continuou: — Não estou vendo aqui, Belial, o brilho nos olhos que os guerreiros precisam ter antes de uma luta. O brilho que estava em nossos olhos, quando travamos a grande guerra contra as forças do Caos, lembra-se? Ah, não faz tanto tempo, Belial, tenho certeza que te lembras muito bem! Pois então, meu bom Comandante, estamos prestes a marchar rumo a uma contenda ainda mais importante, que pode se tornar ainda mais mortífera do que aquela... e os rostos dos soldados afiguram-se como se estivéssemos nos dirigindo a um recital de harpa! Tu, que és o responsável pela motivação dos soldados, saberias me explicar o porquê disso?

Belial engoliu em seco e refletiu, ponderando se não seria melhor atacar o General e acabar de uma vez com aquela insanidade, arrancando-lhe, a machadadas, o sorriso debochado que estampava no rosto ao proferir seus mandos, desmandos, caprichos e perguntas retóricas. A mão chegou a deslizar instintivamente rumo ao cabo do machado de guerra preso à cintura, mas o Comandante controlou-se a tempo. Lúcifer estava no auge do poder e das habilidades de batalha, dificilmente seria derrotado em combate direto. Era hora de aguardar, concluiu Belial. Conformando-se, assim respondeu:

— A verdade, General... é que brumas tempestuosas pairam acima de nossos elmos e trovões de dúvida explodem em nossos ouvidos. Ao contrário da guerra contra o Caos, onde cada um sabia exatamente a razão de estar ali, lutando, matando, sangrando e morrendo se preciso fosse, dessa feita não há uma convicção unânime acerca da... sensatez... em se travar a batalha que tu nos propõe. E, acima de qualquer outra coisa, os soldados estão deveras preocupados com as reais chances que temos de lograr êxito nessa investida – antes de terminar a frase, Belial já estava alerta, pronto para se defender caso o superior não *reagisse muito bem* à sinceridade da resposta.

— Estão com medo das tropas de Miguel, Comandante? – Lúcifer questionou com escárnio, encarando-o.

— Miguel e suas tropas não, meu Senhor. Pois com esses sabemos que a luta será de igual para igual. Estamos deveras receosos quanto a atacar o ALTÍSSIMO! – a última palavra saiu da boca de Belial num tom mais alto e mais imbuído de raiva que o esperado.

Foi a vez de Lúcifer dirigir a mão à arma. Tamborilou os dedos na empunhadura e então puxou a *Aniquiladora do Caos*, apenas o suficiente para que um pedaço da lâmina ficasse à mostra fora da bainha, sussurrando uma ameaça velada que fez Belial instintivamente recuar um passo e encolher as asas.

— Então eles duvidam que posso derrotar o Altíssimo? Então querem saber o porquê de marcharmos em direção aos Portões de Safira nessa manhã... – Lúcifer balbuciou consigo, girando a cabeça lentamente de um lado para outro, contemplando uma vez mais toda a extensão de suas fileiras. Em seguida, falou, tão repentino, estrondoso e aterrador quanto uma estrela que colapsa em si mesma, transformando-se em buraco-negro: – ESCUTEM, SOLDADOS! Muitos de vós combatestes a meu lado, na árdua peleja que travamos contra as forças caóticas, que faziam cerco a nossos portões desde tempos imemoriais. Eu quero que se lembrem, meus amigos – balançou a cabeça, concordando com as próprias palavras –, quero que se lembrem *quem* escalou a, até então intransponível, *Montanha da Entropia*, esquivando-se de

vagalhão de energia após vagalhão de energia, quem derrubou gigante de mármore atrás de gigante de mármore e usou seus corpos colossais como escada, abrindo caminho por hordas de guerreiros etéreos até chegar ao topo, ao lugar mais mortal que existiu ou haverá de existir, onde um mínimo deslize poderia destruir qualquer alma para sempre; onde o vento soprava tão forte que mesmo as constelações mais pesadas deslocavam-se no espaço e o chão tremia tanto que os planetas e suas luas partiam-se em milhões de fragmentos e juntavam-se à poeira cósmica. Quero que se lembrem, meus caros, quem subiu lá e cravou a espada na massa amorfa de Caos em seu estado mais bruto e selvagem, quem sentiu reverberar no punho todo ódio, toda angústia, todo desejo por desordem e destruição que tal criatura indizível guardava dentro de si. Pergunto a vós, meus soldados: quem foi o autor de feito tão magnífico? Por acaso foi Miguel? – As hostes estavam mesmerizadas com o discurso do General e só despertaram quando ele reforçou a pergunta, com um grito rouco que abalou metade do Paraíso: – POR ACASO FOI MIGUEL?

— Não, senhor! – a resposta veio num coral descompassado, mais assustado que convicto.

— Eu vos pergunto, companheiros de armas: quem liderou as tropas celestiais rumo à vitória improvável e concedeu a vós a oportunidade de ver a luz da vida por mais um dia... Por acaso foi Gabriel? Por acaso foi Rafael?

— Não, SENHOR! – A dúvida começava a converter-se em confiança e ganhar volume no coração e na voz dos anjos.

— Por acaso foi YAHWEH, o ALTÍSSIMO?

— NÃO! – a confiança começava a virar frenesi.

— Então... QUEM FOI?

Seguiu-se um alvoroço de vozes que trespassavam e aglomeravam-se umas às outras. “Lúcifer, Estrela da Manhã!”, bradavam. “Seguiremos a ti até a morte!”, “Foi tu, meu General!”, “O Portador da Luz!” – disseram essas, e muitas outras coisas. A balbúrdia exalou o cheiro amalgamado de loucura, selvageria e coragem que permeia um exército confiante na vitória antes da batalha. E Lúcifer gostou do que viu. Aguardou que os ânimos se

aquietassem, saboreando o resultado de seu poder de persuasão e também a inveja que irradiava velada nos olhos escuros de Belial. Pediu silêncio, com as palmas das mãos viradas para baixo subindo e descendo lentamente no ar. Em um instante, apenas o vento se fazia escutar, deslizando entre o capim e as pedras. Então, assim continuou a dizer o *Portador da Luz*, aos anjos que o contemplavam admirados:

— Por que atacar o Altíssimo, vós perguntais. Por que participar de um levante contra nosso Criador, contra nosso próprio Pai? É uma questão pertinente, não hei de negar. Acreditem, trata-se de uma ação extrema, que pode afigurar-se à primeira vista como a mais profana de todas as insanidades, mas vos garanto: esta é uma batalha de causa tão justa quanto necessária. O motivo é tão simples quanto estarrecedor: Yahweh *enlouqueceu*. Sim, meus irmãos... é uma notícia que traz grande consternação à alma, uma constatação dolorosa, porém, não obstante, verdadeira. O Pai amado, para quem compusemos e cantamos as mais belas canções, por quem lutamos incontáveis batalhas e derramamos veios de sangue e lágrimas que formariam mares, a quem sempre olhamos como a personificação da santidade e da perfeição... está prestes a nos *trair* – Lúcifer sussurrou essa palavra, como se soprasse o mais terrível dos segredos ao ouvido de cada soldado –, está a um passo de cuspir em tudo o que já fizemos por Ele, vilipendiando nosso amor irrestrito, nossa dedicação incondicional, nossa prontidão incessante para protegê-Lo e adorá-Lo.

Lúcifer fez uma breve pausa e notou com satisfação que os olhares dos soldados, que há pouco se desviavam inseguros, agora brilhavam estupefatos, como se diante de seus narizes se descortinasse um mundo novo, ávidos por mais detalhes daquela afirmação completamente desconcertante que fazia o General. No tempo exato entre aguçar a curiosidade e dispersar a atenção, ele continuou, com a entonação tão pesarosa que até mesmo as montanhas, a relva e as árvores se comoveram:

— O Altíssimo deixou de nos amar, há muito, muito tempo. Agora percebo que a guerra contra o Caos parece não ter sido mais que um embuste, onde Ele nos usou como marionetes para

conseguir o que precisava e não teve a honradez, tampouco a coragem, de ir buscar sozinho. Ele nos disse que conter as forças entrópicas era imprescindível para que a criação pudesse ter continuidade. Todavia, deu ordens sigilosas a mim e a Miguel, para que não destruíssemos por completo a besta caótica, mas a contivéssemos e trouxéssemos ao menos um naco de sua essência no regresso ao Paraíso. Essa foi a primeira vez que desconfiei das intenções d'Ele, mas, como bom filho e bom soldado que sou, cumpri o que me foi ordenado. Porém, muito me intrigou o destino que seria dado ao invólucro que a Ele entreguei pessoalmente. Passei então a investigar, e planos nefastos não tardaram a se revelar diante dos meus olhos zelosos, que o vigiavam à socapa. Eu descobri a verdade, meus amigos... e ela não poderia ser mais terrível.

O silêncio cobria a planície como névoa fria a imiscuir-se às almas dos anjos ali enfileirados. As armaduras, tão polidas que de longe podiam ser confundidas com espelhos perfeitamente alinhados, refletiam o céu, agora coberto por gordas nuvens carregadas de altivez, decisões difíceis e caminhos sem volta. Já não estavam amedrontados, admirados ou curiosos. Estavam petrificados, numa perplexidade que só aumentou quando Lúcifer prosseguiu com suas *revelações*:

— Nosso outrora amado Pai, na quietude solitária de seus salões de ouro e mármore, em segredo planeja criar uma esfera de realidade similar à nossa, mas feita com energia em vibração mais acentuada, de modo que com ela não possamos interagir diretamente. Essa esfera, meus amigos, *Ele* intenciona popular com uma vastidão de animais e plantas, e, a um tipo de animal em particular, pretende dar centelha divina igual a que flui em nossas veias. Porém, nessas mesmas criaturas, *Ele* também imbuirá uma gota do Caos, que EU trouxe da *Montanha da Entropia* e Lhe entreguei. Vidas de incontáveis soldados foram perdidas naquele dia e vejam só a troco de quê... traição! Sim, traição! Pois nos devaneios de Yahweh, esses seres substituir-nos-ão em Sua preferência. A eles será dado o poder do louvor, toda graça e todo amor do Altíssimo, enquanto nós seremos relegados à condição de

serviçais, obrigados a agir como pajens, zelando por tão débeis criaturas. Pois eu, Lúcifer, Primeiro entre os Anjos, General de quarenta e nove hostes celestiais, vos digo: ISSO NÃO HÁ DE ACONTECER! – Os soldados vibraram com entusiasmo, gritando e erguendo suas lanças e espadas em resposta. – O universo pertence a nós e isso não deve mudar. ISSO NÃO VAI MUDAR!!! Mas, para que não mude, preciso que vós marcheis comigo uma vez mais, meus irmãos. Preciso que me deem cobertura enquanto enfrento Miguel e sua guarda pessoal, que protegem o acesso ao trono do Altíssimo. Haverá luta. Sangue será derramado. Mas depois haverá paz e, aos que permanecerem fiéis a mim, serão concedidos os devidos galardões.

— Não que duvidemos de tua capacidade, General – Belial voltara a se manifestar após longo período sem esboçar qualquer reação, com uma amargura viscosa escorrendo na voz –, mas ficaríamos deveras motivados se pudesse nos dizer de que forma pretendes lutar contra o Altíssimo. Pois contra Miguel e sua guarda pessoal, temos certeza de que sairás vitorioso sem muita dificuldade, porém, contra o onipotente... ousa dizer, sob pena de soar extremamente pessimista, que nem mesmo se todos os anjos, arcanjos, serafins e querubins se reunissem, mesmo que nosso contingente se aliasse às forças de Miguel e também às de Rafael e Gabriel, e mesmo que todos juntos atacássemos em perfeita sincronia, ainda assim, desconfio, não teríamos o menor vestígio de chance.

As brumas da dúvida voltaram a pairar sobre as tropas e os soldados entreolharam-se, desconfortáveis com a realidade que de súbito pesava-lhes novamente sobre os ombros. Lúcifer cerrou os olhos e encarou o Comandante. Belial tinha certeza que dessa vez não escaparia do confronto e, ato contínuo, preparou-se para empunhar o machado, mas, ao tocar na empunhadura, viu o General gargalhar e explicar às tropas, como se já contasse com o questionamento:

— Os senhores têm um comandante cauteloso, soldados! Durante a batalha, de pouco vale a cautela, pois quando metal encontra metal e pedaços de armaduras e corpos começam a voar,



tingindo o mundo de vermelho, o que nos mantém vivos é a coragem e a ousadia que beira a imprudência, mas, antes disso, a cautela é bem-vinda. Fosse eu no lugar de Belial, teria feito exatamente a mesma pergunta, caso um *superior* apresentasse tão ambicioso estratagema como este que acabei de apresentar – Lúcifer voltou a olhar o Comandante com o costumeiro desprezo. – A dúvida procede: como derrotar o Todo-Poderoso? Alguém poderia sequer sonhar com isso? Em verdade vos digo que eu seria o primeiro a afirmar que tal empreitada seria completamente impossível, SE... ao trazer a essência caótica aprisionada, eu, como general prudente que sou, não tivesse pego meu quinhão.

Então, do embornal preso ao cinturão prateado da armadura, Lúcifer tirou uma esfera que parecia conter em seu interior todo um universo de incontáveis estrelas, nebulosas, galáxias, quasares e feixes de energia pura, que brilhavam e diluíam-se numa miríade de cores e formas. Ao simples vislumbre daquele artefato de beleza e poder inimagináveis, os olhos dos soldados brilharam, enquanto em seus corações germinava a semente da cobiça. Sem disfarçar a satisfação, o Primeiro entre os Anjos continuou o discurso:

— Com essa pequena, mas, não obstante, mais que suficiente amostra da única coisa que Yahweh já temeu desde o início dos tempos, eu criarei a arma derradeira. A arma que destruirá o Altíssimo e livrará os anjos do destino humilhante que lhes está reservado nos planos do Criador. Se alguém aqui possui o mórbido desejo de servir criaturas inferiores, que se manifeste agora, que vá embora e não volte nunca mais, pois não quero covardes em minhas fileiras. Porém, àqueles que não estão dispostos a se submeter aos desmandos e caprichos de um tirano enlouquecido; aos que querem estar do lado vencedor quando chegar a próxima Lua – Lúcifer fez uma pausa, com o braço erguido movendo-se de um lado para o outro, exibindo a esfera do Caos aos guerreiros –, eu convido: marchem comigo. Asseguro-lhes que serei generoso ao compartilhar os louros da doce vitória que nos aguarda, tão certa quanto o nascer de um novo dia. Assim, pela última vez eu pergunto: quem quer viver para saborear os deleites que meu reinado haverá de oferecer? Quem deseja esmagar as resistências

que a nós se impuserem e banhar a armadura com o sangue impuro dos inimigos derrotados? Quem quer VENCER essa que será a última das guerras? Quem está comigo? QUEM ESTÁ COM O NOVO DEUS?

Os anjos abraçaram-se, bateram espadas em escudos e, a urros entorpecidos de selvageria, juraram lealdade eterna a Lúcifer. Agora, despídos de qualquer dúvida quanto às chances de êxito, estavam ávidos pela batalha, ensandecidos pelo frenesi sanguíneo que acomete um exército confiante. Porque, aos soldados, interessa mais a certeza, mesmo que ilusória, de lutar no lado que permanecerá de pé ao final da contenda do que a certeza de lutar no lado *certo*. Deleitando-se com a balbúrdia gerada pelo discurso, o Portador da Luz devolveu a esfera ao embornal e, com semblante vitorioso, assim falou a Belial:

— Parece-me que as tropas estão *deveras* motivadas agora, Comandante – saboreou a ira que queimava nos olhos do enorme anjo de asas negras e então completou, dessa vez com voz e expressão mais frias que a lâmina da *Aniquiladora do Caos*: – Não vou tolerar desculpas para qualquer tipo de fracasso, Belial. E serei ainda menos compreensivo com qualquer um que ousar me trair. Espero que isso esteja claro o suficiente...

— Está claro o suficiente, Senhor – aquiesceu Belial, sem esboçar sentimentos.

— Muito bom, *soldado*. Muito bom. Agora, siga-me! – Lúcifer ordenou, já virando as costas e voando em direção aos Portões de Safira.

## CAPÍTULO II – A QUEDA

Assim, as tropas de Lúcifer marcharam pelo Paraíso. Cruzaram o *Desfiladeiro da Fé*, onde todos os louvores passados e vindouros ecoam feito som de harpas e pífaros, reverberando eternamente nas rochas douradas que ladeiam a passagem. Atravessaram a *Planície das Sete Virtudes*, quase tão extensa quanto a bondade de Deus. Fizeram ouvir suas botas, tilintando como uma tempestade de gotas metálicas desabando, ao pisar o chão ladrilhado de pedras preciosas que margeia toda a entrada do reino. Adentraram os jardins e contemplaram uma vez mais a beleza do lago. Então, finalmente chegaram aos portões que davam acesso aos recônditos do Altíssimo. Uriel, o querubim que guardava a entrada, cumprimentou o General que se aproximava, com a honra que lhe era devida:

— Lúcifer, Primeiro entre os Anjos, aquele que brilha e é belo como a Estrela da Manhã, Portador da Luz, General de quarenta e nove hostes celestiais, Campeão de Deus, herói de incontáveis batalhas, orgulho para os antigos, inspiração para os novos... a que vens, amigo? E por que trazes tamanho contingente atrás de ti?

— Uriel – Lúcifer olhou para o alto, como se buscasse algo na memória –, *Guardião dos Portões de Safira*... – completou depois de um tempo. – Trago notícias que anseiam chegar aos ouvidos do General Miguel, com a maior brevidade possível – disse, caminhando despreocupadamente na direção do querubim ainda aturdido com a chegada daquele batalhão.

— Qual... qual é a natureza de tais notícias, Portador da Luz? – Uriel questionou, com uma incômoda sensação avolumando-se na garganta à medida que Lúcifer se aproximava.

— É o tipo de natureza que cabe aos ouvidos dos generais, não dos... guardiões dos portões, meu bom Uriel. Agora, queira me dar passagem, por gentileza – Lúcifer falou, de um jeito que deixava claro que não era exatamente um pedido.

— O arcanjo Miguel, meu General, deixou ordens claras para que ninguém passasse sem prévia autorização, Lúcifer, *Estrela da*

*Manhã...* – disse o querubim, com a voz pouco mais hesitante do que gostaria de deixar transparecer.

— Aqui entre nós, o Miguel anda com a memória meio fraca depois da última batalha! – Lúcifer gargalhou alto, uma gargalhada medonha, estridente feito vidro que se estilhaça ao encontrar o chão. – A guerra é uma coisa terrível, ah, terrível! Sorte tua ter sido criado depois, meu amigo. Aquela confusão, os gritos, todo aquele sangue escorrendo nas pedras enquanto nossas asas quase derretiam no calor – o semblante de Lúcifer se contorceu em dor, como se todas as cenas passassem diante de seus olhos naquele exato momento. – Bom, acho que isso mexeu um pouco com a cabeça dele, sabe? Faz tempo. Sim, bastante tempo. Mas quem pode culpá-lo? Quem pode culpá-lo, Uriel? Certamente ele esqueceu de lhe dizer que há exceções óbvias para essa regra de “ninguém passar” – disse, pousando amigavelmente a mão direita no ombro de Uriel. – Agora, meu caro, se você pretende continuar vivendo... em tempos de paz... por favor, abra esse portão.

— Recebi ordens para que NINGUÉM passasse, *Estrela da Manhã...* – Uriel afirmou num único fôlego, retomando a coragem e fitando Lúcifer com determinação, enquanto buscava a espada guardada à bainha.

Porém, antes que qualquer arma tivesse oportunidade de ser sacada, uma voz se fez ouvir no lado interno dos portões. Uma voz com o poder dos trovões que preludiam grandes tempestades e, ao mesmo tempo, serena como o cadenciado escorrer de águas numa nascente de riacho. A voz do arcanjo mais temente a Deus. A voz de Miguel.

— És um bom soldado, Uriel. Tens a minha confiança, pois cumpriste bem as ordens que lhe foram atribuídas. Todavia, o General Lúcifer está correto quando discorre acerca das exceções às regras. Lamentavelmente, esqueci-me de instruí-lo sobre isso, fato que me leva a pedir sinceras desculpas. O Portador da Luz possui livre acesso a qualquer lugar do Reino Sagrado. Compreendeste, Uriel?

— Perfeitamente, meu Senhor – o querubim assentiu, abaixando a cabeça.

— Ótimo! – Miguel abriu os Portões de Safira pelo lado de dentro. – Agora, General Lúcifer, *Estrela da Manhã* – fez um reverência e estendeu o braço em convite –, por favor entre, para que possas me dizer quais são as notícias assaz urgentes que trouxeste.

— Vamos subindo, Miguel. Eu te conto no caminho...

Lúcifer lançou um último olhar a Belial, que meneou a cabeça em afirmação. O Comandante ficaria ali fora, com a missão de conter as tropas lideradas por Gabriel e Rafael, que certamente viriam em socorro do Altíssimo quando o plano de usurpar o trono fosse descoberto. Em seguida, cruzou a entrada que dava acesso à *Escada da Purificação*. Quarenta e nove lances de trezentos e quarenta e três degraus dourados, adornados com faixas de prata e diamante. Sete côvados é a medida de cada degrau. Ao final da longa subida está o *Pátio da Alvorada*, onde jorra a *Fonte da Vida*, protegida pela guarda pessoal de Miguel: doze serafins com rosto de cobre, vestindo túnicas brilhantes e empunhando lanças imbuídas do fogo da justiça divina, que queima mais intenso do que todas as estrelas do universo. Depois do pátio, o infinito *Caminho da Perfeição* e então finalmente o Palácio Sagrado, onde Deus habitava, habita e sempre habitará. Onde Deus é. A intenção de Lúcifer era chegar até lá. Para tanto, precisaria passar pelos doze serafins e, antes disso, pelo arcanjo Miguel, que subia a seu lado na escadaria.

— As forças do Caos reagrupam-se? Por certo se trata de algo demasiado grave, que deve chegar ao conhecimento do Altíssimo o quanto antes – Miguel refletiu sobre as palavras que Lúcifer acabara de lhe dizer. – Tens certeza do que estás afirmando, *Estrela da Manhã*? – questionou, batendo as asas vez ou outra para avançar com mais velocidade pelos degraus que ainda estendiam-se até perder de vista.

— Não faz ideia do quanto eu gostaria de estar errado, Miguel. Meu coração fica apertado com o mero vislumbre da possibilidade de passarmos por tudo aquilo de novo. Tanta dor, tantos amigos caindo em agonia. Mas eu vi o que vi, e as evidências são

inequívocas – Lúcifer mentiu, com a mesma naturalidade que respirava.

— Apressemos-nos, pois!

— Sim, Miguel, apressemos-nos. Apressemos-nos...

Lúcifer cerrou os olhos com satisfação, enquanto Miguel tomava a frente na subida dos degraus. Estavam então à metade do caminho: longe o suficiente dos ouvidos de Uriel, que permanecera junto aos portões, e igualmente distantes dos doze serafins aguardando lá no alto. O Portador da Luz bateu as asas, projetando-se alguns metros para o alto. Encheu o peito com o ar celeste, contemplou o Sol que refletia o esplendor divino acima das nuvens e despediu-se, não sem certo saudosismo, do mundo como conhecia. Era aquele o passo decisivo, depois do qual não haveria mais volta. Sacou a espada e, numa rápida investida desprovida de qualquer remorso ou hesitação, atacou Miguel pelas costas.

A lâmina da *Aniquiladora do Caos* zuniu durante a curta trajetória. O golpe teria rompido a armadura sagrada e partido Miguel ao meio se, no instante derradeiro, como se já soubesse das intenções de Lúcifer, o arcanjo não tivesse se virado e saltado, jogando-se para trás. A esquiva, porém, não foi perfeita. O ataque cortou metade de sua face e continuou até lhe rasgar o peito. O impacto lançou-o em grande velocidade contra os degraus, onde se estatelou já coberto pelo sangue que jorrava dos ferimentos.

— Que insanidade é essa, Estrela da Manhã? – Miguel questionou, contorcendo-se de dor e levando a mão ao rosto, na vã esperança de conter o sangramento e recuperar a visão do olho direito.

— Insanidade, Miguel? Eu não chamaria assim – Lúcifer pousou ao lado do arcanjo, pisou em seu peito e refestelou-se com a agonia do inimigo caído. – Para falar a verdade, acho que insanidade é continuar ao lado d’Ele – apontou na direção do Templo Divino –, conhecendo o destino que é reservado a nós. Sabes do que estou falando, não sabes, Miguel? Também viste, eu sei. Viu os animais que Ele planeja criar em outras esferas. Como podes aceitar perder o posto para aquelas criaturas débeis? Como podes aceitar tamanho disparate?

— Ele é o Senhor e os caminhos que Ele traça são perfeitos — Miguel afirmou, tentando se desvencilhar da bota de Lúcifer que lhe travava a respiração. — Quem és tu para julgar as decisões do Criador, Estrela da Manhã?

— Ah, Miguel... sempre foste um belo de um bajulador! — Agora Lúcifer agarrava o pescoço do arcanjo, pressionando-o com força suficiente para esmagar uma pedra de diamante. Chegou bem perto, observou o rosto dilacerado de Miguel, que se debatia inutilmente raspando pés e mãos no chão dourado, e então continuou: — Quem sou eu, tu me perguntas? Eu sou o anjo mais belo e mais poderoso, *meu amigo*. Sou aquele que tomará o lugar de um Deus obsoleto. Aquele que governará o universo através dos séculos e séculos; aquele a quem todas as canções, adorações e louvores serão destinados.

— Tu és louco, S-Samael... — Miguel gaguejou, com os últimos resquícios de força.

— Samael? — Lúcifer recuou, demonstrando curiosidade e um estranho desconforto com o nome inesperado pelo qual foi chamado.

— *Veneno de Deus!* — Miguel respondeu, recobrando o fôlego, com as mãos protegendo instintivamente a garganta. — De hoje em diante, não mais serás conhecido como Lúcifer, Estrela da Manhã, mas como Samael, *o Veneno, a Serpente*.

— De hoje em diante eu serei conhecido como DEUS! — Lúcifer esbravejou, sem esconder a irritação que tal alcunha lhe causara. — Quanto a ti, Miguel, serás meu capacho, meu lacaio. Beijarás meus pés no final dessa história, por isso vou deixá-lo vivo.

— Hei de cravar minha lança em tuas costas no final dessa história, Samael...

— Veremos...

Lúcifer apoiou o joelho sobre o peito de Miguel e começou a golpeá-lo com grande fúria. Um soco, depois outro e mais outro. Incontáveis. Bateu até o rosto do arcanjo se tornar uma pasta ensanguentada. E continuou batendo depois disso. Então, quando já não aguentava mais esmurrar aquele corpo inerte, levantou-se e seguiu com a escalada. Não poderia gastar toda energia ali, afinal,

havia ainda doze serafins que precisariam ser derrotados lá no alto. Doze. Esse era o número de inimigos que Lúcifer esperava encontrar.

Contudo, quando pôs os pés no último degrau, teve uma surpresa.

Ali não estava a guarda pessoal de Miguel. Não havia vestígios de nenhum serafim, querubim, anjo ou arcanjo. Não havia nada além do pátio redondo, cujas bordas perdiam-se de vista, sufocadas ao longe por uma névoa branca, e onde os passos metálicos de Lúcifer ecoavam no silêncio. No centro do pátio, jorrando a água que brilha mais do que as supernovas, estava a *Fonte da Vida*, completamente desprotegida. O Portador da Luz observou atentamente à volta, desconfiado, não podia ser diferente. Imaginou qual tipo de embuste Miguel poderia ter preparado, mas concluiu que, fosse o que fosse, de nada adiantaria ficar parado, aguardando a iniciativa de um inimigo que o espreitava nas brumas. Avançou então a passos largos em direção à fonte e, quando lá chegou, logo pôs um dedo n'água, fazendo movimentos circulares que geraram diminutas ondas. Dali ele puxou um filete cristalino, que começou a assumir a forma de um anjo. Lúcifer sorriu, satisfeito com o que havia acabado de fazer. Tinha certeza que possuía o poder de criação e sempre quisera colocar em prática. O sorriso, porém, esfriou quando se deu conta que o rosto e também as asas de sua primeira obra estavam um tanto disformes. "Hum... é só questão de prática", disse a si próprio enquanto enfiava novamente o dedo na fonte e puxava outro turbilhão de água. Antes que esse turbilhão ganhasse forma completa, já estava com os dedos imersos novamente, puxando agora cinco veios d'água de uma só vez, completamente inebriado com a confirmação da habilidade – a última coisa que faltava em seu âmago para ter certeza que, sim, era capaz de fazer tudo o que Deus fazia.

Tirou dali dez anjos, depois quinze, trinta, cem, duzentos. Tirou até ficar cercado pelas estátuas d'água e continuou tirando até não haver mais espaço onde as pudesse colocar. Então, percebeu que estava exausto, que todo aquele trabalho havia consumido muito de sua energia. Secando o suor que lhe escorria pela face, sentou à



beira da fonte e, orgulhoso, observou suas criações, que aguardavam o sopro da consciência. Antes disso, contudo, o Primeiro entre os Anjos tirou do embornal a esfera que continha a essência do Caos e a atirou na fonte. Ela afundou apressada, como se fosse uma pedra qualquer, mas, antes de encontrar o fundo, revelou sua verdadeira natureza – o Caos libertou-se do cárcere, fazendo todo o Pátio da Alvorada tremer e a água da Fonte da Vida borbulhar, aquecida a uma temperatura impossível. Passados alguns instantes terríveis, em que o Paraíso escureceu e perdeu as cores e o medo chegou a visitar o coração do próprio Lúcifer, os tremores cessaram e o silêncio voltou a imperar. Era o minuto de calmaria banhado à garoa fina que precede a mais densa tempestade.

No momento seguinte, tudo desabou em generalizada balbúrdia.

Da fonte, emitindo urro medonho como jamais se ouvira, exalando pestilência que revirava o estômago e fazia o simples fato de estar vivo parecer um fardo, saltou a única criatura capaz de destruir o Altíssimo, a arma secreta de Lúcifer – a *Besta do Caos*, a materialização do medo, ódio, rancor, inveja e maldade. Em seus dentes reinava o terror. Se uma espada o tocasse, ela não resistiria; nem a lança, nem a azagaia, nem o dardo. O ferro para ele era palha e o bronze, pau podre. Cada um dos seus espirros fazia resplandecer a luz e seus olhos eram como pálpebras da alva. De sua língua saíam tochas e das narinas, fumaça, como de uma grande caldeira. Seu hálito fazia incender os carvões; e da sua boca jorrava fogo escarlate. Ninguém seria ousado o bastante para provocá-lo, nem resistiria encará-lo face a face. Ninguém, debaixo de toda a extensão do Céu, poderia afrontá-lo e sair com vida.

A essa criatura demoníaca os anjos deram o nome de “Leviatã”.

Antes que o monstro pudesse se levantar, Lúcifer impôs as mãos sobre sua cabeça de dragão, e ordenou-lhe diretamente nos ouvidos: “tu és minha criação e servirás a mim até o final de todas as coisas; não ouvirás outra voz que não a minha e não terás outro mestre que não eu. Está feito!”. Em resposta, o Leviatã apenas emitiu um grunhido bestial e terminou de erguer-se do chão. Nesse

momento, o Primeiro entre os Anjos sentiu salivar na boca o gosto da vitória certa. Olhou para a morada do Altíssimo, que agora parecia ansiar por ser conquistada e falou com voz triunfante, como se Deus, Miguel e os outros inimigos estivessem ali a seu lado e pudessem ouvi-lo: *"contemplai minhas criações, ó poderosos... e desesperai-vos!"*.

Porém, logo a certeza da vitória esfarelou-se ao vento. Das névoas que margeavam o Pátio, irrompeu uma criatura dourada, com a cabeça e o corpo de um rinoceronte colossal, dois chifres como os dos touros e seis patas iguais às dos leões. Cada um de seus passos fazia cair uma constelação do firmamento e a velocidade com que avançava era imensurável. A essa criatura os anjos chamavam "Behemoth".

Num átimo, Leviatã serpenteou ao encontro de Behemoth, tomado pela certeza bestial que só possui aquele que encontra o grande amor, ou o grande inimigo. As criaturas enredaram-se com fúria jamais antes vista no Paraíso e que jamais voltaria a ser vista em qualquer outro lugar, até que esse mesmo combate voltasse a acontecer no fim dos tempos. Lutaram numa profusão de urros e mordidas e labaredas de fogo e patadas e chifradas que fazia voar escamas e enchia de sulcos viscosos as couraças. As criaturas mostravam ter nascido para lutar uma contra a outra, do primeiro ao último dos dias. Lúcifer se preocupou, não com aquela batalha de titãs, mas com o que começava a ganhar contornos saindo da névoa ao redor de todo o pátio. Ali se encontrava um contingente tão vasto que teria dificuldade de suplantar mesmo com todo seu exército. Hesitou por alguns instantes, completamente desnorteado. Estava claro que seu plano de atacar furtivamente havia caído por terra e concluiu que agora a única chance seria descer, matar Uriel e abrir os portões, para que suas tropas pudessem ajudá-lo na batalha de larga escala que a todo custo tentara evitar.

Nesse instante, porém, trombetas de guerra soaram ao longe, e os planos de Lúcifer terminaram de desmoronar.

Olhou para baixo, para o imenso campo onde seus soldados estavam agrupados sob o comando de Belial. Daquela distância,

assemelhavam-se a pequeninos grãos de areia prateada, refletindo os últimos vestígios de inocência de suas almas. Lúcifer viu que pelo flanco esquerdo aproximavam-se as forças de Gabriel e, pelo direito, as de Rafael. Eles já sabiam do ataque. De alguma forma, já sabiam. “Mas como poderiam saber?”, perguntou-se. Decerto alguém o traíra. Sim, uma traição, com certeza. Mas quem seria o traidor? Belial? Azazel? Baal, talvez? Não importava mais.

Como última cartada, soprou as estátuas d’água criadas havia pouco, trazendo-as à vida. Essa ação deixou-o ainda mais fraco, mas esses soldados novos em folha poderiam conter os serafins que se aproximavam e, enquanto isso, ele seguiria até o Templo Sagrado e acabaria com o Altíssimo. Sozinho. Sim, estava certo que seria capaz disso, mesmo cansado como estava. Não precisava de Leviatã, de Belial, de exército, nem de nada e nem de ninguém. Afinal, era o anjo mais poderoso, o primeiro e mais perfeito de todos. Sim, tiraria Deus de lá à força, com as próprias mãos se fosse preciso. Sim, com as mãos nuas, sem espada, para humilhá-lo! Sim! Era possível. A ele tudo era possível. Sim! Sim!

— Tudo bem então – Lúcifer sacou a *Aniquiladora do Caos* e falou, virando-se para os incontáveis Serafins que se posicionavam entre ele e o caminho para o Templo –, quem quer morrer primeiro?

Investiu contra a primeira linha de anjos – eles formavam uma parede de escudos, resguardada por lanças empunhadas pelos aliados postados na fileira logo atrás. Todas as estratégias, táticas e formações de batalha ensaiadas exaustivamente pelos serafins revelaram-se inúteis quando Lúcifer, mesmo enfraquecido, desferiu um chute contra o primeiro escudo que encontrou no caminho. O impacto, além de partir metal e ossos, fez o desafortunado serafim ser projetado dezenas de metros para trás, abrindo um túnel no meio do exército. Foi nesse túnel que Lúcifer entrou, instigando os soldados recém-criados a segui-lo, esquivando-se das pontas de lanças e das lâminas de machados e espadas que vinham em sua direção. Com a *Aniquiladora do Caos* ele começou a golpear e os serafins de rosto de cobre e túnicas cintilantes começaram a tombar. Logo o chão ficou escorregadio e não se via mais prata na armadura de Lúcifer, tampouco a pele alva do mais belo entre os

anjos, pois agora ele estava completamente banhado em vermelho. Caíram doze. Depois mais doze. Caíram doze vezes doze. E ele continuava a golpear e a avançar em direção ao Templo Sagrado. Teria prosseguido, até chegar ao objetivo ou até que o sangue dos serafins cobrisse o pátio e chegasse à altura dos joelhos se preciso fosse. “Sim! Posso acabar com todos eles!”, concluía, com mais e mais certeza a cada inimigo que tombava. Mas então, uma lança atravessou-lhe as costas, lançando-o ao chão junto com seus delírios de grandeza.

— Cometeste uma grande tolice ao me deixar vivo, Samael...

— Mi... M-Miguel... a-atacando pelas... costas? Para onde f-foi tua honra, nobre guerreiro? – Lúcifer gaguejou cuspiendo sangue, depois usou as últimas forças para gargalhar, debochado. – Voltou pra a-apanhar... mais? Já não está f-feio o suficiente?

— Amarrem-no – o arcanjo ordenou aos soldados próximos.

Os serafins prenderam Estrela da Manhã, não sem antes espancá-lo com uma cólera que desconheciam possuir. Com Miguel no campo de batalha, os anjos disformes criados por Lúcifer não tardaram a ser derrotados. Leviatã e Behemoth pareciam ter aniquilado um ao outro e dos dois não se via mais sinal, como se nunca tivessem sequer existido. Depois desses eventos, os serafins levaram Lúcifer à presença de Miguel, que aguardava às margens da Fonte. A água da vida restaurara a maior parte de seus ferimentos, mas a cicatriz provocada pelo corte da *Aniquiladora do Caos* permaneceria para sempre. O arcanjo desceu com os prisioneiros até a planície. Ali, as hostes de Lúcifer mediam forças, com igual contingente e motivação, com as tropas de Rafael e Gabriel. Assim, a vastidão de serafins guerreiros que seguia Miguel pelas escadarias douradas mudou drasticamente os rumos da guerra.

Vendo-se em desvantagem numérica de dois para um e, principalmente, ao notar que seu general havia sido capturado e agora era arrastado degraus abaixo, indefeso e mole feito um boneco de palha, as hostes de Lúcifer sofreram um abalo irreversível no moral. Sob as ordens gritadas pelos comandantes, até tentaram formar uma parede de escudos e segurar as forças de

Miguel (até então confinadas no corredor estreito das escadarias), mas não conseguiram manter por muito tempo a concentração, tampouco o ânimo, de combater em três focos simultâneos. Não tardou para que os serafins abrissem caminho pelo âmago do exército de Lúcifer, com a ferocidade da água que finalmente se desvencilha de uma represa. O resto foi um borrão de espadas, flechas, lanças, gritos e fugas desesperadas.

Quando todos estavam afugentados para além dos jardins, Miguel agarrou Lúcifer pelo pescoço, suspendendo-o do chão, e lhe falou:

— Agora vós sereis expulsos do Paraíso, Samael. Cairão em desgraça e não mais poderão se levantar, até a batalha derradeira que ocorrerá nos últimos dias.

— Estás cometendo uma grande tolice ao me deixar vivo, Miguel...

— Assim são as ordens do Altíssimo, então assim faço eu – o arcanjo respondeu sem hesitar e soltou o pescoço do prisioneiro.

— Então *Ele*... já sabia? – Lúcifer perguntou, sem muita surpresa, esforçando-se para permanecer em pé.

— É claro que sim! Ele é o que tudo pode e tudo sabe. Das cousas que já aconteceram e ainda hão de acontecer. Tu bem sabes disto, Samael! E em verdade te digo que é isto que não consigo entender... – Miguel apertou o semblante, decepcionado. – Em algum momento, tu realmente achaste que esse levante poderia dar certo? Diga-me, antes que eu expulse-o daqui junto com teu exército e nunca mais veja nenhum de vós. Diga-me, *Lúcifer*, em nome dos velhos tempos, quando com sinceridade tu me chamavas de *amigo*. Por favor, eu preciso saber: onde estavas com a cabeça ao te empenhardes em semelhante empreitada? Por que fizeste tal loucura?

Lúcifer olhou para o alto, apreciando as nuvens que desvaneciam indiferentes, tingidas em tons alaranjados pelas luzes do crepúsculo que se aproximava. Contemplou a planície que se estendia até o horizonte infinito: o solo sagrado agora embebido de sangue, o verde perdido em uma profusão desoladora de asas, corpos e destroços de armas, armaduras e pureza. Atentou-se ao

silêncio e à calma, que já retomavam o espaço que lhes fora usurpado pela batalha recente. Ouviu harpas ao longe – elas entoavam louvores de paz. Então, baixou os olhos e refletiu por alguns instantes. Depois deu de ombros e, com um raro sorriso sincero delineando-se no rosto, respondeu:

— Ah, Miguel, a verdade mesmo é que eu só estava um pouco... entediado.

O arcanjo atirou Lúcifer para junto do exército derrotado e declarou, alto o suficiente para que todos ouvissem, e com firmeza mais que suficiente para que ninguém questionasse, que aqueles anjos seriam expulsos do Paraíso e ali nunca mais voltariam a pisar. Disse também que, dali em diante, Estrela da Manhã seria conhecido como Samael, o Veneno de Deus, a Serpente Traíçoeira. Em seguida, com a lança que pelos serafins era chamada de “Ira do Criador”, golpeou o chão e todo o universo estremeceu. Rachaduras começaram a eclodir e se ramificar no solo das *Planícies das Sete Virtudes*, alargando-se cada vez mais até que a terça parte do céu desabou, levando consigo Lúcifer e seus anjos em direção ao abismo de trevas eternas.

A queda durou dez mil dias e dez mil noites.

E os gritos de ódio e agonia proferidos pelos anjos caídos haveriam de ecoar nos pesadelos da humanidade por todo o sempre.

## CAPÍTULO III – REFLEXÕES

### ***Milhares e milhares de anos depois...***

Belial sentiu um vento frio soprar em meio ao fogo, ao enxofre e ao ranger de dentes. “Lúcifer está deveras pensativo nos últimos tempos: sinal de fraqueza, isso nunca é bom. E é ainda pior em épocas que precedem a guerra. Ou talvez seja bom... não para ele, evidente. Mas para mim. Talvez seja hora de liderar um golpe e usurpar-lhe o trono negro”, refletiu o líder militar de setenta e sete legiões infernais. Uma distração que o fez baixar a guarda, deixando o flanco esquerdo desprotegido por um instante, breve, porém suficiente, para ser atingido por uma estocada instintiva desferida pelo soldado que obtivera a *honra* de ser seu companheiro de luta naquele dia. Um filete de sangue, tão escuro e viscoso quanto a seiva da mais velha e maldita de todas as árvores, escorreu lentamente pelo abdômen do comandante. Em seus olhos, vazios como a alma de mil infanticidas, explodiram estrelas de ódio. Demônios que lutavam e mutilavam condenados nas proximidades pararam com seus *afazeres*, curiosos com a novidade de ver o superior sangrar e, sobretudo, desejosos por descobrir os castigos e torturas que seriam impostos ao (literalmente) pobre diabo que teve a infelicidade de acertá-lo. O soldado recuou um passo, com a espada que gotejava sangue profano tremendo nas mãos.

— P-perdão... perdão, meu Senhor. No calor da batalha, eu... eu golpeei por reflexo. Jamais imaginei q-que pudesse atingi-lo... – gaguejou, com a entonação débil e esganiçada de um vira-lata sarnento ganindo na chuva, sem saber ao certo se estava remediando ou agravando ainda mais a própria situação.

— Qual é o seu nome, soldado? – Belial perguntou, enquanto raspava com o dedo indicador a secreção que brotava do ferimento.

— R-Ran... Ranzael, Senhor – respondeu o demônio inferior, engolindo seco e apertando com força o fêmur quebrado que formava a empunhadura de sua arma.

— Ranzael. Você aproveitou um instante de distração do oponente e desferiu um golpe com exuberante precisão. Fosse outro seu adversário, um anjo sem patente, por exemplo, e agora

teríamos tripas celestiais espalhadas por todo esse chão. Eles decerto iriam gostar da variação no cardápio – Belial girou a cabeça, apontando o queixo quadrado para um grupo de humanos que digladiavam entre si, comendo a carne e as vísceras uns dos outros.

Os demônios ao redor gargalharam. O soldado, em dúvida se estava recebendo um elogio ou se, mais provavelmente, apenas ouvia os primeiros acordes da trombeta que anunciava o início do pior dia de sua miserável existência, optou por um sorriso contido, deixando poucos de seus dentes, podres e quebradiços, à mostra.

— S-Sim, sim Senhor. Foi um golpe de *sorte*...

— Eu não acredito em sorte, Ranzael. Eu acredito em treinamento – Belial interrompeu, lambendo o sangue que se acumulava no dedo. – Você teve uma chance e a aproveitou. Isso é bom. Muito bom. Mas...

A pronúncia da palavra “mas” fez o corpo do soldado quase congelar no calor infernal. Recuou outro passo e apertou ainda mais o punho da espada, enquanto os “companheiros” o espiavam, esfregando as mãos entre cochichos malignos e molhando os lábios compulsivamente, ávidos pela provável demonstração de crueldade que estavam prestes a assistir. Belial estendeu a pausa, aproveitando cada segundo de agonia que o silêncio provocava em seu vassalo. Decorridos alguns segundos (para Ranzael afiguraram-se como horas), o grande demônio continuou:

— Mas você me fez sangrar, Ranzael. E isso não é bom. Eu só havia sangrado uma vez, até hoje. Foi em outro tempo, em outro lugar – completou o Comandante, fitando as colossais estalactites que se apinhavam na cobertura do abismo de dor e sofrimento eternos, com um semblante que, aos olhos de um observador mais atento, poderia transparecer certa melancolia. – Você sabe o que eu fiz com o último que conseguiu ver meu sangue escorrendo no fio da espada, Ranzael?

— Não, n-não, Senhor – balbuciou o soldado, recuando ainda mais e engolindo seco de novo, sem a menor curiosidade de conhecer a resposta.



— Eu lhe cortei as mãos e os pés, as orelhas e o nariz. Esqueci a batalha que acontecia a meu redor e fiquei ouvindo-o gemer e gemer – disse Belial. – Quando a dor começou a estancar, arranquei-lhe as asas. Não com a lâmina do machado. Não, isso seria muito rápido. Arranquei com as mãos. Deixei-o de joelhos, apoiei os espinhos da bota no meio de suas costas, segurei as duas e puxei... não de uma vez. Fui bem devagar, ouvindo cada estalo dos nervos se desprendendo do corpo, aos poucos, saboreando cada grito, rindo de cada prece, cuspidando em cada pedido de misericórdia. Quando finalmente se soltaram, dois rombos abriram-se no dorso do miserável, o sangue angelical jorrou sem parar por todos os lados e o inimigo caiu prostrado no chão, chorando indefeso. Como foi bom. Ah, você não imagina como foi bom... Um dos humanos que hoje engrossam nossas fileiras, disse certa vez, quando ainda era um grande senhor no mundo dos homens: “A maior alegria que se pode ter é conquistar seus inimigos e persegui-los. Montar seus cavalos e tomar suas posses, ver o rosto de seus entes queridos cobertos de lágrimas e estuprar suas mulheres e suas filhas”. Ele estava certo, Ranzael. Não há nada melhor do que a vitória, a conquista, do que ter alguém agonizando bem aos seus pés, inteiramente à sua disposição, tendo apenas a imaginação como limite. Naquele dia, a guerra já estava perdida, logo seriam os oponentes que se regozijariam ao nos perseguir, então aproveitei o quanto pude. Eu o violentei, depois urinei em seus ferimentos, para que ardesse e a dor o mantivesse acordado. Depois o obriguei a engolir as próprias penas, até que engasgou e eu precisei forçá-las goela abaixo, com socos e chutes. Senti o rompimento de todos os ossos reverberando em meus punhos e, no final, não sobrou muito do rosto bonito que minutos atrás exalava confiança. Mas ele ainda estava acordado e seus olhos inertes ainda me encaravam. Então fui misericordioso. Ajoelhei em seu peito e, enquanto escutava o doce som emitido por alguém que se afoga no próprio sangue, afundei meus polegares em sua garganta. Senti a existência dele se esvaír em dor e escuridão...

O comandante gesticulava e apertava o ar, como se estivesse reconstituindo a luta com um inimigo invisível postado bem à

frente. Quase que saindo de um transe, terminou a narrativa e respirou fundo. Por um breve momento, alguns demônios chegaram a se compadecer pelo soldado, mas logo já estavam novamente excitados pela maldade e se acotovelaram, disputando o melhor ângulo de visão para acompanhar a cena hedionda que com certeza ocorreria em instantes. Ranzael concordou com a cabeça e começou a piscar os olhos amarelos de lagarto, sem saber o que dizer.

— O que você achou desse castigo que eu apliquei em meu inimigo, Ranzael? — questionou Belial, enquanto examinava a lâmina do machado que, segundo as lendas, era tão pesado que ninguém exceto ele conseguiria empunhar com apenas uma das mãos.

— F-foi uma... uma punição muito bem aplicada, meu Senhor — Ranzael respondeu. — Vocês estavam em *guerra* e tudo mais, não é mesmo? N-não que eu já tenha participado de uma, mas acho que na *guerra* as coisas t-têm que ser assim mesmo... — completou a resposta com um risinho forçado, quase digno de pena.

Quase...

— Boa resposta, soldado. Mas o ponto não foi a guerra. O ponto foi alguém derramar meu sangue. Como você acabou de fazer. Veja bem, sou um Senhor deveras justo, Ranzael, não costumo dar duas medidas ao mesmo peso. Por isso, meu caro, terei que aplicar a você a mesma punição que apliquei ao anjo que teve o azar de cruzar comigo no campo de batalha. Acredito que você consegue compreender isso, estou certo?

— S-sim... — Ranzael pensava se deveria correr, implorar por misericórdia ou mesmo atacar. Mais por medo que por dúvida, acabou ficando parado. De qualquer forma, suas pernas, sustentadas por cascos de bode, estavam completamente bambas e não teriam coordenação para esboçar reação alguma.

— Mas aqui nós temos um problema, Ranzael. Um problema que me impossibilita de impor a você a mesma punição que impus ao anjo...

— Um problema, meu Senhor? Q-qual... qual seria esse problema?

— Você não tem asas para que eu possa arrancá-las de suas costas, meu bravo guerreiro! – Belial disse em tom apaziguador, abrindo os braços e também um largo, e raríssimo, sorriso.

Alguns demônios gargalharam, menos por graça que por bajulação, outros se encolheram e viraram as costas decepcionados, com a impressão de que o mestre havia decidido que apenas o susto estava de bom tamanho para castigar o soldado. A maioria ainda aguardava, ansiosa pelos próximos movimentos.

— É... é verdade, S-Senhor... eu... eu não tenho asas... he-he-he-he... – Ranzael concordou, com mais uma risada forçada, esperançoso que tudo realmente não passasse de uma grande piada, mas sabendo em seu íntimo que isso era algo pouco provável, levando-se em conta o histórico de total desprovimento de senso de humor do comandante.

— Você não tem asas, Ranzael! – repetiu Belial, soltando uma gargalhada tão perversa e inesperada que fez todas as almas, humanas e abissais, se arrepiarem de pavor, dali até onde a vista podia alcançar. – Mas fique tranquilo, vamos achar algo equivalente...

O grande demônio completou a frase com um grunhido e desferiu um golpe de baixo para cima com o machado, tão violento que arrancou os dois pés do soldado de uma única vez e o alçou vários metros no ar. Depois de cair, urrando de dor e desespero, Ranzael foi torturado e humilhado pelo resto daquele longo dia. O Comandante era um especialista nessa *arte* e conseguia extrair o máximo de dor, mantendo a desafortunada vítima acordada durante todo o tempo. Quando restavam poucos vestígios de consciência ao vassalo, Belial o segurou pelo braço e começou a arrastá-lo.

— Se te serve de consolo, caso você errasse o ataque eu teria te contado uma história sobre o que aconteceu com o último sujeito que perdeu um golpe depois de eu ter aberto a guarda e teria te castigado da mesma forma – confessou Belial, enquanto caminhava. – Meus soldados não podem desperdiçar uma chance como aquela. E o torturaria duas vezes mais, caso ousasse se acovardar em desferir a estocada, pois covardes valem menos do

que esterco, menos até do que humanos, e não servem para minhas legiões. Agora, jogarei seu corpo no *Lago de Fogo*, serão dias e dias de dor insuportável, mas depois você emergirá de lá, renovado. Então eu te mutilarei de novo e de novo, para então jogá-lo no Lago e aguardá-lo sair de lá novamente, por muitas e muitas vezes. Diria “até o final dos tempos”, mas estaria mentindo. E como deve saber, sou um senhor deveras justo e honrado, não gosto de mentir para os integrantes da minha tropa, nem de fazer ameaças que não tenho intenção de cumprir, a quem quer que seja. Sabe por que, Ranzael? Sabe por que não será até o final dos tempos? – o Comandante perguntou, mais ao vento que ao soldado. – Porque uma hora eu vou enjoar. Uma hora eu vou cansar de cortar os pedaços do seu corpo e de te ver sangrar, gritar e implorar por perdão e clemência. Ninguém aguenta fazer a mesma coisa para sempre, meu caro. Mais cedo ou mais tarde, tudo se torna entediante. Tudo enjoa, Ranzael. Tudo.

Belial fitou o horizonte e, apesar de sua atenção e pensamentos irem muito além, o olhar parou no inexorável paredão formado pelas *Montanhas da Danação*, uma cadeia de rocha negra, tão dura quanto diamante, com três vezes a altura e sete vezes o comprimento da maior cordilheira do mundo dos homens, onde magma, sangue e as almas dos suicidas escorriam e haveriam de continuar escorrendo, por todo o sempre – as montanhas não enjoam de nada, afinal. Depois delas, estendia-se, a perder de vista, a *Planície dos Aventos*, onde as almas mesquinhas eram enterradas em pé, com as mãos presas às costas, uma ao lado da outra, ficando apenas a cabeça para fora da terra. Quando a carne do rosto dos vizinhos acabava, começavam a gemer de fome e assim continuariam pelo resto da eternidade. Um rápido vislumbre desse campo, ou a simples audição do coral macabro de lamentações que dali emanava, seria suficiente para enlouquecer até o mais centrado dos homens, mas aos Senhores Infernais esse lugar trazia energia revigorante. Além da planície estava o *Abismo sem Fim*, tão escuro quanto era o universo antes que Deus criasse a luz. Nesse lugar eram jogadas as piores de todas as almas humanas, aquelas com quem até mesmo os demônios mais baixos

e vis se negavam a conviver e eram relegadas a uma eternidade de queda, frio, escuro e solidão. Esse era o fosso que isolava a, magnífica a seu modo, *Fortaleza das Trevas*.

Dois demônios alados, trajando armaduras de ônix e portando foices tão afiadas quanto a mítica arma da Morte, protegiam a entrada. Tinham cabeça de javali e olhos brilhantes como a lava que se revira com ferocidade nas entranhas da Terra. Guardiões altaneiros, vigiando e praguejando, incansáveis. Às suas costas, o portão principal, feito do metal fundido de um milhão de espadas, facas e punhais que derramaram sangue inocente algum dia. Esse era o único acesso à fortaleza, cuja colossal abóbada e as muralhas, que a selavam hermeticamente, eram feitas de grandes blocos de escarpas negras, que pareciam ter vida própria. Dentro dessa fortificação, sob a luz ébria de incontáveis tochas, a legião que formava a guarda pessoal do rei das profundezas treinava, preparando-se para o confronto final com as hostes celestiais, ou – algo que na mente de Lúcifer tinha chance de ocorrer com mais brevidade – para conter uma eventual insurreição de algum Lorde Infernal em que, com o lento passar dos anos, a cobiça acabasse por se revelar maior do que a prudência.

No centro da fortaleza, o *Castelo das Trevas*, feito da matéria-prima que compõe os mais terríveis pesadelos. Com exceção ao próprio Espírito Santo e aos anjos mais leais e poderosos, nenhuma alma, por mais pura que fosse, conseguiria entrar ali e não se corromper. O cheiro de perversidades tão antigas quanto o próprio tempo empestava o ambiente, deixando o ar ainda mais sufocante do que já era no resto do inferno. Quando eram obrigados a comparecer àquele lugar, onde a essência do mal era mais palpável do que as cinzas de uma cidade incendiada pairando no céu numa noite de inverno, poucos eram os demônios que não tinham vontade de vomitar, chorar, se ajoelhar e implorar a Deus para perdoá-los e os tirar dali, ou ao menos ter misericórdia e desintegrá-los com um raio de luz divina. Ninguém – homem, mulher, anjo ou demônio; ninguém conseguiria ficar em paz e manter a sanidade naquele castelo. Ninguém, exceto talvez os Lordes e também, é claro, Lúcifer, aquele que fora o Portador da

Luz e agora personificava as trevas, que em tempos quase esquecidos brilhava como a *Estrela da Manhã* – o primeiro anjo, a criatura mais bela e inteligente criada por Deus-Pai-Todo-Poderoso.

Ali, ele se sentia em casa. Sentado em seu trono (construído à imagem e semelhança do trono celestial e depois ornamentado com diamantes, rubis, safiras e ossos de querubins, para ganhar aspecto mais imponente e amedrontador), Lúcifer traçava intrincadas estratégias da guerra contra o Céu, tecia os fios invisíveis das teias que utilizava para aprisionar as almas humanas, concebia torturas indizíveis para punir seus desafetos ou aqueles que tinham o azar de cruzar com ele em um dia ruim (ou em um dia particularmente inspirado), observava as legiões, as almas que já agonizavam e rangiam dentes nas chamas e, também, as almas promissoras, para o bem e para o mal, que apareciam vez ou outra no mundo dos homens.

Mas não nos últimos tempos.

Ultimamente, *Estrela da Manhã* parecia ter abdicado de suas atribuições e raramente era visto fora do castelo, sobrevoando e observando de perto tudo que ocorria em seus domínios, como gostava de fazer. Mais raras ainda eram as oportunidades em que se deslocava até a Terra, para soprar conselhos nada virtuosos nos ouvidos dos governantes e detentores de riqueza que possuíam milhares e milhares de vidas e futuros sob poder, dar um pequeno empurrão no ímpeto assassino de psicopatas, estimular a sede sexual de estupradores *tímidos* ou levar pessoas com estômago e cérebro revirados pela batalha que Céu e Inferno travavam dentro de si a concluir que a vida era uma só e também era muito curta, então não havia necessidade de se prender tanto a dilemas morais, que o importante era fazer o que se tivesse vontade de fazer, sem se preocupar com as consequências.

*Vontade de fazer...*

O anjo caído parecia não ter vontade de fazer mais nada que não fosse sentar no trono e ali permanecer por dias e noites, com o queixo apoiado à mão, os dedos acariciando lentamente o cavanhaque, o semblante perdido numa encruzilhada de aborrecimento e contemplação. Lúcifer lembrou-se, muitas e muitas

vezes, de tudo o que havia ocorrido desde o início da criação: com ele, com Miguel, com o Criador, com os anjos que permaneceram com Deus e os que caíram junto à terça parte do Céu. Pensou, também por muitas e muitas vezes, nos demônios que vieram depois, nos humanos e suas provações, nos frutos proibidos, nos filhos unigênitos, no Paraíso, Terra e Inferno. Pensou em livre arbítrio. Refletiu sobre seu papel naquela história toda e sobre os eventos que haveriam de se descortinar nos anos que estavam por vir. Com a paciência que somente uma existência extremamente longeva pode trazer, ele lembrou, pensou, refletiu, ponderou. E quando achou que todas as possibilidades estavam esgotadas, o Senhor das Trevas lembrou, pensou, refletiu e ponderou novamente. Repetiu esse processo à exaustão, até que, finalmente, após esmiuçar todas as ideias, fatos e acontecimentos decorridos desde um passado quase imemorial até os dias atuais, respirou fundo, coçou o bigode e concluiu, com a perspicácia e o poder de síntese que apenas o mais inteligente de todos os anjos poderia ter:

— O filho da puta me fodeu! – sussurrou para si mesmo, apertando os olhos e balançando levemente a cabeça, concordando com as próprias palavras.

Levantou-se e começou a caminhar, cabisbaixo, massageando a nuca com a mão esquerda e gesticulando com a direita, vez ou outra torcendo a boca e balbuciando frases desconexas, como se um acalorado debate estivesse sendo travado dentro de sua mente. Mudou de forma, adquirindo o aspecto de um mendigo decrepito com protuberante corcunda, fiapos de cabelos brancos escorrendo pela testa e uma camada leitosa de catarata cobrindo os olhos. Passou horas assim, deslocando-se lentamente com a ajuda de uma bengala. Depois se tornou mulher de beleza inebriante, curvas voluptuosas e um olhar que faria transbordar desejos ardentes até no mais fiel entre os corações dos homens. Assim, andou ao redor do trono por longo período, apalpando com luxúria os seios fartos que saltavam no decote do vestido, acariciando e umedecendo os lábios com a língua repleta de saliva e promessas veladas. Em seguida, transmutou-se num homem magro, com semblante firme e

misericordioso, pele morena, nariz côncavo, barba e cabelos compridos e espessos, trajando manto simplório. Esfregou as mãos calejadas de carpinteiro, olhou para o alto e deu uma risada anasalada que misturava ódio, rancor, inveja e uma miríade de outros sentimentos vis. Mas, aos poucos, o riso foi ganhando contornos irônicos e quando se converteu em pouco mais que uma leve contração da bochecha, toda maldade havia se dissipado, sobrando tão somente a expressão daqueles que, após muito tempo de negação, agem com humildade e reconhecem a derrota.

Voltou à forma demoníaca – corpo nu, esguio; pele vermelha e escamosa; uma longa cauda que terminava afiada tal ponta de flecha e movia-se como se possuísse vida própria; grandes asas membranosas; cascos fendidos no lugar dos pés; mãos enrugadas, com dedos terminando em unhas negras, compridas e pontiagudas; rosto cadavérico, onde olhos de serpente cintilavam amarelos e ameaçadores, como os de um predador que vê a presa se aproximar, apavorada e indefesa, no negrume da noite sem lua e sem estrelas. Cavanhaque e bigode bem cuidados e pequenos chifres irrompendo da testa completavam o visual.

Sentou-se novamente. Jamais admitiria isso, nem a ele mesmo, mas, naquele momento, Lúcifer sentiu-se estranhamente solitário e ansiou que alguém estivesse próximo, para compartilhar as agruras que lhe consumiam a alma.

Chamou Belzebu.



## CAPÍTULO IV – DECISÕES

Instantes depois do chamado, uma mosca, do tamanho de um touro, voou salão principal adentro. Seu aspecto era repulsivo e o zunir de suas asas fazia o mais destemido dos cavaleiros templários tremer dentro da armadura. Pousou aos pés do trono e começou a mudar de forma, tornando-se uma mistura mal-acabada de homem e bode, com chifres curvilíneos brotando nos flancos da cabeça triangular. Ajoelhou-se diante do amo e disse, com entonação que se esforçava para transparecer submissão e lealdade:

— Aqui estou, meu supremo Senhor. Vim o mais rápido que pude, espero não tê-lo aborrecido com minha demora. Antes que dê tuas ordens, permita-me dizer que estou honrado com tão honrosa convocação, entorpecido de júbilo pela oportunidade de prostrar-me a teus pés, ansioso em saber em quê minha humilde presença pode ser útil a...

— Pode cortar a babação de ovo e o papo furado, *Zebuzinho* – disse Lúcifer, com um sorriso jovial.

— N-Não... não se trata de bajulação, meu implacável suserano. São apenas verdades. Verdades transmitidas através de palavras polidas, que visam demonstrar minha completa e voluntária adoração perante vosso incomensurável poder – o demônio respondeu, completamente desconcertado, com as palavras escapando com pressa da boca.

— Tá bom, tá bom – Lúcifer continuava com o misterioso sorriso estampado no rosto. – Olha, tem dias que eu te chamo aqui porque realmente quero ter meu saco puxado até que não sobre nenhuma ruga, mas não é o caso hoje, ok? Hoje tudo que eu quero é que você me ouça e acompanhe o raciocínio, certo?

— Como quiser, meu impávido Senhor. Farei o que estiver ao meu alcance, mas é sabido que qualquer intelecto, do Céu, da Terra ou do Inferno, se revelaria limitado e falharia miseravelmente ao tentar acompanhar vosso incomparável poder de raciocínio – disse Belzebu, precavendo-se para o que começava a desconfiar que fosse uma armadilha de seu mestre, que terminaria em dor e tortura para ele.

— Fica tranquilo, Zebuzinho. Você é esperto e meu “incomparável poder de raciocínio” já deixou tudo bem mastigado, é só seguir a trilha de pedaços de pão e não tem como se perder. Na verdade, agora tudo está tão claro que dá até vergonha lembrar que demorei tanto tempo para chegar nessas conclusões. Mas assim é a vida, não é? Assim é a vida! – disse Lúcifer, baixando os olhos e colocando as mãos unidas pelas pontas dos dedos em frente à boca, dando impressão que mergulhava em mais um ciclo de introspecções.

Belzebu fixou os olhos no Senhor das Trevas, aguardando a continuidade do discurso, mas ele permaneceu em silêncio. Passados alguns minutos, pensou em incentivá-lo a prosseguir, receoso que, caso não o fizesse, permaneceria ali parado feito estátua, por muito tempo, mas ficou ainda mais receoso em despertar a fúria do amo, caso lhe interrompesse um momento de reflexão. No final da terceira hora, seus joelhos começaram a doer e o ar pesado do castelo começou a travar sua respiração. Passado três vezes esse tempo, o incômodo falou mais alto que a prudência e a personificação do segundo pecado capital resolveu arriscar, falando com a voz mais suave que conseguiu entonar com a traqueia caprina:

— Estou... estou ávido por saber do que se trata, meu indefectível Senhor...

— Sim, sim... – Lúcifer despertou do transe. – Como eu estava dizendo: *Ele* me fodeu, Belzebu...

— “Ele”...? “Ele” quem, meu adorado Senhor?

— Ah, você não tinha escutado essa parte, né? Ele, Zebuzinho, *Ele*... – apontou para cima. – O nosso Pai, nosso Criador-Todo-Poderoso: Deus!

— Entendo – Belzebu balbuciou, com cara de quem na verdade não está entendendo nada. – Mas, como *Ele* te... *prejudicou*... exatamente, meu magnânimo Senhor?

— Como, Belzebu? Como? – Lúcifer esbravejou, dando um tapa nos braços do trono e em seguida segurando-os com tamanha força que quase os fez trincar.

— Desculpe minha ignorância e lentidão para acompanhar vosso brilhantismo, meu colérico Senhor! – Belzebu encolheu-se.

— Não, tudo bem – Estrela da Manhã acalmou-se, tão subitamente quanto se enfureceu, voltando a unir as mãos em frente ao peito. – Como eu disse antes, depois que a gente entende fica óbvio, mas antes disso não é tão claro. Definitivamente não é. Veja bem, meu caro. Recorde-se comigo. Ele me criou, certo? E, como bem sabemos, Ele também é onisciente, correto?

— Sim, meu perspicaz Senhor – Belzebu assentiu com a cabeça, começando a ficar realmente intrigado com aquela história e, principalmente, com os rumos que ela parecia estar prestes a tomar.

— Pois bem. Baseado nessas duas simples informações, qual é a conclusão, óbvia, clara, inequívoca, única, alarmante, que não deixa margem para dúvidas, que ficou o tempo todo se esfregando na nossa cara sem a gente perceber, a que podemos chegar? – perguntou Lúcifer, abrindo as mãos, arqueando as sobrancelhas finas e projetando o rosto na direção de Belzebu que o escutava de olhos arregalados.

— Qual? Qual é a conclusão, meu enigmático Senhor? – o demônio falou, com a esperança que seu amo fizesse como aqueles que perguntam para logo em seguida emendar a resposta.

— Não está claro como a luz da tal estrela da manhã? – Lúcifer ofereceu mais um sorriso e um lampejo de alegria apareceu destoante em seu rosto maligno. – A conclusão, Belzebu, a *inequívoca conclusão* é: Ele já sabia!

— Ele já sabia? Ele já sabia o quê, mais especificamente, meu obscuro Senhor?

— Tudo! – exclamou o Senhor das Trevas, levantando-se do trono e andando de um lado para outro, num surto repentino de euforia. – Ele já sabia de TUDO!!! Sabia que eu ia querer ser mais poderoso e mais adorado que Ele, que violaria Suas ordens, guardando um pouco da essência do Caos para mim, que eu insurgiria contra Ele e depois cairia. Sabia que eu iria até o paraíso terrestre, para oferecer à Eva o fruto proibido e dar início à danação da humanidade. Sabia que eu iria até Ele, apostar a alma de Jó. E

agora tenho certeza que só topou a aposta porque sabia de antemão que eu ia me foder. Sabia que eu tentaria inutilmente corromper o “filho” d’Ele no deserto, que depois o receberia aqui por três dias e lhe entregaria as chaves do Inferno no final. Sabia que eu era mau, desde o começo. Ele me criou assim, com um coração repleto de ambição e me colocou ao lado do que eu mais poderia desejar: o poder! O poder infinito, ilimitado, irrestrito – Lúcifer esfregava as mãos e arregalava os olhos instintivamente, só de falar nesse poder. – Foi o mesmo que atirar fogo num barril de pólvora, não acha? Ele me sacaneou, me usou como bode expiatório. Criou uma história em Sua divina cabeça, me relegou ao papel de vilão e foi me direcionando, mas sem que eu percebesse, sem que ninguém percebesse. Fez parecer que foi tudo minha culpa, que sempre existiu a possibilidade de ser diferente e eu fui lá e estraguei tudo, mas era Ele quem estava no controle da situação o tempo todo. Ele já sabia! “Ele já sabia”... só agora consigo compreender a dimensão e as reais implicações dessa afirmação.

— Compreendo, meu inefável Senhor. Mas não entendo qual é o proveito que pode ser tirado dessa conclusão – Belzebu disse e acariciou a barba, enquanto se levantava. Os joelhos doíam e agora seu mestre também se levantara e movimentava-se sem parar, seria mais fácil acompanhá-lo de pé.

— Qual o proveito? Esse é o ponto, meu caro – Lúcifer fez uma pequena pausa, olhando para o chão enquanto caminhava em círculos. – No mundo dos homens, as crianças estudam história nas escolas. Uma visão deturpada, normalmente contada pelos vencedores, mostrando obviamente a perspectiva que lhes interessa sobre os acontecimentos, omitindo um pequeno massacre aqui, um *genocídiozinho* ali, mas, em linhas gerais, eles aprendem sobre os fatos que marcaram as épocas, os heróis, os vilões, as guerras, as atrocidades e outras coisas que me dão orgulho de ter ajudado a construir. E qual o proveito que tiram disso, Belzebu? Nenhum! – afirmou, com o dedo em riste. – Porque não passam de idiotas arrogantes que não conseguem enxergar um palmo à frente do nariz e consideram o próprio umbigo o centro de todo universo infinito. Sempre me aproveitei desse ponto fraco para atraí-los aos

meus embustes, mas agora percebo que o maior de todos os idiotas arrogantes era eu!

— Por que, meu Senhor? – perguntou Belzebu, sem conseguir pensar em nenhuma bajulação específica que poderia ser aplicada naquele momento.

— Por que, Belzebu? Porque a história deveria ser estudada para que os erros cometidos no passado não voltassem a se repetir! Mas eles não estão nem aí para os erros do passado. Assim como eu também não estava, Belzebu. Até hoje...

— Agora entendo melhor, meu visionário Senhor. Mas ainda não consigo entender como pretende se aproveitar do conhecimento dos erros do passado para sua luta contra Deus... – Belzebu disse, arqueando a sobrancelha esquerda, apertando os olhos e coçando a cabeça como se tentasse estimular o raciocínio a funcionar à base de fricção.

— Agora você tocou na ferida, Zebuzinho. A luta! Não haverá mais luta – Lúcifer sentenciou com firmeza, porém de maneira serena, pousando as mãos nos ombros de Belzebu e encarando-o de frente com os olhos amarelos, que agora pareciam cansados.

— C-como disse, meu surpreendente Senhor?

— Não haverá mais luta nenhuma, *mon ami*. Da mesma forma que Ele já sabia antecipadamente tudo que aconteceu, Ele já sabe hoje tudo o que acontecerá daqui para frente. Ele já sabe que eu planejo ir ao mundo dos vivos, subjugar a humanidade, fazer com que me adorem para conquistar o máximo de almas possíveis e delas extrair o Caos para utilizar como arma na guerra derradeira, na *Batalha do Armagedom*. E sabe que vai vencer no final, que nós vamos apanhar de novo, que seremos enxotados como cães vadios com o rabo entre as pernas para as profundezas do Inferno e que nos trancará aqui por toda a eternidade, junto com todo mundo que ficou contra Ele. Já está escrito. Se eu continuar insistindo nesse caminho, já sei qual será meu destino. Mas eu não vou dar esse gostinho a Ele. Não servirei mais como marionete, não vou ceder aos santos caprichos. Se a história precisa de um vilão, alguém louco o suficiente para enfrentá-lo em combate aberto, Ele que arrume outro, porque eu não vou mais participar dessa palhaçada.

Estou farto, esgotado. Não quero mais ouvir sobre isso, não quero mais gritar sobre isso. Nunca mais.

— E o que pretende fazer, meu intrépido Senhor? – questionou Belzebu, ainda coçando a cabeça com a sobancelha arqueada, agora completamente intrigado.

— Se não pode vencê-lo, junte-se a ele! – Lúcifer gargalhou com escárnio e olhou para o alto uma vez mais. – Eu vou até lá, Belzebu. Vou pedir desculpas, me ajoelhar diante d’Ele, balançar uma bandeira branca em frente aos portões celestiais, pedir arrego, dizer que desisto, reconhecer que ele é muito foda e eu sou um merda. Essas coisas. Enfim, vou ver o que eu preciso fazer para me redimir. Ele gosta de dizer que é o Senhor cheio de misericórdia, não é? Vamos colocar isso à prova – disse, com o semblante pesaroso de quem só pode estar falando sério.

— E... e... quando... quando pretende fazer essa... essa jornada até o Céu, meu Senhor? – Belzebu estava sem palavras. Olhou para o trono das trevas... vazio. E, por mais que tenha tentado se controlar, não conseguiu evitar que a cobiça lhe transbordasse nos olhos malignos.

— No dia em que todas as coisas importantes deveriam ser feitas, meu caro: hoje! – o Senhor das Trevas respondeu.

A pele de Lúcifer começou a ficar mais clara e menos escamosa. Continuou empalidecendo, até se tornar tão alvo e resplandecente quanto a Lua cheia numa noite de verão. Os chifres e a cauda recolheram-se. Uma túnica branca, cravejada com safiras e diamantes, cobriu-lhe o corpo nu, o rosto rejuvenesceu e adquiriu traços delicados, cabelos lisos como o pelo de uma pantera negra escorriam por suas costas. O amarelo dos olhos deu lugar a um azul brilhante como uma constelação de estrelas gigantes perdidas no espaço-tempo. Abriu as asas, agora forradas por penas magníficas, revelando a beleza ancestral e o antigo esplendor da *Estrela da Manhã*. Instintivamente, Belzebu recuou um ou dois passos. Sentiu um pequeno ímpeto de também reaver sua forma angelical, do tempo em que era conhecido como *Baal, o Puro de Coração*, mas logo essa efêmera insanidade afastou-se de sua cabeça. Havia

assuntos mais urgentes que necessitavam ser resolvidos e ele precisava manter o foco.

— Há quanto tempo não o via assim, meu multifacetado Senhor. Pensei que essa forma não mais lhe apetecia e não imaginei que o veria assim nunca mais – Belzebu falou em tom malicioso, ainda com os olhos se acostumando à claridade emanada pelo brilho da Estrela da Manhã.

— Melhor ir desse jeito. Do contrário, podem interpretar como uma afronta. E eu não quero arrumar confusão com ninguém. Não agora. Não mais – Lúcifer olhou as mãos, os cabelos e as roupas, parecendo perplexo com a própria aparência original. Perplexidade que logo deu lugar ao que poderia ser interpretado como um raro instante de *felicidade*.

— S-Senhor... antes que vá, precisamos saber quem ocupará o trono durante sua, espero de todo coração que breve, ausência. Tenho absoluta certeza que, com vossa imensa sabedoria, escolherá algum *servo dedicado e leal* para representá-lo – Belzebu lambia os beiços e esfregava as mãos, mirando o trono das trevas com os olhos arregalados e esperançosos.

— Um servo leal e dedicado... – o Primeiro entre os Anjos sorriu. – Não é má ideia, Belzebu. Definitivamente, não é má ideia. Convoque os outros aqui, vou fazer o “anúncio oficial” – gesticulou desenhando aspas imaginárias no ar – da minha viagem e também comunicar a decisão sobre quem eu quero que ocupe meu lugar, durante essas *férias*, ou, se tudo der certo... pelo resto da eternidade.

Belzebu transformou-se novamente em mosca e saiu zunindo em disparada para fora do castelo, ainda mais rápido do que quando chegou. Lúcifer permaneceu em pé e, enquanto aguardava, converteu seu famigerado tridente na *Aniquiladora do Caos*, a poderosa espada que empunhava no início da criação, quando o universo ainda era jovem e os corações ainda eram puros. Não precisou esperar muito – o demônio das moscas e da pestilência era um mensageiro veloz.

Principalmente quando questões de seu interesse estavam em jogo.





## **CAPÍTULO V – REUNIÃO INFERNAL**

Lúcifer, Senhor das Trevas, em sua esplendorosa forma de Portador da Luz, arriscou alguns golpes no ar e sorriu ao recordar-se da leveza da velha arma. Encarou a lâmina, forjada pelo próprio Deus-Pai-Todo-Poderoso, que flamejava com a força e o calor de mil quasares. Passou um tempo mesmerizado pelas chamas que guardavam a lembrança de batalhas titânicas, travadas há tanto tempo que já nem pareciam mais verdade. Logo, porém, os senhores infernais começaram a chegar, e esse evento demoveu-o das recordações.

O primeiro a adentrar o castelo foi Mammon, senhor da cobiça e da avareza. Tinha a forma de um humano esquelético, trajando sapatos velhos e um casaco esfarrapado. Seu rosto era comprido, com bochechas e orelhas protuberantes, e olhos fundos, encimados por sobrancelhas arqueadas. Cabelos sujos e desgrehados escorriam até a altura dos ombros. Sua voz era anasalada e falava baixo, pronunciando sem pressa cada palavra:

— Saudosismo numa hora dessas, depois de velho, Lu? O que tá acontecendo? – perguntou, com os dentes amarelos enfileirados num sorriso carregado de malícia.

— Saudosismo? Não tinha encarado dessa forma, mas agora que você falou, até que faz certo sentido. Talvez seja um pouco sim. Logo você vai saber a história toda – “Lu” respondeu com tranquilidade, acompanhando Mammon até seu lugar no conselho infernal.

O segundo Lorde a chegar foi Asmodeus, a personificação da luxúria. Possuía asas e patas de dragão e três eram as suas cabeças: uma de boi, uma de carneiro e uma de homem, esta última com orelhas pontudas e olhos vazios, adornada por uma coroa dourada. O braço direito também era de homem e segurava um cetro com formato de pata de besta, enquanto o esquerdo era uma serpente marinha com cabeça de tigre. De sua boca, saía fogo e uma voz afeminada, sedutora como a de quem tem o sexo por vício, ofício e perdição:

— Chefinho, a que devo a honra? Hum... como estamos elegantes. Seria esse encontro um tipo de festa temática? Deveria eu também retornar à minha forma angelical, para ficarmos mais... à vontade? – as cabeças de boi e de carneiro riram.

— Não, Asmodeus, não é uma festa. Mas você é livre para assumir a forma que bem entender – Lúcifer respondeu com a gentileza que é talhada pelo tempo naqueles que se acostumam a evitar conflitos, no eterno jogo de interesses que se joga na vida. – Vamos, sente-se. Aguardemos os outros.

Caminhando a passos lentos, com pernas longas que terminavam em pés extremados por dedos que mais pareciam raízes de árvores, chegou Belphegor, senhor da preguiça. Era magro e alto, muito alto. Andava completamente nu, com labaredas de fogo surgindo aleatoriamente pelo corpo. Nas laterais da careca, destacavam-se pequenos chifres e no rosto, barbado, enrugado e carrancudo como de um ancião ranzinza, emergia um nariz protuberante, cravejado de verrugas. Falava com voz de trovão:

— HUUUUUM... por que chamar Belphegor aqui? O que querer de Belphegor? Estrela da Manhã em forma antiga... huuuuuummm... não parecer bom a Belphegor.

— Para que a pressa, meu caro amigo? Esse não é o seu lema? Para que a pressa? Vamos, sente-se ali e relaxe – como bom anfitrião, Lúcifer conduziu o demônio até sua cadeira no conselho.

— HUUUUUUUMMMM... Belphegor esperar... huuuuuum... Belphegor desconfi...

Um grunhido bestial interrompeu Belphegor. Então, uma serpente gigantesca, saída dos pesadelos mais tétricos que atormentaram o sono dos marinheiros em todas as épocas, entrou no salão, urrando com ferocidade. Circundou Lúcifer, farejando-o. Sem dizer palavra, arrastou-se para seu lugar – não uma cadeira, mas um grande pilar, onde se enrolou resfolegando com fúria e maldade. Era Leviatã, aspecto da inveja, dragão marinho, besta feita de Caos, que reinava nos oceanos e aterrorizava os navegantes dos sete mares desde tempos primordiais.

— Oi, Leviatã. Que bom que você veio, eu também estava com saudade – Lúcifer sorriu, enquanto observava a porta do castelo

abrir novamente.

Dessa vez veio Azazel, o senhor da ira. Não fossem os pequenos chifres, as orelhas pontiagudas e a maldade em estado bruto que apenas um demônio pode ter no olhar, poderia ser confundido com um humano velho, de constituição física vigorosa, que caminhava nu, a passos firmes e decididos, salão infernal adentro. A seu lado andava um bode de pelo negro e encrespado, rodeado por moscas que zuniam e lhe atormentavam sem trégua. O timbre de sua voz era o suficiente para incutir a sede assassina no coração dos homens:

— Todos reunidos aqui de uma só vez e você em sua antiga forma. Aposto que boa coisa não deve ser, Samael – vociferou, encarando Lúcifer com audácia desmedida.

— Já te disse mais de uma vez que não gosto desse nome, Azazel. Agora, por favor, *coloque-se em seu lugar...* – o Senhor das Trevas respondeu calmamente, mas com uma ameaça sussurrada nas entrelinhas, apontando a cadeira de Azazel no conselho.

— Eu sei muito bem onde é meu lugar, *Samael* – disse o demônio da ira, dando as costas a seu senhor e dirigindo-se à cadeira. O bode preto o seguiu.

Lúcifer apertou o gume da espada e teve o ímpeto de golpear Azazel pelas costas e fazê-lo em pedaços. Deixá-lo estrebuchando com as vísceras espalhadas no chão durante toda a reunião, como exemplo para o próximo que ousasse lhe dar as costas ou desafiá-lo de alguma forma. Ou ao próximo que simplesmente o chamasse de “Samael”. Mas os portões abriram-se novamente e concluiu que era melhor poupar as energias e evitar, ou ao menos adiar, aquele confronto. Dessa vez quem entrava no salão era Belial, líder militar supremo do inferno, comandante de setenta e sete legiões. O grande demônio entrou, trajando armadura de batalha, vermelha e profana como o sangue que encharca a terra, com o enorme machado conhecido como “Degolador de Arcanjos” preso às costas. Suas feições duras e seus olhos vazios não transpareciam qualquer emoção. Encarou Lúcifer, medindo-o de cima a baixo. Asco e reprovação lhe entorpeceram a alma, mas o semblante permaneceu inalterado. Cumpriu o protocolo, prestando continência a seu

superior dentro da hierarquia infernal, com voz tão fria quanto o rosto:

— General...

— Comandante... – Lúcifer cumprimentou de volta, também com extrema formalidade, fazendo uma reverência quase imperceptível com a cabeça.

Logo em seguida os portões rangeram novamente e então veio Belzebu, a representação da gula, demônio das moscas e da pestilência. Entrou resfolegando pela sala, com seus cascos de bode estalando apressados no piso negro coberto por névoa densa.

— Convoquei a todos, com a máxima rapidez possível, meu *assêmblico* Senhor. Espero que a lentidão de minhas asas não tenha despertado vosso aborrecimento. A *mulher* está vindo logo atrás, em instantes todos estarão aqui – reportou o assecla, fazendo uma longa reverência e dirigindo-se, apressado e ansioso, à sua cadeira.

Só faltava *ela*.

Lilith, demônio que assumiu o papel de Lúcifer como representante do orgulho e da vaidade, primeira esposa de Adão e primeira mulher a se rebelar contra Deus. Ela chegou, arrastando-se na forma meio viperina meio humana que assumira desde que saiu do paraíso terrestre e assim enrolou-se em Lúcifer, como uma serpente enrolando-se à outra antes do acasalamento. Encarou-o. Suas madeixas ruivas moviam-se aleatoriamente, enquanto ela apertava os seios fartos, cerrava os olhos e mordida os lábios dizendo, ofegante, com voz aveludada:

— Sempre quis te ver nessa roupa, *mon chéri*. Então era assim o primeiro anjo, o Portador da Luz? Não vou negar que prefiro a versão “Senhor das Trevas”, mas você me enche de desejo, de qualquer jeito – deslizou a palma da mão pelo peito de Lúcifer, em direção ao abdômen. – Vamos, me tome como mulher, me possua com a força e a ferocidade da Estrela da Manhã. A você eu aceito ser submissa, meu amor. Só a você. Vamos, mostre a eles como se faz – olhou de soslaio para os demônios que aguardavam, alguns já demonstrando desconforto, e, em seguida, roçou os lábios nos de Lúcifer, manchando-os de batom –, me mostra de novo a sua virilidade, meu amor, me joga nesse chão, joga? Me enche de...

luz... – completou, acariciando o rosto do Senhor das Trevas e lançando um sorriso que insinuava um milhão de indecências.

— Ah, minha querida amante! É isso que eu mais admiro nas mulheres... com uma voz sedutora, um rosto de traços delicados (e às vezes um pouco de maquiagem), com o olhar certo e as palavras oportunas e, é claro... com um belo par de peitos, vocês são capazes de tentar o próprio Diabo! E você, Lilith, é a personificação máxima dessa tentação. Quantos homens já não perderam seus reinos, suas fortunas, suas famílias e suas almas por você? Ah, querida, não faz ideia de como gostaria de te montar agora mesmo, do jeito que você jamais permitiu a nenhum outro homem, anjo ou demônio. Mas infelizmente temos assuntos urgentes a tratar e também alguns *convidados* que começam a ficar impacientes. Permita-me conduzi-la a seu posto no conselho – Lúcifer afastou-a com gentileza e lhe acariciou as costas enquanto caminhava a seu lado, em direção à última cadeira vaga.

Assim, reuniram-se os nove maiores demônios do inferno. Lúcifer, o Senhor das Trevas; Belial, comandante do exército abissal; Asmodeus, Azazel, Belphegor, Belzebu, Leviatã, Lilith e Mammon, os representantes da luxúria, ira, preguiça, gula, inveja, orgulho e avareza, os sete pecados capitais, aqueles que mais desagradam ao Criador. A maldade emanada por tal encontro foi tão grande que, no mundo dos vivos, pessoas com maior conexão com o plano espiritual desmaiaram, vomitaram e tiveram pesadelos aterradores que lhes atormentariam a memória até o último dos dias. Crianças choraram e gritaram nos berços, mulheres sofreram abortos espontâneos, animais ficaram inquietos sob a pálida luz da Lua cheia, uma semente de desesperança brotou no coração dos homens bons e o empurrão que faltava para concretizar crueldades foi dado nas costas dos homens maus.

Lúcifer voltou a ficar pensativo, caminhando a passos lentos até o trono. Contemplou os oito Lordes infernais que se alinhavam no salão do castelo, analisou cada rosto disforme, cada semblante maligno, recordou-se de cada história, cada desafio, ameaça, tortura e punição, cada detalhe de gosto amargo que se fez necessário para que as coisas se mantivessem em funcionamento,

para que, em meio à dor e à loucura daquele lugar terrível, pudesse haver um pouco de ordem e ele pudesse governar e desenvolver os planos para uma grande guerra contra o Céu, uma guerra que agora percebeu ser inútil travar. Uma peleja onde vencedores e perdedores já estavam definidos antes do aço das espadas, das armaduras e dos escudos começarem a se encontrar no campo de batalha. Uma peleja onde vencedores e perdedores já estavam definidos antes mesmo das espadas, das armaduras e dos escudos serem forjados. Do alto de seu assento real, o Senhor das Trevas olhou para aqueles que lhe fizeram companhia desde a queda dos anjos e com ele permaneceriam por toda a eternidade.

“Adiei essa despedida por tempo demais...”, concluiu em pensamentos.

## CAPÍTULO VI – A ESCOLHA DE LÚCIFER

Com a reunião estabelecida, o Senhor das Trevas levantou-se e se pôs a falar, com a entonação doce e imponente do mais belo e poderoso entre os anjos criados por Deus:

— Caros confrades do pecado, irmãos da maldade, companheiros de armas e confidentes de alcova – piscou para Lilith, que retribuiu o gracejo enquanto Belial suspirava impaciente. – Agradeço a presteza dos senhores em responder com tanta agilidade à minha convocação. É sempre bom poder contar com amigos e conselheiros tão leais e dedicados – sorriu para Belzebu, que esfregava compulsivamente as mãos. – Mas agora, chega de *rasgação de seda*, vamos direto ao assunto, porque não quero gastar o tempo de vocês, e muito menos o meu. Aliás, o mote principal dessa reunião é justamente esse: perda de tempo! Senhoras e senhores, ultimamente, nos últimos dois séculos para ser mais exato, tenho pensado demais sobre tudo o que aconteceu desde o início de todas as coisas e, principalmente, em tudo o que está para acontecer comigo e também com vocês, até o final de todas as coisas. Bom, depois de muito pensar, cheguei ao veredicto que tudo é uma grande perda de tempo. E não estou mais disposto a me empenhar em coisas que não renderão frutos, coisas já fadadas ao fracasso.

Assim que a última palavra foi pronunciada, o salão infernal foi coberto por um manto de silêncio, sepulcral e constrangedor. Os demônios se entreolhavam, tentando identificar se alguém havia entendido alguma coisa. Belzebu sorria triunfante, julgando-se mais esperto que todos os outros, por ter compreendido perfeitamente tudo que seu mestre quis dizer. Belial aprumou-se na cadeira, pigarreou, coçou a espessa barba que se espalhava por toda extensão do maxilar, pigarreou novamente e enfim falou, do modo mais polido que suas truculentas cordas vocais lhe permitiam falar:

— General, com todo respeito devo dizer que esse seu discurso foi deveras... obscuro. Tenho consciência de que inteligência não é minha característica mais notável, mas também não sou nenhum

tolo simplório. E mesmo assim não entendi absolutamente nada do que acabou de dizer.

— Huummmm... Belphegor não entender nada também! Huummm... Belphegor não gostar de não entender nada! Melhor Estrela da Manhã explicar melhor para Belphegor! – resmungou o demônio com pernas de árvore, com labaredas emanando em profusão por todo corpo, feito chamas que se alastram numa floresta seca.

Outros murmúrios e protestos começaram a ganhar força e ecoar no *Castelo das Trevas*. Leviatã eriçou-se e fungou, as cabeças animais de Asmodeus resfolegaram e a boca humana deixou escapar um suspiro entediado, acompanhado por uma flama alaranjada. Mammon cochichou algo no ouvido de Belzebu e Azazel apertou os braços da cadeira, tentando dispersar a energia e se controlar. Lúcifer sentiu a discórdia ganhando contornos visíveis bem à sua frente e saboreou o clima tenso por alguns instantes, como se fosse uma refeição de despedida. Então pediu calma, movendo lentamente as mãos no ar, com os dedos abertos e as palmas viradas para baixo. Não estava com paciência para contar novamente toda a história que havia contado a Belzebu pouco antes, então considerou pertinente ser mais claro e sucinto, ir direto aos “finalmentes”:

— Muito bem, senhoras e senhores, acalmem-se. Tentarei ser mais claro dessa vez. A verdade é que eu... eu estou... a verdade é que... ah, pro inferno com as palavras bonitas! – disse, dando um tapa no ar. – A verdade é que estou desistindo, pulando fora do barco, pedindo arrego, amarelado, mijando pra trás. A verdade é essa.

— Desistindo? Desistindo do que exatamente, General? – questionou Belial, inclinando-se para frente do assento, sem alterar o semblante por um segundo sequer.

— Disso tudo... – Lúcifer respondeu, abrindo os braços e olhando em todas as direções. – Do castelo, do Inferno, da guerra. Tudo.

— Mas por que isso agora, *mon chéri*? O que está acontecendo? – Lilith perguntou, notadamente agitada.



— Está acontecendo que eu cansei, *mon cher*. Cansei de ser feito de marionete nesse jogo de cartas marcadas que é nossa guerra contra o Céu. Cansei de dar murro em ponta de faca querendo superar o meu Pai, ser mais poderoso ou mais adorado que Ele. Não tem jeito, não temos como vencer. Eu vou lá pra cima – Lúcifer olhou e apontou para o alto – e sugiro, a quem tiver bom senso, que me acompanhe.

— Ai, você vai me desculpar, chefinho, mas acho que não terei *bom senso* o suficiente para aparecer lá no Céu dizendo: “oi gente, voltei! Espero que não tenham levado para o lado pessoal tudo que andei fazendo nos últimos... milênios!”. É, acho que preciso amadurecer mais um pouquinho, adquirir mais sabedoria por aqui mesmo, para daí então ter capacidade de tomar uma decisão assim, repleta de... bom senso – Asmodeus falou e sorriu em seguida, acompanhado pelos rugidos animais de suas outras cabeças.

— Bom, talvez eu até te acompanhe, *Lu*. Sabe, talvez não seria mau esticar um pouco as pernas e tudo mais. Mas me diga, que vantagem tiraremos disso? – quis saber Mammon, coçando o rosto comprido.

— A princípio não ganharíamos nada, Mammon. Só deixaríamos de perder o bem mais precioso que existe, mesmo para os imortais: tempo! Mas, pensando bem, acho que com toda sua ironia, Asmodeus acabou me convencendo de uma coisa... acho que o melhor agora é que vocês fiquem aqui. Devo ir até lá sozinho. Se *Ele* aceitar minha redenção, vocês ficarão sabendo, e o caminho estará aberto para os que quiserem seguir os mesmos passos.

— Mas, *mon chéri*, pode ser que eles nem te deixem entrar. Ou, ainda pior, pode ser que queiram te destruir, ou tomá-lo como prisioneiro até a guerra. Sem você nós não teremos chance...

— Hummmm... mulher dizer coisa que faz sentido. Belphegor não quer perder guerra! Hummmm... general ser capturado não ser nada bom pra ganhar guerra...

— Calma, isso não vai acontecer – garantiu Lúcifer, com uma convicção na voz que surpreendeu até a ele mesmo.

— Como pode ter tanta certeza disso, *chérie*? – Lilith parecia realmente preocupada com os rumos que a existência de seu amante estava prestes a tomar.

— Eu tenho... fé! – Lúcifer soltou uma gargalhada. – Não sei te explicar, Lilith. Mas de alguma maneira eu sinto, de alguma maneira eu sei, que *Ele* está me esperando. Não sei se de braços abertos, mas que está me esperando, isso Ele está. Ademais, se quisessem me fazer prisioneiro, já teriam feito quando fui até lá falar sobre o Jó.

— General, nós nos preparamos durante séculos e séculos para essa guerra. Agora, quando o conflito derradeiro mostra-se a apenas alguns palmos de distância, quando a chance de saciar nossa sede de vingança e de poder está prestes a finalmente se concretizar, aquele que causou tudo isso resolve debandar? Desculpe a sinceridade, mas devo dizer que estou deveras decepcionado – Belial grunhiu com aspereza e se levantou.

— Ora, o diabo é sempre quem você menos espera, Belial! Nunca ouviu falar isso? – Lúcifer encolheu os ombros e dispensou um olhar sarcástico ao Comandante.

— Por acaso toma isso como brincadeira? Por acaso tem noção do que está dizendo? – Belial engrossou ainda mais a voz e agora apontava para o General enquanto falava.

— Não, não estou encarando isso como brincadeira alguma. E tenho completa noção do que estou dizendo. Quem parece ter perdido a noção aqui nessa sala é você, Belial. Será que precisarei lembrá-lo porque sou eu que mando e você que obedece, SOLDADO?

— Não, não senhor – Belial recuou, após alguns instantes de hesitação.

— Ótimo, então volte para o seu lugar, Comandante. E não se levante mais sem a minha autorização, fui claro?

— Sim... General... – os olhos de Belial transformaram-se em um buraco negro de fúria, mas, como bom soldado que era, simplesmente cumpriu as ordens que lhe foram dadas. Não era o momento apropriado para confrontos, afinal, a divisão de poder e as alianças ainda não estavam muito bem definidas por ali.

— Muito bem – o Senhor das Trevas retomou a palavra, com o intuito de continuar o discurso –, agora precisamos decidir quem será o meu substituto. Peço que todos os interessados se lev...

— SAMAEL, ISSO É UM ULTRAJE! – Azazel, que já imprimira a marca dos dedos no braço da cadeira depois de tanto apertá-los, não conseguiu mais se controlar e interrompeu Lúcifer, com a voz de trovão ecoando ira e reverberando como um grande terremoto a sacudir o castelo. – Você armou toda essa história, Samael. Nós viemos pra cá, fomos derrotados e humilhados, nós caímos... por sua causa, Samael. Por causa desse seu olho maior que a barriga, dessa sua estupidez disfarçada de orgulho. Você foi um grande idiota, e nós idiotas ainda maiores por tê-lo seguido. Mas nós continuaríamos te seguindo, seu miserável, nós continuaríamos te seguindo até o fim, Samael. Não por amor ou lealdade, mas porque chegamos num ponto que não tem mais volta. A hora de se acovardar passou há milênios! Pare de nos envergonhar, volte à sua forma de demônio, é isso que você é agora, e é isso que sempre será até o final, queira ou não. PARE JÁ COM ESSA MERDA, SAMAEL!!!

Durante o discurso inflamado, Azazel havia se levantado e caminhado, a passos pesados, até o meio do caminho entre as cadeiras do conselho e o trono infernal. O bode preto seguiu seus passos. O peito do demônio inflava e murchava, punhos e dentes estavam cerrados, uma veia pulsava-lhe na testa e seus olhos vermelhos emanavam raiva em estado bruto. Lúcifer desceu vagorosamente, degrau a degrau, olhando com carinho paternal para o gume flamejante da *Aniquiladora do Caos*. Seus passos ecoavam no silêncio absoluto que mais uma vez predominava no salão. Parou em frente a Azazel e, encarando-o diretamente nos olhos, falou:

— Repita o que você disse, Azazel. Vamos, repita. Ou apenas olhe para mim e diga "Samael" mais uma vez. Vamos, honre suas patentes e seus colhões e me chame por esse nome de novo...

— SAMAEEREEEEELLLL!!!! – o demônio da ira gritou, e seu grito fez um vulcão entrar em erupção no mundo dos homens.

Azazel avançou com olhos vidrados. Seu vigoroso braço direito traçava uma curva no ar em direção ao rosto, agora angelical, de Lúcifer. Um ataque com poder suficiente para transformar a maior muralha da Terra numa pilha de escombros. Com poder suficiente para derrubar, ou ao menos desequilibrar, o Senhor das Trevas. Lúcifer teria cambaleado para trás e ficado tonto, caso recebesse tal golpe. Mas girou a espada num movimento rápido, um rastro de luz foi desenhado em meio à penumbra e, no instante seguinte, o braço de Azazel estava separado do corpo, rodopiando e esguichando sangue profano pelo ar. Antes que o membro decepado tocasse o chão, a espada flamejante assoviou a canção da morte e girou novamente, de cima para baixo dessa vez, partindo Azazel em dois, num corte transversal do ombro esquerdo até a virilha. Os punhos de Azazel podiam destruir uma montanha, mas a espada de Lúcifer podia dizimar toda uma cordilheira. Belial, que da cadeira acompanhava todos os movimentos com grande interesse, acariciou a barba, parecendo satisfeito com o que viu.

Os olhos agonizantes de Azazel moviam-se em círculos, enquanto o sangue negro jorrava da boca, fazendo-o gorgolejar. Lúcifer pisou em sua barriga com força e esfregou os pés, espalhando as tripas do demônio derrotado pelo chão. Ordenou ao bode preto que devorasse as entranhas do próprio mestre e o animal maldito acatou de imediato, sem qualquer sinal de hesitação. O Senhor das Trevas olhou friamente para os membros remanescentes do conselho e perguntou se havia mais alguém disposto a se pronunciar ou se ele podia continuar o discurso sem receio de ser interrompido. Todos calaram e ele tomou isso como consentimento da segunda opção. Voltou ao trono, subindo as escadas com a mesma tranquilidade com que descera para ir de encontro a Azazel minutos antes. Observou por alguns momentos o bode refestelar-se com as vísceras do demônio da ira, que ainda estrebuchava na névoa pestilenta que cobria o piso do castelo. Depois, como se nada tivesse acontecido, falou assim o Primeiro entre os Anjos:

— Eu vou embora. E se tudo der certo, não voltarei. Mas, existe a chance do meu Pai não me aceitar... vocês sabem que Ele é meio

temperamental e por vezes imprevisível, não é verdade? Pois bem, nesse caso, é bem provável que eu fique fora um tempo, mas uma hora, mais cedo ou mais tarde, vou acabar voltando. E nessa hora, espero encontrar as coisas em ordem por aqui, porque se isso acontecer, se eu tiver que voltar, com certeza estarei muito *puto*, afoito para começar logo a guerra e não vou querer perder tempo arrumando a casa, lidando com conflitos e disputas de poder entre vocês. Portanto, acredito que se faz necessário nomear um sucessor para ocupar o trono negro durante minha ausência, dure ela um dia, um mês ou, assim espero, toda a eternidade. Não vou ficar fazendo média, dizendo que confio igualmente em todos vocês, que tenho convicção de que qualquer um tem plena capacidade de me substituir à altura e *blá-blá-blá*. A verdade é que já tomei minha decisão e a única coisa que poderia mudá-la seria o nome que estou pensando não desejar o fardo de governar no meu lugar. Para saber isso, peço que todos fiquem de pé e quem estiver disposto a se “candidatar”, avance um passo.

Lúcifer pensou que veria sete demônios avançando. Oito, caso Azazel não tivesse se rebelado e ocupasse seu lugar no conselho nesse momento, em vez de estar estirado ao chão com o braço decepado e o corpo partido em dois. Mas a cobiça, ou, na verdade, a *falta de cobiça*, de seus confrades acabou surpreendendo-o. Nem mesmo Mammon candidatou-se. Apenas dois deram o passo a frente, manifestando o desejo de ocupar o posto mais alto dentro da hierarquia infernal. Foram eles Belial e Belzebu. O demônio das moscas encarou seu concorrente com o triunfo estampado no semblante, batendo as mãos levemente, como um jogador de cartas com a certeza da vitória que lhe trará grande fortuna. O comandante militar de setenta e sete legiões lhe devolveu um olhar de desprezo. Lúcifer sorriu, deixando escapar nas entrelinhas que um daqueles dois era o escolhido que havia pensado inicialmente. Respirou fundo e decretou:

— Caros confrades, com toda formalidade do mundo, anuncio que meu substituto, que deverá ser obedecido, respeitado e receber todas as honras, deveres e atribuições do posto de Senhor das Trevas durante minha ausência será o ilustríssimo demônio... Belial.

Se ficou feliz em ouvir o próprio nome, Belial não deixou transparecer em nenhum músculo do rosto quadrado. Fez apenas uma leve reverência em agradecimento e depois não se moveu mais. Já o semblante caprino de Belzebu derretia-se em perplexidade, rancor e desapontamento. Tantos e tantos anos de *dedicação*, para receber tamanho desaforo como agradecimento? Tentou manter a compostura o máximo que pôde, mas uma lágrima de ódio acabou lhe fugindo aos olhos. Mas ninguém viu. Ninguém olha para os perdedores. Lúcifer desceu as escadas, desejando em seu íntimo que pela última vez. Aproximou-se de Belzebu e soprou-lhe ao ouvido, em tom confidente:

— Sabe aquela história de que é melhor reinar no Inferno do que servir no Céu? É mentira, Zebuzinho... reinar no inferno é uma merda. Um fardo que eu só desejaria ao meu pior inimigo. Como nem meu Pai, nem Miguel estão por aqui, sobrou pro Belial. Acredite, você não iria gostar, não vale a pena, *mon ami*. Não vale a pena. Você entende?

— S-sim... sim, meu elucidativo Senhor. Eu... eu entendo...

— Entende porra nenhuma! – Lúcifer gargalhou, batendo nos ombros de Belzebu. – Você `tá puto comigo, eu sei. É normal. Mas com o tempo talvez você aceite. Na verdade, você não tem outra opção e quanto antes fizer isso, melhor. Adeus. Ou talvez... até logo.

— Até logo, meu reconfortante Senhor...

Lúcifer percorreu o salão, despedindo-se dos outros demônios que ali estavam presentes, apenas para cumprir protocolo. Parou somente para abraçar e beijar Lilith. Deixou-a implorando por mais e dirigiu-se até Belial, que agora era o Regente das Trevas.

— Comandante...

— General...

— Mantenha o exército treinado e em prontidão. Precisaremos dele, caso meu pedido de redenção não seja aceito.

— Talvez precisemos dele mesmo que sua *rendição* seja aceita, General – Belial, que era duas cabeças maior que Lúcifer, disse em tom enigmático.

— O que quer dizer? – indagou Estrela da Manhã, olhando para cima na tentativa infrutífera de ler o semblante de seu interlocutor.

— Que talvez haja guerra, mesmo que sua *rendição* seja aceita e o senhor não volte mais para cá, General. Nem todos vão querer seguir o caminho da paz, caso seu plano dê certo. A maioria aqui está tão enraizada no Inferno que já nem sonha mais em voltar ao Céu. Tenho certeza que a maior parte dos demônios inferiores sequer consegue recordar como era lá em cima e preferirá ficar aqui, tendo a pele queimada pelo fogo, do que subir lá e encarar um mundo desconhecido, provavelmente hostil. Como dizem por aí: “é preferível o mal que você conhece”, General.

— Entendo... – Lúcifer percebeu que Belial coibiria qualquer tentativa de debandada, mas decidiu que não era o momento de discutir sobre isso. – Bom, tenho certeza que você governará bem, manterá a “casa” arrumada e as espadas afiadas. Foi por isso que te escolhi, Belial. Pela sua tendência militar.

— Fiquei deveras honrado, meu Senhor.

— Ah, Belial... “deveras”, “deveras”, “deveras”... ninguém nunca te falou que essa palavra soa muito pedante? Enfim, essa conversa já se alongou demais – Lúcifer aumentou o tom, falando para todo o grupo: – Depois, joguem o corpo do Azazel no *Lago de Fogo*. Esse idiota talvez seja útil futuramente. Agora me despeço. Talvez eu os reveja aqui, talvez só os reveja nas minhas lembranças. Ou, talvez, os veja novamente do outro lado do campo de batalha e então terão a chance de me matar, como sei que já desejaram muitas vezes – o Senhor das Trevas sorriu timidamente e começou a caminhar em direção à porta. – Adeus!

“E por que não te matamos agora mesmo?”, pensou Belial, enquanto Lúcifer se afastava. Sabia que seu general era mais poderoso, mas durante a luta com Azazel percebeu que seus movimentos não estavam tão rápidos como outrora e sua técnica revelou-se imprecisa. Séculos e séculos sentado, exercitando muito a mente e pouco o corpo, pareciam tê-lo enferrujado. Durante os mesmos séculos, Belial treinara todos os dias com *Degolador de Arcanjos*, o machado colossal. Se os outros demônios ali presentes o apoiassem na luta, com toda certeza a existência de *Estrela da*

*Manhã* acabaria antes que cruzasse a porta. Azazel certamente o ajudaria, mas estava cortado em pedaços. Belzebu ficaria em cima do muro, dividido entre o rancor de ter sido preterido e o ódio por aquele que tomou o lugar que considerava seu por direito. Mammon era um inútil em combate, não fazia diferença. O mesmo raciocínio valia para Asmodeus. Leviatã, completamente imprevisível. Tinha quase certeza que Belphegor ficaria do seu lado e isso seria o suficiente para uma vitória certa, mas ainda restava Lilith. Belial a desprezava e sabia que seu poder de luta era quase nulo, mas algo nela o incomodava. Não sabia explicar o que era, mas sentia a confiança ser sugada das entranhas quando estava no mesmo ambiente que aquela *mulher*. Por isso não atacou Lúcifer quando ameaçou se rebelar, pouco antes de Azazel fazer o mesmo de maneira mais contundente. E por isso, por causa dessa estranha sensação causada por ela, hesitou e deixou de atacar o Senhor das Trevas, que agora abria os portões e voava para fora do castelo, em direção ao Céu.

Belial sentou-se no trono negro e dispensou os outros demônios. Ali, sozinho naquele lugar maldito, pensou um milhão de planos e maldades que poderia cometer, agora com poder absoluto sobre o Inferno. Sentiu-se bem, muito bem. Então, os músculos de sua face não conseguiram permanecer imóveis por mais tempo.

E um largo sorriso desenhou-se nos lábios do *Regente das Trevas*.



## **CAPÍTULO VII – O MAU FILHO A CASA TORNA**

Um raio de luz irrompeu das portas do castelo negro, rasgando as trevas em grande velocidade e, por um breve instante, deixando cegos e aturdidos os guerreiros que por ali treinavam. Um instante breve, mas suficiente para despertar nesses demônios a lembrança de um tempo agora distante, de um lugar agora inacessível. A lembrança transformou-se em saudade, e logo se converteu em ódio, pois no inferno não há outro caminho para as coisas impossíveis, desejadas em segredo nos porões do coração. Algumas flechas foram disparadas por instinto, na direção em que aquele estranho rastro luminoso se projetara. Não sabiam os arqueiros que não se tratava de um invasor, mas do primeiro entre os caídos. E nenhuma seta poderia alcançá-lo.

Lúcifer sobrevoou seus domínios, observou os soldados e as almas humanas queimando em agonia, pagando por pecados há muito esquecidos, torturadas por carrascos cruéis que também sofriam e rangiam dentes, encarcerados num ciclo eterno de dor e danação. Ouviu as lamentações dos perdidos, o estalar do fogo que não se apaga e o lento arrastar dos vermes que não morrem. Ergueu os olhos para as montanhas negras, que um dia fizeram parte das planícies do Paraíso e, em seguida, baixou a cabeça para contemplar o abismo. Então o abismo o contemplou de volta, e ele apenas sorriu. Virou as costas e mergulhou no Lago de Fogo – o portal para o Céu, para a Terra e para as outras esferas de realidade. Um caminho claustrofóbico, cercado de gritos pavorosos em meio às labaredas que queimavam o espírito em dor lancinante e faziam querer voltar. O tempo deixava de existir enquanto se afundava no oceano vermelho de desespero, perdia-se a noção de ir para cima ou para baixo, se o corpo avançava ou se estava parado, emparedado eternamente no pior lugar que se poderia conceber. Por mais vezes que essa passagem fosse feita, era impossível se acostumar. Mesmo àquele que um dia fora a luz que mais brilhava e depois se tornara a mais escura de todas as sombras, a travessia entre os planos era um evento que despertava temores.

Desnecessário descrever o alívio que sentiam os demônios ao emergir no *nada* entre o inferno e as esferas celestiais. Não era diferente com Lúcifer. O Senhor das Trevas, agora em sua antiga forma angelical, parou com mãos apoiadas aos joelhos, para recobrar o fôlego. Observou as colossais nuvens de energia, formando-se para logo em seguida desvanecer numa miríade de cores que olhos mortais jamais tomariam conhecimento da existência. A uma distância quase infinita dali, resplandecia o Paraíso. Sem pressa, o Portador da Luz bateu asas, colocando-se naquela direção. No caminho, pegou uma pequena porção da energia que flutuava pelo vácuo e a ela começou a dar forma. Primeiro a cabeça, depois o corpo. Dois braços, uma cauda no lugar das pernas, olhos, nariz, orelhas, pequenas asas. Esmerou-se nos detalhes, desmanchando e recomeçando várias vezes o trabalho, sem perder a paciência com a matéria-prima que insistia em lhe escapar por entre os dedos.

— Está pronto! — Lúcifer pensou em voz alta, exprimindo a satisfação que lhe transparecia no rosto. — Agora... VIVA! — assim disse o primeiro anjo, com a mão imposta no peito da escultura.

Para orgulho do criador, a criatura abriu os olhos e logo se pôs a bater as asinhas, voando serelepe aqui e acolá. Depois de algumas voltas pelo vazio multicolorido, o ser aninhou-se no ombro do *pai*.

— Veja só, meu pequeno diabrete — disse Lúcifer. — Há tempos eu não esculpia nada e muito menos trazia a uma forma inanimada o sopro da vida. Estava meio enferrujado, tenho que admitir. Mas até que o resultado não ficou nada mau, hein? Nada mau! — ele balançou a cabeça positivamente e a criatura copiou o gesto. — Mas agora, continuemos. Vê ali em frente? — o Senhor das Trevas apontou em direção ao Paraíso, que já se avolumava no campo de visão, cobrindo quase todo o horizonte. — É para lá que estamos indo. É um lugar legal... quer dizer, nem tão legal assim, mas acho que você vai gostar. É, você vai gostar sim. O que acha, diabrete? Por que apenas balança a cabeça e não diz nada? — Nesse momento, Lúcifer olhou intrigado para o rosto de sua criação e depois explodiu numa gargalhada. — Eu não fiz sua boca, diabrete!

Mas que descuidado eu sou! Olha, eu até posso desenhá-la agora, só vai doer um pouco. É, um pouquinho só. Mas, se quer saber, acho que é melhor deixar desse jeito mesmo. Por você tudo bem? – O diabrete encarava o Portador da Luz com admiração e, mais uma vez, apenas assentiu, movendo a cabeça para cima e para baixo. – Ótimo! Então, vamos.

O *Primeiro Entre os Caídos* acelerou o ritmo das batidas de asa e logo saiu, com a beleza da *Estrela da Manhã*, entre as nuvens que ladrilhavam a parte externa do Paraíso, puras e alvas como sonhos de criança. Além das nuvens havia o portão dourado, protegido por dois serafins, guardiões incansáveis e imponentes. A pele de um deles era negra como o céu em noite sem Lua e sem estrelas e o simples vislumbre de seu semblante sereno acalmaria o mais aflito dos corações. O outro tinha a tez e os cabelos dourados, e sua presença era agradável como o Sol que derrete a neve acumulada em um longo inverno. Trajavam armaduras celestiais e reverberavam esperança por todo o universo. Seus olhos, a expressão da justiça, da honra e da bondade. Na mão direita, ostentavam uma brilhante lança de cavalaria e na esquerda, um escudo entalhado em runas sagradas e cravejado de rubis. Com exceção às penas das asas douradas, que meneavam conforme o vento, os guardiões permaneciam imóveis. Assim estavam desde que a terça parte do Céu desabara, *éons* atrás. E assim permaneceriam até o dia da derradeira batalha. Depois disso, somente o Altíssimo sabia o que haveria de acontecer.

Logo atrás do portão estava Pedro, o *Príncipe dos Apóstolos*, segurando a chave do Céu e concedendo acesso ao Reino somente às almas que possuíam o nome escrito no *Livro da Vida*. O nome daquele que se aproximava, caminhando distraído enquanto conversava com uma estranha criatura empoleirada ao ombro, certamente não era um desses. Quando a distância entre eles era pouco menor que sete passos, Lúcifer cumprimentou:

— Pedro! Como anda a vida, tudo em paz? Faz tempo que a gente não se vê, já estava ficando com saudade...

E assim respondeu Pedro ao demônio, em uma língua já quase esquecida no mundo dos homens:

— O que quer aqui de novo, *Satanás*? Não te cansa de apanhar e de perder apostas? – o apóstolo gargalhou, com sua sagacidade de pescador. Se a provocação causou algum efeito em Lúcifer, este não moveu um músculo para demonstrar. Quando a própria risada deixou de ter graça, Pedro continuou, esticando o queixo de barba grisalha e desgrenhada para o diabrete recém-trazido à existência. – E que tipo de criatura é essa aí com a qual conversa e que te olha da mesma forma que um filho admirado observa o pai?

— Gostou? Criei-o ainda agora, enquanto voava pelo vazio que separa nossas esferas. Mas ainda não lhe dei um nome – disse o Anjo Caído, na mesma língua utilizada por Pedro. – Diabitus? Mephit? Cramunhão? Estou em dúvida... – o anjo caído olhou para o alto por algum tempo, como se buscasse nas nuvens uma resposta ao mais intrincado dos enigmas, então de supetão voltou-se a Pedro, estalando os dedos com tanta alegria que fez parecer que tivera acesso a todos os segredos do universo ali naquele instante. – Já sei! O que acha de dar você um nominho a ele, *Pedróca*? Vamos, te escolhi para ser padrinho, está decidido!

— Volte para o inferno pelo mesmo caminho que veio, tome assento em seu trono e lá espere sentado, *Satanás*! Jamais eu daria nome a tal abominação! – o Apóstolo exaltou-se.

— Não fala assim perto dele, *Pedróca*! – Lúcifer sussurrou, desmanchando o semblante em inocência teatral, tapando os ouvidos do diabrete com as mãos. – Crianças são como esponjas: eles absorvem as vibrações ruins do ambiente, não sabia?

— Não me venha com suas dissimulações, *Satanás*! Isso não é criança, mas algo que não deveria sequer existir. Pelo visto, você não aprendeu a lição de que o poder da criação deve ser usado somente pelo Pai! – Pedro não perdera o costume de se enervar com facilidade e, nesse ponto da discussão, já estava com o rosto vermelho, com uma chuva de gotículas brancas lhe saindo da boca junto com cada palavra.

— Pedro, pensa bem – Lúcifer falou baixo, aproximando-se do portão e saboreando a ira que conseguira, quase sem esforço, despertar no apóstolo –, se o “Pai” realmente não quisesse que eu criasse as coisas e que eu não soprasse vida em criaturas como

essa aqui... seria bem melhor Ele nem ter me dado esse poder, você não acha?

Pedro encarou Lúcifer com os olhos tão arregalados que pareciam prestes a saltar das órbitas. Apertou a grande chave dourada que trazia à mão direita, tão forte como se quisesse fundir os dedos ao metal e respirou fundo, uma vez, duas, três e depois outra, na esperança que os pulmões que se inflavam e esvaziavam com ferocidade lhe ajudassem a pensar em alguma argumentação. Mas a resposta, se é que havia uma, jamais veio e restou a Pedro a evasiva de ir direto ao assunto:

— Diga logo o que quer, não tenho o dia todo.

— Não? – perguntou Satanás, fingindo grande surpresa. – Caramba, poderia jurar que você ficava aqui dia e noite, procurando nome naquele livrinho e abrindo o portão, procurando nome e deixando o portão fechado, procurando nome no livro e abrindo o portão... Vendo aqui de fora parece meio monótono, sendo bem sincero, mas não é minha intenção menosprezar seu trabalho, Pedróca. Não mesmo, longe de mim!

— Creio que seja a hora de pedir que eles o acompanhem até a “saída”, não? – Pedro falou em tom de desafio, apontando, com olhar confiante, os dois anjos que permaneciam estáticos aos cantos do portão.

— Seria até divertido vê-los tentando a sorte, Pedro – Lúcifer respondeu com a voz transbordando malícia –, mas eu não vim até aqui para brigar. Na verdade, eu vim aqui para ver o meu Pai.

— Não há nenhum assunto que o Altíssimo tenha a tratar com você, Satanás! Vá embora! – o apóstolo exasperou-se repentinamente, mais uma vez.

— Pedróca, quase agora você falou que não tinha o dia todo, não foi? Pois é, eu também não – Estrela da Manhã falou com descaso, enquanto aproximava-se do portão. Depois completou, sussurrando como se revelasse algo constrangedor e tentasse amigavelmente poupar Pedro do escárnio dos anjos e almas humanas que já começavam a se acumular ao redor: – Em outras palavras, eu quero falar com o dono da casa, não com o porteiro. Entendeu? Então vai lá chamar o patrão, vai...

Houvesse espada por perto e Pedro ignoraria o conselho que recebera do Mestre, tantos anos atrás. Sentiu vontade de conclamar todos os anjos que por ali estivessem, os que praticavam a arte da guerra nos distantes Campos da Alvorada e também aqueles que estavam na Terra cuidando, ou tentando cuidar, da humanidade. Desejou chamar, de alguma forma, mesmo os anjos que há muito pereceram em batalha e até os que Deus ainda sequer havia criado. Todos. Queria chamar absolutamente todos, para que partissem Lúcifer em tantos pedaços que mesmo se todos os demônios do inferno trabalhassem juntos jamais seriam capazes de juntar. Porém, a completo contragosto, sua reação explosiva limitou-se a vociferar mais bravatas, que aos ouvidos do Senhor das Trevas chegavam tão inócuas quanto os gritos birrentos de uma criança mimada:

— Ele não vai querer te ver!

— Vai sim, Pedro. Eu sei que vai. Manda um anjo lá e você vai ver...

Pedro ficou ainda mais irritado diante da confiança insuportável exalada por Lúcifer e percebeu que não haveria outra solução além de enviar um mensageiro até o Altíssimo e aguardar até que retornasse com a resposta do Todo-Poderoso dizendo, obviamente, que não seria permitido ao Diabo voltar a pisar em pedra ou flor ou punhado de grama que fosse nos jardins celestiais. Chamou então um querubim que por ali perambulava, e deu a ele a instrução de que fosse o mais rápido que as asas lhe permitissem até os portões internos e lá explicasse a situação a Uriel, que por sua vez explicaria a Miguel e esse, finalmente, falaria ao Criador. Pedro completou suas ordens, dizendo que a resposta, que em seu coração já era tão certa quanto o cantar do galo pela manhã, deveria voltar com a mesma velocidade com que foi a pergunta. O jovem querubim confirmou que entendeu o recado e apressou-se na direção dos Portões de Safira.

Durante a espera, Lúcifer tentou puxar assunto, abrindo mão do costumeiro tom *amigável*, descaradamente falso, que usava sem o menor pudor quando queria provocar. Perguntou sobre iscas, se era melhor pescar com minhocas, com insetos ainda vivos ou peixes

pequenos. Questionou detalhes sobre os barcos e as redes de pesca, como era possível ter noção da hora certa de puxar e se era muito pesado tirar uma rede cheia do mar. Quis saber se Pedro sentia saudade daquela época e se faria tudo de novo, mesmo a parte de ser crucificado de ponta cabeça. Disse, como se diz tentando consolar um amigo íntimo, que qualquer um ali naquelas circunstâncias teria negado Cristo ou quem quer que fosse, que não era para ele, Pedro, sentir-se culpado por isso e que a única falha dele (falha igualmente dividida entre os outros dez, Lúcifer fez questão de frisar) foi não ter percebido os planos de Judas a tempo. “Mas quem haveria de adivinhar?”, completou depois, voz embargada, transbordando compreensão. Todo esse falatório do Diabo fazia com que a espera do querubim mensageiro se afigurasse a Pedro como uma não tão breve estadia no purgatório.

— Você não acha isso engraçado, Pedrinho? — o Senhor das Trevas continuava com as divagações prolixas. — Na hora em que saí do inferno, Ele já sabia que eu estava vindo pra cá. Na verdade, Ele já sabia bem antes... antes até de eu ter pensado nisso. Bom, mas isso não vem ao caso. Não agora. Então, o fato é que Ele ouviu a gente conversando aqui, porque Ele ouve tudo, até o que estamos falando agora e o que nem falamos ainda. Não seria muito mais fácil abrir logo o portão no caso de, como eu imagino, Ele autorizar minha entrada? Ou, na remota chance de você estar certo e Ele não querer me ver, poderia mandar um sinal, um raio ou algo do tipo, ou simplesmente falar alto, com aquela voz de trombeta do apocalipse que Ele gosta de fazer quando está bravo, pra que a gente pudesse ouvir daqui: “não permitirei que adentre meu reino, Primeiro entre os Caídos...” — Lúcifer imitou a “voz de trombeta do apocalipse”, arrancando algumas risadas das almas humanas que aguardavam na fila para entrar (ou não) no Céu. Após breve pausa para respirar, prosseguiu: — Mas não! Pra que facilitar, né? Teve que fazer o porra do querubim ir até lá e...

— Onde pensa que está, Satanás?! — Pedro interrompeu. — Controle esse linguajar pois este é lugar sagrado. Lugar sagrado onde jamais voltará a pisar!

— Ah, Pedróca, lição de moral agora? Se me lembro bem, alguém aqui tinha uma boquinha bem suja quando a pescaria dava errado! — Lúcifer provocou. — Bom, e se vou entrar ou não, nós vamos descobrir, já, já... — esticou a sobancelha na direção do querubim mensageiro, que despontava ao longe retornando da missão.

O querubim chegou esbaforido, demonstrando com espasmos contorcidos no semblante que cada batida de asas cobrava um enorme preço em dor. Parou diante de Pedro, com os olhos tomados por incredulidade. Uma brisa glacial percorreu as entranhas etéreas do apóstolo, fazendo-o lembrar da época em que caminhava no mundo dos vivos.

— Então, qual foi a resposta do Altíssimo? Diga de uma vez! — Pedro ordenou, agarrando os braços do querubim e sacudindo-o como se assim pudesse fazer com que as palavras que queria ouvir saltassem da boca do mensageiro.

— O Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas, disse que Lúcifer, aquele que brilha como a Estrela da Manhã... é bem-vindo no reino dos Céus — o incrédulo querubim repassou a mensagem que recebera de um igualmente incrédulo Uriel.

A chave do Céu, dourada e brilhante como mil sóis, tremia nas mãos de Pedro antes de ser encaixada e girada na fechadura para abrir os portões, permitindo assim que o Senhor dos Anjos Caídos entrasse no Paraíso uma vez mais. O apóstolo não acreditava. Simplesmente não acreditava. Tentou evitar que a raiva, que agora ardia até nos ossos já fossilizados no mundo dos vivos, lhe transparecesse na face ou nos atos. Resistiu o máximo que pôde. Lúcifer cruzou os portões, movendo-se lentamente, olhando com exagerada admiração para todos os lados, como se ali estivesse entrando pela primeira vez e então, como quem não quer nada, perguntou a Pedro:

— Homem de pouca fé... por que duvidaste?

Lúcifer seguiu sorrindo ao encontro de Deus.

Sem qualquer pretensão, por menor que fosse, de disfarçar a raiva, Pedro acompanhou com o olhar o inusitado visitante para quem os portões foram abertos, até que ele se perdesse de vista



entre as almas humanas e angelicais que se aglomeravam no horizonte. Em seguida retornou aos afazeres, dando vazão à fila que já começava a se estender às portas do Céu. O diabo, por sua vez, passou pelo Apóstolo feito quem passa por um poste e seguiu caminhando tranquilamente, como se por ali não tivesse deixado de caminhar um dia sequer desde que fora expulso, tantos anos atrás. Não demorou a chamar a atenção e despertar curiosidade em todos que estavam nos arredores. Os querubins pararam de tocar as harpas, pois qualquer canção que pudesse ser produzida pelo tilintar das cordas parecia perder o encanto diante de tamanha beleza. Os homens e mulheres igualmente cessaram suas atividades. Ninguém mais pescava, brincava com as borboletas coloridas, lançava gravetos aos cães para que estes os apanhassem e trouxessem de volta, como gostavam de fazer na Terra, ninguém mais cantava louvores ou apanhava frutos das árvores. Limitavam-se a cutucar uns aos outros e perguntar em voz alta a si mesmos, com a admiração imiscuída em cada olhar e palavra: “quem será aquele que vem lá? Será Miguel?”, ao que respondiam em pensamentos e sussurros boquiabertos: “ouvi dizer que Miguel tem uma cicatriz que lhe atravessa toda a face e que poucas foram as vezes em que saiu detrás dos portões de Safira. Já esse anjo não possui mácula alguma, tudo nele é belo e perfeito, desde o caminhar até o último fio de cabelo!”.

Lúcifer fingia não ouvir ou não dar muita importância a esses comentários, mas a verdade é que os escutava muito bem e com isso seu ego, que já era quase do tamanho de um pequeno universo, inflava-se ainda mais. Durante o trajeto, parou vez ou outra para brincar com as crianças que, sem os pudores envergonhados dos adultos, não perderam tempo em rodeá-lo. “Quem é você?”, “Qual é o nome desse bichinho no seu ombro?”, “Você é o anjo mais bonito que eu já vi...”, elas perguntavam e afirmavam simultaneamente, uma tentando se fazer ouvir mais que a outra, num turbilhão de vozesinhas esganiçadas que por alguns momentos fizeram o Paraíso ganhar ares de escola primária na hora do recreio. Lúcifer, feito político em época de eleição (porém com mais empolgação sincera nas palavras, há de se admitir), dizia: “É,

criançada... o tio Lu voltou!”. Passado o impacto inicial, alguns anjos, que de longa data conheciam aquela figura brilhante, logo trataram de tirar de perto dele as almas humanas, principalmente as crianças. O Senhor das Trevas provocou-os, dizendo-lhes que não era necessário ficar com ciúmes. Alguns deixaram mostras evidentes de ter acusado o golpe, pois a verdade, sobretudo quando falada no tom de deboche que Lúcifer empregava com maestria e naturalidade, tem o péssimo costume de ser dolorida. Estes que se exaltaram foram controlados pelos mais tarimbados nas artimanhas do inimigo, e assim foi evitada, ou ao menos postergada, uma batalha que ninguém ali estava certo se realmente queria lutar.

O demônio seguiu jornada, com o ar jovial a despertar contemplação quase hipnótica em quem não o conhecia e os mais terríveis temores em quem sabia qual era sua verdadeira identidade. Regozijando-se em silêncio com a miríade de reações que sua simples presença causava, Lúcifer atravessou a Planície das Sete Virtudes, interrompendo a passada de vez em quando para narrar a seu diabrete eventos decorridos em outras eras. Nessas oportunidades, apontava aqui e ali e brandia as mãos no ar, gargalhava e também parava para refletir. A pequena criatura parecia ouvir tudo com atenção, mas não deu nenhum sinal se de fato estava entendendo. Não obstante, o Primeiro entre os Anjos continuou falando e falando, até que finalmente se deparou com os portões de safira, onde Uriel o aguardava com cara de quem concordava pouco, ou quase nada, com a decisão do Altíssimo de permitir que a *Serpente* novamente rastejasse em solo sagrado.

— Samael, Veneno de Deus! – o guardião cumprimentou com formalidade, mas sem disfarçar o dissabor rançoso que escorria na voz. – Não sei qual velhacaria está tramando em sua mente sórdida, mas garanto que não vai dar certo. E garanto que dessa vez não será apenas expulso... pelo menos não *inteiro*.

— Uriel! – Lúcifer cumprimentou de volta. Contemplou os arredores com o sorriso de ironia e satisfação que estava marmorizado no rosto desde que cruzara o portão guardado por Pedro, então prosseguiu: – Se tem uma coisa que sempre me

deixou em dúvida é... por que será que os porteiros desse lugar não se limitam a fazer o trabalho que lhes cabe, sem tagarelar? É sério, seria muito melhor pra todo mundo se vocês só abrissem e fechassem o portão, de biquinho calado.

— Pensei que não teria o desprazer de vê-lo, nem o infortúnio ainda maior de ouvir suas piadas carregadas de soberba, até a batalha derradeira no final dos tempos, quando hei de separar sua cabeça do corpo e costurar sua boca com linha de prata, para garantir que dela não saia mais nenhuma palavra ou sorriso – disse Uriel, com as pupilas cravadas nas de Lúcifer.

— Caramba, Uri, acho que esse não é um pensamento que um querubim bonzinho que nem você deveria ficar guardando por tanto tempo, né? Nos humanos esse tipo de coisa dá até câncer, sabia? Certamente não é bom para os anjos também. Quem avisa, amigo é! – Lúcifer falou, enquanto se aproximava lentamente, sacando a espada. – Olha, a conversa está boa, mas eu preciso ir mesmo. Sei que tem muito assunto pra gente colocar em dia, mas teremos bastante tempo depois. Imagino que você não ia me deixar entrar lá com isso – estendeu a *Aniquiladora do Caos* na direção do guardião dos portões de safira –, então segura aí até eu voltar. Tenho um carinho muito grande por essa arma, porque, afinal, *foi Deus quem me deu*. Então, cuida bem dela. – Uriel pegou a espada, controlando a vontade de usá-la naquele mesmo instante. Lúcifer finalizou: – Agora, será que dá pra abrir o portãozinho?

O querubim guardião não conseguiu conter um suspiro de desgosto, exalado ao girar a chave de luz no cadeado sagrado que selava os Portões de Safira, a barreira intransponível que separava o Templo Santo, onde *habita* o Altíssimo, do restante da criação. Lúcifer encarou a escada da purificação estendendo-se livre à sua frente, tão dourada, tão... tentadora. Depois se virou para Uriel e falou um “obrigado” que redefiniu os limites de sarcasmo que se era possível empregar numa única palavra. Ao dar o primeiro passo em direção aos degraus, porém, Uriel o interpelou:

— O acesso foi concedido somente a você, Samael. Essa criatura em seu ombro, seja lá que tipo de aberração ela for, deve permanecer fora dos portões.

— Você separaria um pai de seu filho dessa forma, Uri? Que cruel...

— General Lúcifer, minha paciência já se esgotou lá no “biquinho calado”. Não me leve a tomar atitudes que certamente farão com que eu me arrependa depois.

— Ah, Uri, Uri, Uri... levar os outros a tomar atitudes que conduzem ao arrependimento, às lágrimas e aos pulsos cortados é o que eu sei fazer de melhor! Mas eu mudei, meu caro. Como os macacos despelados protegidos de vocês costumam dizer: “as pessoas mudam”. E eu mudei – pousou a mão sobre o ombro de Uriel e lhe ofereceu a expressão amigável de quem tenta acreditar nas próprias palavras. – Vou deixar meu amigo por aqui. Vai, vai dar uma volta – disse ao enxotar o diabrete do ombro, instigando-o a voar pelos campos do Paraíso. Quando a criatura alada perseguia algumas cigarras ao longe, Lúcifer voltou-se para Uriel, concluindo antes de prosseguir no caminho até o Altíssimo: – Só fiz isso porque você me chamou de “General”.

Cruzou os portões e teve um breve *déjà-vu* da última vez em que ali estivera, e não pôde deixar de imaginar como tudo estaria se tivesse logrado êxito naquela oportunidade. Teria se entediado também de ocupar o trono celeste? Teria cansado de ser o Deus do universo, Senhor de todas as coisas e de todas as almas? Uma melancolia amarga lhe preencheu o coração e, antes que alcançasse o terceiro degrau, o sorriso havia desaparecido de seu rosto.

Foi quando Uriel dirigiu-lhe a palavra novamente:

— Lúcifer...

— Sim – respondeu o Senhor das Trevas, interrompendo momentaneamente a escalada, mas sem se virar.

— As pessoas não mudam. Por mais que os outros tentem acreditar nisso e trabalhem e se empenhem com esse propósito, infelizmente foi a essa conclusão que cheguei, depois de muito observar o mundo dos homens... as pessoas não mudam – repetiu Uriel, com certa tristeza. – Tampouco os anjos ou os demônios podem mudar – afirmou o querubim guardião dos portões de safira.

— Eu sei, Uriel. Eu sei... — Lúcifer concordou, compartilhando da mesma melancolia.

E da mesma certeza.

## **CAPÍTULO VIII – O ACORDO ENTRE DEUS E O DIABO**

A longa subida tornou-se um intercalado de emoções e intenções conflitantes. Num degrau, Lúcifer pensava o que estava fazendo ali: envergonhava-se do papel ridículo a que estava se propondo, voltando, com o rabo entre as pernas e bandeira branca, ao lugar em que prometera retornar com um exército invencível às costas e não descansar enquanto não promovesse a mais cruel, terrível e irremediável aniquilação, e não pararia de atacar até que última pena da última asa do último anjo ainda tivesse o disparate de balançar ao vento. Imaginava se não seria melhor bolar um plano de última hora, um levante solitário, sorrateiro e inesperado, que lhe renderia o trono tão cobiçado. Mas o degrau seguinte o trazia de volta à insossa realidade que tentou negar por tanto e tanto tempo, mas agora tinha a consciência amarga de não haver como fugir: o Criador era mesmo invencível. A certeza incômoda de que naquele exato momento todos seus passos eram vigiados pelo Pai: todos os conflitos, contradições e devaneios que lhe explodiam dentro da cabeça, todos seus pensamentos, já eram de conhecimento do Altíssimo. Como seria possível vencer um inimigo assim? Ainda mais sem a essência do Caos. Sem sequer uma espada!

Ao tocar o pé em um novo degrau, porém, sempre aparecia um “e se...?” para dissipar as convicções da derrota decretada na antevéspera, clarear a visão, mostrar possibilidades ainda não imaginadas, artimanhas ainda não testadas, possíveis pontos fracos que jamais tiveram oportunidade de ser explorados. O coração se inflamava, batia acelerado acompanhando o ritmo da respiração, sentimentos há muito sepultados erguiam-se da cova, o universo adquiria cores vibrantes e parecia caber na palma da mão: todas as estrelas, galáxias, quasares e nebulosas, todos os seres que nadam, voam e rastejam, tudo que respira e se movimenta – pareciam implorar para que estivessem sob seu comando. Mas aí, vinha uma nova passada, e com ela um novo balde de água fria nas pretensões megalomaniacas. E continuou assim, nessa escalada bipolar, até quase o final da escadaria.

Então, encontrou Miguel.

— Não sei o motivo de tua presença aqui, Samael. Mas se o Altíssimo anuiu com tua vinda, estou certo que há algum propósito maior em tão inesperada visita – o arcanjo falou, sem qualquer traço de ressentimento na voz.

— Caramba, Miguelito, você ainda fala desse jeito que dá impressão de estar descrevendo eventos épicos a cada palavra? Precisa dar uma arejada, meu amigo, aprender umas gírias novas. Você fica muito preso aqui, quase não dá as caras, parece meio antissocial... o pessoal tava até comentando disso lá fora, sabia? – Lúcifer gracejou.

— Vamos! – Miguel chamou em voz de comando, virando as costas sem dar atenção às palavras do demônio. – Acompanhar-te-ei até a entrada do Templo Santo e lá ficarei de guarda, para te dissuadir de qualquer plano sórdido que possas vir a querer colocar em prática.

— Você sozinho, Miguelito? Da última vez que a gente brigou, eu te dei a maior surra, não lembra? Ficou uma cicatriz bem feia aí no olho, inclusive – disse Lúcifer, balançando a mão em frente ao próprio rosto para simular o corte da espada. Miguel continuou caminhando. – Você nunca pensou em pedir pra Ele dar uma reconstruída nisso aí? Talvez uma compressa com água da Fonte da Vida resolva, você já tentou? De qualquer forma, eu só vim mesmo pra conversar, mas já que você está tão preocupado com a segurança do Altíssimo, te aconselho a levar mais uns guardas, só pra garantir. Apanhar de novo vai ficar feio, né? Ainda mais na frente do patrão. Bom, quem avisa amigo é! Além dis...

— TU ME ATACASTE PELAS COSTAS! – Miguel virou-se repentinamente e esbravejou, expelindo de uma vez todo o ar dos pulmões e o ranço que lhe amargava a boca durante milênios. Sua ira fez tremer as montanhas do Paraíso.

Lúcifer riu.

— Ah, Miguel, você se apega muito aos detalhes. E também, águas passadas não movem moinhos. Vamos, vou parar de lembrar os velhos tempos porque já vi que isso te deixa meio nervosinho...

O Senhor das Trevas seguiu emitindo sons anasalados, que aludiam às canções de marcha de tempos remotos. Terminaram assim os degraus restantes da Escada da Purificação, entrando no Pátio da Alvorada onde os doze serafins com túnicas prateadas guardavam a Fonte da Vida. Continuaram a caminhada, chegando ao Caminho da Perfeição – a ponte invisível que liga a morada do Altíssimo ao restante da criação. Nessa ponte, sopram ventos que deslocariam planetas de suas órbitas e a qualquer criatura, seja do Céu, do Inferno ou da Terra, é impossível voar ali. Cada passo dura uma eternidade e quanto mais se avança, mais distante o Templo Santo se parece ficar. O caminho da perfeição é infinito e apenas os mais poderosos e obstinados entre os anjos poderiam cruzá-lo. Ali estavam eles, dando passadas cada vez mais lentas, cada vez mais inúteis, sentindo as pernas fraquejarem e a vontade de dar meia volta e deixar tudo pra lá avolumando-se no peito cada vez mais. Então, o vento soprou mais forte do que jamais havia soprado e os dois levaram as mãos ao rosto, a fim de se proteger dos fragmentos de entropia que vinham cavalgando no furacão. Quando tornaram a abrir os olhos, estavam diante da morada do Altíssimo, como se ali estivessem desde sempre. Olhando para trás, a ponte era curta, envolta numa calmaria ensolarada. O Pátio da Alvorada, os doze serafins e a Fonte da Vida estavam à distância de duas ou três batidas de asas.

— É, Miguelito, parece que chegamos – disse Lúcifer, observando as imensas colunas douradas que sustentavam a entrada do Templo. – Obrigado pela companhia, mas agora pode voltar, não quero te atrapalhar não. Bom, na verdade... acho que a gente tem intimidade suficiente pra ser sincero um com o outro, né? Então vou ser bem franco: eu não quero correr o risco de você ficar aí atrás da porta como quem não quer nada, ouvindo o que eu vou falar lá dentro. É assunto de Pai e *primogênito*, sabe? Coisa particular, acho que você entende, não? Pode ir, não vou atacar o Criador, minha espada ficou lá com o Uriel, inclusive. Pode ficar tranquilo. Confia em mim.

— Samael – a voz de Miguel sibilou com ira dessa vez –, esta cicatriz, que por vontade própria ostento em meu rosto, serve para



me lembrar do quão vil e traiçoeiro tu és. Jamais voltarei a confiar em ti, serpente dissimulada. E jamais abandonarei este posto de guarda, a menos que o próprio Criador ordene o contrário.

Nesse instante, uma luz capaz de ofuscar todo o universo emanou do templo. E a voz do Altíssimo se fez ouvir:

— Volte a teus afazeres, meu bom arcanjo Miguel. As palavras de Lúcifer, que veio até aqui na antiga forma de Estrela da Manhã, são verdadeiras. Não é seu intuito me atacar nesse momento.

— Olha só quem apareceu! – Lúcifer apontou com o dedo e virou a cabeça, como se aguçasse os ouvidos para ouvir melhor as palavras. – O que você estava falando mesmo, Miguelito?

— Que seja feita a vossa vontade, meu Senhor – Miguel ajoelhou-se de imediato e, em seguida, voou em direção ao Pátio da Alvorada para dar continuidade ao perpétuo treinamento de suas tropas.

Lúcifer sussurrou com entonação e empolgação de criança traquina: “se ferrôu...”, enquanto acompanhava Miguel bater em retirada. Então, o Anjo Caído entrou no Templo Santo. E assim, depois de muitos anos, Deus e o Diabo ficaram frente a frente outra vez.

\* \* \*

Lúcifer caminhou através do salão, olhando para a abóbada de altura impossível onde diamantes, rubis, safiras e esmeraldas do tamanho de pequenos planetas estavam cravejados, cintilando feito uma colcha de estrelas. Quando chegou perto do Pai, que o aguardava no trono celestial envolto em magníficas nuvens, girou a cabeça de um lado para o outro, contemplando todo aquele espaço vazio, e perguntou com o semblante espremido em sincera curiosidade:

— Você não se sente meio sozinho aqui de vez em quando?

— Daqui ouço todas as preces dos humanos – Deus respondeu.  
– Os agradecimentos que alguns ainda têm o hábito de fazer quando acordam e veem o Sol brilhar mais uma vez. Os chamados pelo meu nome nas horas de desespero. Ouço os pássaros que cantam na primavera e batem asas para fugir do inverno, vejo as abelhas construindo com esmero as favas dentro das colmeias,

sinto o calor dos pinguins que se amontoam em meio à neve e também a ferocidade dos ursos polares, das leoas e dos tubarões. Alegro-me com os anjos que entoam louvores debaixo do grande cipreste, com as crianças que atiram pedras no lago e com as boas almas que dão de comer a quem tem fome. Entristeço-me pelas maldades que os homens são capazes, absorvo o medo dos que morrem sozinhos na guerra, observo os vulcões, as tempestades, as estrelas que brotam no espaço vazio e os velhos que jogam migalhas aos pombos na praça. Sorrio junto com a mãe que vê o filho nascer e choro junto com os que seguram a mão de seus entes queridos durante o último suspiro. Aqui eu vejo, ouço e sinto essas e muitas outras coisas. Em verdade te digo: aqui vejo, ouço e sinto *todas* as coisas. Então, Lúcifer, Portador da Luz... não, eu não me sinto sozinho.

— É, deve ser legal... – disse Lúcifer, arqueando a sobrancelha e enrugando o queixo numa expressão teatral de admiração e surpresa. Em seguida apontou para o teto. – Nunca pensou em mudar essa decoração? Pegar esses artistas renascentistas que estão de papo pro ar lá no Jardim e dar serviço pra eles, mandar pintar um afresco, fazer um vitral, sei lá. Tem uns aí que eram bons quando vivos, não é possível que tenham perdido a mão. De vez em quando eu peço umas coisas desse tipo para os que estão lá comigo...

— Agradeço tua sugestão, Lúcifer, Estrela da Manhã – o Altíssimo interrompeu a ladainha de seu filho pródigo. – Mas, por ora, estou satisfeito com os ornamentos de minha morada.

— Que bom, fico contente em saber – o demônio respirou fundo, já se preparando para uma nova saraivada de palavras.

— Porém – Deus antecipou-se –, tenho certeza que não fizeste tamanha jornada somente para perguntar gentilmente como me sinto na vastidão de meus aposentos, tampouco de oferecer teus préstimos como arquiteto, estou certo?

— É, acho que, de um jeito ou de outro, você sempre está – deu de ombros.

— Então, Lúcifer, Portador da Luz, sobre o que vieste falar?

— Eu vim falar disso! Exatamente disso! – Lúcifer respondeu, apontando o dedo repetidamente na direção do Altíssimo.

— Disso o quê? Seja mais específico, Estrela da Manhã.

— Disso, Pai... DISSO! – O Senhor das Trevas insistiu, agora balançando compulsivamente as mãos com as palmas abertas viradas para cima, como se estivesse prestes a dar a explicação mais óbvia do mundo. Recobrou o fôlego e a postura e então continuou: – Desse negócio chato de você ficar perguntando coisas que já sabe as respostas.

— Como tens certeza que sei as respostas? – Deus perguntou, aprumando-se em seu trono sagrado.

— Você é onisciente, não é? Sabe tudo o que já foi e ainda há de ser, não sabe?

— Já conversamos várias vezes sobre isso, Lúcifer.

— Por favor, Pai... estou pedindo “por favor” (e você sabe melhor do que ninguém o quanto isso é difícil), então, por favor, me responda diretamente: você já não sabe porque estou aqui? Não sabia, antes mesmo de me criar, que um dia eu me rebelaria, tentaria subir até aqui para te arrancar do trono e acabaria derrotado, escorraçado do Céu para sempre? Não sabe de todas as reflexões que tive durante esse tempo e da conclusão que me levou a abandonar meus domínios e vir até aqui? Não ouviu a conversa que tive com Pedro, com Uriel e Miguel? Não está consciente das tentações com que lidei há pouco, dos planos para te destruir que pulularam em minha mente enquanto eu subia as escadas? Diga-me, Pai. Responda-me diretamente, só dessa vez, por favor... você já não sabia de tudo isso?

— Sim, Eu sabia – Deus confirmou, com a alegria na voz ecoando por todo o templo, reverberando nas pilastras douradas e nas ametistas que ornavam os vitrais.

— Então, Pai... por quê? Por que, *em teu santo nome*, você faz essas perguntas? É por acaso algum tipo de tortura? Você sente prazer em me fazer de bobo ou algo assim? Quer testar suas habilidades e adivinhar exatamente as palavras que vou falar? É um jogo para que eu fique pensando nas palavras que jamais usaria

para então dizê-las na intenção de te fazer errar? Por que, Pai? Por quê?

— No início – Deus começou a responder após breve pausa –, todo o universo era apenas silêncio. Tu consegues imaginar isso, Lúcifer? Eu criei o Paraíso, esse templo e esse trono. Nele me sentei e por muito tempo permaneci sem que som algum chegasse aos meus ouvidos. Então, estalei os dedos e o ar movimentou-se, passando entre as folhas das árvores e a relva que recobre o campo. O farfalhar das folhas das árvores e da relva do campo alegrou-me e vi que isso era bom. Fiz as estrelas e, por muito tempo, permaneci bem perto delas, escutando o crepitar das labaredas; criei pássaros que cantavam e junto a eles sorri incontáveis sorrisos, criei mares e dormi infinitas noites sob o doce som das ondas que quebravam espumadas na areia branca, ouvi de perto o estrondo dos vulcões e das tempestades. E vi que tudo isso era bom. Mas chegou um tempo em que mesmo Eu, que sou Senhor de todas as coisas, me senti só. Foi então que realizei minha mais bela criação – Deus sorriu, encarando os olhos de Lúcifer com ternura. – Alguém com quem pude conversar por uma quase eternidade, um filho amoroso que sempre me surpreendia com novas canções e novos poemas. Ah, quando tu cantavas, todo universo parava para escutar! Jamais existiu ou existirá voz igual a tua, Lúcifer, Estrela da Manhã. Lembra-te do *Poema da Criação* que compuseste e declamaste com maestria sem igual?

— Lembro vagamente... – o Diabo respondeu, fingindo dar pouca atenção aos elogios que recebera.

— Poderia declamá-lo novamente?

— Agora?

— Quando mais?

— Ah, Pai... agora não. Quem sabe outro dia? É que hoje eu não vim preparado, sabe como é? – Lúcifer disfarçou.

— Tudo bem, filho. Não é minha intenção te forçar a nada.

Deus disse isso e, depois, permaneceram em silêncio por alguns segundos que pareceram se arrastar por séculos.

— Tá, já entendi – o Anjo Caído, já agoniado, quebrou o silêncio. – Agora, mesmo já sabendo o que eu vou falar, você quer

ouvir da minha boca, não é isso?

— Exatamente! — o Altíssimo recostou-se no trono, semblante tomado por radiante satisfação.

O Primeiro entre os Caídos cerrou punhos e dentes, respirou fundo e deu uma boa olhada à volta, lembrando-se de tudo que já havia refletido até então e convenceu a si próprio uma vez mais de que qualquer tentativa de ataque direto contra o Criador seria absolutamente ineficaz, que fazer isso era sinônimo de ser expulso novamente do Paraíso, sob o olhar severo e desprovido de qualquer orgulho de Miguel (e essa ausência de soberba na alma do irmão era o que mais o irritava), e voltar para o inferno com o rabo entre as pernas, para receber o olhar triunfante (de quem se sente vitorioso com a derrota alheia) de Belial (e esse certamente o irritaria ainda mais). “Não, qualquer coisa menos isso...”, pensou. Abriu e fechou os dedos, relaxou a mandíbula e começou a falar:

— Então, pra resumir a história e não te encher com detalhes desnecessários, é o seguinte: eu me toquei que é inútil continuar travando essa batalha entre Céu e Inferno. Digo inútil porque agora tenho consciência de que não importa o que eu faça, vou acabar me estrepando no final, que não tem jeito, que não tenho a menor chance de te vencer e tal. Daí, eu engoli meu orgulho (e você sabe que isso foi mais difícil do que pedir “por favor”), deixei o cabeçudo do Belial tomando conta lá de baixo por um tempo e vim pra cá com duas bandeiras brancas presas à testa, uma no lugar de cada chifre, perguntar o que preciso fazer pra gente selar um acordo de paz, voltar as coisas como eram antes, ou o mais próximo disso que seja possível, depois de tudo que aconteceu. Bom, mais ou menos isso.

O Altíssimo uniu as pontas dos dedos em frente ao peito e encarou Lúcifer por momentos silenciosos, ponderando sobre as palavras que acabara de ouvir. Então se ergueu do trono, uniu as mãos às costas e iniciou uma caminhada de passos pesados, sem direção definida. Seus pés deixavam rastros em forma de ondas de luz no piso, que mais parecia um espelho a refletir a abóbada, e ecoavam pelo amplo salão como notas perfeitas extraídas do mais

afinado instrumento musical. Passou quase distraidamente ao lado do Anjo Caído e lhe falou essas palavras:

— As coisas não são assim tão simples, Estrela da Manhã.

— Por quê? – Lúcifer encarou-o com surpresa.

— Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti – Deus respondeu. – Tu me traíste da pior maneira que se poderia conceber. Lideraste um motim despropositado, que teve como resultado a queda da terça parte dos meus anjos. Não é algo que se resolva com uma bandeira branca, ou duas...

— Você não é capaz de perdoar? – o Diabo perguntou, num raro tom que empregava menos malícia que curiosidade.

— Claro que Sou. E, diferente dos anjos e dos homens, a quem perdoar é uma coisa e esquecer é outra, tudo que perdoado é atirado para sempre no mar do esquecimento.

— Se você tivesse dado aos humanos esse dom de esquecer completamente as ofensas, teria dificultado um bocado o meu trabalho – Lúcifer divagou, balbuciando para si mesmo com os olhos mirando o chão espelhado. – Mas, voltando ao assunto: então, por que você não me perdoa e esquece o que aconteceu?

— Exatamente isso que não é tão simples, Portador da Luz. Para que Eu possa perdoar, é necessário que antes haja arrependimento.

— Eu me arrependo – o Diabo adiantou-se.

— Arrependimento *sincero*, Lúcifer! – Deus cortou rapidamente, com uma pequena amostra da cólera divina transparecendo na voz. Depois retomou o tom sereno: – Tu não estás arrependido. Estás apenas triste e amargurado porque as coisas não saíram como planejavas. Ainda há pouco pensavas num modo de me atacar e só foste dissuadido dessa ideia por concluir que serias novamente derrotado. Não é verdade? Arrependimento é diferente de deixar de fazer algo por perceber que não vai dar certo.

— Pra mim é a mesma coisa – Lúcifer comentou, cruzando os braços e fazendo uma careta emburrada.

— Pois em verdade te digo que não, Estrela da Manhã. Não é a mesma coisa.

— Tá, digamos que, por mais que tente, eu não consiga me arrepender de maneira sincera, nem hoje, nem daqui um milhão de anos. Tem alguma outra coisa que eu possa fazer para que as coisas voltem a ser como eram antes? Antes da queda, eu quero dizer...

— Podes voltar a me amar como amavas antes – Deus respondeu, com um sorriso jovial.

— Como eu te amava antes da queda, antes das guerras contra o Caos, antes de você criar os humanos, o Miguel e os outros anjos? Como eu te amava quando éramos só nós dois, Pai e filho caminhando por um universo infinito, é isso? – Lúcifer perguntou, com uma emoção, há muito não sentida, amarrando a garganta e atrapalhando a correta entonação de algumas palavras.

— Sim, filho. Exatamente isso.

Lúcifer imergiu num oceano interno de silêncio e reflexões, lembrando-se de dias que há muito não ousava lembrar, dias que há muito decidira relegar a um canto escuro da memória e fingir que sequer tivessem acontecido. Os dias em que era o único anjo a habitar o Céu, em que amava o Pai de todo coração, de toda alma e todo entendimento, sem qualquer mácula, sem qualquer questionamento ou porém. Dias em que se preocupava apenas em compor canções e escrever poesias para mostrá-las ao Altíssimo e com Ele se alegrar.

Os dias mais felizes de sua vida.

Em verdade, os *únicos* dias felizes de sua vida.

— Você destruiria o mundo dos homens, apagaria da existência todos os outros anjos e apagaria da minha memória todas as lembranças das coisas que se passaram desde aquela vez em que conversamos à beira da Fonte da Vida? A vez em que te vi criando Miguel e senti ciúme, raiva e cobiça pela primeira vez? Você faria essas coisas por mim?

— Não, não faria – Deus respondeu sem hesitação, mas não sem certa tristeza.

— Nós dois sabemos que é impossível que eu volte a te amar como amava antes, sem que as coisas voltem a ser como eram antes e, principalmente, com as lembranças do que aconteceu

depois martelando na cabeça o tempo todo – Lúcifer concluiu, abatido. – Hoje, depois de tanta coisa que já fiz, depois de tanto ódio e rancor que cultivei em tantos corações, principalmente no meu próprio, já nem sei se ainda sou capaz de amar a você, aos anjos, aos demônios ou qualquer outra coisa. Sou?

— Sim, Lúcifer. O amor é uma dádiva acessível a todas as criaturas sem exceção, a qualquer momento. Não importa quanto uma alma esteja submersa nas trevas, ela ainda é capaz de amar e de retomar o caminho da luz. Qualquer alma. Até mesmo a sua... – o Altíssimo respondeu, voltando a tomar assento no trono celestial.

— Tudo bem, eu abro mão da minha vontade, me faça voltar a amar. Estale os dedos e livre a minha alma de todos os sentimentos ruins e depois preencha tudo com amor, até transbordar. Eu quero amar todo mundo! Você, os humanos, os passarinhos, os outros anjos... até o Miguel e o Belial! Você pode fazer isso? – Lúcifer perguntou em tom de desafio.

— Eu posso fazer qualquer coisa. Mas essa eu não faria.

— Por quê?

— Porque tudo posso, mas nem tudo me convém! – Deus esbravejou. – Que valor teria esse amor, me diga? Nenhum! O amor só vale quando é a opção que se escolhe em meio a infinitas outras possibilidades.

— Parece que caímos num beco sem saída, então – o Primeiro entre os Anjos abriu os braços, conformado. – Eu posso até falar que te amo agora, mas você saberia que não é verdade, saberia que é da boca pra fora e não de coração. Poderia ficar aqui um tempo, para ver se o amor volta a florescer como algo mágico no meu peito, mas duvido muito que isso aconteça. Se bem me conheço, em pouco tempo estaria corrompendo outros anjos para tentar novo levante. Então, eu volto lá para o Inferno, pra continuar traçando planos de uma guerra que já sei de antemão que está perdida, ou tem algum outro jeito, alguma outra coisa que possa fazer para selar esse acordo de paz, para me redimir?

Deus ouviu as palavras de Lúcifer e olhou em seu coração. E viu que aquela era uma rara oportunidade em que o Senhor das Trevas falava em tom humilde e sincero. E viu também que a



vontade de mudar, mesmo que originada pelos motivos errados, era genuína. Então, o Altíssimo decidiu que seria justo dar uma chance de redenção àquele que agora possuía a alma mais cheia de trevas em toda a criação, mas que um dia já fora a alma que brilhava como a Estrela da Manhã. Dessa forma, propôs Ele ao Diabo:

— Enviar-te-ei ao mundo dos vivos, para que convivas com eles. Tua missão será fazer algo bom pela humanidade e por ti mesmo. Se conseguires isso, ponderarei com mais calma sobre teu pedido de redenção.

— O que seria exatamente esse “fazer algo bom”? – Lúcifer perguntou, coçando o queixo.

— Ora, tu não foste criado apenas como o mais belo entre os anjos, mas também como o mais inteligente. Estou certo que conseguirás pensar em algo.

— Você tem noção do quanto é difícil arrancar uma resposta direta sua? Bom, seja como for, eu topo. Parece que será no mínimo divertido.

— Ótimo! – Deus alegrou-se. – Apenas uma coisa mais: na Terra, permanecerás com teus poderes de anjo, mas não poderás usá-los. Caso os utilize, em qualquer circunstância, o trato estará desfeito. Terás que viver e agir como um homem comum, pelo tempo que permaneceres por lá.

— Hum... – Lúcifer tentou imaginar as implicações daquilo. – Isso tá parecendo mais o tipo de cláusula que eu coloco nos contratos de compra de alma, mas tudo bem. Como dizem na Terra: “já que estamos no inferno, então vamos logo abraçar o capeta!”.

Deus balançou a cabeça em desaprovação, mas sorriu. Depois, estalou os dedos.

E assim, Lúcifer materializou-se no mundo dos homens.

## **CAPÍTULO IX – O PÃO QUE O DIABO AMASSOU**

Lúcifer mergulhou num mundo de escuridão. Não a escuridão fria e agonizante igual a que estava acostumado depois de séculos e séculos no comando do Inferno, mas a escuridão silenciosa da não existência. Depois de um segundo ou, talvez, de uma eternidade, sua alma trouxe à tona, em forma de sonhos, lembranças que julgava perdidas, eventos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos, recheados de detalhes que causavam estranheza: objetos que pareciam ter outras cores, pessoas que pareciam ter outras vozes, ações e reações que o tempo havia cuidado de deixar mais palatáveis e agora se revelavam com a crueza da realidade. A realidade que só pode ser reconstruída no reino onírico, quando a consciência baixa a guarda e os tormentos da memória podem se mostrar como realmente são. Sonhou com os campos verdes do Céu, com acordes de harpa, com poemas que não terminou e haveriam de ficar inacabados para sempre. Sonhou também com frutos proibidos, com os seios e o ventre nu de Eva, com a derrota que sofrera nos quarenta dias do deserto, com crucificações e com os três dias de desforra. Tão curtos. Sonhou com o Pai, com Miguel, Belial, Lilith e todos os outros anjos e demônios. Sonhou com o Lago de Fogo e com a Fonte da Vida. Aquela água cristalina. Água... tão fria. Água... tão... molhada. Água... Água...

— Acorda, vagabundo! – o homem de camisa azul e bigodinho fino gritou, enquanto esguichava com a mangueira para expulsar Lúcifer da calçada em frente à porta de metal. – Vai, filha da puta, anda! – insistiu, direcionando o jato d’água para o rosto do Primeiro entre os Anjos, que levantou cambaleando, tentando se proteger com as mãos, sem fazer a menor ideia do que estava se passando. – Vai, vai dormir pra lá. Olha aí, que merda, cheiro de mijão que esses porras deixam na porta da minha loja! – Lúcifer se afastou e agora o homem de bigode fino praguejava em voz alta, lavando a calçada amarelada pela urina dos cães, dos mendigos e dos boêmios.

Recuperado do “ataque surpresa” e com os olhos acostumados à luz do Sol, Lúcifer se sentou em um banco da praça, em frente à loja de ferramentas e materiais de construção de onde acabara de ser enxotado feito cão vadio. Teve o ímpeto de atravessar a rua de volta, entrar na loja, pegar um martelo e bater naquele homem até a camisa azul ficar vermelha e até que em seu rosto não sobrassem vestígios de bigode fino, nem de nariz, nem de dentes, nem de olhos, nem de nada. Mas se controlou. Ainda era demasiado cedo para colocar tudo a perder. Porém, marcou bem o rosto, para o caso de algum dia reencontrá-lo no Inferno: certamente aquela alma teria um tratamento *especial* se isso acontecesse. Observou ao redor –uma estátua, de um grande poeta, com o metal escuro sufocado sob as fezes dos pombos e a placa explicativa (que podia se contar nos dedos quantas vezes havia sido lida desde a inauguração), ganhando ares carnavalescos com as pichações que se sobrepunham dia a dia; um morador de rua fuçando as lixeiras e conversando consigo próprio, como se o futuro da humanidade dependesse das decisões tomadas naquele “debate”; alguns pardaizinhos que se amontoavam perto da estátua, disputando, a bicadas, as pipocas que duas amigas com uniforme escolar deixaram cair; os ônibus lotados freando raivosos e contrariando leis da física ao ficar ainda mais cheios, depois de pegar as pessoas com cara de sono no ponto ali perto; a velha senhora com lenço rosa cobrindo a cabeça, atirando migalhas aos pássaros com toda solidão do mundo refletida nos olhos; a menina suja chorando num canto, com a mão estendida aos passos indiferentes de toda aquela gente de bem que caminhava apressada para as repartições, para as lojas, para as pias e privadas, para os computadores, cafés, restaurantes, cartórios e sabia Deus mais para onde.

“Caramba, o que é que eu tô fazendo aqui?”, foi a primeira coisa que Lúcifer pensou após suas observações. Imaginou o que estariam comentando a seu respeito no Inferno a essa altura, e não conseguiu deixar de se sentir ridículo. Um sentimento que fez as bochechas formigarem e o rosto queimar em brasa. Sensações novas, que lhe despertaram repentinamente a curiosidade em relação à própria aparência. Mãos e pés estavam imundos, com

encardidos debaixo das unhas que não davam mostras que sairiam mesmo se mergulhados no Lago de Fogo. Foi até a vitrine de um estabelecimento próximo à praça e, antes que fosse mais uma vez escorraçado, conseguiu ver que trajava o “uniforme” de mendigo, dos sapatos largos e furados à manta cinza, que arrastara até aquele momento sem perceber. A beleza de seu rosto estava submersa em camadas e mais camadas de rugas e sujeira, barba e cabelo desgrenhados, esbranquiçados pelo Sol. Segurou um fio aleatório e fez menção de arrancá-lo, mas apenas ficou com ele preso entre polegar e indicador por um tempo. Sentiu-se triste e completamente sem rumo.

“Isso é parte do teste, é evidente”, começou a pensar, retomando assento no banco. “Agora eu tenho que fazer algo bom por esses idiotas, mas o quê? Bom, talvez pudesse começar conversando com aquela menina...”. Lúçifer encarou a garota pedinte que ainda chorava com o braço estendido, sem muito sucesso na arrecadação das esmolas. Levantou-se, enchendo os pulmões de coragem e foi até ela.

— Oi, menina... – cumprimentou com cordialidade e um sorriso que a garota não viu, por estar com a cabeça abaixada. – Por que está chorando? – esforçou-se para soar interessado, mas suas dissimulações ainda não estavam adaptadas ao novo corpo e a voz acabou saindo esganiçada.

— Eu tô com muita fome, moço! – ela respondeu, de um jeito que cortaria o coração de uma rocha. – Dá um trocado, pelo amor de... – Nesse momento, a menina ergueu os olhos e notou que falava com um mendigo. Seu semblante então ganhou ares de ódio e malícia que Lúçifer não via desde que deixara o Inferno. – *Quê que `cê quer aqui, vacilão? Tá me atrapalhando, sai fora, ninguém vai me dar dinheiro com você aí do lado! Vaza, porra!*

Sem conseguir responder nada, o Diabo limitou-se a retornar ao banco, e repensar as estratégias. Estava apenas há alguns minutos entre os humanos e já os odiava ainda mais do que quando abandonara o Castelo das Trevas. Outra menina, com roupas rasgadas e rosto sujo, tão ou ainda mais nova do que aquela com quem acabara de conversar, sentou-se a seu lado.

— 'Cê é novo aqui, né, tio? – ela perguntou, balançando as pernas que não alcançavam o chão e encarando Lúcifer, com um olho fechado e outro aberto.

— É... de certa forma, acho que se pode dizer que sim – o Senhor das Trevas respondeu, sem muito interesse.

— Meu nome é Gisele, mas todo mundo me chama de Giza. E o seu?

— Meu nome é... – Lúcifer travou por alguns instantes. Não havia pensado em como poderia se apresentar no mundo dos vivos sem gerar olhares horrorizados. – Meu nome é Lucien. Isso, Lu-cien! – Testou a sonoridade das sílabas, sem receio de parecer maluco. – Mas pode me chamar de "Lu".

— Vou te chamar de "tio"! – a menina decretou, assim que Lúcifer acabou de falar. – E por que você tá tão pensativo, hein, tio?

— Você não acha que é curiosa demais pra uma menininha de... oito anos?

— Dez, tio. Já tenho dez e mês que vem faço onze. Mas não foge da minha pergunta não, por que você tá aí todo molhado e todo jururu?

— Bom, estou molhado porque o simpático senhor daquela loja de ferramentas fez o favor de me acordar com um belo banho...

— Ah, tio, 'cê vacilou também, né? Pessoal das lojas tá fazendo isso agora, melhor arrumar outro canto. Mas continua, por que essa cara de quem comeu e não gostou?

— É que... – Lúcifer não sabia ao certo porque estava fazendo aquilo, mas sentiu uma vontade estranha de *desabafar* com a menina que acabara de conhecer. Percebia esse comportamento quando observava os humanos: alguns eram capazes de contar a vida toda e expor terríveis medos e anseios a completos desconhecidos com quem esbarravam nos ônibus, trens ou filas e permanecer no mais sepulcral dos silêncios quando estavam na presença de maridos, esposas, familiares e amigos de longa data. A intimidade e o tempo de convivência pareciam tirar das pessoas o gosto pela conversa, enquanto um rosto novo sempre fazia reacender a chama que aquecia o espírito e gerava uma comichão nas cordas vocais. Era essa vontade de falar e revelar segredos que

Lúcifer sentia agora. – É que eu tenho que fazer uma coisa, mas não sei muito bem o que é. E também não sei direito se eu realmente quero fazer essa coisa que eu tenho que fazer, mesmo se soubesse o que é essa coisa. Entendeu?

— Nadinha! – a menina riu.

— Nem eu! – Lúcifer também experimentou uma gargalhada. – Acho que, resumindo, eu estou meio perdido. É mais ou menos isso.

— Olha, tio, não sei se vai adiantar algum lado pra você, mas vou te falar uma parada que a minha mãe sempre falava quando descobria que eu tinha feito alguma coisa errada na escola ou algo do tipo. Ela me chacoalhava pelo ombro e gritava: “Gisele, da próxima vez você pensa o seguinte antes de sair por aí fazendo besteira: o que Jesus faria nessa situação?” – a menina falou, imitando a voz e a “chacoalhada” da mãe.

— Hum... – Lúcifer fez uma cara de asco. – Acho que vou tentar uma ou duas coisas antes de experimentar essa técnica. Mas isso dá certo pra você?

— Algumas poucas vezes, sim. Mas, na maioria, eu só lembro de Jesus depois de já ter feito a burrada – Gisele encolheu os ombros, como se não desse muita importância a isso.

— Você tem mãe? Escola? Como veio parar na rua? – Lúcifer apurou-se no banco.

— ‘Cê não acha que tá querendo saber demais pra um tiozinho de... quarenta? Quarenta anos? – a menina provocou.

— É um pouquinho mais que isso, mas... sempre bom ouvir a idade errada pra menos – o Senhor das Trevas respondeu com uma alegria que o deixou surpreso. – Agora, para de fugir da minha pergunta.

— Eu morava com a minha mãe, meu pai e três irmãos – as pernas pararam de balançar e o olhar fixou-se triste em algum ponto da calçada. – A gente morava num barraco e dormia amontoado um por cima do outro, mas era melhor que dormir debaixo de papelão. Meu pai era ciumento e bebia mais que gambá... bom, eu nem sei o que é um gambá e nem sei se o bicho bebe, era minha mãe que falava isso – Giza deu um riso anasalado. – Ele vivia ameaçando que se pegasse minha mãe dando confiança

pra outro macho não ia prestar, que ia bater nela até ela morrer. Essas coisas. Não sei se minha mãe deu “confiança pra outro macho”, só sei que um dia meu pai chegou em casa mais travado que de costume e cumpriu a ameaça. Montou em cima dela no sofá, bem na nossa frente e começou a bater – Gisele imitou os golpes, batendo no ar. – Meu irmão maior não estava em casa, o do meio tentou ajudar, mas levou uma que arrancou os dentes. Eu fiquei escondida debaixo da mesa, tapando os olhos do caçula e vendo aquele animal acabar com a vida da minha mãe, com um tijolo que ele pegou sei lá da onde. Ela foi pro cemitério, ele pra cadeia e a gente fugiu pra rua.

— É, acho que seu pai não pensou no que Jesus faria naquela situação – Lúcifer falou baixo, erguendo as sobrancelhas e tentando controlar o tom sarcástico.

— É, acho que não...

— E os seus irmãos? – o Portador da Luz perguntou, tentando mudar o assunto para algo mais agradável.

— O menor morreu de asma, na terceira noite gelada que a gente passou aqui. O mais velho entra e sai toda hora da *Fundação Casa* e o outro tá indo pro mesmo caminho. Difícil ver eles dois. Também, não faço nem questão – Giza deu de ombros, mantendo os olhos perdidos nos ladrilhos sujos da calçada.

Lúcifer permaneceu em silêncio, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Lembrou-se, com certo orgulho, de quantas famílias ele próprio já havia destruído pessoalmente, valendo-se das mesmas velhas armas, que quando combinadas geravam um efeito devastador: ciúme e bebida. Olhou para aquela menina maltrapilha e sentiu vontade de conversar mais, de ouvir mais a voz fina que falava com entonação de malandro, com a malícia das ruas e o amargor com que falam aqueles que já sofreram muito na vida, mas que, ao mesmo tempo, era imbuída de uma doçura que lhe trazia à memória o som da velha harpa. De súbito, a menina voltou a balançar as pernas e falou, com a tristeza saindo do semblante sem deixar vestígios:

— Eu não gosto de ficar pedindo esmola – ela apontou com a cabeça na direção da outra menina, que continuava com o choro

sem lágrimas na esquina. – Prefiro fazer um corre.

— “Fazer um corre”? Estou desatualizado das gírias... o que seria isso, mais especificamente? – Lúcifer agora olhava para ela com curiosidade.

— Ah, tio. Tem um monte de corre que dá pra fazer. Tava pensando num esquema novo, inclusive. E ia precisar de um adulto pra ajudar... tá a fim? – a garota propôs, tirando um saco plástico do bolso da bermuda.

Lúcifer não sabia qual era exatamente a proposta, mas tinha consciência que aquela gíria implicava na prática de alguma modalidade de furto. Sua primeira reação foi de satisfação, pela pequena alma que se corrompia desde cedo, mas lembrou do porquê de estar ali, com uma certeza cada vez maior de que aquilo não iria dar certo. Ouvia algumas vezes, da boca de alguns humanos, desses que discursam melhor do que colocam em prática os próprios ensinamentos, que fazer o bem, mesmo que por pura obrigação, mesmo que para isso fosse preciso dobrar a própria vontade e remar contra os instintos naturais, seria um caminho para purificar a alma e torná-la boa. Sempre considerou isso uma completa bobagem, apesar de ter presenciado, ao longo da história, um ou outro caso em que a “técnica” surtiu algum efeito. Mas, agora, encarava esse dogma como um possível caminho inicial em sua jornada. Ora, não havia nada a perder, afinal.

— Não sei, Giza. Não sei se “fazer um corre” é uma boa ideia – as palavras saíram frias, sem a menor convicção. – Provavelmente é por causa desse tipo de coisa que seu irmão mais velho foi parar na casa de recupe... heii, o que é isso? – Lúcifer se surpreendeu quando a menina começou a inalar dentro do saco plástico.

— Cola de sapateiro – Giza respondeu com a maior naturalidade do mundo. – Ajuda a tapear o estômago. Tá a fim, tio?

— Isso faz mal, não faz? – a pergunta saiu com preocupação mais sincera do que Lúcifer esperava.

— Passar fome também faz... – ela encerrou o assunto.

Fome. Então era assim. Outra sensação nova para o Primeiro entre os Anjos. Um barulho vindo do estômago, uma dor vazia que tirava as forças e incomodava. Então, de repente, Lúcifer não



conseguia mais pensar em redenção, nem em salvação ou danação, em guerra, em bem e mal, nem em mais nada. Só conseguia pensar em calar aquele animal feroz rosnando na própria barriga, em saciar o instinto primitivo que tantas vezes havia usado a seu favor para corromper os homens. Imaginou uma voz a lhe soprar nos ouvidos, em tom de desafio: “Não és tu o mais poderoso dos anjos? Transforma aquelas pedras em pão e mata tua fome!”. Imaginou-se fuçando as lixeiras, à caça de sobras deixadas pelo outro mendigo que passara por ali antes. Imaginou o que os demônios pensariam se o vissem em situação tão humilhante. Jamais recuperaria o moral, concluiu.

Sentindo-se sem escolha, levantou-se decidido e falou:

— Tá bom, menina. Vamos fazer esse tal desse corre.

## **CAPÍTULO X – FAZENDO UM “CORRE”**

Giza puxou “Lucien” pelo braço, erguendo-o do banco. Estava empolgada de um jeito contagiante como só as crianças, mesmo as que já viram e sentiram coisas que ninguém de nenhuma idade deveria ter visto e sentido, conseguem ficar. Não fazia, evidentemente, a menor ideia de que se afeiçoara de imediato e agora arrastava pelas mãos aquele que já fora o Portador da Luz, o Primeiro entre os Anjos e também o Primeiro entre os Caídos, aquele que brilhava como a Estrela da Manhã e depois se deixou consumir até se tornar a representação máxima das trevas. Aquele que agora descobria um mundo repleto de sensações novas e, mesmo sem saber ao certo o que encontraria, estava disposto a trilhar os caminhos que se apresentassem à frente, destemido e alegre feito desbravador colocando os pés na terra firme de um continente virgem, após extenuante viagem por um oceano repetitivo.

Chegaram numa esquina infestada de gente que ia e vinha para todo lado num frenesi caótico e ao mesmo tempo sincronizado, digitando mensagens apressadas no celular, fumando, imersas no universo particular dos fones de ouvido, vendo as manchetes do caderno de esportes e as capas de revista de mulher pelada que se apinhavam chamativas nas vitrines das bancas, conversando por obrigação com colegas de trabalho que encontraram no caminho, praguejando sozinhas sobre o trânsito, sobre a poluição, a lotação do metrô, o motorista do ônibus que não parou no ponto, as calçadas quebradas onde os saltos teimavam em ficar presos, o fedor dos bueiros e dos mendigos, o patrão que já não se aguentava nem ver mais a cara quanto mais ouvir a voz cobrando alguma coisa, o Sol forte, o café fraco, a chuva que sempre caía na hora de ir embora e insistia em não encher a represa, sobre o vento que aos olhos trazia poeira e sobre tudo mais que se podia praguejar a respeito dos infortúnios e desventuras da vida cotidiana.

Gisele começou então a explicar o plano a Lúcifer. A voz estridente de menina quase não se fazia ouvir em meio ao alarido

das buzinas e dos incessantes fragmentos de conversa dos transeuntes, os olhinhos brilhavam e as mãozinhas não paravam de gesticular, com a firmeza e a convicção de um tenente que explica complexas estratégias de guerra aos soldados sob comando:

— É fácil, tio. Você só tem que fingir que é retardado.

— O quê???

— Retardado, tio! *Mongolóide*, assim, ó... – Gisele revirou os olhos, torceu a boca e o pescoço e trouxe as mãos junto ao corpo, como se fossem as patas de um Tiranossauro Rex. – Se você conseguir babar, é melhor ainda.

— Tá, mas no que isso vai ajudar?

— Então, tio, deixa eu terminar – Giza voltou a falar, com aquela certeza que só têm os loucos e os inocentes. – Eu vou falar pras pessoas que você é meu pai e que tá precisando de um tratamento e que no hospital público a fila tá pra mais de dois anos e se você não fizer a cirurgia logo vai morrer ou ficar vegetando numa maca pelo resto da vida, tá ligado?

— Pensei que você não gostasse de pedir esmolas... – Lúçifer observou, com o sarcasmo que não o abandonava, fosse em forma de anjo, demônio ou humano.

— Não, tio, não é esmola não! Se liga no movimento! Quando eles tirarem a carteira do bolso, pra pegar a grana pra te ajudar, aí é que começa o corre... – ela exibiu o ar de triunfo instrutivo do enxadrista experiente que dá xeque-mate num novato. – Presta atenção, hein, tio! Nessa hora que ele ou ela puxar a carteira, você tosse com força, geme e olha pro alto, que nem se tivesse engasgado com alguma coisa, tá ligado? E também não esquece de dar um passo na direção da pessoa. Se você fizer direitinho, vai chamar a atenção e daí eu dou um bote na carteira e saio correndo. Você vai ter fechado o caminho com o passo à frente e aí já era, ninguém me pega mais. E aí, o que achou? – ela perguntou com os olhos de jabuticaba cravados nos de Lúçifer, sorrindo com o rosto inteiro, alegria transbordando no semblante.

— Quer que eu fale com sinceridade?

— Claro! – Giza afirmou, colocando as mãos na cintura e erguendo a sobrelha esquerda numa cara desconfiada que

deixava ainda mais evidente a covinha na bochecha.

— É a ideia mais idiota que eu já ouvi – Lúcifer falou em tom de brincadeira. – E olha que já escutei várias, pode acreditar!

— Você tem alguma ideia melhor, tio? – ela perguntou, sem se deixar abalar.

— Hum... por que a gente não faz o contrário? Você se faz de “retardada” e a gente só fica com o dinheiro que nos derem, sem roubar ninguém – o Diabo propôs, torcendo em seu íntimo para ter a ideia refutada.

— Pai pedindo dinheiro pra filho já tá muito manjado, tio. Ninguém cai mais nessa não. Olha lá... – apontou para o outro lado da rua, onde uma mulher pedia esmolas embalando um bebê no colo e era solenemente ignorada por todos os pedestres. – Viu? Nem com nenê funciona mais. Essa não colou, próxima ideia... – Gisele cruzou os braços e começou a bater o pezinho no chão, em desafio.

— É que, na verdade, eu não gosto dessa ideia de roubar – pela primeira vez em sua existência milenar, Lúcifer soou como um péssimo mentiroso, e ruborizou ao perceber isso.

— Tio, eles têm emprego, têm carro, casa. Eles têm vida. Uns trocados não vão fazer tanta falta. A gente não tem nem o que comer. No final do mês eles ganham mais. Não é?

Lúcifer pensou um pouco e não soube o que responder. Ele próprio, nas ocasiões em que se entediava do Castelo das Trevas e resolvia perambular como uma sombra fria no mundo dos vivos, já havia soprado aqueles mesmos argumentos nos ouvidos dos desafortunados e obtido resultados satisfatórios (roubos) e muito satisfatórios (roubo seguido de assassinato) por incontáveis vezes. Mas agora era diferente. Ele estava tentando ser diferente. Ou pelo menos estava certo que começaria a tentar em algum momento. O estômago roncou novamente e os dilemas sobre certo e errado, sobre o que deveria ser feito ou não, foram embora. Restava uma última dúvida:

— E se a pessoa resolver me bater pra descontar a raiva enquanto você foge?

— Tio, quem vai bater num retardado? É só você imitar direitinho que ninguém vai te bater não. Imita aí, deixa eu ver...

— Eu não sei imitar – Lúcifer se fez de difícil.

— Vai, tio, para de fazer *cu doce*... sabe sim! – Gisele insistiu, puxando a manga da camisa do novo amigo.

— Tá bom, vai...

Lúcifer contorceu todo o rosto, dobrou as mãos e os joelhos, andou torto, gemeu sons incompreensíveis e encerrou a performance magistral ao deixar uma baba viscosa escorrer pela barba desgrenhada. As pessoas passando ao lado olharam-no com pena e, ao mesmo tempo, tiveram a incômoda felicidade disfarçada de alívio que chega à alma sem ser convidada quando se vê de perto alguém em situação de completa desgraça e se pensa: "graças a Deus, eu não sou assim. O que são meus problemas, quando comparados a essa tragédia, a essa crueldade da natureza?". Gisele gargalhou, batendo palmas em aprovação:

— Tá perfeito, tio! Perfeito! Vamos?

Eles foram. Lúcifer continuando com sua interpretação digna de estatueta e Gisele conduzindo-o pela calçada, procurando uma vítima em potencial para o golpe. Não demorou a avistar uma senhora distinta saindo da estação de metrô. Trajava saia cinza quadriculada, uma blusa preta e vistosa, salto (alto, mas não muito) e um terninho que fazia conjunto com a saia. Trazia no pescoço dois ou três colares, que pareciam ser de verdade (caros, em outras palavras), tinha os cabelos grisalhos cuidadosamente penteados para trás, o rosto maquiado com pó muito branco e segurava a bolsa com tanta displicência que Gisele chegou a pensar que seria mais fácil tomá-la de uma vez, sem a necessidade de todo aquele teatro que planejava. Quando chegaram perto, porém, a mulher parecia ter sentido os olhares cobiçosos que a rodeavam e aprumou a bolsa no ombro, enlaçando-a com o braço gordo.

— Tiaaa... – Gisele iniciou a abordagem, falando de um jeito que quase enganou e encheu de pena o coração do próprio Lúcifer, que babava e grunhia sílabas desconexas a seu lado. Num fôlego só, sem perder a ternura, a menina fez o show: – Meu pai tava indo pro trabalho daí ele foi assaltado e bateram nele e ele caiu do

ônibus tia e quase quebrou a cabeça na guia e daí ele ficou internado tia e foi mandado embora depois e ficou assim e agora ele tá precisando muito de um transplante de fígado senão ele vai ficar assim pra sempre tia a gente tá morando na rua eu não sei onde tá a minha mãe e tenho que ajudar meus irmãos e...

— Como é seu nome, filha? – a senhora perguntou, interrompendo a criança antes que ela continuasse falando até o fim do mundo.

— É Gisele, tia. Mas todo mundo me chama de Giza.

— Olha, Giza, eu tenho um filho... deficiente... e só eu sei quanto foi difícil criar aquele menino. Até hoje. Até hoje, meu Deus! – Os olhos da mulher perderam-se em algum lugar do passado e transbordaram a amargura de uma vida de renúncias. – Tá aqui, filha, um dinheirinho pra te ajudar.

A velha abriu a bolsa e, depois de revirar um pouco o interior, tirou dela uma carteira comprida, de couro vermelho. Gisele arregalou os olhos na direção de Lúcifer e ordenou entredentes: “Vai!!!”. E ele “foi”. Aproximou-se da velha de modo atabalhado, emitindo um grunhido que inspirava ojeriza e ao mesmo tempo pena, olhando para o alto como se visse alguma coisa além das nuvens finas espalhadas pelo céu sem muita imponência, cobrindo o azul aqui e ali. A senhora de terninho cinza arregalou os olhos, sem saber se recuava, se saía correndo de uma vez, se gritava por uma ambulância para acudir o homem ou se gritava por um táxi para acudir a ela própria, levando-a embora do detestável centro da cidade, que a cada dia só ficava mais fedido, mais sujo, mais cheio de gente *feia* e mal-educada, falando alto nos mais variados sotaques e emprestando um aspecto de circo de horrores do século passado àquela região abandonada por Deus, pelo poder público e pelas mínimas regras de etiqueta. Demorou um pouco a perceber que a carteira vermelha não estava mais em suas mãos, mas nas de Gisele, que agora já corria longe, imiscuindo-se à multidão que saía e entrava num fluxo interminável pelas escadarias do metrô. Ao notar o furto e, principalmente, a completa impotência diante da cena que se desenhava à sua frente, a mulher soltou um gritinho fino e contínuo, agudo o suficiente para se destacar em meio aos

escapamentos das motos e alto o suficiente para chamar a atenção do povo que passava perto. Ela agarrou a bolsa com as duas mãos e a sacudiu no ar, com raiva, como se apertasse o pescoço de alguém. No mesmo tom agudo, continuou gritando, carótida querendo explodir no pescoço: “Eu fui assaltada! Eu fui assaltada!”.

Pensou que sua indignação geraria uma comoção popular, que todos interromperiam seus trajetos para perseguir a ladrazinha, até o inferno, ou mesmo até a última estação da Zona Leste se fosse preciso, que ninguém descansaria até que a carteira fosse recuperada e a pequena malfeitora fosse amarrada a um poste para receber uma boa lição (com fins educativos, visando o bem da própria menina, claro) e servir de exemplo aos outros vagabundos que infestavam aquele lugar maldito. A indignação transformou-se em ódio, ao constatar que ninguém deu a menor bola para o infortúnio que acabara de ocorrer com ela. Ódio contra o mundo injusto em que cidadãos de bem ficavam expostos à barbárie, contra o governo que não *dava logo um jeito* nesse povo que nunca haveria de se endireitar, ódio contra os covardes sem coração que a ignoraram, contra os desalmados que além de não ajudar ainda tiveram a pachorra de rir da cara dela, ódio contra a polícia que nunca estava por perto quando mais se precisava e ódio contra Deus, que não mandou do Céu um de seus raios fulminantes para interceptar a menina, antes que ela conseguisse fugir levando consigo a carteira vermelha.

Toda essa erupção de sentimentos demorou apenas alguns segundos, mas fez jorrar na corrente sanguínea uma adrenalina estocada há muito tempo. Foi aí que ela tornou a enxergar o “pai deficiente” da menina. Lúcifer ainda estava todo torto, com os joelhos dobrados para dentro e as “mãos de dinossauro” curvadas à altura do peito; parara de grunhir e a cabeça ainda estava voltada para o alto, mas os olhos miravam para baixo, encarando a senhora. Pequenos espasmos no rosto denunciavam uma gargalhada ávida por escapar. Todo ódio da mulher foi canalizado em um único ponto.

— Seu miserável! — ela gritou com os lábios quase cerrados, desferindo uma bolsada que fez o Primeiro entre os Anjos

cambaleiar para o lado.

Foi a vez de Lúcifer não saber se era melhor correr, continuar com a imitação, roubar também a bolsa e fazer a velha enfartar de uma vez ou apenas se defender e ver o que acontecia. Optou por continuar com o disfarce e passou a grunhir “socôuooo, socôuooo!”, olhando para o céu enquanto apanhava. A imitação do Anjo Caído era tão boa, talvez até mais convincente do que se fosse um deficiente mental de verdade, que as pessoas que haviam parado e já formavam uma roda para acompanhar a cena tragicômica começaram a ficar com pena dele. Começaram também a encarar aquela senhora de olhos esbugalhados e dentes de cão raivoso à mostra, que batia com violência desproporcional, sem trégua e sem motivo aparente, no indefeso morador de rua, um homem irreversivelmente enfermo, que jamais faria mal a ninguém. A própria senhora, vendo todo o sofrimento que se desenhava no rosto sujo do mendigo, convenceu-se de que ele era mesmo inocente, que sua doença era real e que ela havia agido como uma megera. Seu rosto corou por baixo da maquiagem. Respirou fundo, ajeitou o terninho e o cabelo, tentando se recompor. Em seguida, balbuciou: “Eu... eu pensei que era fingimento. Desculpe...”. Abaixou a cabeça e, a passos curtos e ligeiros, abriu caminho em meio à roda de gente que já se dispersava, pensando consigo: “Deus, me perdoe... não permita que ninguém faça com o meu Eduardo o que acabei de fazer com esse homem. Proteja o meu Eduardo, meu Senhor, é só isso que lhe peço. Proteja o meu pobre Eduardo, por favor...”.

A senhora de terno cinza, agora com menos raiva do que vergonha, não demorou a virar somente mais uma gota naquele mar de gente e desaparecer, como se nunca tivesse existido.

Lúcifer foi procurar Gisele.



## CAPÍTULO XI – PREGAÇÕES

O Anjo Caído estava satisfeito, e particularmente orgulhoso, com a própria atuação de minutos atrás. Começou a rir sozinho, da senhora que acabara de ser enganada, das pessoas que há pouco o observavam com pena e da simplicidade do plano orquestrado pela menina, que, descontando-se as bolsadas que havia levado na cabeça, acabou dando mais certo do que esperava. O riso, porém, cessou de imediato quando chegou ao local combinado e notou que Giza não estava lá. “Mas que malandrinha...”, pensou, enquanto um calafrio lhe visitava as vísceras e a sensação de ter sido enganado se avolumava no peito. Procurou ao redor, mas não viu nada além da infinidade de carros e pessoas – era mais fácil encontrar a tal da agulha no palheiro do que localizar alguém em específico ali no meio da multidão. Nesse momento, se deu conta de uma pequena aglomeração na praça, ao redor de um homem que gritava com entusiasmo. Tendo perdido até a fome depois da punhalada que recebera nas costas da Judas em miniatura e sem nada melhor para fazer, foi até lá ver do que se tratava. Não demorou a entender. Um homem magro e moreno, que não abria mão do terno e gravata mesmo derretendo em suor sob o Sol escaldante, empunhava a bíblia e bradava com sincera comoção e ímpeto fervoroso, que podiam ser comprovados pelas veias que pulsavam à testa, feito lagartas caminhando por debaixo da pele ao falar:

— Vi uma besta que saía do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Uma das cabeças da besta parecia ter sofrido um ferimento mortal, mas o ferimento mortal foi curado. Todo o mundo ficou maravilhado e seguiu a besta. Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: “Quem é como a besta? Quem pode guerrear contra ela?”. À besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemas, e lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses. Ela abriu a

boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o seu nome e o seu tabernáculo, os que habitam no céu. Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto desde a criação do mundo. Aquele que tem ouvidos, ouça: se alguém há de ir para o cativoiro, para o cativoiro irá. Se alguém há de ser morto à espada, à espada haverá de ser morto. Aqui estão a perseverança e a fidelidade dos santos.

O homem fez uma pausa para umedecer os lábios e limpar a saliva que se acumulava branca nos cantos da boca. Explicou aos *irmãos* que o escutavam que os “santos” mencionados eram aqueles que viviam em comunhão com o Espírito, que aceitaram o Filho como salvador e único caminho para chegar ao Pai, não os santos que os adoradores de imagens de madeira costumavam reverenciar em suas igrejas profanas e *desvirtuadoras* de almas. Depois, realizou rápida consulta à bíblia, retomando o trecho onde havia interrompido e secou o suor da testa.

— Apocalipse treze, irmãos. Quem quiser acompanhar pra confirmar o que estou falando aqui, acompanhe. Maldito seja aquele que colocar ou tirar uma vírgula do que está escrito aqui, amém? – ele falou, erguendo o bom livro para que todos pudessem ver. Continuou a leitura, com a voz um pouco mais sombria: – Então vi outra besta que saía da terra, com dois chifres como cordeiro, mas que falava como dragão. Exercia toda a autoridade da primeira besta, em nome dela, e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta, cujo ferimento mortal havia sido curado. E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer fogo do céu a terra, à vista dos homens. Por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar em nome da primeira besta, ela enganou os habitantes da terra. Ordenou-lhes que fizessem uma imagem em honra da besta que fora ferida pela espada e revivera. Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem. Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e

pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.

Algumas pessoas se juntavam à aglomeração, outras se dissipavam. Duas mulheres oravam lado a lado, com os olhos fechados e as mãos espalmadas para o alto; um senhor de idade, segurava uma sacolinha de plástico e concordava, dizendo "amém" ao final de cada frase; uma jovem segurava as alças da mochila com os polegares e teve o semblante modificado no decorrer da pregação, de um desdém soberbo no início para um misto de pavor e preocupação no final; dois rapazes, da mesma escola que essa última moça, a julgar pelos uniformes, cochichavam um ao ouvido do outro e davam risada. A maioria do povo, porém, apenas observava por alguns segundos, tempo suficiente para saciar a curiosidade a respeito da natureza da aglomeração, pensava coisas que iam de "só mais um louco" até "meu Deus, tenho que voltar pra igreja", passando por "daqui a pouco vai pedir dízimo" e seguia a vida.

Lúcifer cruzou os braços e ouviu tudo com atenção. Sorriu com deboche em alguns pontos, pensando "acho que tem muita besta nessa história" e tentando associar quem era quem ali. Sabia que o tal dragão era ele próprio, mas toda aquela delegação de poder não fazia muito sentido, pois sempre que planejava levar a cabo seus planos de conquista do mundo, pensava em fazê-lo sozinho, como protagonista, jamais como alguém que controla tudo nos bastidores. Já havia, é claro, escutado, lido e relido todas aquelas palavras. Mas ali, naquele instante, teve algo similar a uma revelação, algo que nunca havia pensado. Primeiro, ponderou sobre o desafio de "fazer algo bom por eles", que era a razão de estar ali na Terra. Refletiu se talvez aquele homem magro e moreno, berrando a esmo para um público restrito e desatento, mesmo com a visão reduzida por cabrestos e o coração abarrotado de preconceitos, não estava fazendo a única coisa que, a longo prazo,

poderia se entender como realmente “boa”: a salvação da alma. Afinal, por mais que conseguisse tornar a existência humana melhor (seja lá qual fosse o critério de “melhor” e “pior” aplicado), quarenta, oitenta ou cem anos, ou mesmo novecentos como na época de Matusalém e Noé – por mais longeva que pudesse ser, uma vida terrena ainda era um piscar de olhos, um episódio ridiculamente efêmero quando comparada à eternidade.

— Você já conhece Jesus Cristo, irmão? – o pregador da praça interrompeu os devaneios de Lúcifer, dirigindo-lhe a palavra e estendendo-lhe um folheto pobremente ilustrado, que explicava a expiação dos pecados na cruz do Calvário.

— Ah, sim, nós já fomos apresentados – Estrela da Manhã apertou os olhos e sorriu com simpatia, pegando o folheto.

— E você já aceitou a Cristo como salvador e único caminho para o reino dos céus? – o homem perguntou, com a mesma intensidade com que acabara de ler o versículo do apocalipse.

— Digamos que ainda não... – a simpatia do sorriso ganhou ares de deboche.

— E por que não hoje, irmão? Aceite o Senhor Jesus e sua alma será salva. Basta orar comigo e se entregar de coração. O que acha? – o pregador da praça já tomava as mãos do Primeiro entre os Anjos, com felicidade e ansiedade sinceras pela iminência de conquistar mais uma alma para o reino de Deus.

— Hum... hoje não. Tenho que pensar melhor sobre o assunto. Qualquer coisa eu te aviso, tá? – Lúcifer falou, recolhendo a mão, ainda sorrindo.

— O tempo está acabando! – o semblante do pregador se transformou e a voz ganhou ares de ameaça. – O fim está mais próximo do que você imagina, cuide da sua alma enquanto é tempo. Quando este mundo estiver sob domínio da besta, os que não estiverem firmes na fé e na retidão do propósito, hão de chorar lágrimas de sangue. E então, será tarde!

— Olha, desculpe te decepcionar, mas posso garantir que não vai ser desse jeito. O diabo não é tão feio quanto se pinta, não é esse o ditado? – Lúcifer riu.

— O diabo vem para roubar, matar e destruir. Ai daquele que duvidar disso! Ai daquele! – o homem bradou, preparando-se para ler outro trecho do livro sagrado que empunhava feito espada.

Lúcifer amassou o folheto e atirou-o à primeira lixeira, enquanto retomava a linha de raciocínio acerca do que seria bom para a humanidade. Sabia ele muito bem que a salvação da alma não era uma questão de bem ou mal, mas de proximidade ou afastamento do Altíssimo. A fagulha de Caos, que todo ser humano trazia consigo, precisava ser voluntariamente convertida em fagulha divina. Aí entrava o livre arbítrio e a salvação através da aceitação consciente e voluntária do amor e da graça de Deus. Concluiu, a contragosto, que o único bem real que poderia ser feito à humanidade (e ao universo como um todo, já que isso implicaria na aniquilação do Caos) era convencer o maior número de pessoas a amar o Criador. Mas isso seria demais para ele, pelo menos por ora.

Tratou logo de pensar em outra coisa.

Refletiu sobre as estratégias que usara até então para desvirtuar os homens do caminho de Deus: em geral, buscava gerar dor, desespero e loucura, induzir e reforçar vícios, detonar tragédias pessoais ou coletivas que minassem a fé na possibilidade de existência de um ser superior que olhava por todos e protegia e amava a cada um, individualmente. Muitas vezes isso funcionava: pais que perdiam os filhos e, junto com eles, o amor por Deus; mulheres violentadas que jamais conseguiriam entender, ou perdoar, um ser superior que deixou algo tão terrível acontecer com elas; jovens refletindo sobre a fome em outros continentes, a miséria e a desigualdade no mundo, chegando à conclusão que seria impossível que houvesse um Deus justo no comando das coisas; parentes de alcoólatras inveterados, agressores contumazes, doentes crônicos e detentores de mazelas afins, que não viam mudança alguma no quadro das pessoas que amavam, a despeito de todas as orações que faziam. Todos esses, por mais justificativas que tivessem, refutavam a graça divina e acabavam no Inferno, onde Lúcifer lhes espremia a alma por longos e dolorosos períodos, para lhes extrair o Caos (com o qual produziria uma nova arma para ser usada na batalha derradeira contra o Céu).

Porém, por vezes esse mesmo estratagema surtia efeito oposto: na hora mais escura, as pessoas acabavam voltando-se definitivamente para Deus e recebendo a dádiva da vida eterna no Paraíso. Sem contar aqueles em que os demônios “investiam” por anos e no último instante, assim como o bandido crucificado à direita de Jesus, acabavam se arrependendo dos pecados e amando a Deus, muitas vezes com mais intensidade do que muitas “pessoas de fé” haviam amado por toda a vida. A danação e salvação constituíam assim um jogo de apostas incertas, conforme a própria natureza caótica dos seres humanos. Dessa forma, Lúcifer decidiu que não se concentraria em questões espirituais, ao menos por enquanto, e resumiria o inconclusivo “fazer algo bom por eles” à existência na própria Terra, o que certamente exigiria um mínimo de afinidade com os humanos. “Tá, vou tentar gostar desses filhos da puta...”, concluiu, rindo para si mesmo. Não pôde também deixar de pensar, todavia, sobre qual rumo tomaria o mundo, e, sobretudo as almas, no caso de no lugar de dor e desespero, prevalecessem a harmonia e a paz. Antes que pudesse se aprofundar em mais elucubrações, sentiu um puxão na manga da camisa esfarrapada e uma voz conhecida ardendo nos ouvidos:

— E aí, tio! Vai ficar aí parado olhando essa lata de lixo que nem bobo ou vai querer comer um lanche?

— Onde você estava, menina? – Lúcifer ficou mais alegre do que podia imaginar ao ver Gisele. – Fiquei te procurando igual louco, pensei que você tinha me enganado.

— Pô, tio... se liga no movimento! Não posso ficar dando bandeira parada no mesmo lugar depois de fazer um corre – Giza falou, com o semblante entediado de quem explica a coisa mais óbvia do mundo. – Vamos lá comer um dogão?

— Dogão? Isso é bom? – Estrela da Manhã fez uma cara desconfiada.

— Lógico que é, tio! Errrrrr... você às vezes parece que não sei!

— Então vamos...

Lúcifer seguiu a menina, com a estranha, e irritantemente agradável, sensação de que talvez não fosse assim tão difícil gostar dos humanos.



## CAPÍTULO XII – CACHORRO-QUENTE

Caminharam juntos até o carrinho de cachorro-quente, ou “dogão” como Gisele chamava, lembrando os detalhes do golpe bem sucedido que haviam acabado de praticar. Lúcifer contou os detalhes que ocorreram quando a menina já não estava mais presente na cena do crime, imitou a velha desferindo as bolsadas e interpretou novamente o papel de “retardado” que utilizara para comover a população e se livrar dos ataques. Os dois caíram na gargalhada por diversas vezes. Giza falava sem parar, contando novas ideias que estava bolando para outros “corres”, sugerindo novos lugares com vítimas em potencial onde poderiam atuar e explicando a importância de diversificar, para que o golpe não ficasse “manjado” e não atraísse a atenção dos policiais. A fome agora retornara com força total, aliada a uma sensação ainda mais terrível que deixava boca e garganta secas. “Então, de fato a sede é bem pior”, o Anjo Caído concluiu em pensamentos, sentindo ao mesmo tempo alívio e grande ansiedade quando chegaram à barraquinha onde atendia uma senhora negra, bem baixa e atarracada. Ela trajava um avental, tão branco quanto os dentes que exibia num sorriso constante, e, por trás das grossas lentes dos óculos, observava a tudo e a todos, atenta à movimentação infundável que transcorria à sua frente o dia todo.

— Faz *dois dogão* pra gente aí, tia – Gisele pediu, sem muita polidez.

— “Por favor”... – Lúcifer completou, arqueando a sobrancelha na direção da menina como a lhe dizer “viu, da próxima vez não esqueça de falar isso”.

— Por favor... – Giza tratou de dizer, aceitando a dica de boas maneiras com bem menos resistência do que Lúcifer esperava.

A senhorinha de avental encarou os dois moradores de rua, mudando rápida e repetidamente os olhinhos esbranquiçados de um para o outro, analisando-os sem qualquer cerimônia. Com a mesma disposição e celeridade com que um bicho-preguiça muda de galho, ela pegou a faca de serra e um dos pães embalados em plástico, que ficavam guardados na gaveta de alumínio na parte de



baixo do carrinho. Olhando por cima dos óculos fundo-de-garrafa, ela perguntou, dirigindo-se a Lúcifer, como quem não quer nada:

— O senhor é pai dela, é?

— Oi? Ah, não! – Estrela da Manhã respondeu, um tanto surpreso. – Não sou pai dela, não. Ela é a minha... sócia.

— Sei... – a senhora continuou no tom desconfiado, cortando o pão com uma boa vontade que dava impressão que levaria três dias só para vencer o plástico que o envolvia. – E vocês vivem por aqui mesmo, é? Ela eu acho que já vi – apontou Gisele com o queixo –, mas do senhor eu não tô lembrada não.

Antes que Lúcifer pudesse responder, Giza se adiantou, já entendendo onde a mulher do cachorro-quente queria chegar:

— A gente tem dinheiro pra pagar, tia – ela tirou do bolso uma das notas novinhas que havia “transferido” da carteira vermelha, fruto do “corre”, minutos atrás. Segurou-a pelas extremidades com os polegares e indicadores, depois a esticou e dobrou umas quatro vezes no ar, como uma sanfona, quase em frente ao rosto da senhora. – Pode ficar sossegada.

— Não, minha *fia*! Não era isso não! – a mulher ficou desconcertada e errou a força no corte, quase partindo o pão em dois. – É que tem coisa que *a gente fica* curiosa, né? Mas é só pra conhecer os clientes mesmo, Deus me livre desconfiar de quem quer que seja. Roupa não quer dizer nada hoje em dia. Você não vê esses deputados aí? Tudo de terno e gravata e são os que mais roubam. Vai querer uma ou duas salsichas, *fia*?

— Duas. Com tudo que tem direito e sem *miguelagem* no ketchup, hein, tia?!

— E o senhor, vai querer uma ou duas?

Lúcifer, quando soprava conselhos nos ouvidos dos humanos, invariavelmente recomendava o exagero em todos os aspectos, alicerçado na premissa de que “a vida é uma só” e sempre a melhor opção era se esbaldar o máximo possível em toda e qualquer oportunidade, afinal, dada a volatilidade e fragilidade dessa vida, toda chance de se fazer o que quer que fosse tinha o enorme potencial de ser a última chance de se fazer qualquer coisa, e não aproveitar essa chance, atirando-se ao encontro dela de cabeça,

era certamente a mais terrível de todas as insanidades. Porém, em sua primeira escolha na condição de mortal, resolveu agir como o ferreiro que dentro da própria casa utiliza espetos de madeira, tomando o caminho mais comedido:

— Uma só, por favor.

A mulher cortou os pães, os recheou com as salsichas (duas no de Giza, uma no de Lúcifer) e completou com ervilha, milho, vinagrete, mostarda, ketchup (sem "miguelagem"), maionese, purê, cheddar, catupiry e batata-palha. Tudo com agilidade robotizada de linha de produção, que fazia parecer que ela poderia, sozinha, atender todo um exército de vasto contingente sem deixar formar muita fila. Enquanto prensava os lanches, pegou a nota que Gisele acabara de mostrar e a juntou com o bolinho de dinheiro que trazia num dos bolsos do avental. Mesmo bolinho de onde saiu o troco. Lúcifer acompanhou o olhar de Gisele em direção àquelas notas e não precisou usar muito de seu intelecto para deduzir o que a menina estava pensando. Durante todo esse processo, a mulher falou sem parar, com a mesma desenvoltura com que preparava o *dogão*:

— (...) mas a vida é assim mesmo, é ou não é? Agora a prefeitura inventou de cobrar taxa de inspeção *não-sei-o-quê*. Toda terça-feira vem o fiscal agora pra encher o saco. Parece que fazem de tudo pra gente não trabalhar, Deus que me perdoe. E olha daqui, e olha dali, e vê validade disso, e vê validade daquilo. Na última vez veio um menino que acabou de sair da fralda, devia ter uns vinte anos, no máximo. Ficou olhando e anotando sabe-Deus-o-quê nesses "aiPód", "aiPéd", não sei como fala, não entendo nada dessas coisas, que ele trouxe. Daí virou e falou bem assim pra mim, vê se pode: "a senhora tem que acomodar melhor essa salsicha". Ah, minha filha, mas deu uma vontade de falar onde que eu ia acomodar a salsicha se ele ficasse me atazanando! Trabalho com isso há quarenta anos, agora vem um merdinha desse, com o perdão da palavra, querer ensinar o padre a rezar missa? Ah, quê que é isso?! Vocês vão querer refrigerante?

— Vou querer uma soda. E você, tio?

— Hum... uma soda também – Lúcifer copiou, encolhendo os ombros.

— Mas, a gente precisa levar um dinheirinho pra casa e acaba tendo que engolir uns sapos de vez em quando, é ou não é? – a mulher continuou a falar, olhando mais para Gisele, com quem simpatizara e a quem tentava, inconscientemente, transmitir “bons valores”. Mas era Lúcifer quem a ouvia com mais atenção. – Agora minha filha tá desempregada. Procura, procura e não acha nada. Falei pra ela: “Cristiane, faz o curso de manicure, menina”. Mas é teimosa que só ela: “não, porque eu tenho experiência com telemarketing, porque logo acho outro de telemarketing, porque *não-sei-o-qué* telemarketing, porque não quero trabalhar em salão fazendo unha de madame, porque bi bi bi, porque bo bo bó”... tá aí, quatro meses parada com essa teimosia dela e no final quem tá sustentando minha neta sou eu. Quero só ver começo de ano que tem que comprar materi... – interrompeu, retirando os hot-dogs da prensa, com o orgulho do artesão que vê a obra pronta. – Pronto, tá aqui o *prensadão*, bem caprichado! – disse ao entregar os lanches aos dois, que já não aguentavam mais esperar.

Nesse momento chegou um grupo de estudantes, com a algazarra, a energia e a vontade de viver características da juventude. Pediram os *dogs* e, de “brinde”, ouviram o desfecho da história dos materiais escolares da neta da senhora do cachorro-quente, que logo já emendou em outro assunto e depois em outro e em outro. Na verdade, não ouviram quase nada, pois conversavam entre si, mas a mulher parecia não se importar com esse detalhe.

Lúcifer tomou um gole da soda com o canudinho. Sentiu as bolhas de gás fazendo cócegas na língua e depois por toda a traqueia, até chegar ardendo no peito. Fez uma cara de dor e foi instruído por Gisele: “tem que tomar mais devagar, tio!”. Experimentou outra golada e dessa vez foi bem melhor. Depois, encarou o pão por alguns instantes: todos aqueles ingredientes de sabores desconhecidos, compactados em um bloco diminuto de aspecto que não era lá dos mais atraentes. O cheiro do purê deu cabo de todas as dúvidas, ao invadir as narinas, aguçando a fome e despertando, pela primeira vez, a vontade de comer. Foi amor à

primeira mordida. Enquanto ainda estava no Paraíso, na condição de Campeão de Deus e Primeiro entre os Anjos, Lúcifer provara das frutas mais frescas e dos mais saborosos manjares. Mas não era a mesma coisa – lá, a ingestão de alimentos não era uma necessidade básica, como no corpo carnal, e isso fazia toda a diferença. Em várias oportunidades, durante a convivência que tivera com os humanos, na condição de demônio, Lúcifer havia se deparado com expressões do tipo “o melhor tempero é a fome” e “nada alegre mais a alma do que a comida quente chegando ao estômago vazio”. Agora, comprovava que era a mais pura verdade. Mastigou, saboreando com gosto, como se fosse a primeira (de fato era) e também a última vez. Respirou fundo e constatou, com um suspiro anasalado, que depois de muito e muito tempo, tinha voltado a se sentir realmente feliz.

Observou Gisele: ela já estava quase terminando o lanche, comendo ruidosamente como se mais nada no mundo importasse, com as bochechas e também os dedos melecados de cheddar e purê. Estrela da Manhã decidiu em seu íntimo que, antes de pensar em fazer qualquer coisa “boa” (seja lá o que isso quisesse dizer) pela humanidade e cumprir o acordo com Deus, que sequer tinha certeza se queria cumprir mesmo, ele deveria cuidar daquela menina. Disso teve convicção, ali, naquele instante. Seria, ao menos, um primeiro passo – talvez pegasse gosto pela coisa, talvez desistisse de toda aquela história de redenção. Era impossível prever, mas, só o fato de ter descoberto um ponto de partida já o animara ainda mais que o hot-dog. A alegria do momento transbordou no rosto em forma de sorriso.

— Tá pensando em quê, tio? – perguntou Gisele, lambendo os dedos.

— Oi? – Lúcifer despertou do transe.

— Tá dando risada aí sozinho, igual bobo! – a menina provocou, dando uma ombrada de leve no novo comparsa. – Quero saber no que você tá pensando, pra rir também, ué...

— Ah, eu só estava pensando... – Lúcifer olhou para o alto por alguns instantes – que também deveria ter pedido o meu com duas salsichas.

— Não era isso não, tio! Para de me enganar! – ela deu risada e bateu com o cotovelo no braço de Lúcifer. – Mas vou fingir que acredito, vai – disse isso e fez uma cara de quem não acredita. – Tá a fim de mais um dogão?

— Não. Agora não. Esse aqui já está ótimo, por enquanto.

— Tá, então vamos andando. Lá na praça a gente divide o dinheiro que sobrou.

Despediram-se da Dona Nice, a senhora do cachorro-quente, que já havia servido todos os estudantes que se amontoavam em frente à barraquinha e ainda falava sem parar sobre a neta, o marido preguiçoso, o cachorro que deu despesa no veterinário, a televisão que “só passa porcaria” e uma infinidade de outros assuntos. Depois, seguiram caminhando em silêncio até a praça onde se encontraram pela primeira vez na manhã daquele mesmo dia. Ali, num canto afastado de possíveis olhares curiosos, Gisele sacou o restante do dinheiro e contou, sussurrando o valor atualizado a cada nota que fazia correr entre os dedos.

— Cento e vinte e quatro – Giza exclamou com satisfação –, já tirando o que a gente gastou no dogão. Até que a velha tava bem de grana, hein, tio? Quando peguei aquela carteira vermelha cheia de *frique-frique*, já pensei “quer ver que só vai ter cartão de crédito aí dentro...”. No final, valeu muito a pena.

— O que você fez com a carteira? – Lúcifer ficou curioso.

— Joguei no bueiro, ué... – a menina respondeu, daquele jeito que fazia parecer que estava dizendo a coisa mais óbvia.

— Com todos os documentos da mulher?

— Lógico, né, tio! Errrr... tô falando que você às vezes parece que não sei.

— Deve dar um trabalhão tirar tudo de novo – Estrela da Manhã falou, quase que apenas para si próprio, recordando de reclamações que costumava ouvir com certa frequência quando passeava pela Terra para atormentar as almas dos humanos.

— Tá com dó vai lá tirar segunda via pra ela, tio! – Gisele explodiu numa gargalhada. – Toma, tio, tá aí a sua parte – ela falou, esticando duas notas de vinte, uma de dez e uma de dois na direção de Lúcifer. – Meio a meio.

— Não tinha cento e vinte e quatro no total? – o anjo arqueou uma sobrancelha.

— Cinquenta e dois pra você, cinquenta e dois pra mim – a menina explicou como se dissesse “um mais um, igual a dois”.

— E esses vinte que sobraram? – Lúcifer inquiriu, pensando que ao fazer isso estaria apenas desmascarando uma trapaça “inocente”, provavelmente um teste da menina para ver se ele sabia contar e se estava “ligado no movimento”. Dariam risadas, o “engano” seria corrigido com mais dez para cada lado, o dito seria dado por não dito e ficaria tudo bem.

Mas não foi isso que aconteceu. Ao explicar sobre o destino desse dinheiro que não entrou na partilha, Gisele abaixou a cabeça e fechou o rosto numa expressão sombria.

— Esses vinte a gente tem que dar pro Jota, tio.

— Quem é Jota? – Lúcifer ficou intrigado.

— Jota é o cara que dá a letra das coisas por aqui, tio. Ele livra a nossa cara de vez em quando, protege a gente... – Giza explicou, sem convicção alguma nas palavras, como se apenas repetisse um discurso que escutara várias vezes, mas que ela mesma não acreditava.

— E cobra uma *porcentagenzinha* de tudo o que vocês conseguem nos “corres”, é isso? – Estrela da Manhã completou.

— É. É isso.

— Mas ele não precisa ficar sabendo quanto tinha no total – Lúcifer sugeriu, lembrando involuntariamente seus conselhos dos “velhos tempos”.

— Vixe, tio... o Jota parece que tem parte com o Capeta – Giza afirmou com raiva e Lúcifer forçou a memória, tentando sem sucesso se recordar de algum Jota que conheceria por aquelas bandas. – Ele parece que sabe quanto que a gente levantou no corre só de olhar pra nossa cara – a menina fez uma pausa, engoliu seco e depois continuou, com os olhos ainda cravados no chão. – Mês passado teve um moleque que tentou dar calote. Fez um corre de quatrocentos e falou que tinha sido só cem. No outro dia, acordou com a boca cheia de formiga. Tava estirado no pé daquela árvore mais grossa, tá até a marca ainda ali, tá vendo? – Gisele

apontou. – Com a cabeça rachada e o short abaixado, cheio de sangue escorrendo “lá detrás”. Todo mundo sabe que foi o Jota, tio. Quem fica com dívida de droga ele faz daí pra pior – ela engoliu seco de novo e balançou a cabeça, como se tentasse esquecer alguma coisa. Em seguida, concluiu: – Melhor não arriscar.

— E quando que esse Jota vai aparecer por aqui? Estou ansioso para *conhecê-lo* – Lúcifer falou com soberba, sentindo por um instante que estava sentado no próprio Trono das Trevas, não num banco de madeira podre, relegado aos recônditos de uma praça qualquer.

— Daqui a pouco ele deve aparecer por aí. Mas, ó: quanto menos falar com ele, melhor. Vai por mim, tio.

— Fica tranquila, eu sei lidar com tipos que nem ele – Lúcifer deu uma piscada confiante e Giza sorriu sem muita convicção em resposta.

Gisele se levantou, alegre como se aquele assunto sobre o tal de Jota nunca tivesse sido conversado. Convidou o “tio” para ir até a fonte se refrescar. Ela pareceu não se importar com a recusa e foi sozinha, correndo animada como só uma criança pode correr. Lúcifer permaneceu no banco, observando o Sol que já se deitava na direção do oeste. Pensou com surpresa no tanto de coisas e de mudanças de cenário que havia passado num único dia: acordara no inferno, depois foi ao Paraíso e num piscar de olhos estava na Terra. Depois se deu conta de que na verdade não sabia ao certo quanto tempo de fato havia durado esse “piscar de olhos”, decorrido entre o fechamento do acordo com Deus até ser acordado pelo jato d’água gelado, desferido impiedosamente pelo dono da loja de ferramentas. De qualquer forma, não poderia voltar o tempo, então relaxou, ocupando-se em acompanhar a trajetória errante de uma borboletinha amarela que voava por ali.

Não percebeu o homem de proporções *rinocerônticas* que se aproximava.

## **CAPÍTULO XIII – NOVOS AMIGOS**

O Sol, que se esquivava avermelhado entre as folhas das árvores onde a borboleta amarela pousava aqui e acolá, desapareceu da visão de Lúcifer, coberto por uma sombra repentina, não das nuvens, mas de um homem enorme, tão largo que parecia andar constantemente com os braços abertos e não dava impressão de que conseguiria fechá-los, mesmo se quisesse. Vestia uma calça de capoeira que, num passado longínquo, talvez já tivesse sido branca, e também uma camiseta esfarrapada, tão limpa quanto a ficha da coligação partidária que a estampava. Tinha o semblante feroz dos que não precisam ocultar a verdadeira natureza atrás de máscaras sociais. À primeira vista, poderia dar impressão de ser um obeso quase mórbido, mas um olhar pouco mais próximo revelava uma estrutura maciça de ossos e músculos, de alguém que em tempos pré-diluvianos poderia ter derrubado mamutes à unha e se tornado líder e macho alfa de uma vasta comunidade de caçadores-coletores, ou que, também em outros tempos, com machado ou martelo de combate em punho, haveria de ter trucidado incontáveis inimigos, mudando os rumos de uma batalha perdida para depois receber as mais diversas recompensas (entre as quais, certamente estaria uma donzela de belas ancas) por isso. Em outras épocas, aquele mesmo homem teria nascido preenchendo todos os pré-requisitos para se tornar um herói afortunado, um líder tão temido quanto venerado. Respeitado, no mínimo. Quicá, nessas outras épocas, pudesse até ter se tornado um homem bom. Mas, tendo nascido nos tempos e no lugar em que nasceu, passado pelas coisas que passou e sofrido as coisas que sofreu, acabou que teve diminutas chances de conhecer destino outro que não fosse o das ruas.

E da crueldade.

Esse homem estava agora parado em frente a Lúcifer, olhando-o de cima para baixo, com a mesma expressão que os lutadores usam para intimidar os adversários ao subir no ringue. Só que carregada não da fúria espetaculosa que permeia tais eventos, mas de um ódio genuíno que a tornava ameaçadora de verdade. Estrela



da Manhã, porém, não demonstrou o menor sinal de medo. Apesar de ter consciência que estava num corpo mortal, frágil, de mais osso que carne, ainda conservava a sensação de força e poder do Senhor das Trevas. Poder este que estava apto a retomar a qualquer momento – isso o deixava tranquilo, dava a ele a impressão de estar imune a qualquer mal que os homens pudessem pensar em lhe fazer. Não pretendia, de forma alguma, recorrer a esses poderes, pelo menos não tão cedo, pois isso implicaria na quebra de seu acordo com Deus e também em reconhecer a fraqueza de não conseguir lidar muito bem com adversidades. Mas só o fato de saber que tinha na manga uma “arma secreta” de semelhante calibre fazia sua confiança transbordar, fazia com que em seu íntimo acreditasse ser capaz de conquistar todo o mundo dos homens se assim quisesse, naquele ou em qualquer outro corpo, sem recorrer a dons angelicais ou demoníacos.

— Tá rindo do que, seu pau no cu do caralho? Tá me achando com cara de dentista pra arreganhar essa boca cheia de dente pro meu lado, filha da puta? – o homem enorme perguntou a Lúcifer. Falava com uma variação de timbre inconstante, que em duas sílabas ia do grave ao agudo rachado, como se a mudança de voz iniciada na adolescência nunca tivesse se desenvolvido por completo. Esse jeito de falar em nada combinava com a aparência, mas a raiva que escapava do peito, cavalgando em cada palavra, tornava amedrontadora aquela voz, que em outra situação talvez pudesse ser tomada por ridícula.

— Você deve ser o Jota – Lúcifer deduziu. – Não, meu amigo, não estou te achando com cara de nada. Quer dizer, na verdade estou sim, mas não é de dentista... – disse isso e abriu ainda mais a “boca cheia de dentes”.

— `Cê tá me tirando, maluco? Tá perdendo a noção do perigo? De que buraco que tu saiu, quem te falou meu nome, filha da puta?

Jota disse isso e deu um passo na direção do banco, o que fez Lúcifer prontamente se levantar. Nesse momento, o Diabo notou que seus olhos ficavam à altura do peito daquele homem, quase na mesma linha que ficavam à altura do peito de Belial. Fez, instintivamente, o movimento de bater asas, como fazia na

presença do Comandante, para que pudesse encará-lo de cima. Mas dessa vez não havia asas e seus pés ficaram bem grudados ao chão, fato que gerou momentâneo desconforto. Levou, também por instinto, a mão direita à cintura, em busca de uma espada que não estava lá. A *Aniquiladora do Caos* repousava agora em posse de Uriel, nos distantes Portões de Safira, e essa constatação fez algo gelado se revirar nas entranhas daquele corpo que o espírito do Senhor das Trevas agora habitava.

— Vou te perguntar mais uma vez só: da onde que tu veio e como `cê ficou sabendo do meu nome, caralho? – Jota intimidou, a praticamente um passo de distância, de modo que as palavras agora vinham acompanhadas, além do ódio, também por um bafo azedo, que fez o Anjo Caído torcer o semblante e virar o rosto.

O mendigo grande, de aspecto selvagem, chegou ainda mais perto e a corrente sanguínea de Lúcifer foi inundada por adrenalina, inflando músculos e aguçando sensibilidades, deixando o corpo nas melhores condições possíveis para reagir em resposta à ameaça iminente. Havia ali três possibilidades: atacar de surpresa, tentando decidir o embate num primeiro golpe bem-sucedido; saltar para o lado e depois correr o mais depressa e o mais longe que as pernas pudessem aguentar, ou; tentar conversar, seja respondendo com submissão aos questionamentos realizados valendo-se de tão nobre sutileza, seja dando uma resposta sarcástica que apenas adiaria por pouquíssimo tempo o conflito corporal. Por costume, Lúcifer optaria pelo sarcasmo, mas nenhuma boa resposta lhe veio à cabeça, que parecia completamente travada ao raciocínio, focando todas as sinapses para assessorar o físico, que seria exigido a qualquer instante. Seu primeiro ímpeto foi o de correr, mas mesmo naquele corpo e tendo todas as desculpas e justificativas a seu favor, jamais admitiria isso nem a si mesmo. Lamberia as botas da armadura de Miguel antes de fugir de um humano.

Restou o ataque.

Na forma de espírito maligno que rondava ao derredor do mundo para atormentar os homens, Lúcifer já havia presenciado (e na maioria das vezes instigado), ora por deleite, ora por pura curiosidade ou absoluta falta de coisa melhor a fazer, uma

quantidade incomensurável de conflitos corpo a corpo: da pedra que matou Abel à enteada que entrou no quarto do padrao durante a noite e, com um corte seco na garganta, pôs fim a anos de abuso; do menino de gentil aspecto que derrubou o gigante Golias ao soldado sedento enforcando, com as próprias mãos, o companheiro de trincheira que não dividiu a água do cantil; dos gladiadores lutando pela vida em Roma aos lutadores se digladiando por fama e fortuna nos ringues e octógonos; dos cristãos fugindo dos leões aos presidiários esperneando e gritando no canto das celas, sob dentadas de cachorro; das espadas trespassando armaduras nas cruzadas às guerras de controle remoto em busca de petróleo; da bala que lavou a honra com sangue aos puxões de cabelo por causa de namorado na porta da escola; dos bandidos e inocentes crucificados no Calvário aos bandidos e inocentes linchados nos postes. Sabia que nessas situações a maior vantagem era pegar o oponente desprevenido, pelas costas, ou, no melhor dos cenários, inconsciente. De preferência com uma pedra, pedaço de pau ou objeto de concussão equivalente à mão. Como nada disso estava disponível, atacou com as mãos nuas, tentando ao menos se aproveitar do efeito surpresa.

Estrela da Manhã desferiu um gancho, com força maior do que se poderia julgar pela finura dos braços. Tinha como endereço certo o queixo do adversário e muito provavelmente o derrubaria, ou ao menos atordoaria, se acertasse. Mas não acertou. Com agilidade que destoava ainda mais do que a voz estridente para um homem daquele tamanho, Jota se esquivou, inclinando cabeça e corpo para trás e deixando o soco do oponente perder-se no vento. Com a mesma rapidez com que foi para trás ele voltou, com um punho de martelo indo de encontro ao estômago de Lúcifer. O cachorro-quente semi-digerido, pressionado pelo impacto violento, escalou a traqueia e saiu pela boca num jorro ácido alaranjado que lavou o chão da praça. O ar também saiu e não dava a menor impressão de que iria voltar. O rei dos demônios caiu sentado, mãos que apertavam o local atingido na vã esperança de fazer passar a dor e olhos arregalados, tomados pelas lágrimas desesperadas de quem quer respirar e não consegue. Algumas pessoas pararam para olhar

o que estava acontecendo, mas o olhar de Jota as intimidou e foram embora. A elas, pouco importava o que acontecia ou deixasse de acontecer àqueles mendigos, de qualquer forma.

— Agora `cê vai me falar da onde que tu veio ou vai continuar dando uma de louco pra apanhar mais, caralho? – Jota perguntou, agarrando o pescoço de Lúcifer, que começava a recuperar o fôlego.

— Eu... eu... – a dificuldade para inspirar era terrível e aquela mão, que mais parecia uma prensa de ferro a apertar a garganta, não estava ajudando em nada. Num último resquício de orgulho, Lúcifer tomou a decisão (não tão sábia, dadas as circunstâncias) de optar pela velha ironia que, curiosamente, nesse caso, era somente a verdade: – Eu vim do inferno!

A mão pressionou ainda mais e já não deixava espaço para o ar. Lúcifer se debatia, agarrado ao antebraço que mais parecia tronco de árvore, tentando inutilmente se desvencilhar do algoz. Sentiu a agonia dos que encaram a morte certa – agonia essa que ele se refestelara incontáveis vezes ao ver estampada no semblante dos homens, nas mais diversas oportunidades. Agora, com ele próprio tendo essa sensação, não estava achando a menor graça. Ficou no limite do que poderia resistir sem usar sua verdadeira força, então a mão afrouxou. Um segundo de alívio, antes de receber um soco no nariz. O mundo escureceu numa explosão de dor ardida e tudo que conseguiu fazer foi colocar as mãos espalmadas formando um escudo patético em frente ao rosto, enquanto lutava novamente para respirar.

— Da onde tu veio, filha da puta?

Antes que qualquer resposta, sarcástica ou não, sincera ou não, pudesse ser dada, veio outro soco, que teria afundado a maçã do rosto se não tivesse escorregado no sangue que jorrava do nariz e pego apenas de raspão. Mesmo assim doeu. Muito. Jota agarrou novamente a garganta e dessa vez dava impressão que não soltaria até sufocar aquele mendigo que não sabia quem era, em plena luz acobreada da tarde, diante de olhares curiosos que voltaram a se aglomerar ao redor sem nada fazer.

— Para, Jota! Ele tá comigo! – uma voz de menina veio em socorro do Anjo Caído.

— Porra, guria! – Jota largou o pescoço e se voltou para Gisele.  
– Quem que é esses cuzão do caralho que `cê tá trazendo pra cá sem me falar nada? Que putaria é essa aí, caralho?

— Não trouxe ninguém não, Jota – o medo transparecia na voz, mas ela permaneceu firme o suficiente. – Ele apareceu aí do nada, tava mais perdido que azeitona em boca de banguela, daí chamei ele pra fazer um corre. Olha, tá aqui a sua parte... – Gisele estendeu a nota de vinte na direção de Jota.

— Seguinte: vou falar uma vez só, `cê tá me entendendo? – Jota falou, puxando o dinheiro da mão da menina. – Tá me entendendo ou não tá, porra?

— Tô, Jota... – ela respondeu baixinho, cruzando os braços e olhando para baixo.

— Responde olhando pra mim então, caralho! – a mão apertou as bochechinhas tenras e limpas pela água da fonte, manchando-as de sangue e forçando a menina a olhar para cima.

— Tô, Jota... – ela respondeu novamente, com mais raiva do que medo dessa vez.

— Daqui pra frente, *tudo os corre* que tu e esse pau no cu aí fizer – Jota apontou na direção de Lúcifer, que se contorcia deitado no banco com a mão no rosto ensanguentado –, `cêis vão me dar metade. Metade. Fui bem claro?

— Foi sim, Jota...

— E a cola de sapateiro vai te custar o dobro também. A não ser que tu queira pagar daquele *outro jeito*, tá ligada? Daí fica o preço normal. Dependendo, dou até um desconto pra ti... – Jota sorriu, com o olhar fixo nos caroços que começavam a brotar no tórax de Gisele. – Entendido?

— Beleza, Jota.

Os braços da garota voltaram a se cruzar à altura do peito e os olhos constrangidos voltaram a encarar o chão. Jota foi embora e as poucas pessoas, que ainda acompanhavam o desdobramento da briga, se dispersaram. Começava a escurecer e o frio chegou de súbito, junto à garoa fina trazida por nuvens que não estavam ali há poucos minutos. Gisele foi acudir Lúcifer. Ele gemia de olhos fechados. “Fica aí, tio. Vou ali na farmácia comprar umas coisas pra

“você”, ela falou, ao perceber que não havia muito a se fazer. Não demorou a voltar com analgésicos e curativos e demonstrou ter grande aptidão para a enfermagem, enquanto passava o maior sermão no “tio Lucien”, que deveria “ter se ligado no movimento e evitado treta com o Jota pra não ferrar o lado dela”. Estrela da Manhã, contudo, não prestou atenção às palavras que saiam da boca de menina em profusão espantosa. Resmungou com um remédio mais ardido que foi passado antes do curativo, mas foi só. No mais, permaneceu em silêncio, sentindo-se humilhado, imerso em pensamentos e planos de vingança. Não conseguiria bater de frente com semelhante troglodita, isso era fato. Porém, todo homem, por maior e mais forte que fosse, precisaria dormir em algum momento e deixar a jugular desprotegida, a mercê de qualquer canivete ou caco de vidro. Só havia um problema – seria uma morte muito rápida, e ele precisava sofrer. Sofreria depois, nas mãos de Belial, mas Lúcifer queria ver o maldito sofrer em suas próprias, na Terra, não no Inferno. Devolver na mesma moeda, dente por dente. Sem chegar a nenhuma conclusão, foi dominado pelo cansaço.

— (...) agora só quero ver como que vai ficar, pelo menos ele não falou nada da gente ter que ir pra... Você tá ouvindo o que eu tô falando, tio? – Giza perguntou, indignada.

— Estou sim, claro que estou – Lúcifer despertou do transe e mentiu.

— Tá nada, tio! Ah, quer saber de uma coisa, vamos dormir que a gente ganha mais.

Foram até outro lugar da praça, onde uma horda de mendigos se apinhava, debaixo de papelões e cobertores esfarrapados, alguns já dormindo, alguns jogando conversa fora, a maioria ainda aproveitando as bebidas, cigarros e restos de comida que tiveram a *sorte* de encontrar no lixo. Giza e Lúcifer se acomodaram num canto e o ódio que queimava no peito do Anjo Caído esmoreceu um pouco ao se lembrar do primeiro plano que traçara naquele longo dia: cuidar da menina. Antes que se desse conta, Estrela da Manhã questionou sobre um assunto que o estava incomodando mais que a dor no nariz:

— O que o Jota quis dizer com pagar a cola de sapateiro de “outro jeito”?

— Ah, tio... não quero falar disso aí não. Tá? – ela desviou o olhar.

— Tá bom...

A resposta, ou falta de resposta, confirmou a certeza que Lúcifer se negava a ter. Elucubrou por um tempo se Jota obrigava as meninas a pagarem dessa forma e se Gisele já havia recorrido a esse artifício para obter a droga. O ódio voltou a se inflamar com força total e aumentou ainda mais ao identificar o miserável caminhando despreocupadamente por ali, recolhendo seu quinhão com os outros mendigos antes de sumir de vista novamente. Ao acompanhar o trajeto do inimigo, Estrela da Manhã notou o vulto de alguns prédios no horizonte e isso lhe chamou a atenção.

— Aqueles prédios ali – cutucou Gisele que já cochilava e apontou, para que ela também olhasse –, por que estão apagados?

— Não mora ninguém ali não, tio – ela respondeu, em meio a um bocejo. – É tudo prédio abandonado. Por quê?

— Hum, nada não. Boa noite... – fez menção de acariciar o cabelo da menina, mas desistiu, ao pensar que seria demonstração de afeto demais para o primeiro dia.

Olhou a Lua se escondendo sem sucesso atrás de uma cortina de nuvens finas. Sentiu a garoa fazer cócegas ao se acumular nas sobancelhas. Imaginou o teto de cimento dos tais prédios abandonados. Depois dormiu uma noite sem sonhos e só acordou horas depois, com o sol ardendo no rosto ainda dolorido.

## CAPÍTULO XIV – UM DIA DEPOIS DO OUTRO

Dificuldade para respirar, cabeça latejando, peito e braços doendo, curativos empapados em sangue e olhos ardendo por conta do Sol, que já nascera com a promessa de que o calor não daria trégua naquele dia. Foi assim que Lúcifer despertou. Sentou-se no banco da praça, olhou em volta, ainda se acostumando com a claridade, e notou que Gisele não estava por perto. Também constatou que praticamente todos os outros mendigos já haviam saído para se ocupar com seus *afazeres*: juntar papelão, latinhas de alumínio e quaisquer outras coisas que pudessem interessar ao Jota, ou ao dono do ferro-velho; pedir esmolas, sentados em um ponto fixo ou vagando aleatoriamente pelas calçadas; aguardar pela sopa do almoço, conversando e exibindo sorrisos de poucos dentes à porta dos albergues; aplicar pequenos golpes, praticar furtos ou pedir dinheiro de forma mais *persuasiva*; disputar espaço com os cães, encarando com olhar desolado as pessoas dentro dos restaurantes e lanchonetes; exibir partes do corpo amputadas ou mutiladas, corcundas, trombozes e deformidades afins, na esperança de despertar a compaixão nos corações dos transeuntes que iam e vinham sem parar, como haviam feito ontem, como haveriam de fazer amanhã e em todos os outros dias.

Entre uma contorcida com os braços cruzados à altura do estômago e outra, entre uma ajeitada no curativo e outra e entre um gemido de dor e outro, Lúcifer tentava pensar no que faria – teria que colocar em prática um plano, qualquer que fosse, pois continuar daquele jeito estava absolutamente fora de cogitação. Mas as ideias não vinham e ele se inquietava mais e mais. E quanto mais se inquietava, menos pensava. Creditou a escassez de soluções ao calor, então se refugiou à sombra de uma árvore de galhos frondosos e grandes folhas, de um verde amarelado que se acendia como se tivesse luz própria ao bater do Sol. Os planos não vieram e dessa vez o culpado foi o curativo, que coçava demais. Arrancou-o de uma vez e o atirou no chão com um muxoxo zangado, sob olhar de reprovação de uma senhora que passeava por ali com um cãozinho preso à coleira. Se estivesse em seu



castelo, nas profundezas mais abissais que um espírito pode chegar, chamaria por Belzebu – de vez em quando um pouco de bajulação ajudava a raciocinar. Mas estava em um banco de madeira corroída pelo tempo e pelos cupins, que em nada lembrava a imponência do trono das trevas, balançando as pernas compulsivamente, com boca e garganta secas e a dor da fome já se aliando à dor remanescente da pancada do dia anterior para incomodar o estômago.

“Preciso começar por baixo, não tem jeito. O filho da puta armou pra mim de novo...”, refletiu, apertando os olhos na direção do céu. “Arrumar um jeito de ganhar dinheiro sem correr o risco de apanhar nem de ser preso, cuidar da menina, *dar um fim* nesse Jota... é, não tem jeito, vai ter que ser assim. É, vou fazer isso. Senão, vou ficar correndo atrás do rabo sem sair do lugar. Enquanto isso vou pensando no que fazer sobre ‘algo bom por eles’. Se bem que... quanto mais ou menos será que Ele quis dizer com ‘eles’? Será que se eu ajudar de alguma forma essa mendigada fedida do cacete já não conta pra cumprir minha parte do trato? Ou será que tem que ser mais? Uma cidade? Um país? A porra do mundo inteiro? Por que Ele nunca é específico, hein? Mas primeiro, tenho que cuidar da menina. É, da menina. E aquele Jota filho da puta, tenho que resolver isso também. Mas antes tenho que cuidar de mim... se não conseguir nem me ajudar, como vou ajudar os outros? Porra, mas como eu vou ganhar dinheiro? Com essa cara suja e esses trapos ninguém vai me dar emprego. É, tenho que cuidar de mim e dela e do Jota... caramba, cadê essa menina?”. As divagações vinham em profusão desordenada, até que foram interrompidas por uma voz conhecida:

— E aí, tio? – Gisele falou, enquanto terminava de mastigar alguma coisa. – Pensei que ia dormir o dia inteiro. Tá com fome? – estendeu um saco de papel marrom, amassado e cheio de coisas escritas, na direção de Lúcifer.

— O que é isso? – o Senhor das Trevas perguntou, um tanto desconfiado com o cheiro doce que emanava lá de dentro do pacote, mas já enfiando a mão para pegar o que quer que fosse.

— É o que deu pra comprar com o que sobrou do nosso corre de ontem. Você foi dar aquela vacilada com o Jota, agora a gente

tá sem dinheiro de novo – Giza respondeu, um pouco brincando, um pouco brava de verdade. Perdeu a paciência ao ver Lúcifer cheirando e girando o pãozinho recheado em frente aos olhos como se estivesse avaliando uma pedra preciosa. – Come logo, tio... é sonho! Vai falar que nunca comeu?

— Na verdade, não mesmo – o anjo respondeu, mordendo o tal do sonho. Mordeu, sentindo a massa romper no encontro com os dentes, o creme transbordando por baixo da língua e o açúcar cristal grudando nos lábios e se misturando à saliva. Mastigou, deliciando-se com aquela explosão de novos sabores. A vida na Terra tinha lá suas vantagens. – É bom! – falou com a boca cheia, já buscando o último doce no fundo do saco marrom.

— É bom, mas não vai encher nossa barriga o dia inteiro. A gente vai ter que fazer outro corre, tio – Gisele decretou.

— Então, Gisele... queria conversar com você sobre isso – Lúcifer começou a falar ainda terminando de comer o outro sonho, um pouco hesitante, dando impressão que escolhia bem as palavras ou que não acreditava naquilo que ele próprio estava para dizer. – Acho que é melhor a gente parar com esses corres aí. Uma hora isso vai dar errado, e eu não quero que você acabe se juntando ao seu irmão na cadeia.

— “Fundação Casa”, tio... – Gisele corrigiu, cruzando os braços e desviando o olhar.

— É cadeia do mesmo jeito, você sabe.

— E a gente vai viver de quê, tio? De vento? Quer ficar cheirando cola o dia inteiro? Até pra isso precisa de dinheiro, sabia?

— Eu vou cuidar de você... – Estrela da Manhã afirmou, dessa vez com uma convicção que fez Gisele voltar a encará-lo.

— Tipo um pai? Tipo arrumando uma casa pra gente morar, arrumando um serviço pra você e uma escola pra mim? – os olhos de Giza foram revestidos por uma camada brilhante de esperança e sua voz soou inocente, como se ainda não tivesse presenciado as maldades do mundo.

— Tipo isso – ele confirmou, com a mesma convicção.

— Se liga no movimento, tio... – Giza recuou e com as costas da mão *limpou um cisco* que havia caído em seu olho. – Isso aí não

é pra gente não, quem vem pra rua não volta mais, é sempre assim.

— Giza... – Lúcifer segurou-a delicadamente pela nuca e cravou os olhos azuis nos olhos pretos da menina. Então pediu: – Confia em mim. Confia?

— Você vai trabalhar e a gente não vai mais precisar roubar pra comer? É isso, tio?

— Isso mesmo – ele confirmou com ternura.

— E você vai arrumar emprego hoje até a hora do almoço?

As mãos afrouxaram na nuca e dessa vez foram os olhos de Lúcifer que buscaram o chão, procurando por palavras que não foram encontradas. Gisele sorriu, com uma satisfação amarga por ter vencido a discussão. Dando tapas de incentivo no ombro do amigo, ela falou:

— Vai, tio, para de sonhar com passarinho. `Bora fazer o corre.

— `Bora... – o Primeiro entre os Anjos anuiu, abrindo um sorriso cúmplice.

Aquela pirralha era dura na queda.

\* \* \*

Na falta de plano melhor, ou mais atual, partiram para o mesmo golpe do dia anterior – Lúcifer se passando por deficiente mental para distrair a vítima, enquanto Giza se aproveitava para tomar a carteira exposta e correr, desaparecendo nas brumas da multidão. Abordaram dessa vez um senhor de idade, de cabelos grisalhos penteados para trás, vestido com uma calça social bege, surrada pelo tempo e uma camisa branca, igualmente social e igualmente surrada, com botões já quase cedendo à volumosa barriga, e um bolso frontal onde havia um lenço quadriculado, à moda antiga, perfeitamente dobrado, e também um bolinho de notas, organizadas em ordem crescente de valor. O velho tirou as notas do bolso, umedeceu polegar e indicador na ponta da língua e começou a passá-las, buscando os trocados que se escondiam no centro do bolo. Porém, antes que Lúcifer pudesse dar o urro bestial para distraí-lo, alguém gritou no meio do povo que caminhava caótico: “CUIDA QUE É GOLPE!!!”. O que acabou distraindo do mesmo jeito. Mas também tirou o foco de Gisele, que errou o bote

no maço de notas e pegou apenas algumas, fazendo as outras voarem e se espalharem pela calçada.

Dessa vez precisaram correr. Muito.

Trombaram em ombros que inadvertida ou propositalmente bloqueavam o caminho, esquivaram-se de pés esticados que tentavam derrubar e de mãos que tentavam agarrar, ouriçadas pelos gritos de "PEGA LADRÃO". Conseguiram despistar. Gisele, menor e mais ágil, com mais facilidade. Encostaram-se, arfando com as mãos apoiadas aos joelhos, à parede de um amarelo desbotado e descascado, tão bonita quanto as costelas despeladas de um vira-lata sarnento, que ladeava um prédio antigo ali nos arredores. Depois de recuperar o ar, Lúcifer observou bem aquele edifício e notou que era o mesmo que tinha visto na noite anterior e questionado Gisele sobre o porquê das luzes não estarem acesas. Tratava-se de um conjunto simples, dois blocos de seis andares, com janelas tão pequenas e feias que emprestavam a ele um ar de presídio. Estava ali, abandonado, convidativo.

— O que tanto olha pra esse prédio aí, tio? — Gisele interrompeu os pensamentos do demônio.

— Hum... fiquei só imaginando, ele está vazio, por que a gente não vem morar aqui?

Gisele puxou o ar, preparando-se para responder alguma coisa de imediato, como estava acostumada a fazer sempre, mas desistiu no meio do caminho. Fez um bico enquanto olhava atentamente o prédio e balançou afirmativamente a cabeça, não conseguindo esboçar nenhuma reação que não denunciasse o sentimento de "como é que eu não pensei nisso antes?". Depois de um tempo, acabou se dando por vencida:

— É mesmo, tio... por que a gente não vem morar aqui?

— Podemos começar hoje mesmo! E acho que cabe toda aquela cambada! — Lúcifer sorriu com satisfação, por ter bolado um plano que talvez contribuísse para vencer o desafio com Deus, por ter deixado Gisele boquiaberta e pelo sentimento de superioridade ao constatar que, em um único dia, teve uma ideia que a ele parecia tão óbvia, mas que todos aqueles humanos jamais tiveram em todo tempo que ficaram por ali.

— Putz – a empolgação momentânea sumiu do rosto de Giza –, a gente vai precisar pedir pro Jota. E do jeito que ele é, vai negar só de birra.

— Mas você acha que os outros não vão me seguir quando escutarem minha ideia?

— Tio – Giza balançou a cabeça, dessa vez em negativa, com ar decepcionado –, aquele pessoal ali não dá nem um peido sem falar com o Jota. Sem chance. Se a gente vier sozinho, pode ter certeza que vamos acordar com a boca cheia de formiga no dia seguinte. Ele não vai deixar de jeito nenhum. E também não vai querer vir sabendo que a ideia foi sua...

— Bom – Lúcifer apertou os olhos e coçou o queixo –, acho que consigo resolver isso. Mas agora, vamos comer – disse, massageando o estômago. – Quanto pegou do velho?

— Quase nada, o dinheiro escapou da minha mão. Mas dá um dogão pra cada. Até ia sobrar alguma coisa, se a gente não tivesse que dar metade pro Jota – ela se lamentou.

— Esse Jota já encheu o saco, hein?

— Nem me fale! – Giza respondeu, sem resistir à risada.

\* \* \*

Foram à mesma barraquinha de cachorro-quente, fizeram o mesmo pedido e ouviram as mesmas histórias da mesma mulher. A filha da Dona Nice, a simpática senhora negra e baixinha que fazia o melhor dogão do mundo (depois de confirmar que o freguês tinha condição de pagar), continuava procurando emprego no telemarketing, as coisas continuavam difíceis, a neta continuava precisando de materiais para a escola e os fiscais da prefeitura continuavam a importuná-la. Voltaram à praça depois de comer e aliviaram-se às raízes de uma árvore. Depois, Lúcifer pediu a Giza o restante do dinheiro e disse que entregaria pessoalmente nas mãos do Jota e aproveitaria a oportunidade para se desculpar. Pediu também que a menina ficasse por perto no momento da conversa.

Procurou pelo brutamonte e não demorou a encontrá-lo, sentado às escadarias de granito de uma catedral, vendendo cola de sapateiro para as crianças debaixo do Sol e do nariz indiferente dos policiais que rondavam a região. Aproximou-se com mais

cuidado do que gostaria de admitir a si mesmo – por mais que o orgulho ainda transbordasse na alma angelical/demoníaca, a cabeça e o estômago ainda doíam e faziam lembrar que agora as regras eram outras, ao menos enquanto ele se dispusesse a segui-las. Subiu um pouco e, deixando uma margem segura, falou, apoiando o cotovelo ao joelho que pousou dois degraus acima e apertando os olhos por causa do sol:

— Fala aí, Jota! Acho que começamos com o pé esquerdo ontem, não?

— Fala logo o que você quer, seu pau no cu do caralho – Jota cortou, no mesmo tom quealaria com um inseto, juntando as notas de dinheiro recém-recebidas pela venda da cola às outras que se dobravam num maço de volume considerável.

— Direto ao assunto, hein?! Do jeito que eu gosto! – Lúcifer falou como... Lúcifer. – Bom, é o seguinte: eu não tenho pra onde ir e gostaria de ficar por aqui mesmo. Como entendi que você é o pica do lugar, vim aqui, humildemente – ele sorriu e fez uma reverência teatral –, me desculpar pelos aborrecimentos de ontem e pedir vossa permissão para permanecer em tão distinto ambiente, na presença de tão nobres confrades – Jota perdeu a conta das notas e olhou para Lúcifer com uma cara de interrogação. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o Primeiro entre os Anjos continuou: – Resumindo, me desculpa, me deixa ficar aqui... por favor – “E vai se foder, antes que eu me esqueça...”, finalizou a frase, apenas no pensamento.

— Ahhh, agora `cê tá falando a minha língua, porra. Da onde que tu veio?

— Eu vim do in... terior. Eu tinha uma casa e uma mulher, lá no interior. Era Gertrudes o nome dela (da mulher, não da casa!). Ah, era tão bonita a Gertrudes! – Estrela da Manhã balançou a cabeça afirmativamente, confirmando a veracidade das palavras inventadas. – Um dia, fui pro posto de gasolina (eu era frentista) e quando voltei pra casa, não tinha janta pronta, não tinha mais televisão, nem geladeira, não tinha mais Gertrudes, nem porra nenhuma. Fugiu com alguém, não sei se era homem, mulher ou capeta, só sei que não era da cidade, porque não deram falta de

mais ninguém além dela. Daí, no outro dia, em vez de ir pro posto, eu fui pro bar, e dali pra sarjeta. Fiquei pedindo esmola, dia e noite, gastava tudo em rabo-de-galo. Só que a cidadezinha era pequena e o prefeito não gostou muito dessa história, daí o puto me colocou num ônibus e agora estou aqui – Lúcifer ergueu a sobrancelha e olhou para a catedral, que refletia o Sol em vitrais de outros séculos, com a expressão serena dos que se conformam com as mazelas da vida. – Ah, era tão bonita a Gertrudes...

— Qual é o teu nome, filha da puta? – Jota perguntou, depois do tempo que levou para aceitar como verdadeira a história que acabara de ouvir.

— Lucien... – Estrela da Manhã respondeu, meio descontente com aquele nome que havia bolado às pressas no dia anterior para Gisele.

— Que porra de nome é esse? – Jota deu risada.

— Pode continuar me chamando de “filha da puta”, se preferir – Lúcifer disse em tom amigável.

— Aí... – Jota se levantou e, daquela posição alguns degraus acima, avolumava-se como o gigante que caminha sobre as nuvens nas histórias infantis. Desceu e, com dedo em riste na cara de Lúcifer, falou: – Eu te chamo do jeito que eu quiser, `cê tá ligado?

— Tô... tô ligado, Jota – Lúcifer aquiesceu, contorcendo o rosto devido ao cheiro de ovo podre que emanava da boca do brucutu. – Foi só uma brincadeira...

— Tem palhaço aqui não, `cê tá me entendendo? – esfregou o indicador na bochecha de Lúcifer, fazendo-o virar o rosto. – Se veio me dar alguma coisa é melhor dar logo, senão vaza, filha da puta...

— Eu trouxe, eu trouxe... tá aqui, ó... – o Senhor das Trevas estendeu o produto do “corre” realizado pouco antes.

— É só isso mesmo? Olha lá, hein?

— É até um pouco mais que a metade, hoje o dia foi ruim.

— Se eu desconfiar que `cês tão me enganando, já sabe, né? Vai sobrar pra você e pra menina – Jota esticou o queixo papudo na direção de Gisele, que aguardava lá embaixo, à sombra de uma daquelas árvores de aspecto triste que todos conheciam como “chorão”.

— Pode ficar tranquilo, ninguém aqui é louco de te enganar não, Jota – Estrela da Manhã falou com humildade, enquanto pensava “talvez de te cortar a garganta enquanto você sonha com os anjinhos, mas enganar assim, à luz do dia, não...”.

— É bom mesmo. Agora puxa o carro, filha da puta.

Lúcifer desceu dois ou três degraus de costas e só então se virou, com receio que se assim não fizesse acabaria tomando tapa ou chute traiçoeiro nas costas (ele certamente faria se os papéis estivessem invertidos) que o levaria a rolar escadaria abaixo e quebrar algumas costelas no caminho. Chamou Gisele, que veio após bufar um “você demorou mais que tartaruga aleijada, tio!”. Jota umedeceu os lábios ao observá-la lá de cima. Ela viu, mas desviou o olhar fingindo não ter visto. O Diabo olhou para o céu, apontou as parcas nuvens que se juntavam aqui e ali e comentou, disfarçado o suficiente para fazer parecer que realmente só falava com a menina e, ao mesmo tempo, alto o suficiente para ser ouvido até quase à porta de madeira com batentes dourados que guardava a entrada da catedral:

— Pelo jeito vai chover de novo hoje, hein, Giza?

— Acho que não, tio. As nuvens nem estão pre...

— Ah, vai sim! – Lúcifer a beliscou disfarçadamente. – Lá no interior, a gente aprende a sentir o cheirinho da chuva, olha só... – farejou ruidosamente o ar, com o nariz indo mais alto a cada fungada. – Não tá sentindo? Com esse calor que tá agora, à tarde e à noite é chuva na certa! E a gente vai se molhar de novo, ter que ir atrás de mais papelão pra forrar o chão amanhã, o Seo Zé vai perder as coisas que ele junta na carrocinha dele, coitado. E aqueles predinhos ali, tão vazios! – os dois braços fizeram papel de setas apontando na direção do pequeno condomínio abandonado. – Seria bem melhor se a gente morasse ali, né?

— É mesmo, tio... – Gisele havia entendido onde o tio *Lucien* queria chegar. – Como ia ser bom se a gente pudesse morar lá enquanto ninguém tá usando, né? – completou, como se declamasse Shakespeare a uma plateia distante, de modo tão exagerado que quase fez Lúcifer lhe tapar a boca.



— É verdade! Mas quem tem CORAGEM de invadir? Ah, eu não tenho não! Não tenho mesmo! – Estrela da Manhã finalizou o teatro e puxou Giza, antes que ela pudesse dizer algo que colocasse tudo a perder.

Antes de se colocar a caminho da praça, olhou para Jota e fez uma meia continência como aceno de despedida. Notou que o brutamonte estava com uma expressão de dúvida no semblante, olhando para os prédios e coçando a papada que se derramava feito bolsa de compressa onde deveria haver um pescoço. Lúcifer conhecia muito bem aquele semblante – a semente da dúvida estava plantada, agora era só esperar. Sorriu, saboreando a pequena vitória que ainda não se concretizara, mas haveria de se concretizar, em breve.

E a semente germinou mais cedo do que as previsões mais otimistas poderiam supor.

No dia seguinte, Jota convocou a mendigada para ocupar os prédios abandonados.

## **CAPÍTULO XV – O REINADO DE BELIAL**

### ***Enquanto isso, no Inferno...***

Após a saída de Lúcifer, Belial tomou rapidamente gosto pelo comando do Inferno e assumiu o posto de Senhor das Trevas como se estivesse destinado a isso desde sempre. No íntimo, carregava exatamente essa convicção, de que estava somente conquistando algo que já fazia por merecer há tempos, algo que era parte indissociável de sua existência. A primeira ordem, dada ainda enquanto os Lordes Infernais estavam reunidos no salão, foi que recolhessem os restos de Azazel e os atirassem ao Lago de Fogo, para que o corpo se regenerasse dos ferimentos e o demônio da ira pudesse retornar à ativa. Belzebu adiantou-se em convocar alguns dos soldados que treinavam no lado de fora do castelo, para que eles cumprissem o desejo do novo mestre. Depois que Azazel foi retirado, seguido de perto pelo bode preto, Belial dispensou os demais Lordes, dizendo-lhes que em breve os convocaria individualmente para conversar e traçar planos. Todos foram embora sem dizer nada, exceto Belzebu, que falou, prostrado aos pés de Belial:

— Meus ouvidos estarão atentos ao seu chamado, meu supremo Senhor. Estarei sempre por perto – depois saiu, zunindo em forma de mosca.

Azazel foi atirado ao Lago, conforme ordenado. A recuperação durou exatos cinco dias de magma percorrendo músculos, ossos, tendões, vísceras e cartilagens; fumaça que sufocava a alma; sensação de vazio eterno e sofrimento indizível. O bode ficou “pastando” as almas humanas que estavam enterradas ali às margens, ansiando pela volta de seu mestre durante todo o tempo. Quando estava finalmente recuperado, Azazel saltou do fogo, transpirando ira por todos os poros do corpo nu. Belial deixou o castelo e veio ter com ele.

— Azazel, recuperou-se com grande rapidez – o grande demônio afirmou, numa tentativa não muito bem sucedida de soar cordial.

— Onde está Samael? – perguntou Azazel, respirando fundo e olhando à volta com os olhos vidrados e repletos de ódio.

— Estrela da Manhã está agora no mundo dos homens, prestando-se ao ridículo de conviver entre eles como igual. Acredito que as chances de que retorne sejam ínfimas, afinal, ao que parece, ele aceitou transformar-se num capacho do Criador – o novo Senhor das Trevas falou, com asco impregnado nas palavras. – Porém, essa condição de nosso velho General é temporária, pois logo não haverá mais mundo dos homens onde ele possa continuar dando vazão às palhaçadas que se submeteu a fazer em troca da redenção.

— O que quer dizer com isso, Belial?

— Quero dizer... – Belial fez uma breve pausa e encarou Azazel, com semblante ainda mais sério que de costume. – Quero dizer que essa guerra já se adiou por tempo demasiado.

— Então você vai atacar? – Azazel concluiu, com o rosto enrugado em interesse.

— Sim, em breve – Belial olhou ao redor, como se contasse o número de soldados do exército, depois se voltou para Azazel, dessa vez conseguindo empregar melhor o tom amistoso: – E preciso de um *aliado*, que assuma minha função de comandante das tropas.

— Entendo. E isso é um convite... ou uma ordem? – o demônio da ira apertou os olhos, caminhando na linha tênue entre o tom de respeito e de desafio.

— A princípio, um convite – respondeu Belial, sem alterar o semblante ou a voz.

— Pois bem, eu aceito. Quero estar na linha de frente e ser o primeiro a encontrar Samael no campo de batalha... – a contração dos punhos e dos vigorosos músculos dos braços e do peito de Azazel deram ideia do que a mente planejava para quando ocorresse tal encontro.

Dessa forma, Azazel, aspecto da ira, tornou-se comandante das legiões infernais. Os treinamentos tornaram-se ainda mais intensos e violentos, com drástica redução dos intervalos de descanso. Os castigos aplicados aos que se mostravam inaptos para o combate

ficaram ainda mais dolorosos e cruéis, de modo que o Lago de Fogo vivia cheio de demônios com graves ferimentos. As tropas, já no primeiro dia, sentiram saudades de Belial, o que antes seria completamente inimaginável.

O novo Senhor das Trevas estava satisfeito com o desempenho do demônio da ira como comandante, e ainda mais satisfeito por ele tê-lo aceitado como superior sem conflito. Belial temia que Azazel quisesse disputar o trono quando recuperado, não por medo de perder a luta (naquele momento Belial sentia-se, com razão, capaz de derrotar qualquer anjo ou demônio), mas por receio de perder um aliado poderoso. Como a situação se resolveu da melhor forma possível, tratou de convocar os outros Lordes. O primeiro a ser convocado foi Asmodeus, por quem Belial nutria um desprezo que não fazia questão de disfarçar.

— Oi, chefinho. O Belzebu foi me avisar que você estava me chamando. Em que posso ser útil? – disse o aspecto da luxúria com sua voz afeminada, ao entrar no salão do Castelo das Trevas onde Belial o aguardava.

— Em primeiro lugar – Belial ergueu-se do trono e começou a descer as escadas –, dirija-se a mim apenas como “Senhor”.

— Ai, o Lúcifer não ligava quando a gente chamava ele de “chefinho”... – Asmodeus provocou e as cabeças de touro e carneiro emitiram sons de escárnio.

— Você está vendo Estrela da Manhã aqui, Asmodeus? – o novo Senhor das Trevas fez a pergunta retórica, colocando-se à frente do demônio da luxúria, de modo que este não pudesse ver nada além do tórax largo e do *Degolador de Arcanjos* a se projetar como uma terceira asa nas costas do grande demônio.

— Ai, como sou distraído. O Lulu não está mais aqui faz tempo, né? Bom, então em que posso ser útil... Senhor? – Asmodeus falou com o tom de deboche característico, mas mostrando que a ameaça velada de Belial havia sido perfeitamente compreendida e não estava disposto a maiores atritos, que provavelmente acabariam, para ele, em dias e dias agonizando em pedaços no Lago de Fogo.

— Uma questão dev... *demasiado* intrigante, Asmodeus: em que um demônio gordo e preguiçoso como você pode ser útil numa

guerra?

— Nossa, é isso que você pensa de mim... Senhor? Com todo respeito, mas devo dizer que está um pouquinho enganado. Eu ainda me lembro de um truque ou outro, algumas coisinhas que podem ser úteis pra depenar uns anjinhos, sabe? – disse Asmodeus, piscando e batendo rapidamente as pequenas asas de dragão, como se quisesse levantar voo.

— Esses seus “truques” – Belial deu as costas e iniciou a subida das escadas em direção ao trono –, talvez funcionem contra anjos de baixa patente, mas quando se deparar com um serafim, ou mesmo com um querubim mais capacitado, teremos um Lorde Infernal a menos no campo de batalha. Não seria assim se tivesse exercitado suas habilidades de combate desde que viemos para cá. Mas agora é tarde, já não há mais tempo para treinamentos dessa natureza.

— Bom, o antigo chefi... digo... o antigo Senhor, o Lulu, me incumbiu de trazer pra cá o maior número de almas possível. Foi isso que eu fiz durante esse tempo, em vez de ficar exercitando minhas habilidades de combate. E olha, não quero bancar o orgulhoso, longe de mim... mas acho que ninguém trouxe mais que eu não, viu? – Asmodeus fingiu-se ofendido.

— Isso é verdade, Asmodeus – Belial concordou, já tomando assento no trono. – Por isso quero que vá ao mundo dos homens e lá permaneça, ganhando o maior número de almas que conseguir, numa investida devastadora nessa reta final antes da guerra.

— Como quiser, Senhor – o aspecto da luxúria sorriu e fez uma reverência exagerada.

Para Asmodeus seria um alívio ficar longe de Belial (o sentimento era recíproco), de modo que não tardou a cumprir a ordem. O próximo a vir foi Belphegor, aspecto da preguiça. Entrou arrastando os pés que pareciam galhos e mostrou-se pouco animado para conversar e ainda menos animado para receber ordens de Belial, de Lúcifer ou de quem quer que fosse.

— Não quero tomar muito de seu tempo, Belphegor – disse Belial, sem se levantar para receber o *convidado*. – O que quero

saber é demasiado simples: você lutará a meu lado na batalha contra o Céu?

— Hummmm... só isso Belial quer saber? – Belphegor indignou-se ao ouvir a pergunta que poderia ser feita sem aquele tipo de convocação tão formal, mas depois respondeu, ansioso para terminar o assunto de uma vez e retornar às torturas que estava praticando antes de ser chamado por Belzebu: – Belphegor lutar contra Céu, lado de Belial, lado de Estrela da Manhã, não importa.

— Provavelmente Estrela da Manhã estará entre as fileiras inimigas – Belial provocou e ficou atento à reação do demônio da preguiça.

— Huuummmm... Belphegor acabar com Estrela da Manhã, então. Belphegor acabar com quem estiver no Céu – labaredas percorreram o corpo do grande demônio.

Contente com a resposta, Belial dispensou-o. Já havia falado com Belzebu (que lhe jurou lealdade eterna e se prontificou a convocar todos os outros), Azazel, Asmodeus e Belphegor. Faltavam agora três Príncipes Infernais, porém, após a reunião de Lúcifer, Leviatã havia desaparecido novamente, voltado ao covil que ninguém sabia ao certo se ficava nas profundezas dos oceanos no mundo dos vivos, nas esferas de realidade que separam os universos ou em algum outro lugar obscuro. De qualquer forma, Leviatã ouvia apenas a voz de Lúcifer e pouca utilidade teria na batalha final, uma vez que estava destinado, desde a criação, a combater e, nesse combate, aniquilar e ser aniquilado pelo seu Nêmesis, o monstro dourado com corpo de rinoceronte, cabeça de touro e seis patas de leão, que pelos anjos era chamado Behemoth. Sobraram, dessa forma, Mammon e Lilith. Chamou Mammon, aspecto da avareza, por quem nutria desprezo semelhante ao que sentia por Asmodeus.

— O que manda, Belial? – Mammon perguntou, após leve reverência.

— Às vezes, acho que deveria te mandar treinar com Azazel, para que você pudesse sofrer e se arrepender todos os dias por ser um inútil que nunca se interessou pela arte do combate, Mammon. Mas não me traria benefício nenhum fazer isso. E também, há a

remota possibilidade de que você possa servir como conselheiro de guerra, afinal, sua inteligência não é de todo desprezível.

— Ufa, escapei por pouco! Sempre soube que minha inteligência acabaria servindo pra alguma coisa. Aliás, o Azazel tá pegando pesado com a rapaziada, hein? — Mammon falou, esticando o semblante magro. — Mas então, quais são as minhas instruções?

— Faça o que quiser — Belial respondeu, unindo os dedos em frente ao rosto.

— Bom... tudo bem! — Mammon concordou, surpreso e desconfiado com o que acabara de ouvir. — Será que é agora que você fala aquele “mas...”?

— Mas... — Belial iniciou a frase, pausadamente.

— Ah, sabia que tinha alguma coisa.

— Caso vá até o mundo dos homens, qualquer conversa com Estrela da Manhã será considerada alta traição — o Regente das Trevas continuou. — E deve imaginar que não reservo um destino muito agradável àqueles que ousarem me trair...

— Olha, pra falar a verdade, eu não faço a menor ideia, mas também não tô nem um pouco a fim de descobrir. Também nem tenho mais nada pra falar com o Lu mesmo... — o demônio da avareza afirmou, encolhendo os ombros.

Belial limitou-se a dizer “ótimo” e dispensá-lo com um balançar de mão desinteressado. Faltava apenas Lilith. O Regente das Trevas ordenou a Belzebu que a chamasse e o demônio da gula apressou-se ao encontro da *mulher*. Pouco depois, Lilith chegou ao salão, com um sorriso misterioso e um olhar que faria qualquer homem atirar-se de um prédio por um naco de sua atenção. Belial inquietou-se, enfurecido consigo mesmo por ficar abalado na presença dela. E inquietou-se e se enfureceu mais ainda quando a mulher começou a subir os degraus que conduziam ao trono, caminhando descompromissada e dona de si, como se aquele castelo e todo o universo infinito pertencessem a ela. Belial sentiu o cheiro doce que emanava naturalmente dos cabelos e da pele de Lilith; contemplou, cheio de luxúria, os seios fartos que davam impressão que pulariam a qualquer momento para fora do generoso

decote; arrepiou-se quando a mulher ficou bem próxima do trono e lhe acariciou a barba com mãos tão leves que pareciam não existir; segurou, num esforço colossal, o ímpeto de agarrá-la, jogá-la ao chão, rasgar suas diminutas vestes e descarregar milhares de anos de desejos secretos e reprimidos. Belial sabia que se perderia se agisse dessa forma. E a vontade de se perder e nunca mais se encontrar quase falou mais alto, quando ela roçou as coxas nas suas e sussurrou-lhe aos ouvidos, com aquela voz que era feita de esmeraldas e veludo:

— O que eu posso fazer por você, hein, Belial? Pode pedir qualquer coisa, que eu te dou... quero te deixar bem contente, bem satisfeito...

— Eu quero... eu quero...

— O que você quer, *mon chéri*? Fala aqui no meu ouvido, fala. Não vou contar pra ninguém – Lilith enredou-se no pescoço de Belial, de modo que as bocas ficassem a um pensamento de distância.

— Quero te aprisionar, mulher! – o grande demônio gritou, recuperando a força da voz e agarrando o pescoço de Lilith num movimento tão rápido quanto inesperado.

— O.. q-que... \*hung\*... me sol... \*huuung\*... – Lilith se debateu, suspensa no ar, tentando inutilmente se desvencilhar daquela mão de dedos enormes que a sufocava.

— Belzebu, traga o sarcófago! – ordenou Belial, apressado.

— Aqui está, meu claustrofóbico Senhor! – o lacaio já estava de prontidão.

No mesmo instante, o demônio da gula e pestilência arrastou, com muita dificuldade, uma caixa salão adentro. Era um sarcófago de metal escuro, de paredes e dobradiças muito grossas, cravejado de espinhos por dentro e por fora e infestado de vermes, insetos e coisas imundas. Ali Belial jogou Lilith, que gritava e se debatia tanto que acabou com o braço direito decepado quando a tampa foi fechada pela primeira vez. Belial pegou o braço que se contorcia sozinho no chão, abriu uma fresta e atirou-o ao sarcófago onde Lilith dava um urro tenebroso de ódio e dor. O Regente das Trevas lacrou rapidamente a tampa, isolando Lilith e seus gritos num



mundo de escuridão. Tudo mergulhou no mais completo silêncio e ele sorriu. Não ouviria mais a voz dela, não veria mais aquele rosto, nem sentiria mais aquele cheiro inebriante. Agora não era necessário ter receio de nada nem ninguém, não havia mais ponto fraco. Sentia-se invencível.

— Belzebu! – Belial chamou, cheio de confiança e maldade na voz. Antes que o demônio das moscas pudesse proferir as costumeiras bajulações, continuou: – Leve esse sarcófago. Quero que o tranque na cela mais escura da mais profunda masmorra. Depois entregue minhas ordens a Azazel, diga para intensificar ainda mais os treinamentos. Peça a ele dez bons soldados e depois traga-os aqui, para que eu possa exercitar minhas técnicas de combate e não ficar enferrujado, como estava Estrela da Manhã. Traga também aquele soldado chamado Ranzael, pois quero me divertir um pouco. A guerra está próxima como jamais esteve, Belzebu. DEVERAS próxima...

Voltou ao trono das trevas e ali permaneceu, traçando estratégias malignas, até que Belzebu retornasse com os soldados escolhidos, apreensivos com o longo dia que teriam pela frente. Não podiam imaginar, sobretudo o pobre Ranzael, que os piores temores afiguravam-se a um mar de águas cristalinas quando comparados ao que realmente os aguardava. O Regente das Trevas levantou-se e estalou os dedos e o pescoço, satisfeito com a iminência de voltar a fazer o que realmente gostava.

— Pois bem, quem terá a honra de ser o primeiro? – perguntou Belial, sorrindo ao empunhar o *Degolador de Arcanjos* e avançar na direção dos soldados.

## **CAPÍTULO XVI – CONDOMÍNIO**

O pardieiro abandonado não tardou a ganhar, com méritos, a alcunha popular de “favela vertical”. Depois que as “porteiras” foram abertas, para lá migraram os mendigos da praça, os mendigos da outra praça, catadores de latinha que perambulavam pela região e antes dormiam sabe Deus onde, um grupo de três travestis (eram quatro, porém uma desafortunadamente morreu esfaqueada no dia anterior à mudança) que viram naquele novo empreendimento a oportunidade de se livrar do aluguel, morar num local mais próximo do trabalho e obter a tão desejada qualidade de vida, duas prostitutas velhas e uma aprendiz (que tinham rixa com as travestis e precisaram ser alocadas em quartos distantes para que a paz do condomínio fosse minimamente preservada), meninos de rua que pareciam ter brotado do chão, além da visita casual de todo tipo de “nóias”, dos mais esporádicos aos inveterados, que se drogavam nos arredores e acabavam passando a noite em qualquer lugar vagamente familiar onde, mesmo o cérebro entupido de crack podia reconhecer, a chance de ser morto, roubado ou estuprado (nessa ordem de prioridade e risco) era menor.

Os tijolos à vista da fachada ficaram totalmente encobertos pelos varais que dia e noite exibiam os mais variados tipos de peças de vestuário (o das travestis era particularmente exótico, deixando bem para trás o das prostitutas. O do catador de latinhas curiosamente ocupava a segunda posição nesse ranking inusitado). Bastava não chover e os varais estavam lá, transbordando, o que quase invariavelmente levava as pessoas que passavam ali em frente e até mesmo os próprios moradores a pensar: “de onde essa gente arruma tanta roupa, meu Deus do Céu?”. Qualquer que fosse a origem das vestimentas, o fato é que todas aquelas cuecas, calcinhas, meias, ceroulas, calças, meias-calças, vestidos, saias, minissaias, microssaias e ínfimas tarjas de pano usadas como saia, panos de prato, de chão, toalhas e cobertores multicoloridos, emprestavam à fachada um ar de abertura de seriado de comédia, desses que passam às quintas e mostram o cotidiano de famílias muito atrapalhadas que aprontam altas confusões e vivem muitas

aventuras num condomínio da pesada que sempre dá o que falar. Mas que no final acaba bem e, como diz a frase motivacional, se não tiver acabado bem, é porque ainda não acabou.

No entanto, diferente dos esquetes que iniciam às portas da madrugada na programação ordinária da televisão, as desavenças entre aqueles moradores quase nunca acabavam em risadas de harmonia e redenção. Em algumas raras oportunidades, é bem verdade, a comunidade se uniu e ao menos não desatou em conflitos internos durante o exercício de uma ação que visava o bem comum. Por exemplo, quando o Seo Jairo (que devido ao porte físico de proporções esqueléticas todos chamavam de “Seo Madruga”, em alusão a um personagem que habitava o imaginário popular) se voluntariou a reparar a instalação elétrica, puxando um “gato” dos fios que se emaranhavam como teias de aranha caçadoras de pipas e sapatos velhos nos postes públicos. Dizia o Seo Jairo, com convicção de militante partidário, que fora eletricitista em outra encarnação (Lúcifer riu um bocado ao ouvir isso) e que poderia realizar o trabalho com certa facilidade se estivesse de posse das ferramentas necessárias – uma escada e um alicate. As travestis arrumaram a escada e as prostitutas, para não ficar atrás das inimigas, trataram de arranjar o alicate, ambos sabe-se lá onde e sabe-se lá abrindo mão de quais artifícios. Dona Nalva, uma mendiga que, segundo as lendas, tinha a mesma aparência há pelo menos vinte anos e não haveria de envelhecer devido a um pacto que fizera com uma entidade maligna (Lúcifer puxou na memória, mas não se recordou de nada similar) para obter vantagens no amor (se houve tal pacto, certamente ela foi enganada), lançava presságios de mau agouro disfarçados de preocupação voluntariosa para com a integridade física do Seo Jairo, que subia as escadas dando mostras que cairia à menor brisa: “Vai cair daí, Seu Madruga!”, “Eita que vai tomar choque aí nesse fio, daí quero ver!”, “toma cuidado, Seu Madruga... pelo amor de misericórdia, que *hómi* louco...”. A ouvidos mais atentos (e havia ao menos um par de ouvidos bem atentos por ali), tais avisos transpareciam uma ponta do desejo secreto e talvez inconsciente de que a desgraça alertada se concretizasse – que o homem caísse das escadas ou que, ainda

melhor, recebesse uma descarga elétrica que lhe atirasse tremendo e fumegando ao chão, sobrevivendo tempo pelo menos suficiente para ouvir a frase que Dona Nalva falaria, com o maior prazer do mundo disfarçado em tom de pêsames – “eu avisei”.

Mas o Seo Jairo não caiu e, depois de um estalo metálico e uma chuva de faíscas, o quadro geral de energia do prédio começou a emitir um zunido carrancudo, como se despertasse contra a vontade de uma longa hibernação. E todos comemoraram feito apito final em decisão de campeonato e receberam o Seo Jairo com as honras do herói que marca o gol do título. Putas e travestis selaram um acordo tácito de trégua momentânea na rivalidade, acenderam os cigarros umas das outras e olharam-se, com a cumplicidade silenciosa de quem sabia que eram elas as verdadeiras protagonistas do episódio, pois não fosse a escada e o alicate e nada daquilo teria acontecido.

Porém, esses momentos de paz, união e alegria coletiva eram exceção, quase na mesma proporção em que o Natal era (ao menos em teoria) exceção diante dos demais dias do ano. Na maior parte do tempo, os condôminos entravam em atrito por qualquer motivo, dos mais graves aos mais banais: uma bermuda que sumiu aqui, um maço de cigarro que esvaziou muito rápido ali, a conversa alta na hora de dormir, a podridão que ficava no banheiro depois que certos moradores de intestino mais indômito o utilizavam, o varal de uma que se esticou até um pedacinho a mais do que deveria e invadiu espaço do varal da outra, a mão boba que distraidamente apalpou as nádegas alheias na subida da escadinha, o “Don Juan do albergue” (essa foi Estrela da Manhã quem inventou) que mexeu com a mulher do outro, a “vagabunda” que se meteu a “roubar macho que já tem dona”, o velho mendigo que dizia estar se preparando para o fim do mundo e pegava tudo que encontrasse na rua (de cascas de laranja a quadro enferrujado de bicicleta) e trazia para atulhar dentro do quarto (fazendo a alegria das baratas), a prostituta que inventou de atender cliente lá mesmo e empestou o ambiente de perfume barato e gemidos fingidos, o carroceiro que para facilitar o trabalho decidiu usar a galeria desocupada do térreo como depósito das latinhas e papelões que vendia no ferro-velho.

Tudo. Tudo era motivo de discórdia, reclamação, gritos e, não raro, socos e pontapés, chegando a dois casos mais extremos onde objetos de concussão – um paralelepípedo num caso e um caibro 5 x 5 no outro – foram utilizados de modo letal para resolver a contenda.

Jota, que convocara os moradores da praça sentindo-se um Moisés pós-moderno que conduziria seu povo à terra prometida onde manava leite e mel, refestelou-se com a novidade no começo, pois seus lucros multiplicaram (que fim dava ao dinheiro era um enigma de aspecto insolúvel, pois não ostentava vícios de nenhum tipo, tampouco era visto com mulheres e visivelmente também não gastava com roupas, relógios, correntes, objetos de valor, atrações culturais, doações a orfanatos, financiamento do crime organizado, nem com nada) face à “taxa de administração e segurança” que passou a cobrar dos “inquilinos” além da tradicional porcentagem sobre o faturamento de cada um. Quem não tinha condições de pagar, perdia acesso ao maná, ao leite e ao mel, dando lugar a outro que fizesse por merecer o acesso àquela Nova Jerusalém de seis andares. Também seu sentimento de poder aumentou, visto que decidia quem ficava e não ficava (e onde ficava), tomava as decisões que julgava cruciais para que todos ali continuassem respirando, além de, desnecessário dizer, tomar para si o melhor quarto, que não dividia com ninguém, e ali instalar uma cadeira dessas de rodinha, com encosto e braçadeiras acolchoadas, onde ficava a maior parte do tempo como um rei em seu trono. Não obstante, com o passar do tempo e com a inevitável caracterização de síndico que acabou lhe sendo conferida, viu sua vida se converter a passos largos num mar caótico de reclamações e pedidos de intervenção constante para resolver os casos mais mesquinhos e banais. Lúcifer, que planejava matá-lo (mais por vingança pela humilhação que sofrera com a surra do primeiro dia do que por qualquer benefício social que tal morte supostamente traria), decidiu esperar um pouco para ver como as coisas se assentariam, para ver de perto aquele sofrimento que já havia acompanhado em outros condomínios, dos maiores e mais luxuosos aos mais simplórios.

Pois, seja pela cor do azulejo da piscina, pelo sorteio da vaga na garagem, pelo cachorro que não para de latir e arranhar a parede, pela TV que fica ligada no volume máximo durante a noite, pela furadeira que se pôs a trabalhar no domingo de manhã ou pela “vaca da Dolores que roubou minha calcinha que tava ali no varal”, as pessoas que vivem separadas apenas por paredes e tetos finos tendem a brigar e a tornar a vida do síndico um inferno até que o problema seja resolvido a seu favor (o que na maioria dos casos envolve o vizinho parar de fazer barulho ou ceder em qualquer que seja a questão, preferencialmente levando uma multa ou punição equivalente no final, “para aprender”). Jota aguentou esse martírio por algumas semanas e estava prestes a explodir. O primeiro ímpeto foi esmurrar o próximo que pisasse em seu quarto para abrir a boca e reclamar de um cocô de pardal no parapeito da janela que fosse, mas mesmo em meio à fúria e ao estresse conseguiu raciocinar que, se assim o fizesse, acabaria matando um a um todos os moradores e não teria mais fonte de renda até repor os quartos com novos condôminos, que mais cedo ou mais tarde acabariam sendo mortos também. Decidiu nomear um “síndico oficial” que ao menos filtraria os casos mais corriqueiros, levando a ele apenas assuntos que realmente exigissem intervenção *superior*.

Lúcifer, devido ao carisma que transbordava naturalmente de seus gestos e palavras e, principalmente, à capacidade de dar conselhos tão precisos quanto bem-humorados para as mais diversas situações, já gozava de certa popularidade entre os mendigos (e também entre as prostitutas, travestis e os “nóias”), e isso levou alguns a pedirem que ele se candidatasse ao “cargo”. Contudo, o Primeiro entre os Anjos sabia que Jota (com uma boa dose de razão) encarava-o cada dia mais como uma ameaça, e só não o expulsara ainda por receio de que Gisele acabasse indo junto. Em outras palavras, o “Rei dos Mendigos” jamais entregaria o cargo de síndico a ele. Lúcifer usou isso como desculpa, porém, mesmo que houvesse essa possibilidade, não se candidataria – certamente haveria outra maneira de fazer algo bom pela humanidade sem passar por semelhante tormento. Seo Jairo acabou se oferecendo, segundo o próprio “com a maior boa vontade”. Na verdade, tinha

uma boa pitada de segundas intenções – com o posto de destaque na hierarquia do grupo, quase um braço direito do poderoso chefe, almejava conquistar o coração da Dona Nalva, que nunca havia lhe dado bola. Um romântico incorrigível.

Foi aceito de imediato e arrependeu-se já no segundo dia.

“Tem que ver isso aí logo, Seu Madruga”, “Porra, Seu Madruga fala logo com o Jota que ele resolve”, “e aí, Seu Madruga, vai pisar na bola *mêmo*? Deixa você... tá fudido na minha mão, seu arrombado”, “ô, Jairo... olha a putaria que esses travecos do caralho tão fazendo aqui dentro, não pode deixar isso aí não”. Essas foram algumas das coisas que em menos de quarenta e oito horas o Seo Jairo ouviu, pela frente. Pelas costas, em sussurros propositalmente altos para que pudessem ser escutados à distância de alguns passos e suficientemente baixos para que pudessem ser negados caso confrontados, ouvira toda sorte de expressões e adjetivos. Um deles, da Dona Nalva, causou ferida no coração que já pensava não ter mais espaço para tanta cicatriz: “mas esse Seu Madruga é um banana mesmo...”, ela disse, depois que ele pediu um tempo para resolver o impasse do colchão de espuma que os três no quarto queriam, mas só um poderia usar (e, evidente, Dona Nalva pretendia que esse “um” fosse ela própria). Jairo só não desistiu da nova atribuição por medo da reação que Jota poderia ter – certamente não seria das mais compreensivas.

Dessa forma, o pobre Seo Jairo continuou no exercício da ingrata função, o que assumiu como um tipo de castigo por ter sido, em uma vida passada (outra, além da que fora eletricitista), um inquilino que atrasava o aluguel e vivia a dar dor de cabeça ao senhorio. Jota retomou, com força total e ânimo renovado, os afazeres que realmente lhe davam prazer – a venda de drogas e o agenciamento de meninas de rua “novinhas” que se dispunham a *fazer companhia* a homens mais velhos por algumas horas, por alguns trocados ou por alguns saquinhos da cola de sapateiro que aplacava a dor e a fome. Na maioria das vezes, o próprio Jota, zeloso com os serviços que oferecia, *testava* ele mesmo as meninas, com o nobre intuito de verificar se estavam aptas a satisfazer os clientes. Lúcifer, que até então sobrevivera com os

“corres” e às vezes com esmolas, pretendia afastar Gisele dessa ameaça o máximo possível. Solidificara em seu íntimo a certeza de que o “algo bom pela humanidade” deveria começar por aquela menina. E para que esse algo bom pudesse ser feito, primeiro precisava do teto, que já havia conseguido ao convencer o Jota a invadir os prédios. Depois, precisava arrumar um trabalho, pois, mais cedo ou mais tarde, um dos golpes daria errado e ele acabaria preso. Essa segunda etapa, porém, estava difícil de vencer. Não havia lugar disposto a empregar um mendigo sujo sem “lenço nem documento” como o povo costumava falar.

Certa vez, passou em frente a um estabelecimento, que possuía o seguinte cartaz estampado na vitrine: “*Preciza-se* de ajudante com experiência em xérox e conhecimento em informática”. Lúçifer riu ao ler e pensou “conhecimento em gramática poderia ser um diferencial”. Trajava, na ocasião, a camiseta seminova que ganhara de uma senhora que passou distribuindo roupas aos moradores de rua alguns dias antes. Havia tomado banho ainda naquela manhã, a barba estava aparada e o cabelo não tão desgrehado. Somente a calça jeans, fugida do guarda-roupa de um mecânico de jamantas, não ajudava, mas resolveu arriscar mesmo assim. Entrou e rapidamente se encostou ao balcão, onde as pernas não podiam ser vistas. Uma mocinha de olhos puxados e cabelo à altura das orelhas o atendeu, com um sorriso tão simpático que parecia falso.

— Bom dia, senhor, em que posso ajudá-lo?

— Oi, tudo bom? Eu vim ver sobre o anúncio... – a moça apertou ainda mais os olhos e inclinou-se na direção de Lúçifer, como se não estivesse entendendo. Ele então complementou, apontando a vitrine às suas costas: – O anúncio de ajudante.

— Ah, sim – a mocinha arregalou os olhos e estreitou a boca, pensando no que faria. Resolveu começar com a pergunta padrão: – O senhor tem conhecimento de informática?

— Eu criei o Facebook, moça! – Lúçifer falou a verdade, sorrindo de um jeito que parecia brincadeira, para que não fosse tomado por maluco. Ela gargalhou, colocando o indicador embaixo do nariz como se fosse espirrar. Antes que a piada perdesse o



feito, Estrela da Manhã continuou: – Bom, na verdade eu só criei um perfil lá, há muito tempo. Mas, sim, eu tenho conhecimentos em informática.

— E o senhor tem experiência com copiadoras? – ela perguntou, inexplicavelmente afeiçoada ao mendigo que entrevistava.

— Hum... pra ser bem sincero, não tenho, não – LúCIFER contraiu os lábios e coçou a nuca. – Mas, olhando daqui – esticou os olhos na direção da máquina de cópias –, eu diria que tem algo a ver com abrir aquela tampa, colocar o papel com o lado que você quer copiar virado na direção do vidro com um negócio de luz em baixo, depois fechar a tampa e apertar o botão verde. É mais ou menos isso?

— É, é mais ou menos isso... – a mocinha dava uma risada anasalada baixinha, mas gostosa de ouvir, e sempre usava o dedo como suporte do nariz ao fazer isso.

— Viu só? – LúCIFER abriu os braços e o sorriso. – Já sou especialista em copiadoras! Começo hoje mesmo?

— Então... – foi a vez da moça apertar os lábios e coçar a nuca. – Eu vou ter que falar com meu chefe. O senhor espera um pouquinho aqui?

LúCIFER confirmou com um aceno de cabeça e já sabia o que iria acontecer, assim que a moça virou as costas. O chefe debruçava-se sobre uma prancheta, cortando papéis com estilete atrás do vidro onde ficavam as copiadoras. Quando a funcionária fez a pergunta, ele olhou para o mendigo no balcão por menos de dois segundos e respondeu alguma coisa com rispidez. A mocinha voltou sem graça e falou, esforçando-se para não soar como uma mentirosa descarada:

— Então, moço... a vaga já foi preenchida...

— Ah, é? – LúCIFER apontou novamente para o cartaz.

— É... a gente esqueceu de tirar o anúncio. Desculpe...

Despediram-se sem dizer mais nada. LúCIFER foi se sentar no banco da praça, onde gostava de ficar enquanto Gisele brincava na fonte. Um homem de terno, gravata e cabelo penteado com gel, que acompanhara toda cena do balcão enquanto aguardava suas

cópias, saiu do estabelecimento e foi se sentar ao lado do Anjo Caído.

— Você não vai arrumar emprego vestido desse jeito, cara – ele falou, olhando para a rua, esticando e recolhendo os lábios.

— É mesmo? – Lúcifer replicou, com desdém pelo alerta óbvio.

— Hoje em dia o que importa é marketing, cara. Só isso – continuou a falar, ignorando a reação do interlocutor. – Se fosse um Zé Mané ali, com roupinha de marca e cabelinho cortado, ficaria com a vaga, mesmo que não soubesse nem que a porra da máquina de xérox precisa ser ligada na tomada pra funcionar. Não é o que você sabe, é o jeito que você se veste, é o jeito que você fala, é o que você faz parecer que sabe – o homem suspirou e recostou-se no banco de madeira, sem se preocupar em sujar o terno. – Foi mal, cara – olhou para Lúcifer e contraiu o semblante num riso nervoso de negação –, tô falando essas coisas porque tô meio puto. Três anos batalhando por uma promoção, me dedicando, fazendo hora extra pra caralho... pra chegar nos 45 do segundo tempo e aparecer uma vagabunda do nada, dar pro chefe e ficar com a porra do cargo.

— É, deve ser complicado – Lúcifer disse, erguendo as sobrancelhas sem muito interesse.

— Mas quer saber, cara? Tô pouco me fodendo pra isso – suspirou longamente e secou os lábios com as mãos. – Nem sei pra quê eu queria essa promoção. Ter mais funcionário debaixo da gente só serve pra encher o saco. Nem sei pra quê eu continuo indo pra essa empresa, cara... tem dia que não dá vontade nem de sair da cama, tem dia que dá vontade de... sei lá... – voltou a esticar os lábios formando um bico para depois retrair e esticar de novo. Agora dava tapas rápidos no próprio joelho e os olhos começavam a se encher, vermelhos.

— Conte-me mais sobre isso... – Lúcifer não resistiu a saber mais sobre o assunto que mais lhe despertava interesse antigamente.

— Sei lá, cara... às vezes fico me perguntando pra quê tudo isso, saca? Acho que foi marketing também. Meu pai acreditou na propaganda que fizeram e me colocou na melhor escola que ele

conseguiu me colocar, me incentivou a arrumar emprego do mesmo jeito que ele arrumou. Eu consegui. E o que adiantou? Eu não tenho vontade de sair da cama quando o despertador toca. Eu acordo e já pego o celular pra ver as notícias, me enganando que é pra me manter atualizado, mas não é isso porra nenhuma... na verdade eu olho aquilo ali torcendo pra ver uma notícia de que teve um atentado terrorista no prédio do trabalho, que estourou uma guerra e me convocaram, que a Terra foi invadida... qualquer merda que me servisse de desculpa para não vir trabalhar. Saca? E tá todo mundo assim, cara. Todo mundo que eu converso tá vivendo igual zumbi, sem tesão nenhum pela vida que tá levando. E mesmo sabendo tudo isso a gente tem filho e o que faz? Coloca o moleque na escola, incentiva a arrumar um bom emprego, correr atrás de dinheiro, igualzinho a gente fez. Tipo um boi colocando o bezerro na esteira do matadouro, saca? Tem alguma coisa muito errada nisso, cara. Alguém enganou a gente direitinho... – respirou fundo, diminuindo o ritmo das palavras e dos tapas no joelho. – E a gente percebe melhor isso quando tem crise, e agora todo dia tem crise, e você fica com medo de perder o emprego que odeia, fica com medo de não conseguir mais sustentar as coisas que nunca precisou ter, de perder a porra do padrão de vida que não te dá a menor alegria. Medo de crise, medo de assalto, medo de cotação da bolsa, medo de tudo, cara. Puta que pariu, foderam a gente – ele riu, como se agora considerasse tolas as próprias palavras. – Porra, eu sei que tem gente muito mais fodida que eu, tem um pessoal que não tem nem o que comer e tal e que parece que eu estou reclamando de barriga cheia...

— É verdade – Lúcifer o encarou com ironia.

— Foi mal, cara. Não quis te ofender – o homem se desculpou sinceramente ao se dar conta de que reclamava sobre o sabor da sobremesa com alguém que vivia das migalhas que caíam da mesa do banquete. – Até outro dia! – levantou-se e, depois de dois passos, virou-se para falar: – Mas aquele lance sobre a roupa, infelizmente é verdade. Tenta ver isso aí.

E foi embora. Lúcifer sabia que era mesmo verdade, que precisaria de uma indumentária adequada antes de pleitear

qualquer vaga, mesmo que de ajudante de copiadora. Para isso, precisaria de dinheiro. Decidiu apelar para algum serviço braçal.

Afinal, "pra erguer peso não deve precisar de R.G. nem roupa bonita", pensou.

## CAPÍTULO XVII – UM HOMEM DE BEM

— Tio, se liga, vão te pagar merreca. Isso se alguém te der chance, né. Pô, tio, não leva a mal, mas `cê tem *mó* chassi de frango, não tem cara que aguenta carregar nada não – Gisele gargalhou ao falar a verdade sem pensar duas vezes, quando Lúcifer lhe disse que procuraria serviço nas docas de desembarque do mercado.

— Inteligência deve contar alguma coisa, não? E isso, minha cara, o tio Lu tem de sobra! – o Anjo Caído falou com a costumeira confiança, entornando o copo de água de coco que haviam comprado com os trocados remanescentes do último golpe.

— Inteligência pra carregar caixa, tio? – ela riu mais ainda. – `Cê tá viajando!

— Sempre muito bom contar com seu incentivo, Gisele! Muito obrigado, tinha certeza que você iria me apoiar – sorriu e moveu o copo vazio em frente ao rosto, examinando o comportamento da última gota que escorria no fundo. – Isso é bom mesmo, hein!

— Quer o resto do meu? Já tô cheia... – Giza ofereceu o copo com um pouco menos da metade e Lúcifer aceitou. – Ah, tio, não quero te desanimar não. Mas é que essa parada aí é serviço de peão brucutu, tá ligado? Você tinha que tentar alguma coisa mais *light*.

— Você sabe que eu tentei, Gisele. Mas sem documento e com essas roupas aqui, não me deixam passar nem da porta. Preciso levantar um dinheiro pra me vestir de um jeito decente, daí sim procurar algo mais “light”.

— É só juntar o dinheiro dos corres, tio. Não tem segredo.

— Com os corres a gente ganha dinheiro num dia e depois não sabe quando vai ganhar de novo. Não dá. Preciso de dinheiro garantido e... honesto... – quase engasgou ao dizer essa última palavra. – Além que a gente ainda vai acabar se ferrando com essa história.

— Bom, você que sabe, tio.

Lúcifer tomava aquela passagem pela Terra, mais do que como um desafio pelo trato feito com Deus, como um período de férias,

um ano sabático, ou algo do tipo. As sensações que sentia no corpo material já eram por si só um grande atrativo – cada cachorro-quente, pedaço de pizza (experimentado pela primeira vez na ocasião do aniversário de Gisele), pastel com caldo-de-cana, prato feito de arroz, feijão bife e batata-frita, cada cheiro, cada dor e desconforto, cada fóton que lhe trespassava as retinas, tudo possuía o gosto de coisa nova que há muito não sentia o sabor. Temeu, a princípio, que assim como descrito pelo famoso poeta, acabasse se entediando do eterno novo, que não tivesse aventura para além do segundo leão, que o gosto das novidades se tornasse inosso e repetitivo e se perdesse no mar com a segunda delas. Provavelmente isso haveria de acontecer, pois a dádiva da mente brilhante sempre vem acompanhada pela maldição do rápido enfatiamento com tudo e com todos. Porém, não havia matado ainda nem o primeiro leão, havia muito a ser feito. Outrossim, desejava provar que os humanos agiam feito bebês mimados, sempre reclamando de tudo, preferindo a lamentação pelos infortúnios que chegam inevitáveis no decorrer da vida à ação necessária para revertê-los. Tinha convicção de que poderia fazer melhor e os planos para “chegar lá” (onde quer que fosse esse “lá”) ocupavam a maior parte de seus dias e de seus pensamentos, de modo que Belial, Belzebu, os outros Lordes e até mesmo Lilith, desvaneciam na memória como um passado distante e só se lembrava do Inferno quando sentia dor, ou fome, ou frio, ou raiva e lhe vinha o ímpeto de desistir da vida terrena – nesses momentos, recordava-se do tédio ao assento do Trono das Trevas. E acabava decidindo ficar.

No outro dia, foi até o mercadão municipal, que ficava a algumas quadras do prédio. Era um domingo bem cedo e os caminhões chegavam de toda parte trazendo grãos, peixes, ostras, verduras, frutas secas, frutas cítricas, frutas doces e nem tão doces que ganhavam gosto na lâmina besuntada em adoçante com que eram cortadas para o freguês provar, embutidos, carnes, ervas, temperos, condimentos e especiarias das mais variadas. Esses produtos vinham em caixas, que eram tiradas dos veículos e carregadas nos ombros dos “peões brucutus” até as barracas na

parte interna do mercado. Foi se aproximando, como quem não queria nada, de um homem alto, de touca de lã e jaqueta preta, que parecia ser chefe (apenas apontava para os outros as caixas que deveriam pegar primeiro e para onde as deveriam levar, mas ele próprio não carregava nada). Quando viu o mendigo se aproximar, o homem falou, com uma nuvem de fumaça branca de cigarro e do sereno da madrugada saindo da boca:

— Depois, se sobrar alguma coisa a gente deixa aí pra vocês. Agora *tâmo* descarregando, não vem encher o saco aqui não...

— Na verdade eu gostaria de pedir um trabalho. Algo que eu possa fazer para ajudar, em troca de uma módica quantia em dinheiro, é claro – Lúcifer respondeu sem perder a pose, encarando o homem com simpatia.

— Ajudar? – o homem analisou Lúcifer de cima a baixo, como se conseguisse ver toda a estrutura óssea que se escondia por baixo das roupas e músculos. Em seguida deu o diagnóstico: – Você não aguenta o tranco, não. Sai fora...

— Ora! – o Portador da Luz se indignou. – Aposto que sou muito mais esperto que qualquer um desses carregadores!

— Esperto? – o homem falou com sarcasmo. – Bom, isso eu não duvido. Tá vendo o Marcão? Aquele branquelão alto ali... – com os dedos que seguravam o cigarro ele apontou para o tal do Marcão, que empilhava dois caixotes em cada ombro e descia do baú do caminhão num salto. – Ô, Marcão! *Essas aí é* lá no Valter, hein? – aproveitou para instruir o funcionário, que só concordou com a cabeça e seguiu caminhada mercado adentro. – Se você perguntar pra ele quanto é dois mais dois ele não vai saber te falar. Tá vendo o negão que desceu logo atrás? É o Tonhão. Tonhão e Marcão. O que um tem de branco, o outro tem de preto. E o que um tem de burro, o outro tem de jumento. Mas olha quanta caixa esses *filhas da puta* carregam de uma vez. É só isso que eu preciso... de força. Não preciso de nenhum vagabundo metido a esperto aqui não.

— Mas de vez em quando o Marcão deve errar o lugar da entrega, não erra? E vai ver o Tonhão confunde a notinha do pedido, não confere direito o recibo, essas coisas. Certo? Daí você

tem que ir lá resolver e isso te enche o saco, não é? Se tivesse alguém mais esperto trabalhando pra você, mesmo que carregasse menos caixas por vez, poderia agilizar as coisas lá dentro. Daí acabava o serviço mais cedo, economizava dor de cabeça sua, do Valter – apontou esticando o lábio inferior para o mercado –, dos outros feirantes, do próprio Marcão e Tonhão, que levariam menos *enrabada* por fazer coisa errada... e todo mundo ficava mais feliz no fim do dia – Lúcifer experimentou uma cartada que, dada a extensão da tragada do homem de touca e jaqueta com quem conversava, parecia ter surtido algum efeito.

— Você anda me espionando há quanto tempo, caralho? – o homem olhou desconfiado ao redor, como se procurasse outros mendigos que pudessem estar à espreita, vigiando-lhe os passos.

— Não, não, não! – Lúcifer gargalhou. – Não estou te espionando não, fica tranquilo. Eu só imaginei as coisas e, pelo jeito, acertei em cheio, não? – o riso desapareceu numa expressão séria, ele encarou o homem e assim lhe disse: – Vai, cara... só estou te pedindo uma chance. Eu tenho uma *filha* pra cuidar e não aguento mais pedir esmola.

A bituca incandescente se refletiu nos olhos do homem, que observavam Lúcifer com atenção. Lembrou-se da própria filha, agora sob a guarda irresponsável da mãe, que depois da separação adquirira o hábito de conhecer um “macho” pela manhã e já colocá-lo dentro de casa à tarde, expondo a menina a coisas que ele não queria nem imaginar, mas acabava imaginando o tempo todo. Pensou nas constantes reclamações do Marcão e do Tonhão, que não estavam dando conta sozinhos, mas que se enciumaram com os dois últimos ajudantes que havia tentado contratar e os hostilizaram até que pedissem as contas. Junto à última baforada do cigarro, expirou os resquícios da raiva ainda recente pela trapalhada que aqueles dois haviam aprontado na última semana, trocando os recibos de compra entre os clientes (o que fez um descobrir que o outro pagava mais barato nas mesmas mercadorias e gerando uma crise diplomática que quase precisou de intervenção da ONU para se resolver).



— Tá – ele falou, coçando a testa –, vamos fazer o seguinte: entra ali no caminhão de peixe e descarrega o salmão. São três caixas pro Hirata e duas pro Hajime. Três pro Hirata – repetiu, fazendo os números com os dedos enquanto falava – e duas pro Hajime. Entendeu?

— Três pro Hajime e duas pro Hirata, enten...

— Não, porra!!! São três pro Hi...

— Tô brincando, patrão! – LúCIFER sorriu e já se colocou em direção ao trabalho. – Pode deixar que de hoje em diante não vai ter entrega errada nunca mais.

O caminhão de peixes era o menor, mas também, segundo as estatísticas da “peñozada brucutu”, o pior. Dentro da câmara fazia um frio glacial e Estrela da Manhã começou a bater os dentes assim que entrou. O cheiro forte dos frutos do mar quase fez ânsia, mas ele resistiu, enquanto procurava pelos salmões entre os vários caixotes de plástico branco. Quando encontrou, encaixou as mãos às alças, com as costas arqueadas. Ao tentar levantar, teve impressão que a maldita caixa estava pregada ao chão, mas logo percebeu que era só muito pesada mesmo. “Cê tem *mó* chassi de frango, tio!”, não pôde deixar de imaginar a voz de Gisele a tirar sarro de sua cara. “Ela vai ver só...”, respondeu em pensamentos. Arrastou as caixas até a borda, com o trabalho facilitado pelo chão escorregadio. Então desceu e as pegou lá em baixo – ora, não precisava saltar da caçamba com as caixas a tiracolo igual fazia a dupla Marcão / Tonhão, como se estivessem treinando paras as Olimpíadas. Inteligência servia para alguma coisa mesmo naquele contexto, afinal. Infelizmente, não havia como arrastar as caixas até as peixarias lá dentro e aí teve que entrar em cena a força bruta mesmo. Carregou a primeira carga com a mesma desenvoltura da criança que insiste em brincar com um carrinho pesado demais. Na segunda, bíceps, tríceps, trapézios, deltoides e outros músculos que apenas os doutorandos em anatomia e os *personal trainers* conhecem, já queimavam. Encontrou seus novos colegas de trabalho no caminho:

— E aí, Tonhão, beleza? E esse nosso time, vai ou não vai? – perguntou alto, como se tivesse crescido e jogado bola na rua com

Tonhão (que vestia uma camisa regata de clube de futebol).

— Tem que ir, né... — Tonhão respondeu meio desconfiado, mas, diante da abertura, não resistiu a falar o que lhe transbordava no coração: — Amanhã pega uma baba, se não ganhar, pelo amor de Deus!

— É lá ou aqui?

— É aqui...

— Ah, se fosse lá podia complicar, mas aqui vamos passar o rodo! — Lúcifer afirmou, com a certeza de torcedor fanático. Tonhão arreganhou um sorriso cheio de dentes. — Pô, Marcão — o Senhor das Trevas dirigiu-se ao outro (que vestia a camisa de um time rival), esforçando-se para não transparecer a dor nos ombros que quase não deixava mais respirar —, se não ganhar esse final de semana vai complicar a classificação, hein?

— Oxê, vai nada! *`Tâmo* sossegado ali no G4, *fio*...

— Ah, mas tem um monte de time chegando, se perder ponto de bobeira complica, escuta o que eu tô te falando! Diz aí, Tonhão... — Lúcifer passou a palavra ao novo amigo, com quem compartilhava da mesma paixão.

— Tô falando isso aí pra esse barriga de *largatixa*, não é de hoje — Tonhão gargalhou.

— Beleza, rapaziada, vou entregar esse salmão ali no Hajime, antes que descongele. Depois a gente troca mais ideia.

Estrela da Manhã disse isso e continuou o árduo caminho até o mercado. Tonhão e Marcão desceram a rampa para pegar mais caixas e não puderam deixar de comentar entre si: "gente boa esse magrelo". Encontraram-se novamente quase no mesmo ponto, quando voltavam com mais caixas na direção do mercado e Lúcifer voltava de mãos vazias em direção aos caminhões.

— Marcão, você entregou aquelas quatro pro Valter, né? — Lúcifer interpelou.

— Entreguei, por quê? — Marcão parou e olhou com cara de poucos amigos.

— Não, é que eu passei em frente à barraca dele e ele veio falar que a nota tava errada...

— Ôxe, mas de novo? Esse Valter tá é de brincadeira, vou lá falar com ele é agora...

— Não, espera. Tá com o recibo dele aí? Deixa eu dar uma olhada.

Marcão colocou as caixas no chão e tirou um bolo de recibos amassados do bolso da calça. Antes de entregar, porém, deu uma olhada para o homem de gorro e jaqueta, que fumava mais um cigarro e acompanhava a movimentação. Apontou para Lúcifer, sem a menor cerimônia e o patrão respondeu com um dedão positivo, confirmando que sabia o que estava acontecendo. Só então estendeu o bolo ao novo companheiro de equipe.

— Ah, tá aqui, ó... essa era do Chico – Lúcifer falou, escondendo os lábios e apertando os olhos, em tom de cumplicidade. – Mas fica sossegado que eu vou dar um jeito. O porra do Valter já tava querendo chamar o patrão, deixa eu ir lá amansar a fera. Entrega essas aí onde vocês estavam indo, depois tem três de salmão pra levar no Hirata. Já deixei ali na boca do caminhão, nem precisa entrar lá no gelo, beleza?

Mais tarde, com todas as entregas feitas, todas as notas e recibos devidamente conferidos e os clientes devidamente satisfeitos, voltaram a conversar. Lúcifer contou, com ares de poema épico, sobre como havia sido difícil acalmar o Valter, e respirou com alívio ao dizer que no final tudo deu certo. Com a voz em tom de segredo combinou com os companheiros:

— Isso aí fica só entre a gente, não vamos falar nada pro patrão que hoje ele tá meio estressado, acho que a ex-mulher aprontou outra presepada, sei lá... essas coisas acabam com o humor da gente, não é?

— Ôxe, se acaba... eu mesmo, se soubesse a peste que aquela quenga ia virar depois, não tinha casado era nunca! – Marcão concordou, com os pêsames doloridos de quem passa pela mesma situação.

— Então, só fica entre a gente, tá tudo resolvido mesmo, não vamos incomodar ele com bobeira. Fechado? – Lúcifer encerrou o assunto e quem olhasse de fora poderia jurar que aquele trio de

amigos se conhecia e brincava de bolinha de gude e figurinha desde o berçário.

Recebeu trinta por aquele dia em que passara no “teste de admissão”. Ganharia duzentos por semana (trabalhando de terça a domingo), o que no fim do mês, nas palavras do patrão: “dá quase um salário mínimo, tá reclamando do quê?”. Apesar da dor no braço e do sentimento de ter sido atropelado por um daqueles caminhões cheios de carga, era dinheiro garantido e o Anjo Caído sentiu-se bem, como jamais imaginou que poderia se sentir ao fazer uma tarefa tão mundana quanto carregar caixas. Contou a novidade a Gisele e foram comemorar no dogão da Dona Nice, onde há tempos não iam. Pediram duplo, empapuçaram-se de refrigerante e lá se foi quase todo o dinheiro. Não sobrou nem o quinhão do Jota, para quem Lúcifer mentiria, dizendo que só haveria de receber no fim da próxima semana.

Gisele foi brincar na fonte em frente à igreja e Lúcifer aproveitou o restante do dia para andar pela cidade, cheia mesmo nos dias de folga. Foi observar as pessoas, ver como elas conversavam, do que riam, do que choravam e reclamavam, o que as deixava contentes e o que as preocupava. Sempre gostou de fazer isso – mesmo na forma de espírito demoníaco, costumava vagar pelas cidades, assentar-se nos parapeitos dos prédios altos e observar as luzes, ouvir as vozes, os gritos, sussurros e gemidos que emanavam lá de baixo. Procedia dessa maneira com uma dose de segundas intenções, analisando os pontos fracos daqueles que queria conduzir à perdição e deleitando-se com as lamúrias dos desesperados. Agora, não havia se convertido milagrosamente em uma boa alma, como talvez os eventos recentes pudessem dar a entender, mas ao menos fazia suas observações mais com curiosidade do que com malícia. Aproveitou também para ver o preço das roupas, com as quais almejava conseguir um emprego que lhe desse mais “margem de manobra” para pensar em outras coisas além da própria sobrevivência. Voltou ao apartamento já à noite, tomou um banho quente (por coincidência, Seo Jairo consertara o chuveiro comunitário naquela mesma manhã, depois

de receber três ameaças de morte) e dormiu um sono de roncões violentos.

Na segunda-feira, sem dinheiro e com fome, teve que recorrer às esmolas. Gisele também foi, a contragosto – preferia aplicar os golpes do que ficar ali parada com a mão estendida aos olhares de pena, julgamento e reprovação, aguardando a boa vontade da compaixão alheia. Lúcifer também preferia, mas sabia que já estava “manjado” pela polícia e por alguns comerciantes, que esperavam apenas um deslize para pegá-lo. Provavelmente só tomaria alguns sopapos e logo seria solto, mas poderia ter o azar de cair nas graças de alguém particularmente inspirado, que resolvesse aplicar um corretivo mais *duradouro*. Não queria se arriscar e achou mais prudente sair de cena por algum tempo.

Na terça trabalhou, e o corpo, que estava quase recuperado do esforço de dois dias atrás, voltou a ficar todo dolorido de novo. Na quarta-feira, pediu um adiantamento ao patrão, que foi prontamente negado junto a uma baforada de cigarro – só receberia no domingo mesmo e ponto final. Assim, seguiu em duplo expediente – carregamento de caixas junto a Marcão e Tonhão (dupla a que se afeiçoara de um jeito que surpreendeu até a ele mesmo) pela manhã e pedidos de esmola junto a Gisele à tarde. Giza estava cada vez mais arredia quanto à ideia de continuar como pedinte e, no sábado, a situação se tornou insustentável.

— Tá geral com escorpião no bolso aqui, tio. Ninguém vai dar nada pra gente não, se liga. Semana inteira pagando *mó* sapo e mal deu pra comprar um lanche. Cansei! – Ela disse, levantando-se.

— Onde você vai, Gisele? – Lúcifer perguntou, com certa repreensão na voz.

— Vou fazer meu corre, tio. Vem comigo ou vai ficar aí?

— Vou ficar...

— 'Cê que sabe...

Voltaram a se encontrar só à noite, já no apartamento. Lúcifer estava cansado e precisaria acordar cedo no outro dia, mas não conseguia dormir, preocupado com Gisele que não chegava. Então a menina entrou no quarto, com cara de que nada havia dado certo. Deitou-se no colchão ao lado do de Lúcifer e ficou um tempo

olhando para o teto, sem falar nada. Estrela da Manhã quebrou o silêncio:

— Não consegui nada no corre?

— Nada...

— Calma, Giza, amanhã eu recebo, já te falei – Lúcifer tentou apaziguar o clima.

— É, tio... a merda é que eu tô com fome hoje – Gisele respondeu sem tirar os olhos, agora cheios de lágrimas, da tinta descascada e das bolhas de bolor que eclodiam no teto.

— É só um dia, Gisele. Quantas vezes a gente já não dormiu com fome, pô? O que foi que te deu hoje, menina?

— Hoje eu cansei, tio... – ela se levantou, resoluta, como se acabasse de tomar uma decisão importante em seu íntimo. Encarou Lúcifer com olhos marejados e selvagens e caminhou na direção da porta.

— O que você vai fazer, Gisele? – Lúcifer a segurou pelo pulso.

— Eu vou conseguir dinheiro, comida ou um saco de cola. O que estiver mais fácil.

— Giza, essa hora, como você vai... ? – então o Senhor das Trevas entendeu o que a menina tinha em mente e fez mais força na mão que a segurava. – Gisele, nem pensar em fazer uma coisa dessa, dorme aí que a fome passa e amanhã a gente dá um jeito...

— Tio, se liga. E me solta! – desvencilhou o braço num puxão. – Entende uma coisa de uma vez por todas: você não é meu pai.

Disse isso e foi até o quarto de Jota.

Foi a vez de Lúcifer deitar e encarar o teto. Ficou ali, ouvindo os passos de Gisele pelo corredor fedido, ouvindo as batidas na porta, o pedido de licença e o "oi, princesa... até que enfim veio me visitar..." malicioso que deu boas-vindas a ela. Alguns mendigos ainda conversavam nos andares de baixo e os latidos de cachorro, buzinas, pastilhas de freio, risadas boêmias e demais sons que compunham a sinfonia de ruídos incessantes da cidade, ressoavam lá fora, mas mesmo assim ele teve certeza que pôde ouvir as mãos grandes e sujas deslizando pelos cabelos, puxando a cabeça para baixo com uma força controlada que denotava carinho, mas também transmitia a certeza que não haveria mais como desistir.

Pôde jurar ter ouvido os estalos molhados, os engasgos, os gemidos abafados e as frases de incentivo que o maldito sussurrava enquanto ajeitava o cabelo da menina atrás da orelha para que pudesse ver melhor: "isso, princesa... tenta engolir tudo, isso...".

Pouco depois, Gisele voltou, cheirando cola. Não falou nada. Ficou sentada no colchão por algum tempo, depois deitou e dormiu. Lúcifer continuou olhando as manchas amareladas que a umidade desenhava nas paredes, com os sons que não sabia se tinha mesmo ouvido ou apenas imaginado ainda ecoando na cabeça. Precisava matar o Jota, só não sabia como. Teria que parecer acidente, algo discreto, veneno, talvez. Não sabia. Passou muito tempo em claro, pensando nisso, e também em Belial, em Miguel, em Deus, na longínqua guerra contra o Caos, em Eva, em Abel, em Jó, Noé, Davi, Pedro, Barrabás, Pilatos...

E em Gisele.

Principalmente em Gisele.

## CAPÍTULO XVIII – MATANDO BARATAS

### *Dias antes, na loja de ferramentas...*

As nuvens de chuva pareciam adivinhar a hora do final de expediente e se juntavam sem cerimônia para observar, com certo sadismo, as pessoas que saíam feito formigas das portas de metal fechadas em uníssono lá em baixo. Cobriam o céu de chumbo, raios e trovões, e lançavam sobre a cidade uma ameaça ruidosa de enchentes, semáforos apagados e trânsito caótico, que fazia a volta para casa afigurar-se a uma pequena fuga do Egito sem Moisés para abrir o mar. José Maria, o homem de bigodinho fino que expulsara Lúcifer de sua porta com um jato d'água, dono da casa de ferramentas, preparava-se para fechar o caixa, quando entrou na loja um senhor muito gordo, de cabelos grisalhos, com uma pressa que dava impressão que a própria vida e o bem-estar de todos seus descendentes dependia da compra de um martelo, serrote, chave de fenda, alicate ou seja lá o que fosse que viera procurar. José Maria viu os olhos de sua funcionária revirarem na direção do teto ao perceber a chegada do nada bem-vindo último cliente do dia.

— Dá tempo ainda? – o homem gordo perguntou, recobrando o ar que teimava em lhe escapar dos pulmões em expirações chiadas.

— Dááá... – a menina atrás do balcão se lembrou da parcela atrasada da faculdade e tirou forças do útero para soar simpática, esboçando um sorriso tão amarelo que chegou a ficar cômico.

— Pode deixar que eu atendo ele, Sarah – José Maria socorreu a funcionária. – Vai embora, vai. Tá armando a maior chuva, daqui a pouco fica tudo parado e você perde a aula.

— Ai, 'brigada, Seo Zé. Vou indo lá então, até amanhã.

Sarah despediu-se do patrão e do cliente, com uma expressão de alívio. Bateu o cartão, pôs a mochila nas costas e "saiu vazada", como mais tarde relataria às amigas, antes que algum outro "sem noção" tivesse oportunidade de cruzar a porta. O homem gordo secou o suor da testa com o antebraço e olhou, não tão disfarçadamente, na direção dos *bolsos traseiros* da calça jeans da moça que saía apressada em direção ao ponto de ônibus. Depois,



ainda com o peito arfando, voltou a atenção ao sujeito de bigodinho fino que viera atendê-lo.

— O senhor me desculpa o horário – o velho falava como se tivesse acabado de morder uma batata quente –, é que queimou o chuveiro lá em casa hoje de manhã e se eu voltar sem a outra resistência, já viu, né? A mulher vai ficar enchendo o saco e me fazer ir lá no supermercado vinte e quatro horas. Ah, mas depois que sentar no sofá não quero mais sair de casa não, ainda mais com essa chuva, tá louco...

— É o modelo ducha? – José Maria aproveitou a breve pausa do cliente para interromper as divagações que certamente iriam longe.

— Isso. Vai falar que acabou?

— Não, tenho aqui sim – o dono da loja respondeu, virando as costas e enfiando a mão numa das caixas de papelão que se empilhavam na prateleira. – Tá aqui, prontinho.

— Ah, graças a Deus! Quanto é?

— Tá doze.

— *Ôlouco!* – O homem gordo se espantou. – Mais um pouco e compensa comprar logo o chuveiro.

— Pois é, essa inflação aí tá acabando com a gente. Tá ruim pra todo mundo – o vendedor repetiu a mesma frase que falava para quase todos os clientes, havia meses.

— Esse governo tá demais, né? Meu Deus do céu, vai precisar acontecer o que pra esses caras saírem do poder? Uma guerra civil? Tinha que começar a matar esses políticos safados, daí eu queria ver se eles iam continuar roubando. Mas o povo aqui é muito bunda mole, com o perdão da palavra. Só reclama, reclama e não faz nada. Daí eles roubam à vontade mesmo – o velho comentou com a voz engraçada, dando impressão que tinha esquecido da vida e não estava com a menor vontade de voltar para casa.

— É, tá difícil. O senhor vai precisar de mais alguma coisa? – José Maria fez a pergunta de praxe no encerramento de uma venda, no intuito de cortar rapidamente o assunto e despachar aquele velho chato para fora e fechar a loja de uma vez. No instante seguinte, arrependeu-se amargamente de não ter falado apenas: “dinheiro ou cartão?”.

— Olha, acho que vou aproveitar pra levar uns pregos, viu? Sabe o que é... faz uma semana já que a minha mulher comprou um quadro desses que vendem nas praças, sabe? Que tem barco, paisagem e essas baboseiras que mulher gosta. Daí, rapaz, ela tá me torrando os pacová pra colocar essa porcaria lá na sala. Por enquanto eu enrolei, falando que tava sem prego em casa. E tá mesmo. Mas se eu chegar hoje e falar que vim no depósito e esqueci de comprar o bendito do prego, daí, já viu. Mulher, o senhor sabe como é...

A conversa, praticamente um monólogo, estendeu-se por quase dez minutos. O velho gordo perguntou sobre e analisou cada tamanho de prego com cuidado de ourives. No final, levou uma caixa de 22 x 42. Explicou detalhadamente sua decisão, desenhando com o dedo a planta da casa no vidro do balcão e justificando assim o temor de que um prego maior poderia chegar à parede da cozinha (que fazia divisa com a sala) e acabar furando um cano. “E daí, já viu, né?”. José Maria pensou na crise financeira que fazia o fluxo de sua loja diminuir a cada dia, lembrou-se das palavras do pai falecido, quando ainda estava aprendendo os segredos do ofício da família – “atenda sempre bem, sempre sorrindo. Cliente bem atendido volta e recomenda a loja pra família e pros amigos”. E ele sorriu o tempo todo, a despeito dos sentimentos nada agradáveis a lhe espetar a alma. O velho despediu-se, satisfeito com o *bate-papo*, e rumou sem muita empolgação em direção à esposa, ao chuveiro queimado e ao quadro que aguardava para ser pendurado na sala.

José Maria havia acabado de fechar o caixa quando alguém entrou na loja, esgueirando-se para não se sujar na graxa da porta de metal semiaberta.

— Fala aí, Zé! – disse Geraldo, o proprietário da loja de sapatos vizinha ao depósito.

— Puta susto, meu! – José Maria respirou aliviado, ao reconhecer o outro comerciante. – Pensei que era ladrão. Ou pior: outro cliente pra ficar meia hora enchendo o saco pra levar uma caixa de prego.

— O tiozinho ficou alugando a orelha, né? Tava ali de fora só olhando, esperando pra falar com você e o velho não desembaçava. Pô, hoje também entrou uma senhora ali, fez o menino novo que eu contratei descer metade do estoque e no final não levou nada. O neguinho ficou puto, ha-ha-ha-ha! – Geraldo percebeu que o Zé Maria riu sem muito interesse, só para não deixá-lo sem graça, e decidiu ir direto ao assunto: – Então, mas vem cá... tô pensando numas paradas aí e queria ver o que tu acha.

— Pode falar... – o tom de confissão de segredo empregado por Geraldo acabou despertando a curiosidade de José.

— Então, cara – Geraldo começou a falar, quase sussurrando, olhando para os lados, certificando-se que não havia ninguém escondido atrás do balcão para escutar a conversa –, a gente já conversou várias vezes sobre esses vagabundos que ficam usando droga aí na rua o dia inteiro, certo? Porra, não sei se é impressão minha, mas pra mim tá cada vez pior. Já não tá bom de cliente por aqui e essas pragas ainda ficam assaltando na região, daí fode mais ainda. A gente reclama e a polícia também não faz nada.

— Nem me fale! – José Maria afirmou, com raiva. Aquele assunto fazia suas entranhas se revirarem em ódio. – Outro dia, um filho da puta desses roubou o celular da Sarah, a menina que trabalha aqui comigo. Ficam mijando aí na porta de madrugada, todo dia tenho que lavar. Minha vontade é matar um por um, acabar com essa raça maldita – exaltou-se, coçando o bigodinho compulsivamente.

— A minha também. E é disso que eu vim falar.

— Como assim?

— Acho que já passou da hora – Geraldo começou a falar, mas parou ao perceber que as palavras estavam saindo altas demais. Aproximou-se do Zé Maria e recomeçou, com mais calma: – Acho que já passou da hora, de a gente reagir. E eu tô com uma ideia pra pegar essa *vagabundaiada* toda de uma vez só.

— E que ideia é essa? – José perguntou, com um interesse receoso.

— 'Cê já dedetizou sua casa alguma vez?

— Que eu me lembre, não – Zé respondeu com o queixo enrugado, depois de forçar um pouco a memória e o raciocínio lógico na tentativa de associar uma coisa com a outra.

— Eu já. Semana passada – Geraldo começou a contar. – Tava dando barata toda hora, tive que chamar os caras. Descobriram que tinha um foco dessa praga lá na caixa de esgoto. Pô, me senti um puta de um idiota de não ter pensado nisso antes, mas enfim... fiquei olhando como eles iam fazer. Um abriu a tampa, outro jogou uma bomba lá dentro, tipo essas de gás lacrimogênio que a polícia solta, manja? Nem sabia que existia essa porra, parecia coisa gringa, negócio muito louco mesmo. Mal a bomba passou da entrada e o outro já lacrou – Geraldo reconstituía os movimentos da bomba e da tampa. – Uma ou outra escapou, mas elas já saiam meio grogues de lá, ha-ha-ha-ha, daí a gente matou pisando. Quando abriu a tampa, já era, não tinha nenhuma viva pra contar história. Tô livre de barata por um bom tempo...

— Tá – Zé Maria tentava processar as informações e ligar os pontos –, mas o que isso tem a ver com os vagabundos?

— `Cê tá sabendo que eles invadiram aqueles prédios abandonados faz umas duas semanas e `tão dormindo lá todo dia, né? Virou uma favela vertical, um chiqueiro de dar nojo aquilo lá – Geraldo torceu o rosto, como se estivesse dentro do lugar que descrevia com mais asco do que acabara de descrever a fossa infestada de baratas.

— `Tô sabendo – Zé Maria relutava em acreditar que a conclusão daquele raciocínio seria o que ele estava imaginando.

— Então... e esses prédios antigos pegam fogo fácil, manja?

— Você tá querendo torrar os caras lá dentro? – perguntou o óbvio, cheio de gotas de suor empapando o bigodinho, excitado pela crueldade do plano e ao mesmo tempo aterrorizado com as consequências que aquilo poderia gerar.

— É só espalhar querosene e acender um fósforo perto da caixa de luz. Isso dá pra fazer até sozinho – Geraldo explicou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. – O problema é que tem duas portas de saída, uma de cada lado do quarto. E a gente precisa

fechar rápido, pra não deixar muita barata escapar, manja? Em dois dá pra fazer sossegado.

— Putz, cara... não sei... isso é... é sério demais...

— Pô, Zé! Faz dez anos que você fala que quer matar essas filhas da puta e agora vai dar pra trás quando surge a oportunidade? Vai deixar cobra ficar crescendo aqui no nosso quintal, porra? Na hora que um sem-vergonha desse tá noiado atrás de pedra, não pensa duas vezes antes de te matar não. A gente tentou fazer o certo: denunciou pra polícia. Fizeram alguma coisa? Não fizeram. *‘Tamô* por nossa conta, parceiro. Se a gente não proteger nosso patrimônio, ninguém vai proteger não – Geraldo discursou, de forma bem convincente, carregando cada palavra com a revolta que se acumulara em seu peito ao longo dos anos, desde o primeiro assalto que sofrera, a lâmina gelada encostada na barriga, o tapa na cara a troco de nada. – O esquema é ir lá domingo à noite, não tem uma viva alma na rua, ninguém vai ver. É *vapt-vupt*. E aí, tu tá comigo ou não tá?

José Maria respirou fundo, cerrou os olhos como se calculasse milhões de possibilidades na cabeça, penteou o bigodinho fino com os dedos e respondeu num único fôlego:

— Tô dentro. Bora tacar fogo nesses filhos da puta.

## CAPÍTULO XIX – CHAMAS

Lúcifer se cansou de olhar as manchas de bolor e a tinta desbotada no teto e nas paredes, cansou de tentar se convencer que tudo aquilo não significava absolutamente nada e de esperar por um sono que não viria. Foi até o mercado, sentou-se nas escadas em frente à grande porta de aço e ficou aguardando os caminhões, mas eles ainda demorariam umas boas horas para chegar. Estava enfurecido com a rebeldia de Gisele, com a canalhice de Jota e com a sensação de mãos amarradas que sentira durante o ocorrido. E ainda mais enfurecido por estar enfurecido com essas coisas terrenas, banais, que não lhe diziam respeito. O que tais eventos representavam para ele, o Primeiro Anjo, o Primeiro Demônio, ele, tão belo quanto a estrela que brilha na alva e tão aterrador quanto o abismo de escuridão e desesperança eternas que há entre o Céu e o Vazio? O que tais eventos representavam para o ser mais poderoso de todo o universo à exceção do próprio Criador? Nada. Não deveriam significar nada. Para os vermes desprezíveis que habitavam o mundo material, poderia significar alguma coisa, ou muito, ou tudo. Poderia ser algo a marcar as memórias com ferro em brasa até o último dos dias da existência insignificante que levavam naquele planeta. Mas não para o Senhor das Trevas. E saber disso e ainda assim continuar enfurecido o irritava ainda mais. Só então se dera conta do quanto estava envolvido e do quanto toda a milenar existência pregressa e todos os títulos que possuía eram inúteis no contexto em que se encontrava.

— Ôxe, caiu da cama foi, Esqueleto? – Marcão chamou Lúcifer pelo apelido que haviam dado a ele (em alusão a um personagem de desenho animado que era forte, mas que todos se recordavam apenas dos ossos – característica predominante no corpo que o Anjo Caído agora ocupava).

— E aí, Marcão? Nem vi você chegar – Lúcifer emergiu do oceano de divagações amargas em que estava mergulhado, surpreendendo-se com o tanto de caminhões que já começavam a abrir os baús para descarregar.

Quase no mesmo instante a porta de metal rolou para cima, num *téc, téc, téc* preguiçoso que anunciava o início de mais um dia de trabalho. Estrela da Manhã levantou-se, cumprimentou Tonhão e também o chefe (sempre com a mesma touca, mesma jaqueta e um cigarro onipresente entre os dedos), sem o mesmo entusiasmo dos outros dias. Perguntaram se estava tudo bem e ele respondeu um “sim” lacônico. Provocaram com piadas que pretendiam colocar em xeque a sexualidade do amigo e, no lugar das costumeiras tiradas de sagacidade ímpar com que haviam se acostumado durante a semana, receberam de volta apenas um sorriso sem graça. Não insistiram. Carregaram muito e falaram pouco durante o expediente. Lúcifer levou as caixas mais leves e seus braços já não doeram tanto – menos pelo peso da carga e pelo costume do que pela anestesia natural que a mente perdida em devaneios lhe imputava. Conferiu as notas e recibos, tudo a contento – não houve nenhuma confusão, mas também nenhuma alegria. Apenas uma manhã cinza como o céu poluído da metrópole.

— Então, Esqueleto – o patrão (que também aderira ao apelido, ao contrário do que costumava fazer com os outros funcionários) chamou Lúcifer de canto ao final da jornada –, você tava meio quietão hoje, não aconteceu nada mesmo?

— Tá tranquilo, só uns problemas lá em casa, mas é coisa besta, logo se resolve – Estrela da Manhã respondeu, segurando a inesperada vontade que sentiu de contar tudo o que havia ocorrido e pedir ajuda para um plano de emboscar o Jota, amarrá-lo e amordaçá-lo no baú de um dos caminhões e depois desovar o corpo esquartejado num precipício ou matagal de uma estrada erma qualquer.

— Bom, qualquer coisa que precisar, estamos aí. *Nóis aqui é* uma família – o patrão falou, sacando um bolinho de notas do bolso. Puxou cinco notas de cinquenta e estendeu-as a Lúcifer. – Uma família, entendeu?

— Agradeço. Obrigado mesmo. Mas por enquanto, dá pra levar – Lúcifer pegou as notas e as abriu feito um leque entre o polegar e o indicador. – Não era duzentos?

— A semana foi boa, não teve nenhuma encheção de saco por causa de recibo, o Marcão e o Tonhão *trabalharam feliz* igual eu não via faz tempo – fez uma pausa para uma longa tragada. – E tudo isso por sua causa. Você é um cara alto-astral, um cara do bem, que põe todo mundo pra cima. E além de tudo sabe falar japonês! Devia ter falado isso antes!

— Japonês? – Lúcifer não processou as informações de imediato.

— Ah, Esqueleto, não se faz de modesto – o patrão provocou. – A rapaziada te viu no maior bate-papo com o Hajime durante a semana. E agora ele só quer comprar com a gente! – completou, satisfeito.

— É mesmo, tinha até me esquecido disso... – o Anjo Caído disfarçou. Na verdade, os idiomas humanos derivavam da linguagem ancestral de Adão, falada antes da queda da Torre de Babel. Lúcifer possuía perfeita desenvoltura em todos eles, e por vezes chegava a não perceber quando estava falando um ou outro durante uma conversa.

— Esses cinquenta a mais é só uma caixinha de boas-vindas – disse o patrão. – Se ajudar a resolver essa merda que te deixou desanimado hoje, melhor ainda.

— Pô, valeu mesmo, patrão. Acho que vai ajudar sim.

— Mas não é pra acostumar não, Esqueleto! – o homem lhe deu um soco de leve.

— Fica tranquilo.

Sorriram ao se despedir. O patrão ainda repetiu, mais alto dessa vez, pois já estavam distantes: “uma família, hein! Não esquece!”. Lúcifer respondeu com um aceno de mão e caminhou até a praça, onde se sentou num dos bancos de madeira e ficou observando a multidão, de esmagadora predominância feminina, que ia e vinha com sacolas cheias e vazias, aproveitando o domingo para fazer as compras que não tinham tempo de realizar durante a semana. A privação de sono já começava a mostrar as garras, embaçando a visão e embaralhando pensamentos, quando ao lado dele se sentou um velho, fugido do elenco de figurantes de um filme clichê de décadas passadas. Estrela da Manhã pensou em sair,



pois não estava nem um pouco disposto a conversar. No entanto, o velho também não deu mostra alguma de que queria falar e os dois permaneceram ali: estranhos compartilhando o mesmo banco e o mesmo silêncio. Minutos depois, o velho se levantou e levou as mãos às costas, fazendo cara de dor, e então falou, um pouco para Lúcifer, um pouco para o vento e outro pouco para si mesmo: “pois é... velhice é uma merda!”. Com o olhar, Estrela da Manhã o acompanhou, caminhando a passos lentos até se fundir ao vai e vem frenético do povo no outro lado da rua. Não viu Gisele chegar.

— E aí, tio...

— E aí... – o Anjo Caído respondeu sem qualquer sinal de vontade na voz e voltou a observar a multidão.

— Tá bravo comigo? – Gisele perguntou depois de alguns instantes de silêncio embaraçoso, balançando as pernas compulsivamente por baixo do banco.

— Por que eu estaria bravo, Gisele? – Estrela da Manhã olhou para ela e, por um brevíssimo momento, as trevas impregnadas na alma lhe transbordaram no olhar. Nesse momento, a menina tremeu como se o sangue estivesse congelando nas veias, à medida que um arrepio de morte subia-lhe o corpo e sentiu mais medo do que jamais havia sentido, do Jota, do pai bêbado, da polícia, de ninguém. Nesse momento, Giza teve um vislumbre do inferno, da dor e do sofrimento eternos, do verme que não morre e do fogo que não apaga, e teria fugido para o mais longe, com todas as forças das pernas e do espírito, teria corrido até o ar se negar a entrar nos pulmões e teria se arrastado até tombar desmaiada depois disso. Mas foi só um brevíssimo momento. Depois Lúcifer voltou a falar, com mais mágoa do que ódio na voz, e ela esqueceu, ou fingiu que esqueceu. – Por que eu estaria bravo? – repetiu. – Eu não sou seu pai, lembra? Não sou nem seu tio, igual você me chama. Não sou nada seu. Nada. Por que me importaria com o que você faz ou deixa de fazer?

— Tio, eu não sei o que me deu. E foi uma merda pra mim também... pode acreditar.

Calaram-se.

Depois de longo suspiro, Lúcifer perguntou:

— Ele te machucou?

— Não quero falar disso, tio... tá? – o “tá” saiu embargado.

— Tá...

— Tio... – Giza falou, após novo silêncio que não saberia dizer ao certo se havia durado dez segundos ou dez minutos.

— Oi...

— Vamos voltar a ser amigos? – ela estendeu o dedo mindinho na direção de Lúcifer. Ele sorriu. E enlaçou o próprio mindinho ao da menina.

— Tá a fim de um dogão? – Lúcifer ofereceu.

— Se liga no movimento, tio! – ela respondeu, meio rindo, meio secando e tentando esconder uma lágrima ardida e solitária. – Eu tô sempre a fim de um dogão!

Foram até a barraca da Dona Nice, que funcionava a todo vapor aos domingos, oferecendo *fast food* de qualidade (considerando-se higiene e sabor como fatores principais na definição de “qualidade” e deixando quesitos nutricionais em segundo ou talvez terceiro plano) às sacoleiras esfaimadas que inundavam as ruas do centro em busca dos melhores preços que apenas a concorrência do livre comércio, guiada pela mão invisível do capitalismo poderia prover (diziam as más línguas que falsificações descaradas, sonegação de impostos, material de quinta categoria e exploração de mão de obra escrava “importada” de países vizinhos também eram fatores que auxiliavam um pouco a “mão invisível” nessa empreitada). Ao se aproximarem do local, perceberam que havia ali uma movimentação fora do comum.

Dois policiais tentavam conter a Dona Nice, do modo menos truculento possível (aos olhos da multidão era incrível como uma senhora tão pequena conseguia dar tanto trabalho a dois homens daquele tamanho), enquanto fiscais da prefeitura desmontavam a barraca e apreendiam as mercadorias, descarregando a raiva que sentiram ao receber a escala para serviços extras em pleno domingo. Dona Nice tentava se desvencilhar dos braços que a seguravam e chorava e gritava: “me larga! Eu só quero trabalhar, meu Deus do céu! Me deixa trabalhar, não leva minhas coisas pelo amor de Deus... não leva minhas coisas...”. E o povo que se

amontoava ao redor bradava, alguns sem descruzar os braços, outros de celular em punho: “deixa a mulher trabalhar!”, “pra que fazer isso?”, “não machuca ela não, tô filmando aqui, polícia... sua cara vai pra Internet, hein! Sua cara vai pra Internet!”.

Filmaram, postaram na Internet, continuaram de braços cruzados, deram risadas, ficaram indignados, voltaram às compras, seguiram o caminho de casa. Dona Nice chorou, berrou, esperneou, implorou, falou da filha desempregada, falou da neta, falou que nunca fez mal para ninguém e reafirmou que só queria trabalhar e pagava todas as coisas da prefeitura direitinho. No final, levaram a barraca e as mercadorias do mesmo jeito. Nice ficou sentada na calçada, chorando baixinho com um mar de tristeza refletido nas grossas lentes dos óculos.

— Putz, meu, coitada da Dona Nice – Gisele comentou, entristecida. – Vamos lá no pastel da feirinha, tio?

— Vamos... – Lúcifer respondeu, sem desviar os olhos da mulher. Pensava em algo “bom” que poderia fazer por ela. Ou que pudesse ter feito antes, talvez agredido os fiscais, incentivado um motim popular contra a polícia, iniciado uma pequena insurreição que poderia crescer e ser lembrada na história como “revolução do cachorro-quente”. Não, seria apenas mais um a apanhar, pensou. No final, só pioraria as coisas. Mas então, o quê?

Foi comer pastel, sem respostas.

\* \* \*

Caminharam pelas calçadas largas, viadutos e praças, com ânimo renovado pelos pastéis (Gisele estava particularmente faminta e comeu três, todos de queijo), pelo caldo-de-cana e pela reconciliação, mesmo que uma ferida daquelas que demoram a cicatrizar estivesse aberta e as coisas estivessem um pouco (um pouco que incomodava muito) diferentes do que eram antes. Foram até a loja de roupas, mas estava lotada e Lúcifer decidiu comprar as coisas que queria apenas no dia seguinte. Não as usaria no domingo, de qualquer forma, e seria apenas um dia a mais correndo o risco de ser roubado no condomínio onde havia gatunos tão experientes que, segundo o dito popular, eram capazes de levar as meias sem tirar os sapatos.

Perambularam mais um pouco, até chegar a hora em que o comércio fechava com sincronia olímpica, as sacoleiras sumiam como se tivessem sido arrebatadas e às ruas só restavam os papéis amassados, as latinhas de alumínio que faziam a festa dos catadores, os cães e as crianças de rosto sujo que fuçavam as lixeiras atrás de comida, as sandálias estouradas, os brincos que jamais haveriam de ser encontrados, as sacolas plásticas que se rasgaram e os jornais distribuídos na porta da estação, flutuando ao gosto do vento, os pombos que arrulhavam juras de maldição e os fantasmas das risadas e das conversas que estavam ali havia poucos minutos. Até chegar a hora em que só restava a desolação cinza.

Retornaram ao condomínio. A noite insone cobrou seu preço, despejando todo o cansaço acumulado de uma só vez nos olhos do Senhor das Trevas, de modo que mal conseguiram permanecer abertos durante a subida das escadas estreitas. Gisele ficou no andar de baixo, conversando com as outras meninas, enquanto Lúcifer estirava-se no colchão de espuma fina e empoeirada que naquele momento pareceu uma nuvem de algodão recheada com penas de ganso e essência de maciez. O Sol não havia se posto fazia muito, mas o Anjo Caído apagou como se fosse alta madrugada, mergulhando no sono escuro e pesado que se assemelha à não-existência.

Sonhou que estava passeando com Eva pelo Jardim do Éden, conversando sobre as árvores, os animais e as plantas, e também sobre os mandos e desmandos de Deus. Mas Eva não era Eva, era Gisele. E ele não era ele, era Deus. E também o Jardim do Éden não era o Jardim, era a praça, mas ali estavam a árvore do conhecimento do bem e do mal, a árvore da vida e também outras árvores menos famosas que cresciam no Jardim do Éden tanto tempo atrás. Mas era a praça. E aquele que chegava para perguntar a Eva o que ela tanto conversava com a serpente era Adão, mas na verdade era Jota. Então a serpente, que era Deus, apontou para Jota, que agora era Noé, e lhe disse: "tolo! Não vês que tua arca está em chamas?". E começaram a sentir o calor das labaredas batendo no rosto como uma lambida do Inferno e o cheiro da

fumaça que fazia tossir, e começaram também a ouvir os urros dos animais e os gritos desesperados de Cam e Jafé, que queimavam dentro do barco e também gritos que não se sabia de onde vinham. Fogo, fumaça, gritos, dilúvio, fogo...

Fogo.

Acordou num salto, tossindo em meio a uma fumaça escura que empestava o quarto e a gritos pavorosos que remetiam ao próprio Inferno. Os olhos arderam de imediato e desataram a lacrimejar involuntariamente, as lágrimas misturando-se ao suor do calor insuportável. Gisele. Precisava encontrar Gisele. Foi até a porta das escadarias, para tentar chegar ao andar de baixo, mas quase foi derrubado por uma turba que saiu desenfreada dali, buscando no teto a proteção contra as chamas que se alastravam pelos andares tão rápido como se o prédio fosse feito de papel. A fumaça sufocava e a tosse o impedia de sequer pensar. Forçou caminho escada abaixo, chocando-se contra a infinidade de gente que subia por ali. No meio do caminho encontrou a menina, mas percebeu isso tarde demais. Tentou segurá-la, mas ela foi levada pelo fluxo. Inverteu a direção da passada e nesse instante em que ficou parado acabou sendo derrubado e pisoteado. Conseguiu se recuperar e subiu. Viu Gisele entrando no quarto, onde o fogo já começava a tomar conta. Correu até lá, e chegou a tempo de ver a menina subindo na janela estreita.

— GISELE! É muito alto... – Lúcifer falava e tossia ao mesmo tempo, e, além disso, as labaredas estalavam e as pessoas gritavam, de modo que as palavras saiam incompreensíveis e inaudíveis.

A menina empoleirou-se no parapeito e, chorando copiosamente por causa da fumaça e do desespero, olhou para ele e balbuciou, balançando a cabeça em negação: “não quero morrer queimada, tio... não quero...”. Gisele não sabia se saltava para fora ou se voltava para o quarto e Estrela da Manhã aproximou-se lentamente, para não assustá-la. Porém, por um fatídico instante, Giza se lembrou do olhar que vira na praça. Então, um medo mais terrível do que aquele causado pelo fogo acometeu sua alma. E ela pulou para fora.

— GIZAAAA!!! – Estrela da Manhã gritou, enquanto as mãos davam um bote no lugar, agora vazio, que fora ocupado por Gisele havia dois segundos.

Viu a menina cair e teve o ímpeto de usar os poderes, voar até ela e salvá-la, agarrando-a no ar num resgate heroico. Seria isso que Deus esperava que fizesse? Desistir do orgulho de perder o desafio para salvar uma vida? Seria essa uma coisa boa a ser feita pelos humanos? O amor por aquela menina poderia redimi-lo? Nunca descobriria as respostas. Porque ele não saltou. Apenas acompanhou, inerte e impotente, o corpinho magro da doce menina de olhos pretos caindo, até se estatelar no cimento dezenove metros abaixo. As lágrimas vieram com força redobrada, dessa vez não apenas pela fumaça.

E então, pela primeira vez desde o início dos tempos, Lúcifer chorou.

## **CAPÍTULO XX – CINZAS**

O instinto de sobrevivência é, em primeira e última instância, a guia mestra que conduz as ações de qualquer animal que já caminhou ou haverá de caminhar pelo mundo dos vivos. Dos organismos mais simples aos mais complexos, dos protozoários aos golfinhos, do menor broto de relva ao mais sagaz dos humanos – todas as células, fibras musculares, escamas, esporos e sinapses trabalham para a preservação da vida, mesmo que, às vezes, contra a própria vontade do indivíduo. Lúcifer sentia isso literalmente na pele agora. Um jorro de adrenalina lhe entupiu as veias, deixando-o alerta e dando a força e disposição necessárias para que fizesse o que precisava ser feito – fugir dali o mais depressa. Por mais que tivesse consciência que era imortal e poderia sair quando bem entendesse, as reações fisiológicas da carne lhe trouxeram o mesmo desespero que os outros presentes ali naquele inferno dantesco sentiam. Ele correu, tentando se esquivar das labaredas que já haviam se alastrado pelos colchões, roupas e todo tipo de tranqueiras que se espalhavam pelos quartos e corredores.

Sabia que subir no terraço era suicídio. Em pouco tempo, o chão lá em cima ficaria quente feito frigideira e as pessoas começariam a saltar em busca de salvação, ou ao menos alívio, rezando por um milagre que não aconteceria. Ficar por ali, contando com a chegada dos bombeiros, também não adiantaria nada, pois ainda não se ouvia nem sirene e logo acabaria sufocado pela fumaça, desmaiaria e teria o corpo consumido pelas chamas. Só havia uma chance, e ela estava escadaria abaixo. O fluxo de pessoas subindo havia diminuído. Alguns caíram, pela intoxicação da fumaça ou pela pressa dos que vinham atrás, e ficaram por ali mesmo, já mortos ou ainda agonizando. Lúcifer passou por cima desses e derrubou (não de propósito, mas derrubou) alguns outros que ainda estavam de pé e tentavam subir.

Quanto mais descia, mais entendia porque as pessoas tentavam subir – o calor só aumentava nos andares inferiores. Mesmo assim ele continuou. Tropeçando, tossindo, suando em

bicas, inalando o ar que mais parecia água fervente, mas continuou. Chegou ao térreo rolando pelos degraus, mais morto do que vivo, e a visão que teve em nada ficava devendo às câmeras de tortura infernais – formando uma pilha às margens da porta de entrada do prédio, estavam os cadáveres dos que tentaram fugir pelo caminho mais óbvio e encontraram o terror de uma saída bloqueada por barras de ferro. Seguiu para os fundos, em meio ao caos vermelho flamejante com cheiro de querosene e gordura queimada.

No caminho, uma surpresa: encontrou Jota. O brutamonte caminhava devagar, pulando em um pé só e tentando encontrar equilíbrio nas paredes que ferviam. Havia caído em algum lugar e agora a perna esquerda, do meio da canela para baixo, balançava inerte com uma fratura exposta e tornara-se um mero adereço pendurado ao corpo. Lúcifer sabia, por experiência de campo, que grandes coincidências daquela natureza raramente eram obra do acaso. Normalmente, nessas situações havia a mão dos anjos ou dos demônios, ajustando as coisas ou preparando o terreno para que tudo desse certo ou errado (respectivamente). Muitas vezes, ocorria também de Deus orquestrar os eventos com o intuito de colocar os homens à prova, quase sempre para conferir se suas criações manteriam a fé e a retidão nas horas adversas. Ao ver o desafeto arrastando-se a passos sôfregos por aquele corredor de pesadelos, Lúcifer teve certeza de que estava diante de um desses testes. Sabia também que deveria praticar o bem, o perdão e a compaixão, sabia que deveria oferecer o ombro como muleta para que Jota se apoiasse e sabia essa era a única chance que o miserável tinha de chegar vivo à última saída que restava no prédio.

Aproximou-se de Jota, sabendo tudo isso. Mas, em vez do ombro amigo, ofereceu um pontapé pelas costas, com toda força que ainda tinha, direto no tornozelo direito. E o gigante tombou, urrando de dor. E urrou mais ainda quando levou outro chute, no rosto dessa vez. Debatendo-se no chão com a perna e agora também com o nariz quebrado, Jota só teve tempo de olhar para cima e identificar quem era seu algoz. Ao ver Lúcifer, arregalou os



olhos com medo e ódio. Muito mais medo do que ódio. O medo de quem sabe que vai morrer.

— Manda um abraço pro Belial, seu *pau no cu do caralho...* — Lúcifer falou, enquanto desferia o chute derradeiro na têmpora do inimigo, tirando-lhe a consciência e qualquer chance de sobrevivência.

Teria torturado e feito Jota sofrer da pior maneira possível até o último segundo, mas se fizesse isso acabaria morrendo também, sufocado ou derretido pelo calor. Deixou para trás o corpanzil do “rei mendigo”, que ainda movia os braços e a perna direita em espasmos, e avançou, cambaleante, até a porta dos fundos. Entretanto, as esperanças de se salvar desapareceram, quando notou que ali também havia uma pilha de corpos, que tentaram escapar e se depararam com uma passagem lacrada. Num estalo, se deu conta do quão idiota tinha sido por não ter pulado pela janela de um dos quartos do primeiro ou mesmo do segundo andar, de onde a queda não seria fatal. As janelas dos quartos eram estreitas, mas ele era magro e conseguiria passar sem muita dificuldade. Já pelos vitrôs dos salões do térreo, seria impossível. Não tinha mais energia para voltar, muito menos para subir as escadas, sem contar que o prédio inteiro dava mostras de que estava prestes a desabar. Preparou-se para retomar a condição de espírito e desaparecer dali voando na forma de sombra, quando ouviu um som de metal vindo da porta, como se alguém a destravasse pelo lado de fora. Foi até lá tropeçando nos corpos. Forçou a maçaneta.

E a porta abriu.

Caiu para o lado de fora quase desmaiado, mas o ar da noite entrou nos pulmões como um bálsamo revigorante. Estava quente e também cheirava à morte e coisas queimadas, mas era infinitamente mais fresco que o ar claustrofóbico lá de dentro. Rastejou-se o mais distante possível do calor e então notou a silhueta de um homem que andava de um lado para outro, levava as mãos à nuca compulsivamente e chorava em desespero. Reconheceu-o pelo bigodinho: era o dono da loja de ferramentas,

que o enxotara da porta do estabelecimento com água fria da mangueira assim que chegara ao mundo dos vivos, meses atrás.

— Foi... foi você que fez isso? – Lúcifer gritou. Em seguida, teve um acesso de tosse.

— Eu... eu não queria... eu... – o homem balbuciou em meio aos estalos do fogo, assustado como o bandido que é pego em flagrante (o que, no caso, não era apenas uma metáfora). Virou as costas e fugiu.

Lúcifer pensou em persegui-lo. Pensou em derrubá-lo, esmurrar a cara até que começasse a se engasgar com o próprio sangue, depois arrastá-lo para o fogo e vê-lo queimar pouco a pouco até morrer e ir para o inferno, para onde Estrela da Manhã retornaria especialmente para poder torturá-lo de forma mais apropriada e por um tempo mais condizente com o ódio que sentia. Mas faltava fôlego aos pulmões e força às pernas e se confortou em pensar que, mais hora, menos hora, o miserável estaria nas mãos dele ou de Belial e então iria receber o que merecia. Contornou o prédio, até o lado em que Gisele caiu. Havia corpos espalhados por todos os lados, alguns ainda agonizando, mas quase todos já sem vida. Apesar do cenário tétrico, Lúcifer encontrou a menina com rapidez. Estava morta. Sem tempo para uma última palavra de despedida, para uma tentativa de ressuscitação ou um último sorriso. Sem tempo para nada.

Os bombeiros chegaram pouco depois, mas, mesmo com a valentia e o esforço que empregaram na contenção do fogo e no resgate, não conseguiram salvar muita coisa. O prédio ficou em ruínas e a maior parte dos moradores, carbonizada. Queimaram-se as putas e travestis, queimaram crianças e velhos, o Jota e o catador de latinhas, também o Seo Jairo, a Dona Nalva e o amor que ele quis dar e ela por vaidade preferiu deixar para depois, queimaram-se as roupas e os varais que causavam briga, queimaram-se os colchões e também os sonhos de dias melhores. Tudo. Queimou-se tudo.

Dos que pularam do terraço, apenas quatro sobreviveram. Dois deles, um homem e uma mulher, foram para o hospital em estado grave e acabariam com sequelas mentais e motoras permanentes.

Uma mulher quebrou as pernas, uma à altura do fêmur e a outra na canela. E uma terceira mulher, conhecida como “Maria Maluca”, chegou incólume ao chão e saiu andando como quem desce da cama e vai ao banheiro pela manhã. Os poucos bombeiros e policiais que viram a cena fizeram o sinal da cruz (mesmo os ateus) e passariam o resto dos dias afirmando “foi milagre” e pensando que aquela mulher haveria de ter algum propósito a cumprir na vida e encontrado nisso a explicação para Deus ter poupado a ela e não aos outros. Não sabiam que dali três meses, Maria Maluca morreria ao cair (ou pular, nunca se soube ao certo) de um viaduto, depois de passar três horas ininterruptas gritando frases desconexas que misturavam sermões bíblicos, canções antigas e poemas desconhecidos, como sempre fizera. De dentro do prédio, salvaram-se cinco adultos e seis crianças, que ficaram num quarto onde as chamas não invadiram, também de modo que denotava intervenção divina, como a imprensa exploraria exaustivamente nos dias seguintes à tragédia. Lúcifer segurava Gisele no colo e observava os homens de vermelho que trabalhavam ao som do crepitar das coisas queimando, dos giros de sirene e da água que calafetava chiando ao encontrar as paredes.

— O senhor estava lá dentro? – uma voz de mulher perguntou, junto à luz forte que chegou agredindo os olhos.

— O quê? – Estrela da Manhã segurou o corpo inerte de Gisele com um braço e tentou proteger os olhos com a mão livre. – Abaixa essa luz, porra...

— Diminui aí, André – a mulher ordenou ao rapaz que segurava a câmera. – O senhor estava dentro do prédio? – repetiu a pergunta, quase enfiando o microfone na boca de Lúcifer logo em seguida.

— Tava...

— Essa é sua filha?

— Não – Lúcifer respondeu com certa amargura –, ela é minha... sobrinha.

— Pode nos dizer o que aconteceu com ela, senhor?

— O que aconteceu com ela? – devolveu, como se não acreditasse na pergunta que acabara de ouvir. – O que aconteceu

com ela? – repetiu e balançou a cabeça em negação. – Olha ali. Olha ali. Filma ali, André, filma aquela porra ali... – Lúcifer apontou para o prédio, com raiva. E o rapaz da câmera obedeceu. – Tá vendo ali, tá vendo aquele prédio quase desabando de tento pegar fogo? Então, caralho... foi isso que aconteceu com ela.

— O senhor não teve tempo de salvá-la? – a repórter continuou, sem alterar o tom de voz, treinado para sair num misto de curiosidade e consternação.

— Não, não tive – Lúcifer pensou em dar a resposta que a pergunta merecia, mas desistiu e só falou o óbvio para que a mulher fosse embora de uma vez. Mas ela não foi.

— O senhor sabe dizer como o fogo começou?

O Primeiro entre os Anjos olhou para o prédio em chamas, para o rapaz chamado André que suava em bicas e tremia para segurar a câmera naquele inferno, fitou os carros dos bombeiros, da polícia, os pontos luminosos das outras câmeras e a multidão de curiosos que já se espremia para acompanhar de perto o desastre. Olhou para o chão e para o céu de estrelas encobertas pela nuvem escura do incêndio. Depois olhou para a repórter, de um jeito que a fez recuar. E falou:

— O fogo começou quando Eva mordeu a fruta do conhecimento. Começou quando Caim esmagou a cabeça de Abel com uma pedra, quando ninguém acreditou em Noé, quando Moisés atravessou o mar fugindo da escravidão e quando Davi mandou contar suas posses por pura vaidade. Começou quando vocês pediram para soltar Barrabás... – nesse momento, a decepção transpareceu no semblante da repórter, pois ela achou que estava entrevistando apenas mais um desses malucos que decoram a bíblia. Mas então Lúcifer continuou: – O fogo começou, minha cara mocinha-bonita-que-quer-fazer-sucesso-na-televisão-e-agora-começa-a-ficar-entediada-por-não-escutar-o-que-queria-ouvir, quando vocês se tornaram idiotas demais para não perceber a realidade ao redor, quando se tornaram preguiçosos demais para lutar contra os que estão no poder e roubam e matam e instigam vocês uns contra os outros, todo santo dia. Quando vocês se tornaram gananciosos demais, buscando sempre mais e mais sem

se importar com quantas cabeças precisariam pisar para chegar no alto, mocinha bonita da televisão – a repórter engoliu seco e desviou o olhar –, começou quando vocês ficaram mesquinhos demais, covardes demais, como pombos se agarrando às migalhas que as águias deixam cair de propósito, sem notar a legião de pardais famintos que se forma à volta. Quando vocês ficaram com a visão estreita demais de tanto olhar o próprio umbigo e mesmo percebendo que há algo completamente errado com o mundo, insistem em querer apenas tirar o seu, em conseguir um lugar na área vip, no camarote, e ver o resto se danar; assistir, debruçados ao parapeito do navio resgate, aos naufragos morrendo no mar distante. Mas deixa eu te dizer uma coisa, moça bonita da televisão... vocês estão todos no mesmo barco. E o fogo começou quando vocês se esqueceram disso.

A repórter e o câmara ficaram pasmos por um tempo.

— Obrigada... obrigada, senhor... ? – ela encerrou a entrevista, por falta de outras perguntas ou mesmo de outras palavras.

— Lucien.

— Lucien...?

— Lucien Arcanjo – Lúcifer falou sem qualquer emoção o sobrenome que acabara de inventar.

A repórter foi embora e Estrela da Manhã ficou ali mais um pouco, imóvel como as estátuas de sal dos que ousaram olhar para trás na fuga de Sodoma, vendo as labaredas que finalmente começavam a ceder à água esguichada pelos bombeiros.

Estava com Gisele no colo.

E ela nunca mais abriu os olhos.

## **CAPÍTULO XXI – UM ROSTO BONITO**

### ***Pouco depois, na Terra...***

Andrea virou-se na cama e o peito nu ressoou num ronronado. Estava perdida em algum lugar do caminho coberto de brumas que separa o reino onírico do mundo desperto. Esticou o braço para o lado, buscando o calor do corpo de alguém. Quase nunca havia nomes, mas quase sempre havia alguém. Não dessa vez. O outro lado da cama ainda estava quente, porém, vazio. Contentou-se em abraçar o travesseiro, contorceu-se e resmungou uma vez mais, como resmungam as crianças que acabam de dormir, pôs metade do edredom entre os joelhos e retornou ao castelo de plástico cor-de-rosa com torres altas e janelas reluzentes, onde era princesa. Uma princesa lasciva, que se entregava com todos os poros a toda sorte de prazer, com homens, mulheres, animais, anjos, demônios e o que mais cruzasse as portas do salão principal. De pé ao lado da cama, Asmodeus, aspecto da luxúria, enrolava os dedos nos cabelos vermelhos e cacheados de Andrea e soprava indecências em seus ouvidos. A algumas dessas indecências ela sorria, a outras, mordida os lábios e a outras, temia. Mas a todas, aceitava. Andrea gemia, senhora de terras que não conheciam pecado, culpa, nem limites. Asmodeus deleitava-se.

Alheio ao que acontecia debaixo dos lençóis da cama recém-abandonada, Ivan caminhou até o banheiro, com a cabeça explodindo e o gosto do sexo de sua mais nova amante-descartável já criando ranço na boca. Lavou o rosto e com as mãos em concha tomou água da torneira, como fazia nos tempos de colégio, quando ainda era só mais um jovem burguês sorridente, pronto para salvar o mundo e trazer união e igualdade a todos os povos com a nobreza de seus ideais. Vomitou ruidosamente os excessos da noite anterior, antes que a lembrança de coisas que agora pareciam ter ocorrido em outra vida pudessem irromper nas entranhas da alma ébria, em forma de arrependimento ou saudade. Vomitou de novo. E de novo, até não ter mais nada para vomitar e continuou

vomitando depois disso. Vomitar era bom nessa situação, trazia alívio quase imediato.

Mas cocaína era ainda melhor.

No caminho até a cozinha, onde uma carreira do pó branco mágico que fazia voar e esquecer o aguardava, olhou o corpo nu de Andrea, que se embolava nos cobertores num misto de volúpia e tormento. Não se lembrava o nome da *ragazza*, mas não importava. Para ele, era só a puta genérica da vez, apenas mais um pedaço de carne que teve a oportunidade de satisfazê-lo em troca de remuneração mais do que justa. Empreendedorismo, oferta e procura, oportunidade, mérito, livre mercado. Não havia nada de errado. Era, afinal, a única relação totalmente sincera que poderia existir entre um homem e uma mulher, sem jogos emocionais, sem traições, sem palavras perdidas nas entrelinhas, sem rancores ou ressentimentos. “Outra ruiva? Puta merda... faz tempo que não como uma preta”, concluiu, ao fechar a porta da suíte.

A claridade da sala parecia estar com raiva quando atingiu os olhos de Ivan, fazendo o homem corpulento retrair o semblante e colocar instintivamente a mão em frente ao rosto para se proteger, feito um vampiro pego de surpresa pelo Sol. “Puta merda, que hora será que é?” perguntou em pensamento, muito mais por curiosidade que por preocupação. Na ponta dos pés, abriu a porta superior do armário e dali tirou um pote de alumínio, onde a palavra “açúcar” estava escrita com pedrinhas cintilantes. De dentro do pote, “sorteou” um envelope, cheio de pó refinado que não servia para adoçar café, mas que tirava, ao menos temporariamente, o amargor da vida. Com o cartão de crédito sem limites, desenhou três fileiras brancas no granito da pia. Já enrolava uma nota de cinquenta, ávido para dar a primeira aspirada, quando o celular começou a tocar. Qualquer outro toque teria sido solenemente ignorado, mas aquela música personalizada, que muito raramente era ouvida, fez Ivan ficar mais ligado do que se tivesse consumido de uma só vez todo o “açúcar” do pote. “Putaquepariu, cadê essa merda?”, Ivan perguntou em voz alta, batendo nas laterais da cueca como se ali houvesse bolsos e revirando as coisas com o desespero de quem busca o remédio que precisa

tomar para escapar da morte. A careca reluzente foi povoada por incontáveis gotinhas de suor e as mãos tremeram em medo e ansiedade ao pegar o aparelho que se esgoelava no bolso do paletó, atirado de qualquer jeito ao chão da sala no afã libidinoso da última noite.

— Pronto, senhor! Desculpe a demora – Ivan atendeu, empregando um tom servil com o qual definitivamente não estava acostumado.

— Ivan... – uma voz rouca falou sem pressa no outro lado da linha. – Veja o vídeo que te enviei, depois me retorne – desligou antes que Ivan pudesse terminar o “agora mesmo, senhor” que havia começado.

Ivan sentou-se no sofá e clicou no link que chegara no e-mail. Era uma reportagem feita há poucas horas, sobre um incêndio ocorrido num conjunto de prédios abandonados no centro da cidade que fora ocupado por moradores de rua. Esses invasores, em sua maioria, não conseguiram escapar das chamas e morreram carbonizados. Ivan balançava-se para frente e para trás, piscava e umedecia compulsivamente os lábios, tentando enxergar o que havia de tão especial naquele vídeo a ponto de gerar uma ligação *dele*. Já se preparava para voltar a reprodução, receoso que talvez tivesse perdido algum detalhe, quando um dos mendigos, com o corpo de uma menina no colo, começou a falar em frente às câmeras. Nesse momento, Ivan, agora imóvel como as estátuas de Buda que decoravam as estantes, entendeu o porquê do inesperado contato. Acompanhou quase sem piscar àquela entrevista, em que o homem de meia idade e barba desgrenhada falava com a propriedade, a paixão e o carisma daqueles que têm o dom de liderar multidões. No final, teve vontade de voltar e ver de novo e de novo e de novo, mas precisava retornar a ligação.

— Acabei de ver, senhor – disse, tentando controlar a empolgação. – Esse mendigo que deu a entrevista... é ele, não é?

— Ainda é cedo para afirmar, Ivan – a voz rouca respondeu, com tranquilidade hipnótica. – Mas *acreditamos* que tem potencial. Por isso queremos que você o encontre e faça os *testes* necessários. Isso é tudo, por enquanto.



Mais uma vez não houve tempo nem para um “sim, senhor”. Ivan voltou à cozinha, tão afoito e ansioso que mal conseguia selecionar um nome na lista de contatos do celular. Conseguiu ligar, finalmente. Cada toque sem resposta aumentava ainda mais a ansiedade. A ligação caiu e Ivan se conteve para não atirar o telefone contra a parede. “Puta que pariu, Fernando... atende logo essa merda, caralho!”, disse às paredes, enquanto ligava novamente. Viu as três fileiras brancas, reluzindo imaculadas no granizo escuro, e sentiu uma vontade incontrolável de mandá-las nariz adentro. Apoiou o telefone no ombro e se debruçou sobre a pia, tapando uma das narinas com o dedo. No meio da “fungada”, Fernando atendeu. Ivan não sabia se terminava de cheirar ou se respondia ao “alô”. Acabou não fazendo nem um, nem outro – o nariz assoprou em vez de sugar e as duas carreiras e meia se espalharam na pia, no rosto e no ar. Engasgou-se, só conseguindo falar depois de umas boas tossidas:

— Puta merda, Fernando! Que demora é essa pra atender?

— A coisa começou quente aqui na câmara, querem adiantar aquela votaç...

— Foda-se a votação, Fernando! Olha o vídeo que eu te encaminhei. Pula logo pra dois minutos e trinta e cinco – Ivan falou como estava acostumado a falar, do jeito autoritário que não deixava qualquer margem para contestação.

— É esse mendigo? – Fernando pausou o vídeo e perguntou, com a voz abafada pelos gritos enfurecidos dos colegas deputados e senadores, que transformavam o plenário num circo de horrores.

— O próprio. O que acha dele?

— Ele fala bem... muito bem, aliás. Tem um olho azul bem expressivo, e se tomar um bom banho e fizer a barba, parece que vai aparecer um rosto bonito aí por baixo – Fernando respondeu, preocupado em ser o personagem principal das manchetes do dia seguinte: “Senador Fernando Aguiar fica vendo vídeo e falando ao celular durante votação da PEC”.

— Exatamente o que estamos precisando, não é, Fernando? – perguntou Ivan, sorrindo pela primeira vez no dia.

— De um mendigo?

— Não, porra! De um rosto bonito, Fernando! De um rosto bonito! – agora Ivan gargalhava. – Fernando, inventa uma desculpa, fala que te deu caganeira, que a sua mãe morreu, que a sua casa pegou fogo e seu cachorro tá preso lá dentro, que uma porra de um disco-voador sequestrou seu filho na escola... inventa qualquer merda, mas sai daí agora. AGORA! Eu preciso que você encontre esse mendigo pra mim até o final do dia. *Capisci?*

— Mas, sen...

— Não tem “mais”, nem menos, Fernando. Dá seus pulos aí.

Andrea, que havia acordado com o barulho, ouvia a conversa encostada ao batente da porta da cozinha, com cara de sono e trajando apenas uma camisa social desabotoada. Ivan só percebeu a presença da moça quando ela perguntou, com curiosidade inocente de menina e a voz naturalmente sexy que têm as mulheres que acabam de acordar:

— Quem é que tem um rosto bonito, *amor?*

Ivan, que sequer lembrava que havia alguém junto com ele no apartamento, assustou-se. Olhou para a mulher com o mesmo interesse do colecionador que encara um selo repetido e falou, com desprezo e ameaça disputando espaço na voz:

— Não sei com quem você está acostumada a andar, *ragazza*. Mas eu não sou o tipo de homem que gosta de ter as conversas ouvidas, e muito menos comentadas, por mulher nenhuma. Ainda mais por uma puta. Então, *amor...* aproveita que hoje eu estou de bom humor, pega aqui seu dinheiro – tirou dois mil da carteira e estendeu para Andrea – e, se você tem alguma consideração pelo *seu* rostinho bonito, some daqui o mais rápido que puder. *Capisci?*

Andrea entendeu perfeitamente. Vestiu-se e deixou o apartamento, sem olhar para trás. Quando humilhações desse tipo ocorriam, ela jurava a si mesma que nunca mais iria se prostituir, como o boêmio que, ao sentir os efeitos da ressaca no dia que sucede uma grande bebedeira, promete nunca mais pôr uma gota de álcool na boca. Mas, nessas horas, Asmodeus e seus asseclas sempre a *aconselhavam* a voltar ao mundo da luxúria, sempre a lembravam do glamour e do status que irradia das festas, das drogas e do dinheiro fácil que jorra com profusão de jazida nova no

mundo dos poderosos. E ela, menos por influência dos demônios que por falta de força de vontade, sempre acabava voltando.

Indiferente aos rumos que seriam tomados pelo pedaço de carne que acabara de sair de seu apartamento, Ivan serviu-se de whisky cinquenta anos e coca (não o refrigerante). Elétrico, ligou para um de seus *assessores*. Antes que o homem pudesse completar “bom dia, senhor Ivan”, ele falou:

— Manda uma neguinha aqui pra minha casa – andando de um lado para o outro na sala, pensou melhor: – Uma não... duas.

— Duas... duas acompanhantes negras, senhor? – o assessor perguntou, tentando abafar a voz para não ser ouvido por quem estava em volta.

— Isso. Não... não! Uma só. Uma preta só. Uma preta e uma branca. É, uma preta e uma branca. Mas branca com cabelo preto. É, cabelo preto e liso. É. Isso.

— Entendido, senhor. Logo as moças estarão aí.

— Ah, e outra coisa, *ragazzo*: fica ligando de meia em meia hora pro porra do Fernando, perguntando em que pé que tá o negócio que eu pedi pra ele. *Capisci?*

Largou o corpanzil no sofá e rodou os duzentos e trinta canais da TV, inúmeras vezes. Rodou o aplicativo de filmes sob demanda, outras inúmeras vezes. Levantou-se, rodou toda a casa, pensando em milhares de coisas ao mesmo tempo. Parou à janela e observou os carros que buzinavam e se estendiam como uma centopeia metálica no asfalto lá em baixo. Observou os prédios que formavam as ondas irregulares de um mar cinza. Tantas vidas que estavam prestes a mudar. Sorriu o sorriso soberbo daqueles que descobrem que escolheram o time certo para jogar. Ao mesmo tempo, por mais que tentasse disfarçar, o que ainda restara de humano dentro de si sentia medo dos eventos grandiosos que estavam por vir. Foi até a cozinha, pegar mais açúcar. O interfone tocou.

As acompanhantes, que nem se lembrava de ter pedido, haviam chegado.

## CAPÍTULO XXII – EPITÁFIO

Por mais que quisesse permanecer com Gisele no colo, como se quanto mais a segurasse mais demonstrasse se importar, em algum tempo, o corpo da menina morta começou a pesar e fazer doer os braços mais do que os caixotes do mercadão. De qualquer forma, mesmo com todos os sentimentos que agora confirmava ter por ela, da pior maneira possível, não poderia segurá-la até que entrasse em decomposição e só restassem os ossos e os cabelos pretos. Era preciso fazer algo com o corpo. Lúcifer se lembrou de outras épocas e outros lugares, em que os povos tinham por tradição queimar os cadáveres em vez de enterrá-los. Sempre considerou a cremação muito mais lógica e prática, mas ali, olhando para o rosto sujo de Giza, não conseguiu se imaginar atirando-a numa pira. Porém, apesar de conhecer os rituais dos humanos, pouco havia se interessado em saber os detalhes do trâmite de um bocado de coisas (como proceder com um enterro estava entre essas coisas).

Foi até os policiais, que pouco faziam além de conter um ou outro jornalista desprovido de tato atrapalhando o trabalho dos bombeiros em busca da melhor cobertura, ou rechaçar curiosos mais ousados, que vez ou outra se colocavam em risco ao chegar muito perto do fogo, ávidos para tirar uma *selfie* em meio à tragédia e impressionar (seja lá qual for o conceito de “impressionar” que utilizavam) os amigos nas redes sociais. Aproximou-se de dois homens fardados. Eles conversavam sobre amenidades e davam risada, próximos à viatura com o giro de sirene ligado. Falou do modo mais polido que conseguiu, sem se dirigir a nenhum deles em específico:

— Senhores, preciso de ajuda com essa menina...

Os dois se calaram e desmancharam os sorrisos, demonstrando claro desagrado com a interrupção. Não obstante, o compromisso de servir a população falou mais alto que qualquer assunto pessoal (por mais divertido que o assunto estivesse) e um deles, o mais baixo, que ostentava um topete que faria alguns militares mais antigos torcerem o nariz, respondeu sem nem olhar no rosto do

mendigo, apontando para o outro lado do quarteirão, onde outras sirenes podiam ser vistas:

— Então, cidadão, o senhor tem que ir ali e quando chegar uma ambulância já pula pra dentro com a menina.

— Ou então, já que você está conseguindo andar, vai a pé aqui pra Santa Casa. Acho até mais rápido – o mais alto interveio, falando como se tivesse acabado de dar uma dica que salvaria o mundo. Ao menos demonstrou um pouco de interesse.

— Essa menina está morta – Lúcifer falou, agora de um jeito pouco amigável.

— Então que ajuda você tá querendo, cidadão? – o baixinho de topete adiantou-se rispidamente. – Não tá vendo que tem muito corpo pra pouco resgate? Deixa ela aí e espera na fila, uma hora vão levar a trombadinha.

— O nome dela é Gisele – Estrela da Manhã bufou, enfurecido.

— Aí, cidadão – o menor falou em voz mais baixa, dando um passo que o deixou a poucos centímetros de Lúcifer –, ela fazia assaltinho aqui na região, não fazia? Não tomava uma carteira aqui, enfiava a mão num bolso ali, pegava um dinheiro pra comprar pedra, comprar cola? Hein? Se tava morando aí, boa coisa não era, não vem querer dar uma de santo agora não. Na hora de trocar tiro com a gente e ameaçar a população não tem nenhum coitadinho, isso que eu acho engraçado.

— Você pode pelo menos me dizer pra onde devo levar o corpo? – o Anjo Caído insistiu, contendo o primeiro ímpeto que teve.

— Cara, é melhor voc...

— Já falei pra você, cidadão. Tá com muita cera no ouvido? – o policial mais baixo interrompeu o outro, que começara a frase como se quisesse apaziguar a situação. – Larga a trombadinha aí no chão e espera na fila – aproximou-se e completou, quase sussurrando: – Se o carro do IML não levar, o lixeiro leva...

Dessa vez foi impossível conter a vontade de amassar aquele topete. Lúcifer desferiu uma cabeçada certa no nariz do policial, que aparentemente não contava que pudesse ser atacado por um mendigo segurando uma criança no colo. Não houve tempo para

mais nada. O oficial mais alto reagiu quase em ato contínuo, com um soco que levou Lúcifer ao chão, caindo por cima do corpo de Gisele. Também não houve tempo para se levantar: sentiu alguns chutes nas pernas e nas costelas e deitou em posição fetal tentando proteger a cabeça com os braços, sem muito sucesso. Logo apagou.

Acordou jogado no canto de uma cela de delegacia, com o rosto, sobretudo o olho direito, inchado e a roupa toda ensanguentada. Levantou-se sem saber que parte do corpo doía mais e se sentou no banco comprido onde alguns outros detentos estavam. Ficou quieto, respirando com dificuldade e imaginando o que teria acontecido com Gisele. Sabia que os corpos sem identificação eram enterrados como indigentes, em covas que eram praticamente um eufemismo para “vala comum” ou acabavam dissecados em mesas frias rodeadas de olhares indiferentes nas aulas de anatomia das faculdades de medicina. Tomou o enterro da menina como uma questão de honra, precisava encontrá-la e sepultá-la de maneira digna, a qualquer custo. Todavia, as grades de ferro que cercavam a cela conspiravam contra suas pretensões.

— Caraca, irmão... – disse um homem negro e mirrado, apontando para Lúcifer. – ‘Cê tá parecendo o cara daquele filme de boxe, tá ligado? Como que é o nome dele mesmo?

— Rocky Balboa... – outro companheiro de cela socorreu.

— Esse mesmo, irmão! Porra, ‘cê tá parecendo o Rocky Balboa! Os hómi te macetaram bonito, hein? Ainda bem que *ni mim* não encostaram a mão, tá ligado? Falei: “é o seguinte, reconheço meu erro, ‘cês me pegaram no flagra, tô me entregando na humildade, roubei mesmo, tava precisando, *morô...*”. Daí só me *algemaro*, e me *trouxero* pra cá na paz, tá ligado? É que eu não reagi... se for querer dar de frente *cus cana* aí *eles bate mêmo* – o homem mirrado, vestido com uma camiseta amarela rasgada, falava sem tomar fôlego. – Mas ‘cê sabe por que eu tô preso, irmão? Você sabe por que eu tô preso? – discursava no meio da cela a quem quisesse ouvir, tentando chamar a atenção do companheiro recém-desperto, o único ali para quem a história ainda era inédita. – Irmão, eu tava lá *trampando* de boa *cá* minha carrocinha, daí furou o pneu daquela

porra. Levei lá no ferro velho que eu vendo *as latinha* todo dia, na fé que o cara era meu *bródi*, tá ligado? Falei pra ele: “ae, Tião... me ajuda a remendar o pneu aí, irmão? Na humildade...”. Sabe o que ele me respondeu? “Dá seus pulo aí, neguinho...”. Caralho, irmão, tinha a maior consideração por aquele filha da puta. Daí acabei tendo que roubar pra consertar o pneu... olha aí no que deu: me fodi. Não sei roubar, irmão, só sei catar latinha. Fui roubar, tomei no cu. Mas, ó, escuta o que eu vou falar pra você, irmão: o mundo dá voltas – girou os indicadores no ar, como se um pequeno globo terrestre estivesse à frente do peito. – Numa dessas, eu viro dono do ferro velho, `cê tá me entendendo, irmão? E aí, se o Tião vier me pedir favor, sabe o que eu vou fazer? Sabe o que eu vou fazer? Eu vou falar: “Tião... tô aqui de braços abertos pra te ajudar, irmão” – abriu os braços feito a estátua do Cristo Redentor e depois os fechou, simulando como seria o abraço reconciliador em Tião. – Porque a vida é isso aí, irmão. A vida é isso aí...

Depois de terminar o monólogo que declamara como se estivesse descortinando os segredos da vida aos amigos, o homem negro de camisa amarela rasgada percebeu que o novo companheiro de cela não estava muito disposto a conversar. Andou em direção às grades, olhando para o teto e balançando a cabeça positivamente. O outro detento, um rapaz magro e bonito, que não aparentava mais que trinta anos, recostou-se à parede e suspirou fundo. Trajava camisa social limpa, porém um tanto amarrotada. Parecia inconformado, balançando as pernas sem parar enquanto esfregava as mãos, com as costas curvadas à frente. Cochichou para Lúcifer:

— Sabe quantas vezes eu já ouvi essa história hoje?

— Imagino... – Estrela da Manhã respondeu, com um sorriso cansado.

— Tá aqui por quê?

— Quebrei o nariz de um policial – respondeu lacônico e perguntou em seguida, mais para ouvir outra história e passar o tempo que por interesse: – E você?

— Hum... – o rapaz emitiu um som anasalado e aumentou ainda mais o ritmo das pernas, como se a raiva entrasse em

ebulição dentro do estômago só de lembrar. – Fiquei dois dias sem pagar pensão, olha aí o que a desgraçada me aprontou. Isso porque a gente foi casado oito anos, hein? Conheci ela com dezessete, tô com vinte e seis agora, separamos ano passado... oito anos – falou, como se a matemática pudesse certificar a veracidade de suas palavras. – Nunca deixei faltar nada. Nada. Ela nunca trouxe um centavo pra dentro de casa. Perdi o emprego, tomei um pé na bunda. Agora que tô tentando me reerguer, tava chegando em casa depois de fazer entrevista, olha aí a palhaçada que ela me apronta.

— Quer conhecer a namorada? Casa com ela. Quer conhecer a esposa? Separa dela – Lúcifer repetiu o ditado popular, tentando se distrair e parar de pensar em Gisele.

— Pois é... – o rapaz concordou, com um riso nervoso. – Passei o final de semana aqui nesse fedor de mijão da porra. Ainda me deu um *revertério* e tive que cagar ali – esticou a sobrancelha na direção do vaso sanitário no canto da cela –, puta negócio desagradável, sem nenhuma privacidade. Pelo menos dei sorte de não ter ninguém barra pesada aqui... ah, se alguém comesse meu cu na cadeia, quando eu saísse ia direto matar aquela vagabunda. Mas deixa ela. O dela tá guardado. Tudo que ela tá me fazendo de ruim vai voltar em dobro.

— Pensa assim não, irmão! – o carroceiro ouvira toda a conversa e agora dava sua contribuição ao assunto. – Eu sei que é foda, tá ligado? Mas, ó, escuta o que eu vou te falar: ficar com rancor prejudica só a gente mesmo, *morô*? – deslizou as mãos no ar em sincronia com a respiração, feito um professor de yoga. – Mas agora o que me deixa puto é o seguinte: quanto que *esses político* não *rouba* todo dia? Vai algum preso? Vai nada! Agora, o rapaz, aí... rapaz de presença, bem arrumado, correndo atrás do emprego dele... fica *dois dia* sem pagar pensão, olha aí, já tá preso. Não que tá certo não pagar a pensão, porque *os filho* não têm nada a ver *cá* história, `cê me desculpa a sinceridade, tô falando aqui na humildade...

— Não, certo não tá mesmo – o rapaz concordou.

— Então, mas a gente entende a situação, irmão. Tá difícil pra todo mundo. E agora, preso aqui, como que você vai arrumar



serviço? Não tem jeito! Eu mesmo, irmão, sabe por que eu tô aqui? Sabe por que eu tô aqui? ...

Ouviram toda a história de novo. E ainda voltariam a ouvir mais uma vez algumas horas depois. Havia também um quarto detento na cela, mas esse não falou nada. Lúcifer imaginou que fosse um acusado de estupro e estivesse com medo da “justiça da cadeia” que não concede vida longa aos abusadores. Talvez nenhum dos outros que estavam ali presentes estaria disposto a vesti-lo com trajes femininos e então torturá-lo, “capá-lo”, violentá-lo ou matá-lo a golpes de faca enferrujada, mas preferiu não arriscar. Certamente tinha medo do que aconteceria quando fosse transferido daquela cela provisória de delegacia para a cela do presídio, onde os guardas já o atirariam aos leões famintos decretando a pena: “estuprador fresquinho aí pra vocês. Pode brincar à vontade...”. Por esse motivo, não falava nada. Mas isso foi apenas o que Lúcifer deduziu, analisando a linguagem corporal do sujeito enquanto tentava matar o tempo que passa devagar dentro da cela. A verdade mesmo, nunca ficaria sabendo. E, na realidade, também não se importava. Pouco depois do almoço, liberaram o rapaz que não pagara a pensão e também o carroceiro. Cerca de uma hora depois, transferiram o suposto estuprador. Lúcifer ficou sozinho na cela.

E sua linguagem corporal denotava medo.

Temia que ali, às sombras sigilosas dos porões da delegacia, acabasse, na melhor das hipóteses, apanhando mais, em retaliação ao nariz quebrado do policial. Sentiu calafrios demasiado humanos ao escutar passos de coturno no corredor, caminhando em direção à cela. E calafrios ainda mais gelados quando os soldados chegaram à porta e a abriram. Porém, não entraram como o Anjo Caído esperava. Disseram apenas, parados à entrada:

— Senhor Lucien Arcanjo?

— Isso – respondeu, estranhando novamente a sonoridade daquele nome.

— Alguém no céu deve gostar de você. Uma moça pagou sua fiança. Anda, cara, `cê tá solto. Ela tá te esperando lá em cima – o

policial falou, com simpatia. – E é uma gata... – complementou, quando o Lúcifer passou pela porta.

Estrela da Manhã subiu as escadas, desconfiado. À entrada da delegacia, recebendo a atenção do escrivão e dos soldados de plantão, estava uma moça loira, de cabelos curtos e baixa estatura, mesmo no topo do salto agulha. Vestia uma saia social preta e um terninho também preto, cobrindo parcialmente uma blusa branca de babados e botões. Não era preciso entender muito de marcas e tecidos para concluir que qualquer uma daquelas peças poderia pagar o soldo de toda a delegacia e ainda sobrar para o remendo do pneu do carroceiro e o pagamento da pensão do rapaz que estava ali há pouco. Ela olhou para Lúcifer, que estava num estado deplorável, e lhe estendeu a mão, com o mesmo entusiasmo que estenderia a um ator de cinema.

— Senhor Lucien? Meu nome é Silvana. Tudo bem com o senhor?

A primeira coisa que passou pela cabeça de Lúcifer foi “agora bem melhor”, mas seria apenas um gracejo vazio, pois a morte de Giza lhe entorpecia completamente os sentimentos. Respondeu apenas “tudo bem”, apertando a mão da moça. Ela sorriu, de um jeito que ou era sincero ou fingido de modo tão competente que foi capaz de enganar o próprio Diabo (literalmente). Nesse momento, toda beleza do mundo parecia ter se concentrado no rosto de Silvana. E não teve homem ou demônio naquela delegacia que não suspirou.

— Tá tudo certinho, moço? – ela perguntou ao delegado.

— Tudo certinho – o homem respondeu. – Se precisar de qualquer coisa, estamos aí pra ajudar – ofereceu, solícito.

— *Ai, brigadinha!* Vocês são uns amores... – mandou um beijo no ar para os policiais, que sorriram, encantados pelo mais doce dos feitiços. – Vamos? – enganchou o braço no de Lúcifer e saiu como se caminhassem para o altar. – Meu patrão tá doido pra te ver.

— Quem é o seu patrão, Silvana? – Estrela da Manhã questionou, totalmente desconfiado com aquela situação inusitada.

— Logo você vai conhecer. Você vai gostar dele, não se preocupa – ela afirmou, abrindo a porta traseira do carro de luxo que os aguardava no pátio.

— Olha, Silvana, seu patrão pode ser até o Papa... mas antes de falar com ele eu preciso resolver uma coisa.

Lúcifer explicou sobre Gisele e o desejo de fazer uma cerimônia decente de sepultamento para a menina. Silvana ouviu tudo, demonstrando autêntica comoção e, em seguida, pediu um minuto, sacou um celular do bolso interno do terninho e o colocou ao ouvido, após alguns toques na tela.

— Oi, Seo Fernando... tá, tá aqui comigo... então, é que antes de ir, ele precisa fazer uma coisa... é um velório... isso... é, velório... tá, tá bom... até mais... – desligou o telefone e dirigiu-se a Lúcifer, com a mesma simpatia inabalável: – A gente vai te ajudar com tudo que for preciso, Senhor Lucien, pode ficar tranquilo.

O tempo gasto com burocracia, em praticamente qualquer setor ou atividade humana que se possa imaginar, é inversamente proporcional ao dinheiro que se tem para molhar as mãos certas. Confirmando essa teoria, encontraram o corpo de Gisele no IML com rapidez espantosa e também providenciaram os documentos da menina, para que não fosse dada como indigente. Compraram um caixão de madeira nobre e uma coroa de flores tão vistosa quanto um jardim de castelo. Arrumaram um túmulo num cemitério reservado apenas aos cadáveres de famílias abastadas. Parecia que encomendaram até a chuva que caiu naquela terça-feira, trazendo uma sensação ainda mais lúgubre ao enterro.

Na lápide de mármore nobre, Lúcifer pediu que escrevessem:

“AQUI JAZ GISELE ARCANJO

A menina mais divertida e mais especial de todo o universo.  
Privilegiado aquele que a conheceu. Privilegiado aquele que a  
amou.

E digam no céu que ela gosta muito de cachorro-quente.”

## CAPÍTULO XXIII – HOSPITAL

O encontro entre Lucien Arcanjo (nome pelo qual Lúcifer passou a ser conhecido no mundo dos homens) e “Seo Fernando” (com quem Silvana falava ao telefone religiosamente a cada duas voltas do ponteiro) precisou ser adiado uma vez mais. Algumas horas após o velório e o enterro de Gisele, a adrenalina baixou e Estrela da Manhã começou a suar e respirar com dificuldade, queixando-se de dores com a mão espalmada sobre o flanco atingido pela bota do policial, duas madrugadas atrás. Silvana avisou Fernando, sem perder o bom humor apesar da nítida decepção do patrão no outro lado da linha, cancelou o voo através de um aplicativo no celular (manejado com exímia desenvoltura) e ordenou, de um jeito tão gentil que fez a ordem soar mais doce que uma jura de amor, que o motorista mudasse a rota, do aeroporto para o hospital.

O Senhor das Trevas ficou internado por três dias. Uma das costelas estava trincada devido ao impacto do chute, mas “felizmente não quebrada”, conforme disse o médico após observar a lâmina escura do raio-x contra a luz da janela. O pulmão não estava perfurado, como imaginado a princípio, e a falta de ar repentina foi atribuída ao estresse causado pelas situações extremas que o paciente vivenciou em tão diminuto espaço de tempo. Havia também uma suspeita de deslocamento de rim, que não se confirmou, encurtando consideravelmente o tempo de permanência sob os cuidados daquela equipe de incontáveis e incansáveis enfermeiras, nutricionistas, clínicos-gerais plantonistas, psicólogas, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, ortopedistas, nefrologistas e uma infinidade de outros especialistas, de todas as cores, etnias e credos, todos, absolutamente todos sem exceção, atenciosos e prestativos ao extremo, trabalhando com o gosto que só trabalha quem faz o que ama e sabe que é reconhecido e valorizado de modo justo e igualitário, de acordo com a capacitação profissional e o esforço empregado no cumprimento das funções.

“Esse lugar não existe...”, Lúcifer pensou algumas vezes, durante as muitas horas ociosas em que passou “confinado” –

deitado à maca reclinável de lençóis brancos e colchão macio, que em nada ficava devendo às camas dos melhores hotéis. “Putá que pariu, isso aqui é um oásis da meritocracia e da diversidade!”, elucubrava em outras oportunidades. “Todo mundo trabalha feliz aqui... tão feliz que até irrita. Esses putos devem estar fingindo muito bem, pra não dar o braço a torcer um pro outro e ficar com fama de *goelão* que só reclama, não é possível!”, concluiu. A cada “como está se sentindo hoje, Senhor Lucien?” das enfermeiras e plantonistas, sempre com uniformes impecáveis e sorrisos de comercial de pasta de dente; “o que prefere comer no café da tarde hoje, Senhor Lucien?” das nutricionistas (que, no único ponto falho a ser comentado acerca da “estadia”, pareciam não anotar corretamente as preferências alimentares do paciente, ou ter algum tipo de rusga com o pessoal da cozinha, pois em apenas duas das dezesseis refeições servidas no período, o que se pediu foi o mesmo que chegou na bandeja); “e aí, Seo Arcanjo, como que tá esse pulmão? Firme e forte? Vamos exercitar essa respiração ou não vamos? Quero ver dez repetições hoje, hein!” da fisioterapeuta que chegava com a mesma empolgação de manhã e à tarde, trazendo às mãos um aparelho que lembrava um misto de instrumento de sopro com brinquedo de criança com dispositivo de tortura medieval; a cada “está quase pra ter alta, Seo Lucien. Tô segurando aqui mais por garantia mesmo, só precisa mais um pouquinho de paciência...”, acompanhado por um tapinha no ombro e uma piscada confiante, da doutora negra e baixinha (que lhe trouxe a imagem de Dona Nice à memória assim que a viu) que acompanhava seu quadro clínico; a cada uma dessas intervenções, Lúcifer pensava na diferença entre o tratamento que estava recebendo ali e o eventual tratamento que teria se ainda fosse apenas um mendigo sujo morando clandestinamente num conjunto de prédios invadido, sem o “patrocínio” daquela mulher tão bela quanto misteriosa, que surgiu sabe-se lá da onde para tirá-lo da prisão.

Lembrou-se da vez em que o “Mudinho”, um andarilho velho que vez ou outra aparecia na praça e não fazia nada além de emitir grunhidos anasalados e estender a mão aos transeuntes à espera

de moedas ou pedaços finais de lanches, talhou o pé numa garrafa de cerveja quebrada (atirada propositalmente ao chão por notívagos sorridentes que haviam passado por ali na noite anterior, bradando gritos de revolta contra o “consumismo” e declamando juras de amor à humanidade) e precisou ser levado às pressas ao hospital público. Na ocasião, Lúcifer foi um dos ombros que ajudou o Mudinho a chegar ao Pronto Socorro e ali pôde presenciar um cenário que não ficava devendo muito aos extensos vales de almas agonizantes que compunham as paisagens tétricas das orlas infernais. Gente sendo “acomodada” no chão frio dos corredores, gritando de dor nas cadeiras, mulheres embalando desesperadamente bebês que não paravam de chorar, fraturas expostas, bandidos baleados, policiais baleados, travestis esfaqueadas, crianças queimando em febre, velhos babando e gemendo baixinho à espera da morte. Relegados à própria sorte como pedaços de carne num açougue, dependentes dos cuidados de médicos e enfermeiras que corriam desordenadamente de um lado para outro na vã tentativa de suprir a deficiência gerada pelo quadro reduzido de funcionários. Médicos e médicas e enfermeiros e enfermeiras que, apesar do notável empenho que faziam para superar as adversidades e cumprir os juramentos de formatura atendendo aquela gente da melhor maneira possível, traziam nos olhos a indiferença de quem se acostumou com as desgraças e a desesperança dos que sabem que, por mais que se esforcem, não conseguirão salvar o mundo.

O mendigo ficou lá, grunhindo lamúrias incompreensíveis, sentindo cada vez mais frio à medida que a poça de sangue embaixo da cadeira aumentava. Depois de algumas horas, foi atendido, mas, na ocasião, Lúcifer não ficou para ver o que aconteceu. Isso ocorrera havia algumas semanas – Gisele ainda estava viva e o Mudinho ainda tinha os dois pés. Agora, o cenário era totalmente diverso. E era nessas coisas que o Anjo Caído pensava. Nessas coisas e no que Silvana tanto fazia naquele celular.

— Tá falando com o namorado no *whatsapp*, Silvana? — ele perguntou, quebrando o silêncio de mausoléu que pairava no quarto entre uma visita de enfermeira e outra.

— Oi? – a moça surpreendeu-se, pois, apesar de ter passado a maior parte do tempo ali plantada no sofá, Lúcifer raramente lhe dirigia a palavra.

— Você fica o tempo todo teclando nisso aí, só pode alguma paquera... – a dor nas costelas impediu que Lúcifer completasse a frase com um sorriso.

— Não! – Silvana deu risada, meio envergonhada. – Não é paquera não, Seo Lucien! É só um joguinho... – mostrou a tela, onde balas e bombons coloridos se apinhavam numa profusão de deixar até tonto. – Só pra passar o tempo. E pra tentar alcançar a minha prima, que é muito viciada nisso aqui, nunca vi coisa igual. Meu, olha só onde ela tá... – desembestou a falar e se aproximou da maca, apontando na tela um mapa que Lúcifer se mostrou pouco interessado em entender naquele momento. – E eu tô travada aqui nessa fase, gastando dinheiro pra tentar outra vez, porque eu peço vida e ela não me dá, acredita? Pior que eu tô vendo ela on-line! Meu, muito competitiva essa menina, só por... putz, tô falando demais, né, Seo Lucien? Desculpa... – ela fez cara de menina peralta e voltou ao sofá.

— Foi bom te ouvir – Lúcifer disse, com sinceridade. – Você fala de um jeito empolgado e isso contagia o ambiente, é bom. Eu é que não estou num dos meus melhores dias – levou as mãos às costelas.

— O senhor quer que eu chame alguém?

— Não, Silvana. Não precisa. Obrigado. Vou descansar mais um pouco. Enquanto isso, vai dar uma volta. Ficou o tempo todo aí sentada, sua bunda deve estar quadrada – Silvana arregalou os olhos, surpresa (de um jeito divertido) com aquele comentário. – Fica tranquila, não vou fugir, não.

Silvana foi dar a tal da volta, não sem antes ajeitar a saia preta, instintivamente, para cobrir melhor as nádegas que realmente pareciam quadradas naquele momento. Mas não demorou a retornar, porque de fato tinha receio que o “Seo Lucien” fugisse dali e ela precisasse prestar contas disso ao patrão. Mas ele não fugiu. Lúcifer a observava com curiosidade e certo carinho (que, havia percebido já na delegacia, em nada tinha a ver com o carinho

paternal que sentia por Gisele). Apesar de notadamente haver sintonia e simpatia entre os dois, pouco se falaram durante aqueles dias.

No dia da alta, Estrela da Manhã sentia-se tão bem, com aparência tão boa e jovial que não parecia estar saindo de uma internação, mas do útero da mãe, nascendo de novo, renovado. Essa metáfora do útero foi o próprio Lúcifer que pensou, ao se olhar no grande espelho ladeado por flores brancas no hall de recepção e saída do hospital. Notou que o corpo físico em que se encontrava, agora devidamente limpo, barbeado e bem cuidado, guardava muitas semelhanças com sua aparência angelical (apenas com um leve roxo no olho direito a macular a beleza). Isso fez com que pensasse na origem daquele invólucro carnal – Deus teria moldado a partir do barro para lembrar os velhos tempos? Teria reaproveitado um corpo qualquer (e o que teria feito com o espírito que ali estava antes?) ou criado especialmente para a ocasião? Intervenções dessa natureza no mundo dos homens há tempos não faziam parte da agenda do Altíssimo. Pensou nessas coisas, mas a verdade é que não importava. Silvana despertou Lucien Arcanjo de seus devaneios e o conduziu ao carro e dali ao aeroporto, onde pegaram um avião rumo à capital federal.

E, no dia seguinte, Lúcifer finalmente conheceu o “Seo Fernando”.



## **CAPÍTULO XXIV – PLANOS DE GUERRA**

### ***Enquanto isso, no Céu...***

Gabriel retesou o fio de prata de espessura quase invisível, trazendo a flecha de luz para junto do peito como se fosse continuação natural dos próprios braços. Com um olho fechado e outro aberto, percorreu a extensão do projétil, dos diminutos feixes de energia (que lembravam a textura de penas ao toque) presos entre o indicador e o dedo médio, próximos ao rosto, seguindo pela haste luminosa até a ponta em forma de seta, continuando numa linha imaginária até o alvo – uma frondosa sequoia de caule largo e raízes sólidas, que se erguia solitária à distância de mil e quatrocentos côvados. Disparou e, nem bem a flecha havia cruzado totalmente o limite do arco, já estava pronto para novo tiro enquanto girava um pouco à esquerda, ficando de frente para outra árvore (essa, um ipê de flores roxas, que enfeitava uma colina a pouco menos de mil côvados) cujo tronco também serviria como teste de pontaria. Repetiu o mesmo passo por mais oito vezes, sempre à esquerda, de modo que fez um giro completo ao disparar a última seta, que zuniu no ar e enterrou-se na grande sequoia que fora o alvo inicial, a dois centímetros da primeira flecha disparada.

— Não que seja minha intenção desdenhar de tua pontaria, nem te desanimar, tampouco te criticar, mas, se bem me lembro, a primeira flecha costumava se partir em duas ao final do último disparo – Rafael, que chegara voando tão rápido quanto as setas de Gabriel, provocou o velho amigo, no tom de competitividade brincalhona que estavam acostumados a empregar um com o outro.

— Acho que não acordei num bom dia hoje, Rafa. Comi um pêssego azedo, logo pela manhã – Gabriel falou, retorcendo o semblante como se estivesse sentindo o gosto novamente –, depois tropecei numa harpa que algum descuidado (que ainda vou descobrir quem foi) largou no meio do caminho. A tira da aljava arrebentou sem mais nem menos e as flechas caíram todas no chão. E agora... bom, agora ainda tenho que ver essa sua cara feia.

Ah, que dia terrível, meu amigo! Que dia terrível! – não conteve a gargalhada ao terminar de falar.

Rafael gargalhou também e os dois comandantes das hostes celestiais se abraçaram com o amor fraternal que permeava a relva, as flores, o ar, a água dos lagos, os campos, as rochas, as árvores e todas as outras coisas que podiam ser vistas no Paraíso.

— O General quer nos ver – disse Rafael, com a mão sobre o ombro do amigo.

— Imaginei que fosse algo desse tipo – Gabriel respondeu, com um sorriso que não disfarçava certa tristeza. Não ficou amuado por não apreciar a companhia do General, pelo contrário. Mas por saber que convocações de semelhante natureza, àquele momento, só podiam significar a proximidade da guerra. E, por mais que treinasse e se preparasse para a guerra todos os dias, não lhe apetecia a ideia de lutar e derramar sangue, mesmo que o sangue maldito dos demônios. – Bom, se o General está chamando, não vamos *deixar ele* esperando! – voltou a falar, após a pausa contemplativa. – Você me ajuda a recolher as flechas, Rafa?

— Claro! Até prefiro te ajudar, pois se dependermos de tua velocidade, demoraremos um ano até nos apresentarmos ao General.

— Já que você está tão prestativo, Rafa, será que pode começar por aquelas duas ali? – Gabriel apontou para a sequoia, com um ar enigmático no rosto.

Rafael concordou. Desconfiado, mas concordou. Foi até a grande árvore e, ao chegar perto, entendeu o que havia acontecido e entendeu o porquê do semblante vitorioso do amigo. Não pôde deixar de rir quando viu, talhados no tronco, dois círculos do tamanho de pequenas moedas, um bem próximo do outro – alvos diminutos que as flechas haviam atingido com perfeição. Riu ainda mais quando Gabriel chegou triunfante, com a aljava cheia (pois recolhera rapidamente todas as outras flechas e voou ainda mais rapidamente para ver a cara do amigo) e falou:

— Como eu disse antes, Rafa: que dia terrível! Veja só – apontou para uma das flechas –, essa aqui quase encostou na borda do círculo. Estou ficando velho mesmo...

— Tens sorte com as flechas, isso não posso negar! – Rafael olhou com admiração para o companheiro, mas não deu o braço a torcer.

— Sorte? Acho que sim. Talvez. Na verdade, acho que descobri uma coisa interessante sobre a sorte – Gabriel falou, já batendo as asas em direção ao General. Rafael o escutava com satisfação. – Quanto mais eu treino, mais sorte tenho nos disparos! Não é impressionante?

— Que continue aumentando tua sorte todos os dias, meu amigo! – Rafael sorriu. Em seguida, voou mais rápido (desafiando silenciosamente para uma corrida) e concluiu, com uma sombra de preocupação escurecendo as palavras: – Acho que nós vamos precisar de muita sorte, em breve...

\* \* \*

Reuniram-se, às imediações dos Portões de Safira: Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel, que eram os principais líderes militares. Miguel, General de todas as hostes celestiais, que demandara o encontro, cumprimentou seus subordinados com grande amor e respeito, como lhe era de costume, depois começou a falar, com serenidade e firmeza também costumeiras:

— Como vós sabeis, Samael está agora no mundo dos homens, com intenções que a nós são desconhecidas no presente momento – respirou, preparando-se para o assunto que realmente queria falar: – Independente do que Samael planeja fazer ou deixar de fazer, a guerra derradeira entre Céu e Inferno é iminente, pois, assim me disse o Altíssimo, Belial movimenta as tropas abissais com intensidade cada vez maior, preparando-se para o ataque.

— O Altíssimo participará da batalha? – Gabriel teve um ímpeto de curiosidade.

— Ele não me disse nada a esse respeito – respondeu Miguel, um pouco reticente. – Também acredito que não compete a nós saber quais serão as ações d’Ele. Cumprir o papel que nos cabe, da melhor forma possível: é essa a nossa missão – tentou encerrar o assunto.

— Se Ele participar, não teremos com o que nos preocupar – Gabriel pensou em voz alta. – Na verdade, Ele poderia acabar com

essa guerra antes de começar, não poderia? Tipo, congelar o Lúcifer... o Samael – corrigiu-se a tempo e seguiu falando rapidamente, para disfarçar – e o Belial também, deixar eles em um lugar isolado no tempo, sei lá. Daí não precisava ter guerra de novo. Né?

Rafael e Uriel não sabiam, como diziam os humanos, onde enfiar a cara. Miguel, porém, percebeu que as dúvidas do querubim estavam repletas de curiosidade inocente, desprovidas de qualquer malícia. Não pôde deixar de censurá-lo levemente, mas procurou responder sem interferência da hierarquia (como fazia em quase todas as situações), dizendo, de coração aberto, aquilo que ele próprio acreditava com todas as forças:

— Dúvidas dessa natureza levaram Samael ao abismo, Gabriel. Não obstante, não devemos temer os questionamentos que vez ou outra surgem, inevitáveis, em nossa alma. Eu mesmo, devo confessar, já me fiz essas mesmas perguntas que fizeste, por várias vezes. E a conclusão que sempre chego é a seguinte: sim, Ele poderia resolver tudo, sem sequer sair do Templo Sagrado. Ora, Ele é o que tudo pode e tudo sabe, o que foi e o que será, o alpha e o ômega. Ele é aquele que é. Poderia, como sugeriste, congelar Samael e Belial e todos os outros anjos caídos. Poderia alterar a trajetória das flechas inimigas, de modo que todas elas viessem certas de encontro aos nossos escudos; poderia ter criado, no mundo dos homens, seres que não dependessem de alimento para sobreviver, ou que não tivessem tão grande inclinação à ganância, à luxúria, ao poder e a todos os outros males que os assolam desde que foram expulsos do Éden; poderia não ter criado Lúcifer, ou tê-lo destruído assim que ele se tornou Samael. Poderia ter feito e deixado de fazer muitas coisas. E se estamos aqui conversando sobre isso, meu bom Gabriel – Miguel pôs a mão no ombro do querubim –, se estamos aqui, é porque, dentre todas as infinitas possibilidades, Ele decidiu nos criar assim como nós somos. E o mesmo aconteceu com Samael, Belial, o mundo dos homens e todas as outras coisas. Se poderia ser melhor ou pior? O que é melhor hoje pode revelar-se pior amanhã. E a maior das desgraças pode, decorridos dez, cem, quinhentos, ou mil anos, afigurar-se como a maior das bênçãos. Quem pode dizer o que é melhor ou

pior, desprovido do conhecimento da eternidade que apenas Ele possui? Não eu, Gabriel. Eu apenas confio. E agradeço e aceito o que vier, seja o que for. E tu, o que preferes fazer?

— Eu também, General – Gabriel respondeu, como se despertasse de um sonho. – Eu também aceitarei de bom grado tudo que vier...

Miguel sorriu com grande alegria e beijou a testa de Gabriel. Em seguida, explicou os planos de combate, que poderiam mudar de acordo com o papel de Lúcifer na batalha. Havia a alternativa, remota na opinião do General, de que Estrela da Manhã abdicasse de lutar e o confronto se resolvesse no embate simples contra as forças de Belial. Outra possibilidade seria que o Portador da Luz obtivesse a redenção que almejava e lutasse ao lado das hostes celestiais – nesse caso, que Miguel considerava ainda mais improvável, as tropas do Inferno estariam irremediavelmente perdidas. Mas, a hipótese que os anjos ali reunidos davam como certa era que Samael haveria de falhar na tentativa de se redimir (se é que toda aquela história não era apenas um embuste desde o começo) e retornaria ao Castelo das Trevas para liderar o exército abissal em novo e derradeiro levante contra Deus.

— Nesse caso, deixem Samael comigo – Miguel ordenou. – Não é minha intenção subestimá-los, meus bons soldados, mas o poder do Primeiro entre os Anjos é enorme. Terei que lidar com ele junto à minha guarda pessoal de serafins. Enquanto isso, outros campeões inimigos precisarão ser combatidos. Uriel, tu cuidarás de Asmodeus e Mammon, caso apareçam para lutar, o que duvido muito. Mas teu alvo principal será Belzebu, com esse deverás agir com cautela, devido ao veneno mortal que ele possui nos ferrões.

— Entendido, General – Uriel prestou continência.

— Tu, Rafael, lutarás contra Belial – o General falou com convicção, transmitindo confiança ao subordinado. Mas Rafael lembrou-se do demônio gigante, das lendas sobre sua crueldade e dos feitos profanos que renderam a seu machado o nome de *Degolador de Arcanjos*, e não conseguiu deixar de sentir medo.

— Belial é um adversário forte, mas eu lutarei em honra ao Altíssimo e não posso perder – Rafael, entre todos os anjos, era o

que mais conseguia buscar força na fé e, antes de concluir a frase, o medo já havia se transformado em certeza de vitória. – Pela glória do Criador, eu vou vencer, General. Eu vou vencer.

— Não tenho dúvida disso, Comandante – Miguel bateu no ombro de Rafael e, em seguida, se virou para Gabriel: – Tu deverás abater Belphegor e também Azazel. Eles possuem grande poder de destruição em combate corpo a corpo, mas creio que serão presas fáceis para tuas flechas. Mantenha distância deles e não terá problema.

— Deixa comigo, General – Gabriel ergueu o arco e sorriu, confiante. – Vou derrubar esses dois rapidinho e correr pra ajudar o Rafa! – Deu um soco de leve no braço do amigo.

— Exato! – Miguel aproveitou a brincadeira para concluir as ordens. – Conforme eliminardes vossos alvos, ajudai uns aos outros. Agora, só nos resta vigiar e orar. E treinar, é claro. Mais alguma questão?

— E a espada de Samael, senhor? – Uriel adiantou-se, expondo a dúvida que já lhe afligia havia tempos. – Não seria melhor destruí-la?

— Não, permaneça com ela em teu poder – disse Miguel. – Na eventualidade de Samael se redimir, ele precisará dela para nos ajudar na batalha.

Uriel acatou a ordem a visível contragosto, mantendo a *Aniquiladora do Caos* na bainha reserva da armadura. Antes que fossem dispensados, Gabriel também perguntou:

— General... e aquela coisa ali? Será que não é um espião? – apontou para o diabrete que Lúcifer trouxera em sua última visita e que agora voava sobre um lago perto dali, caçando passarinhos. – A presença dele me incomoda. E ao senhor?

— Um pouco, devo confessar... – Miguel respondeu, pensativo.

— Não quer que eu resolva isso? – ofereceu Gabriel, já puxando uma flecha da aljava.

Miguel teve o ímpeto de permitir que a criatura fosse abatida, pois era essa a vontade de Gabriel e provavelmente também a de Rafael, Uriel e muitos outros anjos. E também era a vontade dele, pois, no fundo, sentia que nada que viesse de Samael podia ser

bom. Mas, lembrando-se das palavras que ele próprio havia proferido pouco antes, ponderou:

— Ninguém cruza os portões do Paraíso sem o consentimento do Altíssimo – pensou alto. Então, confiando em seus instintos e em sua fé, decidiu, sem mais hesitar: – Deixe-o viver. Deve haver algum propósito para essa criatura, afinal...

## **CAPÍTULO XXV – CANTANDO COMO UM ANJO**

— Lucien Arcanjo, estava realmente ansioso pra te ver! Vamos entrando, meu querido! – Fernando Siqueira dos Santos Aguiar, conhecido nacionalmente como Senador Fernando Aguiar, abriu os braços e o sorriso para receber o convidado à porta de casa. – E você, menina? Cada dia mais bonita, como pode uma coisa dessas? – segurou as bochechas de Silvana e beijou-lhe a testa. Em seguida, acenou gentilmente para o motorista e entrou.

Era um homem de estatura média e pele negra. Ostentava uma careca reluzente e também não tinha barba ou bigode e nem pelos nas sobrancelhas ou nas mãos. O restante do corpo estava coberto por uma roupa social fio 180 e Lúçifer, por mais que tenha tentado afugentar esta dúvida infantil, não conseguiu deixar de se questionar se haveria ou não algum pelo ali por baixo. Seu semblante bondoso, de idade indecifrável, inspirava simpatia imediata e a voz, as palavras e, sobretudo, o jeito de falar essas palavras, traziam paz e bem-estar inexplicáveis a quem conversava com ele, de modo que, após duas frases, poucos eram os que não tomavam aquele homem como uma boa pessoa, sentindo confiança em falar qualquer tipo de assunto como se o conhecessem desde sempre. Estrela da Manhã não foi exceção – afeiçoou-se a Fernando tão logo o viu. Entrou na casa, observando atentamente cada detalhe da ampla sala, decorada com belos quadros abstratos, vasos mais belos que os quadros e flores ainda mais belas que os vasos.

O Primeiro entre os Anjos já havia contemplado lugares muito maiores e muito mais decorados. Ora, já havia contemplado o próprio salão sagrado onde habita o Altíssimo e com o qual nem todos os salões da Terra juntos poderiam se comparar nem ao primeiro ladrilho. Mas isso já fazia algum tempo. E algo naquela sala realmente o deixou deslumbrado. A divisória que dava para o quintal era toda de vidro e dali se podia ver a piscina, onde duas crianças, um menino e uma menina, brincavam.

— São meus filhos – Fernando falou com orgulho, seguindo o olhar de Lúçifer. – Depois vamos até lá e eu os apresento. Nesses



dias de calor eles não saem dali por nada. E essa é a mulher mais linda do mundo, minha esposa, Soraia – apresentou a bela mulher que vinha dos outros aposentos.

— Esse “mulher mais linda do mundo” é por conta dele, tá? – disse Soraia, enquanto abraçava Lúcifer. Tinha quase a mesma tonalidade de pele (era um pouco mais clara), a mesma expressão bondosa e o mesmo doce na voz que tinha o marido. Não se podia dizer se sempre foram assim tão iguais ou se comprovavam a tese de que, com o passar do tempo, os integrantes do casal começam a absorver características e se parecer, até mesmo fisicamente em alguns casos, um com o outro. – E você, Silvana? – abraçou e beijou a moça de cabelos loiros que não desgrudara de Lúcifer desde que o encontrara na delegacia. – Tem que me ensinar esse segredo, moça... cada vez que eu te vejo você está mais bonita! Não é, Fernando?

— Acabei de falar a mesma coisa ali na porta. E olha que não combinamos nada, hein! – gargalhou, apertando o ombro de Silvana, que riu junto, abaixando a cabeça, encabulada. Depois abraçou Lúcifer e o conduziu com gentileza pela sala. – Vamos almoçar, gente? Aposto que você está com fome, não está não, meu querido?

— Pra ser sincero, acho que eu exagerei um pouco no café da manhã lá no hotel – Estrela da Manhã confessou. – Mas olha – farejou o ar com o nariz apontando na direção da cozinha –, sentindo esse cheirinho, o estômago até roncou.

— Ah, esse feijãozinho da Soraia não tem quem resista! – garantiu Fernando.

Almoçaram. O feijão realmente estava irresistível. E também o arroz carreteiro, a maionese, a mandioca frita, a carne de panela (que Silvana não comeu, mesmo com os pedidos insistentes do chefe, porque havia se tornado vegetariana nas últimas semanas), as batatas assadas, a couve refogada, o escondidinho de bacalhau (esse Silvana não tinha certeza se podia comer ou não, mas, na dúvida, acabou pegando mais maionese), também os pudins, sorvetes, manjares e frutas cobertas por leite condensado que foram servidas na sobremesa. Até o cafezinho e bolachinha que

veio enfeitando o pires – tudo estava absolutamente delicioso e Lúçifer comeu e repetiu e comeu mais outra vez, até se esbaldar e não aguentar mais. Ainda pegou um pedaço de pudim de leite depois disso e rasgou elogios sinceros que, mesmo soando extremamente exagerados, fizeram a anfitriã enrubescer e sorrir orgulhosa.

Conversaram sobre assuntos diversos: Lúçifer relatou, sem a prolixidade costumeira (pois ainda estava e ainda haveria de ficar um bom tempo abatido pela morte de Giza), a estadia no hospital e a rápida passagem pela delegacia, o incêndio criminoso nos prédios invadidos e como havia parado ali entre os mendigos (contou de novo a história da traição sofrida em uma pequena cidade do interior, só trocando o nome da esposa de Gertrudes para Rosana dessa vez). Depois, ao ver a movimentação de criados que traziam comida e recolhiam os pratos, andando para lá e para cá, perguntou se era realmente Soraia quem cozinhava – soube, é claro, fazer a pergunta indiscreta com sutileza cômica e todos deram risada antes da mulher confirmar (com testemunho de uma senhora de avental que colocava mais uma panela sobre a mesa naquele momento) que sim, era ela quem cozinhava: não tudo, evidente, mas “algumas coisinhas”, entre elas o feijão, “para não perder o jeito”. Silvana começou a falar sobre os motivos que a levaram a não comer mais carne, mas foi achincalhada de imediato e desistiu de argumentar, limitando-se a ouvir e dar risada (como normalmente fazia) pelo restante da refeição. Fernando contou duas histórias sobre os bastidores do congresso, que mais pareciam roteiros de seriado de comédia pastelão, comentou algumas falas da esposa e dos outros, mas, no geral, mais ouviu do que falou.

Em seguida, colocaram roupa de banho e foram se recostar à beira da piscina. Lúçifer confirmou que Fernando realmente não tinha pelos no corpo e ficou pensando se isso seria uma opção estética ou alguma doença. Num dos aposentos, tirou a roupa social que Silvana havia comprado para ele, ainda antes do velório, e se vestiu com um calção emprestado pelo senador. Encarando-se no espelho, se sentiu um pouco constrangido ao constatar que seu corpo era branco feito os palmitos que estavam servidos à mesa

pouco antes. Riu sozinho com essa bobagem e foi se encontrar com os outros. Conheceu os filhos de Soraia e Fernando, duas crianças encantadoras como os pais. Molhou os pés, tomou sol.

E viu Silvana de biquíni.

Soraia, que de boba não tinha nada, acompanhou o olhar do convidado, notou ali a avalanche de desejos, sonhos e indecências que iam e vinham e se amontoavam e se dispersavam no mesmo ritmo que a moça afundava e emergia na água as coxas firmes e os seios perfeitos com que fora agraciada pelos céus. Bateu de leve no braço branco de Estrela da Manhã e falou, baixo para que Silvana não ouvisse, quase em tom de confissão:

— Olha que não sou ciumenta. Mas eu quis matar o Fernando quando ele contratou essa moça.

Fernando deu risada. Lúcifer ficou surpreso, sem saber se olhava para Soraia, se olhava para Fernando ou se voltava a encarar o corpo escultural de Silvana.

— O currículo dela não é dos melhores, mas, modéstia à parte, eu tenho um certo dom para identificar o potencial das pessoas – disse Fernando. – E hoje tenho cada vez mais certeza que ela foi a melhor contratação que eu poderia ter feito. Mas até explicar que focinho de porco não era tomada... foi dureza!

— Pior que com o tempo eu tive que dar o braço a torcer – Soraia falou, depois de dar um gole na água de coco que um dos criados lhe trouxe. – Não tem como não gostar dessa menina: dedicada, trabalhadora, competente, não falta, não reclama, está sempre de bom humor...

— Nem parece mulher! – completou Fernando, em tom de galhofa.

— Ai, que bobagem! – Soraia deu um tapa estridente na perna do marido. Mas depois deu risada e concordou: – Pior que é mesmo. Qualquer dia, vou tomar coragem e perguntar se ela nunca fica de TPM, porque não é possível.

Seguiu-se um silêncio. Não o silêncio constrangedor que paira no ar quando acaba o assunto, mas o silêncio pesado que sucede todas as coisas, relevantes ou não, banais ou não, que são ditas

antes de se chegar ao assunto que realmente precisa ser falado. Então, Fernando foi direto ao ponto:

— Meu partido está passando por uma certa... crise. Acho que todos estão, na verdade. Bom, pra ser bem sincero, soando meio pessimista talvez, acho que o país está passando por uma crise, não só financeira e ética, mas em todas as áreas: nossos jogadores não são tão bons como eram antes, a música está uma porcaria... me fala uma banda boa que foi revelada nos últimos dez anos, uma só! – ele se exaltou, com o indicador erguido. – Não aparece mais nenhum escritor que preste, os bons cronistas estão enterrados ou com um pé na cova, as novelas são só mais do mesmo, os jornalistas estão mais pra publicitários do que outra coisa... enfim, ou eu sou um tremendo de um saudosista, ou tá uma droga mesmo – Fernando falou com emoção na voz, enquanto observava os filhos brincando com Silvana na piscina. Depois, encarou os olhos azuis de Lúcifer e continuou: – Mas, apesar de não gostar nada dessa situação, no momento eu não estou lá muito preocupado com música, com livros, com futebol, muito menos com os outros partidos. Você está me entendendo, meu querido?

— Perfeitamente – Lúcifer assentiu.

— Então, o que acontece é o seguinte: nós estamos precisando de caras novas. De sangue novo. De gente que ainda não tenha se contaminado com a podridão.

— Deixa eu adivinhar... – Lúcifer interrompeu – daí você me viu na TV, usou o seu dom de identificar grandes talentos e me chamou pra almoçar, é isso?

— Mais ou menos isso – Fernando sorriu. – Na verdade, quem te viu foi o meu... chefe. Daí ele me ligou, eu liguei pra Silvana, ela te achou... e eu te chamei pra almoçar. Mais ou menos nessa ordem.

— Tá, e qual é a proposta? – foi a vez de Lúcifer ir direto ao ponto.

— Estamos a oito meses das eleições para prefeito – o senador falou, reclinando-se para frente e unindo as pontas dos dedos em frente ao rosto. – A cidade em que você estava, em que os prédios queimaram e sua *filha* e seus amigos morreram, é a maior do país.

Um ponto extremamente estratégico, como você pode imaginar. Mas nosso candidato lá passou com louvor na faculdade de “como ser um idiota” e está tomando uma surra nas pesquisas. Resumindo, a proposta é inventar uma desculpa qualquer pra afastar esse imbecil e colocar você pra concorrer no lugar dele.

— Eu? Um mendigo que não tem nem RG? – Lúcifer perguntou, na intenção de que Fernando abrisse mão de um vasto repertório de elogios para convencê-lo. Funcionou:

— Você é um homem que conhece as necessidades do povo, você esteve “lá”. As pessoas gostam desses casos de superação, vão chorar com a história do prédio incendiado, vão ficar com o coração apertado pelo que aconteceu com a sua filha. Além disso você é bonito e fala bem. Muito bem. Tem um carisma e tanto. Só de te ver entrando aqui em casa com a barba feita e com aquela camisa bonita que a Silvana comprou eu já pensei “eu votaria nesse cara!” – Fernando gritou essa última parte com empolgação, e Soraia e também Lúcifer não conseguiram conter a risada. – “Eu votaria nesse cara!” – Fernando repetiu, gargalhando. – É sério! O principal você já tem, só falta um pouco de marketing, meu querido.

— Marketing... acho que já ouvi isso em algum lugar – Estrela da Manhã comentou, um pouco debochado, um pouco degustando a ideia que começava a parecer mais doce do que os pudins com os quais se empanturrara no almoço.

— Então, o que me diz? É uma grande chance de *fazer algo bom pelas pessoas...*

A frase cirúrgica de Fernando fez um calafrio escorrer pela espinha de Lúcifer, que quase pôde ver um anjo por ali, soprando as palavras exatas no ouvido do senador. Teve o receio de que, ao aceitar, estivesse servindo como uma marionete de Deus. Mas preferiu acreditar que era um sinal do Pai, que finalmente dava pistas claras do caminho que ele precisaria trilhar para obter a redenção.

— Tudo bem, Fernando. Vamos nessa – estendeu a mão para o anfitrião, que prontamente a apertou.

— Assim que se fala, meu querido! Pode ficar tranquilo que eu vou te dar suporte o tempo todo. Vou até te ceder o meu braço direito! – apontou Silvana com o olhar. – Esse mundo da política é sujo: um mundo de lobos tomando conta de ovelhas. Mas dá pra superar.

— Lobos tomando conta de ovelhas – Lúcifer refletiu. – E você, Fernando? Qual que é a sua? – perguntou, com a arrogância e a imponência do Senhor das Trevas, fazendo Soraia se assustar e Fernando afundar instintivamente na cadeira. Depois, seguiu em tom mais descontraído: – Os outros são os lobos, ao povo, certamente restou o papel de ovelha. E você? Vai dizer que é o cão pastor, é isso?

— Não! – Fernando recobrou o bom-humor, perdido momentaneamente quando Lúcifer falou daquele jeito *estranho*. – Não tem cães pastores nesse jogo, Lucien. Só tem ovelha que nem sabe que é ovelha, ovelha que sabe que é ovelha e quer virar lobo, lobo que quer comer tudo o que aparecer pela frente, mesmo que não esteja mais com fome há muito tempo... e uns lobos de apetite moderado, que de vez em quando até tentam controlar o ímpeto dos comparsas mais esfomeados. Acho que eu me enquadro nessa última categoria. Por mais que quisesse ser um cão (e eu já quis!), não conseguiria. A matilha não permite que os cães sobrevivam por muito tempo nessa selva, meu querido. Sou um lobo, não tenha dúvidas. Por isso ainda estou vivo. E você também é... por isso está aqui.

— E eu pensando que era por causa dos meus olhos azuis! – Lúcifer gargalhou e os anfitriões o acompanharam.

O Sol já começava a pintar as nuvens com os tons alaranjados que precedem o ocaso. Silvana e as duas crianças saíram da água, se enrolaram em toalhas e se juntaram à roda de conversa, que agora passava pela fase do silêncio que sucede a discussão principal. Uma das criadas trouxe um violão, sem que ninguém pedisse, e entregou-o ao patrão, denotando que aquela prática era corriqueira na casa. Fernando ensaiou alguns acordes, mas notou que seu convidado encarava o instrumento (belíssimo, com a madeira tão polida quanto um espelho e cordas de metal que

brilhavam à luz do Sol) com tanto deslumbre que não lhe restou alternativa além de oferecer:

— Sabe tocar, Lucien? Quer experimentar?

— Se você não se incomodar – Lúcifer respondeu, já estendendo as mãos.

Fernando entregou o violão, com uma pontada de ciúme e dessabor, pois gostava de tocar e de cantar e cuidava daquele instrumento com o mesmo esmero que outros homens costumavam cuidar dos carros. Mas tudo passou quando Lúcifer fez a primeira nota. Nesse instante, o tempo se congelou, os raios solares incidiram no ângulo perfeito sobre a água que tremulava na piscina, todos os sons e todas as desgraças do mundo pareciam ter dado uma trégua e podia-se jurar que até as nuvens alaranjadas pararam para escutar a melodia, saída das cordas como o canto das aves canoras que voavam no Éden em tempos imemoriais. E tudo ficou incrivelmente mais belo quando ele começou a cantar.

Era uma canção cantada numa língua estranha, que o cérebro não entendia sequer uma palavra, mas que o coração absorvia todos os significados – o amor a Deus, a amizade dos soldados que lutam juntos o bom combate, a dor da perda pelos que se foram e nunca mais vão voltar. Lembravam-se da melodia, como às vezes se lembra sem saber dos sonhos bons que só podem ser sonhados no ventre materno, antes de ver a luz do mundo pela primeira vez. E choraram. Silvana e Soraia, copiosamente, Fernando e as crianças, apenas com lágrimas discretas que umedeciam e transbordavam vez ou outra dos olhos. Mas choraram.

O fim da canção foi como o despertar de um transe. Bateram palmas, secaram lágrimas, pediram outra. Fernando disse que Lucien poderia ficar com o violão se quisesse, que se sentiria envergonhado de tocá-lo dali em diante. Soraia deu um abraço maternal em seu convidado e, ainda vertendo lágrimas, beijou-lhe o rosto e assim lhe falou:

— Essa foi a coisa mais linda que eu já ouvi, que Deus me castigue se eu estiver mentindo. Você canta como um anjo! – abraçou-o novamente.

— A senhora nem imagina, Dona Soraia — Lúçifer respondeu. —  
A senhora nem imagina...



## **CAPÍTULO XXVI – A PRIMEIRA ELEIÇÃO A GENTE NUNCA ESQUECE**

— Não quis comentar nada lá, mas depois fiquei pensando: acho que o outro cara vai ficar meio puto, não vai não? – Lúcifer falou para Silvana, mais em tom de quem pensa em voz alta do que outra coisa, enquanto olhava as luzes da cidade pela janela do carro, a caminho do hotel. – Não que eu me importe muito com isso, mas...

— Que outro cara? – ela perguntou, sem dar mostras se realmente não sabia, ou se sabia e queria incentivar a desenvolver o assunto, ou se só estava distraída.

— O cara que é candidato hoje. Não acho que ele vai querer largar o osso assim de boa e desistir da candidatura para outro (eu, no caso) pegar o bonde andando e sentar na janelinha. É assim que vocês falam, não?

— Esse ditado é do tempo da minha vó – Silvana riu –, mas é assim mesmo. Bom, o “outro cara” tá indo de mal a pior nas pesquisas, sem nenhuma perspectiva de melhorar na reta final. Acho que ele vai entender que é o melhor pro partido.

— Olha, eu nem conheço o cara, mas, se eu sei como funciona o ego das pessoas (e, modéstia à parte, acho que posso dizer que sei um bocado), acho que ele não vai ser tão compreensivo assim com os interesses do partido não...

— Os líderes do partido conseguem ser bem convincentes quando necessário – ela respondeu, com o sorriso de manequim de vitrine de loja ainda intacto no rosto.

— Hum... – Lúcifer refletiu sobre as possibilidades de interpretação da palavra “convincente”. – E é fácil assim trocar de candidato no meio da eleição?

— Fácil não é, mas: nessa vida, só não se dá jeito pra morte! Olha aí, outro ditado da época da minha vó! – abriu ainda mais o sorriso e seus olhos brilharam com uma inocência que deixava mil interrogações na cabeça de Lúcifer.

Foram para o hotel e, no dia seguinte, voltaram à metrópole onde Lúcifer se candidataria a prefeito. Durante a semana, Silvana

ocupou-se em dar um “banho de loja” em seu novo patrão, Lucien Arcanjo – comprou camisas, calças, ternos, meias, carteiras, cintos, cuecas, gravatas, bermudas, chinelos, sapatos, toalhas, roupas de banho e até um kit completo de mergulho. “O que eu vou fazer com isso, Silvana?”, Estrela da Manhã perguntou ao vê-la chegar com as nadadeiras, máscara, snorkel e a roupa preta de borracha. “Durante a campanha, de vez em quando é bom passar um ar mais esportista, meio aventureiro... vai por mim”, ela respondeu, segurando a roupa à altura dos ombros de *Lucien* e olhando até os pés, para conferir se havia acertado na medida. Ao contrário do que é mostrado em filmes, onde normalmente uma trilha sonora animada é usada como pano de fundo enquanto uma compilação de cenas das compras é mostrada, dando a ideia de que tudo é divertido e maravilhoso, a realidade do banho de loja mostrou-se extremamente cansativa, com infinitas e silenciosas medições de tamanho de ombros, cintura e braços, experimentações de sapato e a indigesta caminhada em direção ao espelho, provadores e mais provadores, sorrisos forçados de vendedores, débito ou crédito, não quer levar mais um par de meias para acompanhar, mais uma camisa e a terceira sai pela metade do preço – não importava o tamanho da loja ou o preço nas etiquetas, a conversa era a mesma. E Lúcifer sempre foi do tipo que se entedia fácil, de modo que não via a hora de acabar com aquilo de uma vez e ir para a “ação”.

Mais para o final da semana, chegaram ao hotel em que estavam hospedados enquanto a residência fixa era providenciada e, pouco depois de ligar a TV, se depararam com a notícia: “AO VIVO: Candidato a prefeito morre em acidente de táxi”. Lúcifer nem precisou assistir ao resto da reportagem para saber de qual candidato se tratava. “Os líderes do partido conseguem ser bem convincentes quando necessário”, lembrou. Os líderes do partido, que de fato eram bem convincentes, foram entrevistados pouco depois, lamentando-se sobre o ocorrido e garantindo que não desistiriam das eleições e, em breve, lançariam outro concorrente ao cargo. A cobertura do acidente, exagerada como era de praxe na imprensa, teve uma reviravolta dramática quando foi *constatado* que o motorista do táxi (que ficou em coma e morreu dois dias

depois) estava alcoolizado – o falecido candidato, que muita gente não sabia nem o nome até então, só faltou ser canonizado e, nas ruas, nos bares, nos ônibus e em todos os lugares, as pessoas comentavam, com ar saudosista: “esse sim seria um bom prefeito!”. Logo o assunto foi desviado: longas matérias *investigativas* foram feitas sobre taxistas que se utilizavam dessa prática (dirigir embriagado) para aliviar o estresse do trânsito e do dia a dia, o que evoluiu para outras matérias, ainda mais longas e ainda mais “investigativas”, sobre a precariedade de alguns veículos que compunham a frota, a falta de educação de diversos motoristas, as voltas desnecessárias que eram dadas para aumentar o valor da corrida quando se percebia que o passageiro não conhecia o caminho – tudo recheado de depoimentos de pessoas (olhos marejados) que viveram situações das mais constrangedoras a bordo de um táxi e acabando com piadas jocosas dos âncoras. Isso ajudou a jogar a reputação da categoria ainda mais na lama, curiosamente bem numa época em que um aplicativo “revolucionário” estava tentando emplacar na cidade, com a promessa de acabar com os problemas de transporte, oferecendo “caronas compartilhadas” com qualidade e preço justo.

Lúcifer, que de planos maliciosos entendia um bocado, sentiu-se, por alguns instantes, um amador comparado aos humanos, pois ainda não conseguia visualizar muito bem as engrenagens que regiam aquele universo composto por política, imprensa e empresas. Desejou ter continuado a se envolver mais nesses assuntos, como fizera no império romano, ou no tempo das grandes navegações, e depois voltara a fazer na revolução industrial. No passado, as coisas talvez fossem mais simples, mas a natureza humana era a mesma em qualquer época e, com seu intelecto superior, logo entenderia tudo perfeitamente – pensou, reconfortando-se. Silvana, que, apesar de nova, já havia passado da idade de acreditar em Papai Noel, achava (ou pelo menos dizia com grande convicção) que o acidente tinha sido apenas uma fatalidade, uma infeliz coincidência, e que a cobertura da imprensa sobre os taxistas foi apenas a evolução natural do assunto, afinal,

os espectadores eram ávidos por novidades e mais novidades, o tempo todo.

Alguns dias depois, a novidade foi Lúcifer, Estrela da Manhã, ou melhor: Lucien Arcanjo, novo concorrente ao cargo de prefeito da cidade. Embalado pela comoção popular gerada pela morte do antigo candidato, o Anjo Caído, mesmo sendo um desconhecido absoluto, estreou bem na primeira pesquisa, com 22% das intenções de voto (o "outro cara" tinha menos do que 5), abarcando uma boa parcela dos "indecisos" e também da favorita: Jéssica Janparot Feitosa, que viu seus 64% caindo para 59, o que, mesmo ainda com uma boa margem, não a deixou nada feliz.

— Janparot? Ela é francesa, ou algo assim? — Lúcifer foi tomado por uma curiosidade debochada ao ouvir o nome.

— Na verdade, é Jéssica João Paulo Feitosa... — Silvana não conteve a gargalhada.

— Putz, sério?

— É, esse negócio de dar nome pro filho e querer agradar tio, avô... às vezes saem umas pérolas — a assistente explicou, ainda gargalhando. — Mas não vai usar isso no debate, hein? É golpe baixo...

— Não, pode deixar — Lúcifer piscou. — Você acha que eu faria uma coisa dessas?

Quanto mais se aproximava o debate e quanto mais Lúcifer aparecia na propaganda eleitoral, mostrando seu passado triste de morador de rua, a triste cena da entrevista com Gisele nos braços (música triste ao fundo), que logo se tornava uma "volta por cima", que era exatamente o que a cidade precisava (e então a trilha sonora ganhava acordes épicos), quanto mais seus olhos azuis ganhavam enquadramento e sua voz firme, de quem sabe o que está falando e consegue, além de falar claramente, também falar com leveza e bom-humor, transmitindo segurança, passando a sensação de estar apto a enfrentar todo e qualquer problema sem perder o sorriso — quanto mais essas coisas eram mostradas no rádio e na TV, mais Lucien Arcanjo subia nas pesquisas. E o segundo turno, antes possibilidade remota, se tornava o desfecho mais provável da disputa.

— Você está indo cada vez melhor nas pesquisas, chefinho – Silvana (que passara a chamar Lúcifer de “chefinho” nas últimas semanas, fazendo-o lembrar imediatamente de Asmodeus e engolir um mau presságio em silêncio), comemorou.

— Não sei nem porque as pessoas votam – Lúcifer falou, ajeitando a gravata em frente ao espelho, antes de entrar ao vivo no primeiro debate. – Podia resolver tudo pelas pesquisas, não é? Caramba, nunca acerto esse nó... me ajuda aqui, Silvana.

— É, às vezes, também penso a mesma coisa – ela se aproximou, mais do que o necessário para ajeitar o nó. Deslizou as costas da mão pelo peito de *Lucien*, mas era impossível dizer se o acariciava ou se apenas esticava a gravata. – Mais alguma coisa, chefinho?

Lúcifer sentiu o perfume adocicado, olhou mais uma vez aquela moça bonita, extremamente bonita, de olhos inocentes e sorriso fácil, que mesmo após meses de convivência ainda lhe era uma incógnita, pois não sabia se ela era de fato ingênua ou se tinha uma malícia dissimulada que ombreava com a dos demônios, se era boba ou se se fazia de boba. Sempre disposta, sempre feliz, sem oscilações de humor. Seja como for, o mistério só aumentava ainda mais a vontade de responder “sim, quero mais uma coisa...” com uma das milhares de indecências que surgiam na mente quando ela estava por perto e, principalmente, quando perguntava isso como quem não queria nada.

— Agora tenho que ir pro debate, não dá tempo de pedir mais nada...

— Ai, que pena... – ela sorriu, tirou o celular do bolso e sentou-se no sofá. – Vou ficar aqui jogando, tá? Minha prima já disparou de novo, aquela viciada. E eu fico nervosa assistindo esses debates, dá vontade de entrar lá e xingar a mãe de todo mundo.

— Acho que também vou ficar com a mesma vontade, mas espero conseguir me controlar – Lúcifer fez uma cara divertida e seguiu em direção ao “palco”.

\* \* \*

O primeiro debate foi um fiasco. Não que Lúcifer tenha xingado a mãe de ninguém, nem falado algo que não deveria. Na verdade,

quase não teve chance de dizer nada. Inflado de candidatos de menor expressão, o que era para ser uma disputa de ideias, tornou-se um circo. Além disso, Lúcifer não teve sorte nos sorteios dos temas das perguntas, nem no sorteio dos candidatos a quem faria essas perguntas e acabou não conseguindo o aguardado confronto direto com Jéssica Janparot que, por sua vez, se fez de morta – na estratégia de administrar a vantagem, esquivou-se de Lúcifer, ironicamente, como o diabo foge da cruz.

— Puta que pariu – Lúcifer entrou possesso no camarim, arrancando a gravata de uma vez como se ela estivesse a lhe queimar o pescoço, após o debate –, como que um imbecil daquele pode concorrer ao cargo de prefeito de uma cidade desse tamanho? Porra, aquilo ali não serve nem pra síndico de puteiro. Você viu a ideia do cara pro transporte? Ah, você não viu, né... ficou aí jogando – ele falou, com o nervosismo deixando transparecer um tom de acusação.

— Calma, chefinho – Silvana não se abalou –, eu sei de quem você tá falando. É o cara do trem “voador” – desenhou as asas no ar, com os dedos –, né?

— Esse mesmo... – Lúcifer começou a se acalmar, depois de entornar um copo d’água.

— Toda eleição ele concorre, já é figurinha carimbada.

— Com quanto que esse putinho está na pesquisa? Dois por cento?

— Zero vírgula oito... – Silvana respondeu, abrindo a porta de saída e pegando o paletó do chefe.

— Toda eleição é assim? Por que ele insiste? – Lúcifer contorceu o semblante, ainda indignado.

— Tem um negócio chamado “fundo partidário” – ela disse. – É mais ou menos uma “vaquinha” que se divide proporcionalmente entre os partidos, pra assegurar que todos tenham chance de concorrer e tal, garantindo assim a perpetuação da democracia – deu um soco no ar, coroando o discurso teatral. – Falei igual enciclopédia, né? – Ela deu risada, pendurando-se no braço do *chefinho* enquanto desciam a escada da emissora, em direção ao carro. – Mas, resumindo: se não dá pra ganhar a eleição, pelo

menos dá pra garantir uma teta dessa vaquinha, pra ficar mamando até a próxima.

— Puta merda, eu não conseguiria ter pensado em algo *melhor* – Lúçifer ficou sinceramente admirado.

— Ah, é que você tem um bom coração, chefinho – disse Silvana, debruçando a cabeça no ombro do chefe.

Como o debate não trouxe mudanças significativas aos números da pesquisa, o partido teve que se movimentar nos bastidores. Usou de sua *boa relação* com uma das emissoras de TV e conseguiu agendar um debate entre “os dois favoritos”, que estavam melhor colocados nas pesquisas: Jéssica Janparot e Lucien Arcanjo. A equipe de marketing de Jéssica pensou, inicialmente, em boicotar o debate. Mas não quiseram se indispor com a emissora e também, caso houvesse segundo turno, esse confronto seria inevitável e acabariam entrando com a pecha de covardes por terem “fugido” na primeira vez. Acabaram aceitando.

E Lúçifer, como diria a avó de Silvana, “deitou e rolou”.

As perguntas de sempre, sobre saúde, transporte, educação, moradia, inclusão, programas sociais, emprego e os outros assuntos de sempre, tiveram as mesmas respostas pasteurizadas de sempre. Lúçifer estava, porém, muito mais desenvolvido nas respostas e, volta e meia, arrancava risos da plateia com suas tiradas carismáticas. Jéssica não estava em um dia bom e foi ficando cada vez mais nervosa com a eloquência do adversário e as piadinhas idiotas que todos pareciam ver graça, menos ela. Tentou também fazer uma piada, ao responder uma questão banal sobre transporte público, mas todos na plateia ficaram com cara de samambaia, sem entender direito o que ela quis dizer, e isso a enervou ainda mais. Chegaram à parte “livre” do debate, em que os candidatos tinham alguns minutos para falar da maneira que bem entendessem sobre seus planos de governo. Mas eram poucos os que faziam isso, preferindo abusar do argumento *ad hominem*, na tentativa de desmoralizar o adversário. Jéssica não foi exceção. Partiu para o ataque:

— Eu quero que vocês pensem bem, meus senhores, minhas senhoras – ela disse, com olhos de tigre cravados na câmera –, se

realmente estão considerando, se realmente estão cogitando a hipótese de votar no Senhor Lucien Arcanjo que, pelo que vimos hoje, é até bom em fazer gracinhas e piadas... ora, se ele se fosse candidato a comediante de *stand up*, até eu pensaria em votar nele – nessa parte muitos deram um risinho contido, até mesmo Lúcifer, que ouvia tudo com semblante irônico –, até eu! Porém, meus senhores e minhas senhoras, o que estamos falando aqui é de uma eleição para prefeito da maior cidade do país. E o que sabemos desse homem, além de que ele sabe contar anedotas? De onde veio esse homem? Onde estudou? Onde trabalhou? Ele alega que foi mendigo e todos nós nos compadecemos com isso. Inclusive, uma das pautas do meu mandato será o suporte aos moradores de rua, ampliação dos albergues, geração de emprego, tentar trazer dignidade à essa gente tão sofrida, o que ainda vai ajudar a combater os índices de violência, porque muitas vezes essas pessoas assaltam porque não têm o que comer. É muito triste, meu senhor, minha senhora. Mas, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Não é porque esse homem teve um passado sofrido que, agora, da noite para o dia, ele estará capacitado a ocupar um cargo... vejam bem, prestem bem atenção no que eu vou falar, não é do dia para noite que alguém fica capacitado a ocupar o cargo de PREFEITO de uma cidade como a nossa. Nem de outra cidade menor, se querem saber. Quanto mais, da maior cidade do país! – nesse momento, o intermediador do debate chamou atenção para o tempo esgotado. – Então, só para concluir, meu senhor, minha senhora, eu gostaria que, antes de votar, vocês refletissem muito bem na seguinte questão: o que sabemos sobre Lucien Arcanjo? Será que ele é alguém em quem podemos confiar? De todo coração, falo para vocês: eu não confio!

— Muito bem, agora a resposta do candidato Lucien Arcanjo – disse o mediador.

— Já acabou, Jéssica? – perguntou Lúcifer, bem próximo ao microfone.

A plateia explodiu em gargalhada (nem o mediador aguentou) com a citação debochada e cirúrgica que aludia a um evento popularizado nas redes sociais recentemente. Jéssica Janparot



corou quase até as lágrimas, descontrolou-se e foi tomar satisfações, por pouco não chegando às vias de fato. Precisaram fechar os microfones e o debate ganhou ares de pesagem de luta de UFC, quando os seguranças dos partidos e da emissora entraram para conter os ânimos e acabaram eles próprios trocando sopapos. As máscaras caíram, os candidatos e demais envolvidos agiram com espontaneidade sincera, diferente do que costumava ocorrer e a audiência foi às alturas (não podia ser diferente, dada a predileção do público por baixarias das mais diversas), criaram-se *memes* e vídeos quase instantaneamente, onde Lúcifer aparecia com óculos escuros estilizados sendo ovacionado por rapazes cantando rap e depois chutava Jéssica, aprisionada por uma lata de lixo, para dentro de uma piscina.

Encerrado o debate, Jéssica Janparot ganhou um tornozelo torcido (pois escorregou num degrau ao tentar agredir o adversário), várias imagens de sátira na Internet, uma taquicardia por estresse e também a fama de desequilibrada.

E Lucien Arcanjo ganhou as eleições no primeiro turno.

## **CAPÍTULO XXVII – BALÕES**

Assim como todos os outros, o partido pelo qual Lúcifer vencera as eleições tinha, para dizer o mínimo, graves lacunas entre o que pregava e o que praticava, mormente no que tangia a ética. Algumas línguas mais ferinas chegavam a dizer, talvez sem o devido cuidado com o próprio telhado (ou com o próprio rabo, em outra vertente do dito popular), que os integrantes daquela legenda, sem exceção, haviam feito da corrupção um hábito, que as maracutaias, conchavos, desvios, descalabros, superfaturamentos e ladroagens afins estavam enraizadas em seus âmagos e se tornaram coisas tão naturais quanto o ar que se respirava. Diziam, não sem um punhado de bons motivos, que agora aquele partido representava o que podia existir de mais podre no mundo da política, do primeiro vereador ao último santinho atirado às ruas nas campanhas de boca de urna. Entretanto, nem o mais ferrenho opositor ousaria dizer, sob pena de perder completamente a credibilidade, que eles não sabiam dar uma boa festa.

E, nas comemorações pela vitória de Lúcifer, definitivamente se superaram.

Um enorme galpão foi alugado e decorado como se ali estivesse prestes a se casar a rainha de Camelot (ou outro reino lendário qualquer), com bandeiras imponentes como brasões de guerra, tremulando ao vento e exibindo as cores e o símbolo do partido em todo canto que se pudesse olhar; palhaços (não metafóricos), malabaristas, equilibristas, mágicos e outros animadores circenses circulando pelo ambiente para entreter os convivas; uma equipe de som de fazer inveja às melhores festas de fim de ano e de formatura, contando com a ilustre presença de uma famosa banda, que tocou sem cobrar cachê por estar totalmente alinhada com os compromissos sociais do partido (e também, cochichavam as más línguas, por se beneficiarem de certa lei de incentivo à produção artística); uma bateria de queima de fogos para receber o candidato vencedor, tão extensa que fez os moradores das imediações ficarem em dúvida se o ano novo

chegara mais cedo, ou se algum dos grandes times da cidade estava a disputar final de campeonato.

Além disso, como não podia deixar de ser, não faltaram quitutes, bebidas e itens de consumo para os mais variados gostos e paladares. Tinha refrigerante para quem era de refrigerante, vodka para quem era de vodka e cocaína para quem era de cocaína. Esse último item não era trazido pelos garçons nas bandejas, mas podia ser encontrado sem muita dificuldade em uma rápida ida ao banheiro (mesmo recinto onde se desenrolavam cenas de sexo das mais variadas). Outrossim, a mesa farta – repleta de coxinhas, enroladinhos, morangas de camarão, lagostas, ostras e frutos do mar produtores de testosterona afins, massas, presuntos (pata negra, pois os organizadores não brincavam em serviço), champanhes, cervejas, ponches, licores, frutas das quatro estações, brigadeiros, quindins, beijinhos, e uma infinidade de outras coisas gostosas que a maioria não sabia nem o nome e precisava apontar com o dedo para recomendar aos colegas.

Fartura, luxo e ostentação, que em nada condiziam com os discursos de contenção de gastos e austeridade fiscal, alardeados durante as campanhas eleitorais. Mas, ora, “uma boa festa de vez em quando não faz mal a ninguém”, diziam as pessoas que costumavam ser convidadas para as festas – deputados, vereadores, juízes, senadores, presidentes de entidades esportivas, presidentes de ONGs, representantes de grandes empresas, líderes comunitários (que em casos isolados talvez pudesse ser eufemismo para “chefes do crime organizado”), líderes sindicais (que brindavam e conversavam como velhos amigos com os representantes das grandes empresas), prostitutas de luxo, aspirantes a prostitutas de luxo, artistas, pseudo-artistas, militares patenteados, jornalistas de *bom senso* em suas inclinações políticas, marketeiros, cabos eleitorais de destaque e bajuladores em geral.

Havia tudo isso na festa.

E também balões. Muitos balões.

Lúcifer, já entediado de tanto apertar mãos e ouvir os mais efusivos votos de boa sorte, observava um desses balões, que, por

um motivo obscuro ou, mais provável, sem motivo algum, fez com que ele se lembrasse da *Fonte da Vida*. Um homem careca, com porte robusto que lhe conferia aspecto agressivo, veio despertá-lo dos devaneios:

— Lucien Arcanjo! – falou, com uma voz de timbre naturalmente alto. – É uma grande satisfação te conhecer, *ragazzo*.

— A satisfação é minha, senhor... ?

— Ivan! Meu nome é Ivan – o homem respondeu, apertando forte a mão de Lúcifer, que, assim como quase todas as outras mãos que apertava, parecia de criança perto da sua. – Imagino que metade desses puxa-sacos já te deram parabéns, então não vou ser repetitivo. Só vou te dizer uma coisa: você está no caminho certo. Continue assim e voltamos a nos falar daqui um tempo, *capisci?*

— *Capito...* – o Anjo Caído concordou, tentando se mostrar simpático.

O sujeito robusto deu uma piscada que transmitia confiança, virou as costas e sumiu, em meio à algazarra de gente que comia, bebia, conversava e dava risada por todo lado. Lúcifer ficou curioso, pois aquele era um tipo de homem raro, envolto por uma espécie de aura, com os tentáculos invisíveis do poder saltando de cada poro. Alguém que se pode distinguir como diferenciado só de olhar, independente das roupas que esteja usando. Alguém abençoado (ou amaldiçoado) com o dom genuíno de controlar multidões e conduzi-las à prosperidade ou à ruína. Isso Estrela da Manhã podia dizer melhor do que ninguém, pois já lidara com algumas pessoas assim ao longo da história e, na maioria dos casos, não precisou se esforçar muito para que as tais multidões controladas acabassem em ruínas. Começou a caminhar até Silvana, que conversava animadamente com o Senador Fernando e com Soraia, às imediações da mesa de doces. Porém, no terceiro passo foi interpelado por um jovem bonito, com um bigodinho bem preto que escorria pelos cantos da boca e desaguava num cavanhaque bem cuidado.

— Senhor Lucien, meus mais sinceros parabéns, desejo toda sorte do mundo em seu mandato – ele falou, com simpatia treinada e formalidade. – Meu nome é Ricardo Lorenzzi – entregou o cartão

que Lúçifer colocou no bolso, junto aos outros recebidos naquela noite: já formavam um calhamaço que em breve seria desovado numa lixeira qualquer –, sou representante do aplicativo de caronas.

— Hum. Como vai, Ricardo? – perguntou, somente para cumprir o protocolo.

— Muito bem, senhor – o rapaz bonito respondeu, colocando as mãos para trás e se curvando levemente. – E ficarei muito melhor se pudermos, em ocasião mais oportuna, é claro, discutir sobre os trâmites para a legalização do aplicativo. Sei que posso soar como alguém que tenta vender o próprio peixe, mas acredito do fundo do coração que essa é a melhor opção para a cidade. Um negócio que certamente *beneficiará a todos os envolvidos...*

— Sim, sim... vamos conversar, *Rodrigo...* – Lúçifer continuou a andar, demonstrando o quanto estava interessado.

— É “Ricardo”, senhor – o jovem continuou a sorrir, agindo como se tivesse acabado de ouvir um grande elogio. – Entrarei em contato, então!

Ao virar as costas, o sorriso do rapaz se desmanchou num semblante contorcido de raiva, com um “filho da puta” sussurrado entredentes. Ajeitou o bigodinho e foi *caçar* uma paquera, na esperança de que a noite não estivesse perdida por completo. Lúçifer tentou seguir caminho até Silvana, mas novamente foi parado, dessa vez pelo líder do sindicato dos taxistas, que observara a abordagem do rapaz do aplicativo e não queria ficar atrás. Era um cidadão baixo e gordo, com cabelos acinzentados cobrindo apenas as laterais e a parte detrás da cabeça. Usava óculos de lentes grossas e falava apressado, com o hálito denotando que já havia experimentado tudo e mais um pouco das opções alcoólicas servidas na boca-livre.

— Seu *Luciê*, ô, Seu *Luciê*! – saudou, como se estivesse se dirigindo a um amigo de infância. – O senhor não caia na lábua daquele merdinha, não, viu? Não é certo essa cachorrada que ‘tão fazendo com a nossa categoria não, o senhor sabe. Olhe, vamos sentar depois, conversar direitinho, viu? A festa ‘tá bonita demais! Bonita demais!

Acenou uma “continência” e foi se servir de mais uma dose, sem deixar cartão, nem sequer dizer o nome. Lúcifer, suas expressões faciais deixaram bem evidente, sentiu-se mais inclinado a se posicionar em favor dos taxistas quando chegasse o momento de tomar tal decisão. Não por ter ponderado a questão, colocado prós e contras na balança e ter chegado a um resultado de precisão matemática. Não. Sentiu isso somente por ter simpatizado mais com o homem gordo e baixinho do que com o rapaz bonito, cujo bigodinho de imediato remeteu ao do dono da loja de ferramentas (assassinado com crueldade por *assaltantes*, pouco depois de Lúcifer iniciar a campanha), responsável pelo incêndio que vitimou Gisele, meses atrás. Refletiria sobre essa questão por muitas vezes durante o mandato – a empatia (ou falta de empatia) com as pessoas era, invariavelmente, fator de peso considerável, quando não determinante, na fórmula complexa da tomada de decisão. O sorriso a mais, as horas de sono a menos, a fechada no trânsito ou a ligação da filha rebelde a caminho da reunião, o horário desmarcado pelo cabeleireiro, o estranho que esbarrou no copo de café derramando tudo no vestido novo, o queixo quadrado que lembrava o primeiro namorado, o decote atraente: infinitas eram as variáveis que faziam oscilar o humor e a afinidade entre as pessoas que participavam de uma negociação e podiam representar a diferença entre um “negócio fechado!” e um “eu volto a te ligar...”. Mas nessas coisas Lúcifer pensaria depois.

Naquele momento, só estava interessado em chegar até Silvana e perguntar quem era o tal de Ivan, com quem conversara há pouco. Mas a fila de pessoas que queriam se apresentar e deixar um cartão com o novo prefeito era extensa – o representante da empresa responsável por pintar as ciclovias da cidade (que pelo preço do metro quadrado podia levar a crer que era pintada com tinta de impressora), preocupado com a qualidade de vida da população de um jeito que chegava a comover, insistindo para que houvesse cada vez mais vias por onde as bicicletas pudessem transitar; a mocinha da organização-não-governamental que palestrava sobre reciclagem nas comunidades carentes e precisava de apoio-sim-governamental para continuar com o importante

trabalho; o representante dos comerciantes da Vila X; o subprefeito do Jardim Y. Tanta gente, que só conseguiu conversar com quem realmente queria quase no final da festa.

— Vocês sabem quem é um cara *troncudão* e careca, chamado Ivan? Ele falou comigo rapidinho, depois não vi mais – Lúcifer perguntou, pouco depois de entrar na roda de conversa formada por Silvana, Fernando e Soraia.

— Ivan? – repetiu Fernando, depois de trocar um olhar de soslaio com a esposa. – O Ivan é um grande... colaborador do partido. Mas fica tranquilo, meu querido... acho que, logo, logo, vocês vão conversar de novo.

— É, ele falou a mesma coisa... – o Anjo Caído comentou, já cansado do evento.

\* \* \*

Em pouco tempo, Lúcifer percebeu que a dinâmica do exercício do mandato era muito similar à dinâmica da festa de comemoração, só que com conversas mais extensas entre uma bebida e outra, entre um canapé e outro. Sorrisos amarelos para as fotografias, prostitutas, bajuladores (de todas as estirpes e de todos os graus de descaramento), pessoas e mais pessoas, representantes de empresas, comunidades, minorias, meio ambiente, instituições, sindicatos... cada um querendo “tirar o seu”. Tinha tudo isso.

Só não tinha balões.

Rapidamente, Lúcifer aprendeu a “jogar o jogo”. E, satisfazendo o próprio ego e despertando olhares cada vez mais admirados (que, vez ou outra, pareciam luxuriosos e até apaixonados) de Silvana, se tornou o melhor de todos os jogadores. Tentava, sim, fazer o bem e melhorar a vida das pessoas (ou ovelhas, como Fernando costumava dizer). Mas, logo começou a achar que apenas uma cidade, mesmo que uma grande cidade, não bastava, que era um desperdício limitar seu talento em contexto tão diminuto quando comparado com os voos maiores que planejava voar. Para decolar, privilegiou medidas tachadas como “populistas” pela oposição, projetos que ficavam bem sob a luz dos holofotes, mas que na prática, pouca utilidade possuíam. Porém, o que importava era o que aparecia na TV e, com uma boa fatia do orçamento destinada à

propaganda (o que envolvia publicitários, jornalistas e estatísticos), em um ano e meio, Lucien Arcanjo batia recordes de aprovação. Era tudo parte de um plano maior, pensava. Males necessários para se alcançar um grande objetivo.

Então, numa tarde cinza de garoa, recebeu a ligação de Ivan. E sorriu, satisfeito.

Marketing era tudo.



## CAPÍTULO XXVIII – O TAMANHO DO CERCADO

— Vou te falar uma coisa, *ragazzo*: faço mais o estilo “homem da cidade” – disse Ivan, coçando o nariz ao sair pela porta da fazenda para se juntar a Lúçifer, que já o aguardava havia algum tempo sentado à varanda. – Eu gosto de barulho, agitação, olhar pela janela de uma cobertura pra todas aquelas luzes lá embaixo, ficar imaginando as putarias que estão acontecendo atrás de cada janelinha acesa, ter aonde ir a qualquer hora, passar a mão no telefone e em dez minutos ter qualquer coisa que quiser *comer* batendo na porta, *capisci?* – estendeu uma garrafa de cerveja ao convidado. Lúçifer não costumava beber, mas aceitou. Fez cara de quem não gostou muito do que provou ao tomar o primeiro gole, mas ao menos estava gelada, ajudaria a aplacar o calor abafado do cerrado. Ivan entornou metade da outra garrafa que trouxera, matou um mosquitinho que insistia em querer entrar em seus olhos e continuou a falar: – Pra ser bem sincero, eu não curto muito esse cheiro de bosta de vaca, essa *mosquitaiada* do caralho e, se ficar três dias seguidos aqui, acho que dou um tiro na cabeça de tanto tédio – Lúçifer deu risada disso e Ivan prosseguiu com o discurso animado. – Porra, tô falando sério! Imagina ficar aqui uma semana, sem porra nenhuma pra fazer à noite além de ficar caçando pernilongo que não te deixa dormir. É foda! Já coloquei ar-condicionado, veneno de spray, veneno de tomada, já coloquei até um saco cheio d’água no quarto, que a *pretinha* que trabalha aí na cozinha falou pra eu colocar. Não adiantou merda nenhuma. Os *filhas das puta* continuam aparecendo pra morder a gente, é incrível. Quer mais uma?

— Não, não cheguei ainda nem na metade dessa – Lúçifer ergueu a garrafa para mostrar o tanto de líquido que ainda restava –, obrigado.

— Porra, tá devagar. Tô falando pra caralho e já quase matei a minha – disse isso e terminou de entornar. – Rose, cadê você, *ragazza?* ROSE? – chamou, com o vozeirão imponente se espalhando por vários alqueires.

— Oi, patrão, desculpa... – Rosilene saiu apressada da casa, ajeitando o avental.

— Traz mais uma gelada aqui pra mim. Não, melhor... enche aquele isopor com gelo e enfia umas dez garrafas lá dentro. Daí fala pro Edimilson trazer, porque você não vai aguentar. *Capisci?* – a empregada sinalizou positivamente e, ao se virar em direção ao cumprimento da tarefa, o patrão lhe deu um tapa nas nádegas. Ivan acompanhou a moça entrando pela porta, ainda mais apressada do que saíra, e depois comentou com Lúcifer: – Rabão gostoso que essa *neguinha* tem, hein? Contratei ela mês passado, ainda não tive tempo de sapecar a danada. Mas desse final de semana ela não escapa...

— Espero não estar atrapalhando nada – Lúcifer comentou, no tom que saía sarcástico por força do hábito. Há pouquíssimo tempo (alguns anos, ou mesmo décadas, eram apenas um estalar de dedos quando comparados ao total de sua existência), incentivava e se refestelava com aquele tipo de comportamento, mas agora, ali naquela varanda, sentiu-se incomodado com a atitude de Ivan para com a funcionária.

— Não, fica sossegado! Inclusive, se quiser comer uma dessas empregadinhas aí, fica à vontade... *mi casa, su casa!* Só não vai querer comer a Rose que eu não comi ainda, né, porra! – Ivan gargalhou. – Pô, mas agora vem cá – aproximou o corpanzil –, e a Silvana? Você já colocou pra dentro ali, não colocou não? – fez um gesto deslizando no ar o braço direito com punho fechado por baixo da mão esquerda.

Lúcifer ficou visivelmente constrangido com a pergunta e não sabia muito bem como responder a verdade (que não havia tido nada com Silvana) sem que parecesse mentira. Nesse instante, Edimilson chegou com o isopor de cervejas, “salvando o dia”. Porém, na pressa, o rapaz tropeçou. Algumas pedras de gelo voaram e uma das garrafas caiu, espatifando-se no chão de madeira da varanda.

— Desculpa, Seu Ivan, desculpa! – o menino falou com os olhos esbugalhados na direção do patrão, tão desesperado que se

esqueceu de colocar o isopor no chão e ficou segurando a caixa como uma estátua.

— Caralho, Edimilson, tem que prestar atenção nessa porra, moleque. Olha a merda que você fez – Ivan apontou para o chão molhado de cerveja, como se ali estivesse despedaçada uma relíquia sagrada de valor inestimável. – Vai ficar segurando esse isopor até quando, Edimilson? COLOCA ESSA PORRA NO CHÃO, CARALHO! – Edimilson se assustou com o grito e quase virou todo o isopor (o que certamente faria com que preferisse sair correndo dali, mergulhar no lago, se afogar e ser devorado pelos peixes do que presenciar a reação do patrão), mas Lúcifer o socorreu.

— Tá de boa, garoto – o Anjo Caído tranquilizou o rapaz, ajudando-o a colocar o isopor no chão. – Só traz uma pá pra recolher esses cacos e um pano pra secar que tá tudo certo, vai lá. Olha aí, Ivan – enfiou a mão no gelo e dali puxou duas garrafas –, trincando... do jeito que eu gosto! – deu uma das garrafas ao anfitrião e brindou.

— Eu fico louco com essas coisas – disse Ivan, já mais calmo, porém ainda profundamente indignado. – Parece que *essa gente* não consegue fazer nada direito. Porra, uma coisinha que você não explica, já sai cagada. Pede pra trazer uma porra de um isopor, derruba tudo no chão. Puta que pariu, é foda. Mas então – tomou mais da metade da garrafa num gole e retomou o assunto –, eu gosto mais da cidade. Mas, de vez em quando, gosto de vir pra cá dar uma relaxada, ver como que `tão os meus boizinhos, andar um pouco de cavalo... olha que lugar bonito – apontou a área verde além da varanda, que se estendia até perder de vista no horizonte. – Já tinha visto um campão desse tamanho?

Lúcifer se lembrou da Planície das Sete Virtudes, que faria toda aquela propriedade parecer um campo de futebol de brinquedo, daqueles que as crianças jogam com botões, perto de milhares de campos de verdade. E respondeu, sorrindo:

— Nem imaginava que podia existir um lugar desse tamanho!

— E não acaba ali não, hein? – disse Ivan, orgulhoso. – Tem bem mais coisa lá pro outro lado ainda, isso aqui que a gente tá vendo é só a pontinha da unha. Tem bastante chão pra correr antes

de encontrar a beirada do cercado. Bom, mas eu não te chamei aqui pra falar de fazenda – disse, percebendo certa inquietação no convidado. – Antes de eu falar, preciso saber uma coisa: o que você está achando de ser prefeito, *ragazzo*?

— Hum... – Lúcifer refletiu um pouco, segurando o bico da garrafa próximo aos lábios. Esperou Edmilson, que voltara para limpar a sujeira, terminar o serviço e depois falou: – É mais um jogo de aparências do que outra coisa. Às vezes quero fazer alguma coisa, mas fico de mãos amarradas por falta de verba. Daí tem que pedir dinheiro pro governo estadual, que também pede pro federal. Demora um ano pra aprovar qualquer coisinha, por mais besta que seja e sempre aparece alguém pra criticar, nunca agrada todo mundo – Estrela da Manhã respirou fundo, notando que estava exagerando no tom de desabafo. Tomou mais um gole da bebida, para restaurar a sobriedade. – Mas, no geral, não tenho do que reclamar. Só o que me irrita mesmo é ficar dependendo dos outros para decidir. Se fosse só dar a ordem e ver todo mundo saindo correndo pra cumprir, seria bem melhor. E também... – fixou os olhos no imenso campo verde à frente – apesar da cidade ser grande e tal, me sinto meio limitado, meio preso, confinado num cercadinho pequeno demais, sei lá. O que adianta resolver as coisas ali e o resto continuar uma merda, saca? Tipo isso...

— Bom, *ragazzo* – Ivan sorriu satisfeito –, a proposta que eu tenho para te fazer não vai resolver o problema de depender dos outros pra aprovar as coisas... pelo menos por enquanto. Mas vai aumentar razoavelmente o tamanho desse cercadinho, *capisci*?

— Acho que eu não *capito* muito bem não, Ivan – Lúcifer respondeu, voltando a encarar o homenzarrão careca. – Do que exatamente estamos falando?

— Presidente, *ragazzo*. Estamos falando de te lançar como candidato a presidente... *capisci* agora?

— Você é um tipo de líder do partido? – a pergunta veio de repente à cabeça.

— Não! – Ivan gargalhou, puxando mais duas garrafas. – Eu só danço conforme a música. Bom, na verdade... na maioria das vezes eu sou um dos caras que tocam na orquestra.

— E essa orquestra – Estrela da Manhã inclinou-se à frente –, tem um maestro?

Foi a vez de Ivan perder o olhar na imensidão de seus campos, onde uma boiada era conduzida ao pasto por peões tocando berrante ao longe.

— Ganhe a eleição, faça um bom trabalho – ele sorriu – e, depois de um tempo, voltamos a conversar.

Dois dias depois, LúCIFer abriu mão do mandato de prefeito e lançou sua candidatura a Presidente da República.

## CAPÍTULO XXIX – MAX E MAMMON

### *Enquanto isso, em algum lugar da Terra...*

Max começou a correr, assim que ouviu o barulho da coleira. Com as patas desgovernadas pela euforia e uma profusão de unhas riscando o chão de cimento, acelerou na direção de Renata. Estancou ao chegar perto da dona, ficando imóvel por alguns segundos, como o cão de caça que não era. Em seguida, entregou-se aos latidos esganiçados, ao rabo balançando invisível igual asa de beija-flor e aos saltos estilo “golfinho ligado no 220”, como o vira-lata que era.

— Calma, Max... CALMA! – ordenou Renata, sem muito sucesso, enquanto finalmente conseguia fechar a tira de couro ao redor daquele pescoço que não parava de se mexer. – Isso... agora vamos *dar uma volta*.

Max tomou conta do banco do passageiro tão logo entrou no carro. Gostava de ir com a fuça na janela, com língua de fora e tudo mais que tinha direito, sentindo o vento bater forte nas orelhas. Ali, encerrado naquela casca de noz metálica financiada em 36 suaves prestações, sentia-se (do jeito primitivo, mas não menos intenso que os cães podem sentir) o rei do espaço infinito. A criatura mais feliz de todo o universo. No assento do motorista, Renata encarava a estrada, com a alma perdida em algum lugar do horizonte. Não parecia alegre como das outras vezes em que saíram para passear. E iam mais longe do que jamais tinham ido. Dirigiu até o cinza dar lugar ao verde. E continuou dirigindo um bom tempo depois disso.

— Vem, Max... chegamos – a moça falou em um longo suspiro, depois de puxar o freio de mão.

Era um lugar cheio de árvores, flores, capim alto e borboletas coloridas, difíceis de pegar. Max deslumbrou-se com os novos aromas e, principalmente, com a liberdade de um chão macio. Correu ao redor da dona, pulou e correu de novo. Embrenhou-se no mato, atrás de um passarinho que só conseguiria alcançar se criasse as asas que às vezes sonhava ter. Ficou tão entretido na caçada que voltou apenas depois de ser chamado pela terceira ou

quarta vez. Farejou com alegria a ração que Renata tirava da mochila e despejava à sua frente, junto a um pote d'água enchido com uma daquelas garrafas transparentes com que gostava de brincar. Sentiu as mãos daquela que sempre lhe deu carinho deslizando em suas costas e tentou retribuir o amor, com uma lambida bem *babenta*.

Então, percebeu que estava preso.

Renata disparou em direção ao carro, secando as lágrimas, sem olhar para trás. Max demoraria a perceber que ela jamais iria voltar. Mais tarde, ele se lembraria (do jeito rústico, mas não menos dolorido que os cães podem lembrar) da primeira noite em que ficou longe da mãe. E uivaria, com a mesma tristeza amarga que uivou ainda filhote, sentindo-se abandonado numa caixa de papelão fria no fundo do quintal.

Amarrado àquela árvore, Max permaneceria até morrer de fome. Ou, talvez, até que os dentes e o desespero o livrassem do cárcere e o olfato tentasse conduzi-lo de volta para casa, encontrando a estrada depois do matagal e lá, a roda de um caminhão.

Talvez.

Longe dali, o peso na consciência de Renata pouco a pouco cederia espaço ao alívio de não ter que ouvir Ricardo resmungar todo santo dia que o dinheiro dele não era "pra ficar sustentando cachorro". Com o passar do tempo, convenceria a si mesma que a vida em meio à natureza seria de alguma forma benéfica ao cão, ou que alguém haveria de ter passado por lá e adotado Max, lhe dado banho, carinho, um novo nome e uma criança sorridente, de quem seria o melhor amigo pelos próximos quinze anos. Em seu íntimo, cravaría a certeza de que havia agido da melhor forma e ficaria bem, aquele ato aparentemente cruel se tornaria, em sua memória, um sacrifício necessário para a preservação da paz em seu lar e a manutenção, ou restauração, da harmonia em seu casamento. Era o que Renata esperava que acontecesse.

Mas Mammon, aspecto da avareza, traçara planos diferentes para aquela família.

Não havia mais cachorro para gastar com ração, veterinários e *frescuras de Pet Shop*, mas sempre haveria um shampoo mais caro, um perfume importado, um hidratante, uma bota, uma blusa que certamente não precisava ser comprada, afinal: “você já tem tanta blusa, Renata! Assim não vamos economizar dinheiro nunca!”. A mesquinhez de Ricardo foi instigada e potencializada pelos *conselhos* de Mammon, até que um dia, Renata chegou do trabalho com uma corrente no pescoço. Na hora do jantar, Ricardo quebrou o silêncio que assombrava a mesa, com a pergunta derradeira que faria ruir seu casamento e sua vida:

— Quanto custou essa corrente, Renata?

Renata respirou fundo e apertou forte o cabo da faca com que fatiava o contrafilé, controlando a vontade de avançar naquela criatura mesquinha que seu marido havia se tornado e fazê-lo em pedaços. Lembrou-se do cão que abandonara na floresta e sentiu um nó se formando na garganta e os olhos queimando pelas lágrimas que queriam sair, mas não saíam. Respondeu, segurando o choro, com a intenção de humilhar aquele arremedo de homem com quem dividia a cama nos últimos cinco anos:

— Não custou nada, Ricardo. Eu ganhei de presente. Do meu chefe...

— Ah é? – o marido perguntou com certo deboche, enfiando uma garfada de arroz e feijão na boca.

— É... – ela confirmou, calmamente. – Sabe por que ele me deu?

— Não faço a menor ideia – Ricardo não dava mostras de que cairia na armadilha, então Renata deu a cartada final, com a voz mais embargada do que gostaria:

— Porque, Ricardo... porque ontem... eu fiz uma boquete tão gostosa pra ele, que no final ele falou “pode pedir qualquer coisa”. E eu pedi uma promoção e esse colar de ouro, que você nunca teria capacidade de me dar.

Ricardo não conseguiu disfarçar que havia acusado o golpe e observou a esposa com perplexidade por alguns instantes, sem saber se o que acabara de ouvir era verdade ou apenas uma história inventada para provocá-lo. Decidiu em seu íntimo que,



fosse como fosse, não fazia muita diferença. Voltou a atenção ao prato, deu mais uma garfada e, mastigando um pedaço do bife, respondeu:

— Bom, pelo menos não gastou dinheiro.

Mammon gargalhou. Seu serviço estava completo. Olhou para o assecla de Azazel, demônio da ira, que havia se aproximado de Renata durante a discussão e lhe disse: “agora é com você, parceiro”. Dessa vez, ela não se conteve: pulou de faca em punho sobre o marido, derrubando-o no chão junto aos pratos, cadeiras e o que lhe restava de sanidade. Ricardo teve a bochecha esquerda dilacerada pela lâmina, mas, em vez de oferecer a outra face, segurou os punhos da mulher como se quisesse lhe esmagar os ossos. Renata, sem largar a faca, abaixou-se e mordeu o marido com selvageria. Ao término daquele confronto, um dos cônjuges acabaria no cemitério e o outro, na cadeia.

Mammon sentia prazer em atear o fogo. Ver o incêndio e as cinzas decorrentes não lhe apetecia muito, e logo se aborreceu. Pensou consigo, enquanto acompanhava sem muito interesse o desfecho trágico daquela luta que provocara: “Quer saber de uma coisa... o Belial que se foda. Vou lá conversar com o Lu!”.

## **CAPÍTULO XXX – NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL**

A disputa presidencial em muito se assemelhava à corrida pela prefeitura e, Lúcifer imaginou, a qualquer outro cargo que pudesse concorrer. Estavam lá os candidatos inexpressivos, ávidos para manter a renda do fundo partidário; os debates em rede nacional, com muitos ataques e poucas propostas, que, quando apareciam, eram apenas reproduções de discursos clichê que não se diferenciavam muito do que poderia ser encontrado numa redação de pré-vestibulando; os abutres que rodeavam a carniça do poder, com sorrisos amarelos e tapinhas nas costas; as ameaças desesperadas de quem se via perto de perder uma das tetas gordas e cheias de leite da vaca estatal; as aproximações por interesse; o jogo de câmeras capturando os ângulos mais bonitos, os olhos azuis, os abraços nas crianças em comunidades carentes, as comitivas junto ao povo; a dissimulação.

Com carisma inigualável e agora entendendo bem como giravam as engrenagens, Lúcifer não teve a menor dificuldade para atropelar os adversários e vencer ainda no primeiro turno, com um total de votos que não dava margens à desconfiança sobre a segurança das urnas eletrônicas. Nas ruas, e também nos escritórios e nos gabinetes executivos, as pessoas diziam “agora sim esse país vai pra frente”, pois confiavam no Diabo. Ele também confiava em si mesmo e começou o mandato empolgado, certo de que estava prestes a vencer o desafio que Deus lhe impusera. Já não pensava muito, ou praticamente não pensava, na redenção – motivo original de sua estada ali no mundo dos vivos. Tomou o “fazer algo bom por eles” como um desafio pessoal, um passatempo, não muito diferente de quando se empenhava para corromper almas particularmente puras, tempos atrás. A dificuldade da tarefa o motivava mais do que qualquer outra coisa.

Entretanto, passado o oba-oba da vitória, passada a ressaca da festa de comemoração (que fez a festa pela prefeitura parecer um buffet infantil de esquina) e os meses iniciais do mandato, Estrela da Manhã percebeu que, assim como a campanha, o exercício do cargo de presidente não diferia muito do de prefeito. As proporções

eram maiores, sem dúvida – alguns zeros a mais estavam presentes nos orçamentos e nos contracheques dos contratos que “beneficiavam a todos nós”. Mas, exceção feita às dimensões, não mudava muita coisa: no lugar dos subprefeitos e representantes de comunidades, bairros e vilas, entravam os governadores, um com mais argumentos e mais histórias tristes que o outro para pleitear uma fatia maior do bolo da união; saía a ONG de apoio às crianças carentes da favela X e entrava a ONG de apoio às crianças carentes de todo território nacional; no lugar da empresa que pintava a ciclovia, as grandes empreiteiras, ávidas para construir pontes, estádios, estradas, centros empresariais e o que mais precisasse ser construído para alavancar a ordem e o progresso da nação; os representantes das multinacionais substituíam os representantes das juntas comerciais de bairro; o novo padrão de tomadas tomava lugar dos extintores de incêndio e da inspeção veicular obrigatória, como *males necessários para fazer a economia girar*; as discussões sobre aplicativos de transporte foram trocadas por debates sobre a privacidade (talvez censura alguns chegaram a cogitar) e a moderação, valendo-se do *bom senso* evidentemente, do que podia se falar do governo em redes sociais; aumentaram as distâncias e também a frequência das viagens necessárias para “ver os problemas de perto e poder atuar melhor”, mas a origem do dinheiro que pagava as passagens continuava a mesma; no lugar de ficar refém do repasse de verba do governo ficava-se refém dos fundos internacionais de investidores e das medidas protecionistas de outros países; e, as mãos continuavam atadas, aguardando a boa vontade de terceiros, quartos e quintos para as aprovações de propostas, emendas e afins.

Mudavam as caras, a proporção dos valores envolvidos e do número de pessoas atingidas pelas consequências das decisões, mas, como bem definiu Silvana certa vez, abrindo mão de mais um ditado antigo: “só mudaram as moscas, né, chefinho?”.

Em certa ocasião, o Presidente Lucien Arcanjo aproveitou a rara oportunidade em que conseguiria ficar no gabinete por um dia inteiro e agendou reuniões com várias dessas *moscas*, no intuito de

resolver assuntos pendentes e amenizar o fluxo de pessoas que tentavam entrar em contato de dez em dez minutos.

— Vossa excelência! – a mulher ruiva com olhos bonitos cumprimentou ao entrar na sala. Encerradas as formalidades (e os três beijinhos não tão formais), continuou: – Sou a Janaina – viu que Lúcifer tentava puxar a fisionomia na memória e deu mais detalhes –, nós conversamos durante a sua campanha, umas três vezes, lembra? A última foi logo depois de um debate, o senhor estava no corredor, conversando com uma mocinha loira, bonita...

— Silvana... – Lúcifer pensou alto, sem intenção de interromper.

— Isso! Silvana! Um dia eu tentei falar com o senhor e acabei falando só com ela, um doce essa menina, Deus abençoe. Mas então – notou que o Presidente não estava muito disposto a “papo-furado” –, daí eu interrompi vocês e a gente deu risada juntos em seguida. Não lembra?

— Vagamente... – Lúcifer não se lembrava, mas não mentiu apenas por esporte como costumava fazer, nem para que a mulher ruiva não ficasse muito constrangida. Na verdade, a memória já não estava funcionando tão bem quanto antes e isso às vezes o deixava preocupado. Como ainda se lembrava detalhadamente de eventos remotos, do início da criação, atribuiu esses lapsos que vinha sofrendo às limitações do corpo físico. Nessas ocasiões em que as lembranças faltavam, mentia mais para enganar a si próprio e não demonstrar fraqueza do que qualquer outra coisa.

— Então – Janaina achou melhor ir direto ao assunto –, sou representante da Empreiteira XYZ, que *colaborou* bastante com a campanha do senhor.

— Sim... e... ? – o Anjo Caído reclinou-se na cadeira de estofado nobre, unindo e afastando repetidamente as mãos pelas pontas dos dedos.

— E agora, vimos que há uma obra prestes a ser iniciada, uma grande barragem, projeto para muitos anos... – a mulher deu um sorriso forçado, que revelou alguns pés de galinha soterrados sob a maquiagem.

— Ah, sim! Abriremos licitação na próxima semana, se não me engano – Lúcifer sorriu de volta.

— Então, Vossa Excelência, é justamente sobre essa licitação que eu gostaria muito de conversar – Janaina disse, aproximando-se da mesa de mogno reluzente. – A alta cúpula da XYZ insistiu para que eu viesse aqui lembrá-lo do quanto nós *confiamos* no senhor. E do quanto essa confiança se traduziu em *investimentos* na sua campanha.

— Vocês colaboraram um pouco com a campanha do cara que ficou em segundo também, pelo que ouvi falar – o Anjo Caído provocou.

— Temos confiança em muitos políticos promissores, Vossa Excelência.

— Desconfio que se eu estivesse em segundo nas pesquisas, teriam confiado mais nele do que em mim – Lúcifer falou com óbvio sarcasmo, mas empregado de modo sério e não debochado como de costume. – Mas, vamos lá... vocês financiaram parte da minha campanha.

— Isso mesmo, senhor.

— Vocês confiaram em mim.

— Muito, Vossa Excelência.

— E agora, esperam por um tipo de prioridade da licitação, é isso?

— Um reconhecimento pela qualidade do nosso trabalho, Vossa Excelência – Janaina sorriu com mais naturalidade, pensando que o assunto estava se encaminhando a um desfecho favorável. – “Reconhecimento pela qualidade” – repetiu –, acho que esse é o termo mais adequado.

— Ah, seus diabinhos! – o bom humor retornara repentinamente ao rosto do Primeiro entre os Anjos. – E eu pensando que vocês só estavam preocupados em construir os alicerces de um país melhor! Quer dizer – refletiu sobre as próprias palavras –, acho que estão preocupados com isso mesmo, mas desde que sejam vocês os construtores, certo?

— Mais ou menos isso, Vossa Excelência – Janaina não resistiu a um riso informal, enquanto ajeitava o cabelo vermelho com as

mãos.

— Muito bem, vou debater o assunto com os meus assessores e vamos levar em consideração o reconhecimento pela qualidade, pode ter certeza – Lúcifer estendeu a mão, deixando claro que a reunião estava encerrada.

Janaina foi embora, não muito satisfeita com os resultados obtidos na conversa. Em seguida, veio um rapaz alto e bonito, com um corpo atlético se delineando por baixo do terno italiano. Era representante de uma gigante multinacional do ramo farmacêutico e, apesar das palavras polidas, falava com o Presidente no mesmo tom que patrões dos mais petulantes, desconhecedores das implicações da Lei Áurea, falavam com os empregados.

— Ficamos um tanto perplexos quando soubemos que as pesquisas para o novo medicamento de combate ao câncer, feitas por um bando de estudantes desqualificados, não foram barradas, senhor presidente – ele falou, cruzando as pernas para aumentar o espaço ocupado, feito um leão alpha que quer demarcar território na proximidade de outro leão.

— Por que haveriam de ser barradas? – Lúcifer também cruzou as pernas. – Pelo que me foi reportado, os garotos estão obtendo bons resultados.

— Estão pulando etapas no processo de testes, já começaram inclusive a ministrar essa nova droga em humanos. Isso viola todos os protocolos internacionais, senhor presidente – o tom rapidamente adquiriu contornos de ameaça. – Estamos falando aqui de um possível escândalo na comunidade científica, senhor. Imagine se essas pessoas começam a morrer? Esse é o tipo de coisa que mancha a imagem de um governo, senhor...

— As pessoas estão com câncer em fase terminal – Lúcifer encarou o rapaz. – me corrija se eu estiver errado, mas isso quer dizer que elas vão acabar morrendo de qualquer jeito. Ora, eu também tomaria o remédio feito por “estudantes desqualificados”, se estivesse com um pé na cova. Você não?

— Não é assim que funciona a ciên...

— As pessoas estão melhorando – Lúcifer cortou o rapaz –, para elas isso é tudo que importa sobre como as coisas funcionam.

Eu não vou barrar porra nenhuma. Espero ter sido bem claro – disse isso e estendeu a mão, mas o jovem não a apertou.

— Já que estamos sendo claros, senhor presidente... – o rapaz inclinou o rosto bonito, agora sem máscara, à frente, e falou quase sussurrando – eu quero que *você* entenda o quanto minha empresa investiu em pesquisas para tratamento do câncer. Quero que você entenda que não vamos perder dinheiro porque meia dúzia de idiotas resolveram brincar de salvar o mundo em vez de tomar cerveja depois da faculdade e agora um governo de merda está disposto a incentivar essa palhaçada. E, acredite, nós faremos *qualquer coisa* para proteger nossos investimentos e *mitigar os riscos*. Espero ter sido bem claro.

Lúcifer encolheu-se na cadeira, pensou por algum tempo nas implicações daquelas palavras. Depois falou, como se fala com velhos amigos:

— Você é alto, tem um queixo quadrado, barba bem feita, bonita. Deve pegar um monte de mulher, não pega não?

— Não tenho do que reclamar... – a vaidade impeliu o jovem a responder a questão inusitada. – Mas, o que isso tem a...

— Você tem ombros largos também – Lúcifer projetou o lábio inferior à frente, fazendo cara de admiração enquanto “media” o jovem. – Faz natação?

— Faço – ele se ajeitou na cadeira, aprumando o terno. – Triatlo, na verdade. Natação, corrida e ciclismo.

— Que legal... – Estrela da Manhã ergueu as sobrancelhas. – Então deixa eu te falar uma coisa, garoto. Tenho uns cinco ou seis seguranças ali fora, que também gostam de natação. Um acho até que faz esse negócio aí que você falou, triatleta, *ironman*, essas coisas. Só que os caras são competitivos demais, sabe? Não gostam muito de concorrência. Então, amigo, se você quer continuar nadando com os dois braços e se quer continuar com essa carinha bonita que a mulherada gosta... sai da minha sala agora. E não aparece nunca mais na minha frente. Entendeu, seu filha da puta? – Lúcifer deu um soco num botão sobre a mesa e gritou – DURVAL! – Em um segundo, uma equipe de seguranças, que remetiam a jogadores de basquete convidados para a cerimônia do Oscar,

entrou na sala. – O rapaz aqui não lembra direito onde que é a saída. Refresca a memória dele, Durval, faz favor...

Assim continuou o dia, de modo que, ao final do expediente, Lúcifer sentia-se exausto, os músculos doíam como se tivesse praticado a tal da prova de triatlo e, dentro do crânio, havia chumbo derretido no lugar do cérebro. Ia ligar para Silvana e pedir um café, quando sentiu um frio que ia fundo nos ossos, um arrepio que subia e descia incansavelmente pela espinha e eriçava todos os pelos do corpo. Sentiu um medo inexplicável avolumando-se no peito à medida que o coração disparava.

— Fala aí, Lu... tava com saudade – Mammon apareceu a seu lado, em forma translúcida de espírito.

— CARALHO!!! – Lúcifer quase caiu da cadeira. – Que susto da porra... – afastou-se instintivamente. Por mais que reconhecesse o rosto do Lorde Infernal à sua frente, o corpo físico parecia criar defesas e erguer barreiras contra aquela suposta ameaça. – Puta que pariu, não faz mais isso não...

— Foi mal, Lu – Mammon gargalhou com o resultado da “pegadinha” involuntária. – Na próxima, eu tento chegar mais discreto.

— E aí, o que foi? – Estrela da Manhã tentava recuperar a compostura.

— Tava de bobeira, resolvi bater um papo – o demônio da avareza falou. – Tá mandando bem, hein? Presidente já. Caramba.

— Pois é. E como estão as coisas “por lá”? – o Diabo perguntou, sem muito interesse.

— O Inferno? Não tenho ido muito lá, mas o Belial tá tocando o puteiro – Mammon deu risada. – Colocou o Azazel pra comandar as tropas.

— Putz, o Azazel é um imbecil... – Lúcifer voltou a se sentar.

— Se é! Mas acho que não vão demorar pra atacar os “caras lá de cima” não. Eu vou ficar bem longe dessa guerra, só sei disso.

— Bom – Lúcifer também sorria agora –, tem alguém vindo aí, melhor você se esconder. Não quero que a minha secretária morra do coração.



Mas era Fernando, não Silvana. Com o “crachá” de senador e livre acesso que a amizade com Lucien concedia, pelo menos até segunda ordem, chegou à porta do gabinete presidencial, que Lúcifer abriu pessoalmente. Mammon escondeu-se nas sombras e observou Fernando entrar na sala e começar a bocejar e esfregar os braços.

— E aí, meu querido, você tá bem? – perguntou, olhando o ambiente em volta como se procurasse alguma coisa. – Tava conversando com a Silvana ali fora, ouvi um barulho e um berro, o que aconteceu?

— Ah, só escorreguei da cadeira, nada grave – o Anjo Caído disfarçou.

— Outro dia quase levei um tombo assim também, essas rodinhas são traiçoeiras – Fernando comentou, ainda esfregando as mãos nos braços e começando a bater os dentes. – Pô, mas tá um gelo essa sala aqui, hein? Vou falar pro pessoal regular o ar condicionado. Tá um clima meio pesado também, não tá sentindo?

— Veio um monte de gente fazer reunião comigo aqui hoje, acho que é muita energia negativa – Lúcifer desconversou, olhando de soslaio para Mammon, que ria ao canto da sala. – Não dou muita bola pra essas coisas, mas sei lá. “Não acredito em bruxas, mas que elas existem, elas existem”, não é assim o ditado?

— É, isso aí não é brincadeira não, meu querido. Muito olho gordo, muita inveja... melhor se cuidar. Mas depois a gente conversa melhor, passei só pra te dar um abraço – falou isso já abraçando e batendo as mãos com carinho nas costas de Lúcifer, como se o parabenizasse por algo –, dizer que fiquei orgulho demais de saber sobre como você lidou com o assunto do remédio do câncer. A Silvana tava me falando.

— O cara que veio aqui era um babaca, isso ajudou um pouco a tomar a decisão.

— É, agora com certeza vai ter retaliação, mas uma hora isso tem que começar a mudar. Tinha que aparecer alguém com colhões pra peitar os desgraçados... e você é o cara, meu querido – Fernando deu tapas de leve no rosto de Lúcifer. – Você é o cara!

— E você é um cachorro, Fernando...

— O quê? – Fernando ficou espantado com a afirmação.

— Da história das ovelhas e dos lobos – Estrela da Manhã explicou –, lembra? Você se finge de lobo, mas não me engana. Você é o cachorro que protege as ovelhas.

Fernando sorriu, ainda mais orgulhoso. Foi embora, meneando a cabeça positivamente e apontando para *Lucien Arcanjo*, enquanto dizia, baixinho: “você é o cara”. Mammon saiu das sombras logo em seguida e falou:

— Quase chorei, Lu! Caramba. Então esse aí faz o tipo bonzinho, é? É do tipo que eu gosto... acho que vou fazer uma visitinha depois. Aliás, não que faça diferença, mas ele não tem pelo no corpo ou foi impressão minha?

— Mammon... – Lúcifer o encarou – deixa esse quieto, pode ser?

— Você está se apegando muito a eles, Lu – o demônio da avareza concluiu. – Isso pode ser perigoso, só estou te avisando. Mas, fica tranquilo, em respeito aos velhos tempos, vou deixar esse aí pra lá. E pra falar a verdade, sem querer dar uma de Belzebubaba-ovo, pra mim, o chefe continua sendo você. Bom, se precisar de alguma coisa, é só chamar. Tenho bons ouvidos, você sabe – Mammon se despediu, apontando para as orelhas protuberantes.

— Sei que posso contar com você, Mammon – Lúcifer assentiu, tomado pela boa sensação que sentem aqueles que acabam de rever velhos amigos.

## CAPÍTULO XXXI – BONECAS RUSSAS

— Vou repetir a pergunta que te fiz há três anos, *ragazzo* – disse Ivan, após entornar meia garrafa. – Quer dizer, só mudou o cargo, mas a porra da pergunta é a mesma: o que você ‘tá achando de ser presidente?

Lúcifer contemplou os campos da propriedade de Ivan. Apesar do calor, o tempo estava fechado, com nuvens cor de chumbo cobrindo o mundo com um manto de melancolia. O verde da relva, que parecia brilhar no dia da primeira conversa, estava opaco, escuro, sem graça. Até as folhas das árvores soavam tristes e preguiçosas em seu farfalhar ao toque do vento. Um berrante tonitruou ao longe e o Anjo Caído questionou-se em silêncio se eram os mesmos peões, e também se eram os mesmos bois que tinha visto na primeira vez em que visitou a fazenda. Deu um gole na cerveja, cujo gosto não o agradava completamente, mas havia se habituado a tomar e respondeu, um pouco amargurado:

— É quase a mesma coisa. Acho que o meu maior mérito – refletiu –, foi conseguir fazer a imprensa falar a mesma língua. Com os presidentes anteriores, pelo que vi, o negócio era igual torcida de futebol: não importa o que o cara fizesse, pro jornal bancado pela situação seria a melhor coisa do mundo e pro jornal bancado pela oposição, a pior merda. Comigo foi quase assim no começo, mas aconteceu alguma coisa, alguma coisa além da grana que eu usei pra cobrir as ofertas, eu quero dizer. Não sei o que foi...

— Também não faço a menor ideia... – disse Ivan.

— E os caras começaram a remar no mesmo barco – Lúcifer continuou falando, sem se atentar à risadinha no canto da boca de Ivan. – Por isso estou com esses índices de aprovação tão altos, porque na verdade mesmo, não consegui fazer muita coisa. Fui taxar carga tributária nas igrejas, os “investidores internacionais” me retaliaram, porque só com venda de arte e jogadores de futebol não conseguiriam lavar todo o dinheiro que têm pra lavar; não barrei a pesquisa lá do remédio, daí, da noite pro dia, todas as empresas da indústria farmacêutica ficaram amiguinhas e resolveram fechar as portas no país... ia faltar emprego e

medicamento pra um monte de gente se eu não voltasse atrás; combate às drogas ia gerar consequência desastrosa nisso, aumentar imposto sobre fortunas ia causar retaliação naquilo; se abrir o mercado você se ferra de um lado, se fechar, se ferra do outro. Hoje, vejo que se eu ganhasse a eleição, como ganhei, ou se meu concorrente ganhasse, não mudaria muita coisa, porque quem manda de verdade nunca perde, nunca sai do poder e deve dar risada quando o povo vai votar achando que vai mudar alguma coisa com isso – respirou fundo e virou a garrafa antes de concluir. – Resumindo: é foda.

— É, *ragazzo* – Ivan soltou a boa gargalhada que prendeu durante todo o relato de Lúcifer –, a vida é assim: um monte de pau tentando entrar na sua bunda. E, às vezes, a única coisa que dá pra fazer é escolher o menor, pra ver se dói menos. *Capisci?*

— Uma imagem para se levar pelo resto da vida, Ivan! – Estrela da Manhã não resistiu ao riso. – Acho que vou usar no meu próximo discurso em rede nacional, o que você acha?

— Bom, pelo menos o povo iria entender! – o homenzarrão careca continuou a rir. Depois, deu uma guinada repentina no assunto: – Está preparado para o próximo passo?

— Qual é o próximo passo? – Lúcifer ficou curioso.

— Meu chefe vai te explicar melhor sobre isso.

— Ah, então você tem um chefe, Ivan?

— Todo mundo tem um chefe... – Ivan respondeu num primeiro ímpeto, depois ponderou: – Bom, na verdade não sei se o meu chefe tem um chefe. Acho que não. E, sinceramente... espero que não.

— O maestro da orquestra? – Lúcifer perguntou.

— O maestro da orquestra, *ragazzo* – Ivan concordou, contemplando a paisagem acinzentada, onde a chuva começava a bater de lado, tornando tudo ainda mais lúgubre. – O maestro da orquestra...

\* \* \*

Encontraram-se no gabinete presidencial.

“K. Bilderberg”, assim o “chefe” de Ivan se identificou ao marcar a reunião, sob o pretexto de ser um representante de

multinacional do setor industrial, disposto a trazer suas fábricas, e suas vagas de emprego, ao país. Lúcifer estava curioso para vê-lo. Ficou imaginando como seria o aspecto desse homem tão poderoso. Quando Silvana abriu a porta do gabinete, acompanhando o visitante sala adentro, Estrela da Manhã não conseguiu disfarçar certa decepção. Ali estava um sujeito baixo e rechonchudo, de tez muito branca e bochechas rosadas, que lhe conferiam um aspecto quase infantil. Tinha lábios finos, que pareciam mais vermelhos do que eram devido ao contraste com a brancura da pele. A fala, contudo, era rouca e imponente – quase não dava para acreditar que uma boca de lábios finos daquela era capaz de emitir uma voz assim. Lúcifer tentou se lembrar com quem aquele homem era parecido.

— Senhor Lucien Arcanjo, muito prazer em conhecê-lo. Estava ansioso por esse dia – o homem baixinho falou, num idioma estranho.

— Senhor Bilderberg, a satisfação é toda minha – Lúcifer cumprimentou, no mesmo dialeto. – Então, vamos nos sentar e ir logo ao que interessa?

— Sim, por favor – o homem concordou, dessa vez em alemão.

— Então, você é a última boneca russa? – Lúcifer fez a estranha pergunta, acompanhando a troca de idioma.

— Como disse? – Bilderberg achou a questão divertida.

— Bonecas russas, aquelas que se encaixam uma dentro da outra, sabe? – Estrela da Manhã gesticulou com as mãos como se bonecas invisíveis estivessem à sua frente. – Você é a última delas, ou tem mais alguma acima de você?

— Diria que sou a última boneca russa, se entendi bem o que quis dizer, Senhor Lucien Arcanjo – deu um sorriso contido. – Mas não estou sozinho na prateleira, pode ter certeza... – aproveitando o ensejo da nacionalidade das bonecas, falava agora na língua de Tolstói.

— Tem muitas outras bonecas do mesmo tamanho? – o Anjo Caído quis saber.

— Não, certamente não. Apenas onze, para ser exato. Doze, contando comigo.

— Doze... não gosto muito desse número – Lúcifer falou de um jeito malicioso.

— Imagino... – Bilderberg não ficou atrás. – Porém, devo admitir que, apesar dos outros onze não estarem diretamente subordinados a mim, eles são, de fato, menores. Poderiam, eventualmente, acabar sendo engolidos pelo maior dos tubarões – disse isso, referindo-se a si próprio, sem qualquer vestígio de vaidade, mas sim como quem constata um fato corriqueiro. – Desculpe desvirtuar seu exemplo, Senhor Lucien – continuou –, mas confesso que prefiro ser comparado a um tubarão, ou outro animal feroz e ameaçador qualquer, do que com uma boneca – Bilderberg terminou a frase com um risinho anasalado.

Encararam-se por alguns instantes, feito pugilistas que dançam ao redor um do outro, estudando-se antes da troca de golpes. Lúcifer se lembrou de quem guardava similaridade física com aquele homem: Napoleão Bonaparte, um dos últimos líderes que acompanhara de perto na Terra. O imperador francês, porém, era um pouco mais baixo (Lúcifer se lembrava assim, mas, na verdade, Napoleão era dois centímetros mais alto que Bilderberg) e tinha um aspecto arrogante, enquanto o Senhor “K.” transmitia simplicidade. Independente das semelhanças com qualquer personagem histórico, o que estava incomodando Lúcifer era a nítida impressão de que o Senhor K. Bilderberg conhecia sua verdadeira “identidade”. Mas isso tentaria descobrir nas entrelinhas.

— Então, Senhor Bilderberg, o que tanto gostaria de tratar comigo? – o Anjo Caído tomou a iniciativa do “combate”.

— Eu gostaria que o senhor me ajudasse, Senhor Lucien... a salvar a humanidade – disse, com a mesma naturalidade de quem pede um cigarro.

— E como eu poderia ajudá-lo com tão nobre tarefa, Senhor Bilderberg? – Lúcifer perguntou, no velho tom debochado.

— O que o senhor acharia, Senhor Lucien – o homenzinho falava sem pressa –, de um governo mundial, onde todas as decisões podem ser tomadas de modo centralizado, por um único homem. Onde cada cidadão, seja homem ou mulher, velho ou criança, possa ser monitorado dia e noite, com o intuito de que

cumpra as ordens estabelecidas pelo governo, sejam elas quais forem. Onde os desobedientes possam ser rapidamente localizados e devidamente... *punidos*, seguindo o critério de justiça desse líder mundial? – recostou-se na cadeira, acomodando os braços às laterais acolchoadas. – O que pensa sobre algo dessa natureza, Senhor Lucien? Seria bom, ou ruim?

Lúcifer imaginou o cenário e não pôde deixar de traçar um paralelo com o Inferno, onde ele próprio fazia o papel desse “líder mundial”, que mandava e desmandava a bel-prazer. Lá, pensou, as coisas funcionavam. Evidente que com objetivos totalmente diversos dos que ele, pelo menos a princípio, buscava na Terra, mas funcionavam – os demônios sabiam exatamente suas funções e as cumpriam com afinco, com medo das punições decorrentes caso não cumprissem, o exército treinava como deveria treinar, as almas eram torturadas como deveriam ser e havia toda uma sistemática que permitia tirar proveito máximo das maldades e fazer com que as engrenagens girassem em harmonia. Uma harmonia maligna, mas, ainda assim, harmonia. Refletiu se a mesma lógica poderia ser utilizada para o “bem”, na Terra.

— Acredito – Estrela da Manhã começou a falar, erguendo as sobrancelhas –, que a estrutura em si é perfeita. Um líder com poderes supremos e inquestionáveis, que possa saber tudo o que acontece e interceder para que as coisas não saiam da linha, quase como se fosse uma... divindade. Se isso seria bom, ou ruim... – ele ponderou um pouco mais – acho que dependeria dos objetivos desse tal líder supremo. E também do que se pode definir como bom ou ruim, bem ou mal...

— Estamos perfeitamente alinhados, Senhor Lucien! – exclamou Bilderberg, com entusiasmo tão contido quanto o sorriso. – Também penso assim: um governo podendo agir sem burocracias, sem fronteiras, com a possibilidade de poder fazer cumprir as leis à risca... ao meu ver, esse seria o cenário ideal para o mundo. E os conceitos de bem e mal certamente nos levariam a digressões filosóficas enveredadas na linha tênue entre o interessante e o entediante. Ora, o que é bom para cada indivíduo, Senhor Lucien? Creio que nem eu, nem o senhor, nem ninguém poderia responder

essa pergunta com precisão absoluta, cobrindo todas as nuances e possibilidades que se apresentam de modo específico em cada um dos bilhões de humanos que caminham por esse mundo. Não, Senhor Lucien, eu acredito que não – K. Bilderberg parou para respirar e observar a reação de Lúcifer. Notando que tinha total atenção, continuou: – Hoje, o bem individual, a “felicidade”, como se costuma dizer, normalmente é associada ao dinheiro e às posses. Quanto mais posses, mais possibilidades de satisfazer desejos e, conseqüentemente, mais felicidade. Essa é a “equação matemática” que geralmente fazem. Mas, posso garantir melhor do que ninguém ao senhor, Senhor Lucien, que essa é uma lógica equivocada. Não há outro ser humano com mais dinheiro ou mais posses do que eu, Senhor Lucien, e, apesar disso, apesar de obviamente ter uma vida confortável e nunca me faltar nada, não me julgo num degrau de felicidade mais elevado do que o restante dos seres humanos. Apesar de toda vanguarda de medicina que tenho a minha disposição, mais cedo ou mais tarde, eu vou morrer. Talvez viva bem até os cento e vinte anos, mas poderia viver até os duzentos ou trezentos... aliás, sempre me questioneei se os relatos bíblicos acerca dos homens do passado, que viviam até oitocentos ou novecentos anos, são mesmo verdadeiros... – lançou o anzol na direção de Lúcifer.

— Também gostaria muito de saber... – o Anjo Caído sorriu, sem morder a isca. – Mas continue, Senhor Bilderberg... então está me dizendo que não é feliz?

— Talvez eu tenha me expressado mal, Senhor Lucien... – o homenzinho continuou a falar com a voz imponente, com a mesma calma de antes. – Na maior parte do tempo, me considero, sim, um homem feliz. Mas eu diria que grande parte disso não se deve ao dinheiro. Veja, Senhor Lucien, não é minha intenção fazer um discurso motivacional sobre o valor das pequenas coisas – nesse momento ele deu uma risada mais acentuada –, mas o que quero dizer é o seguinte: existe um limite. Eu gosto muito de comer peixe e frutos do mar em geral, Senhor Lucien. Muito mesmo. O atum que eu compro com toda minha fortuna é o mesmo que um trabalhador assalariado pode comprar no mercado. Posso contratar o melhor



chef do mundo para preparar uma caldeirada... já experimentou caldeirada, Senhor Lucien?

— Sim, uma vez eu fui com a Silvana a um restaurante... — Lúçifer estranhou a vontade repentina de contar aquela história. — Bom, ela estava em dúvida se podia comer peixe ou não, porque teve uma época que inventou de ser vegetariana...

— Vegetariana? — Bilderberg interrompeu. — Meu Deus, que desperdício...

— É o que todo mundo fala pra ela — Estrela da Manhã gargalhou. — Enfim, daí nós fomos nesse restaurante de frutos do mar e pedimos a tal da caldeirada. E eu fiquei insistindo “come, Silvana... é carne branca, não faz mal”, “pode comer, os peixes não ficaram confinados num celeiro escuro”, “os polvos não sentem dor, fica tranquila”, e outras bobagens. Ela acabou comendo. Na metade do prato, a boca da menina começou a inchar — Lúçifer inclinou-se à frente, empolgado, simulando o tamanho da boca com as mãos —, inchar e inchar. O rosto dela ficou parecendo um baiacu ameaçado, porque ela tem alergia a iodo ou sei lá o quê. Resultado: virou vegetariana radical no mesmo instante — os dois deram risada. — Mas, por favor, continue o raciocínio, Senhor Bilderberg...

— A caldeirada que o senhor comeu e que desafortunadamente fez o rosto daquela bela moça inchar — ele disse —, não deve diferir muito em sabor da que o melhor chef do mundo preparou para mim. O sabor dos alimentos é o mesmo. Uma garrafa de vinho com preço de cem, embriaga e agrada ao paladar de maneira quase idêntica a uma de mil. Existe um limite, Senhor Lucien, a partir do qual, o dinheiro não faz mais efeito e tudo se torna apenas vício e soberba. Alguns fazem coisas terríveis com o dinheiro, Senhor Lucien. Todas as modalidades de sexo imagináveis, caçadas humanas, torturas, drogas. Coisas terríveis — repetiu, pensativo —, que trazem prazer momentâneo, mas depois revelam-se inócuas. O vazio continua lá depois, Senhor Lucien, não importa quantos dígitos estejam piscando no saldo de sua conta bancária. Além disso, nem todo dinheiro do mundo pode evitar as mazelas da condição humana. O senhor tem filhos? — perguntou Bilderberg, de supetão.

— Não... ainda não... – Lúcifer respondeu, não sem antes pensar em Gisele e, curiosamente, também no pequeno diabrete que deixara no Céu.

— Eu tenho três: um menino, mais velho, e duas meninas – Bilderberg fez menção de pegar algo no bolso, mas desistiu. – A mais nova, não quer saber de nada com nada. Só fica na piscina o dia inteiro, namora um, namora outro, viaja pra lá, viaja pra cá. Quase não a vejo. A do meio, puxou o meu dom para os negócios. Às vezes fico impressionado e até assustado com aquela menina. Agora, o mais velho... – K. Bilderberg suspirou – inventou de escalar montanhas pelo mundo. Eu posso, Senhor Lucien, comprar a melhor corda, a melhor bota, o melhor tudo. Posso colocar dez helicópteros para acompanhá-lo nessas “aventuras”. Posso financiar o desenvolvimento de uma luva que grude nas pedras, igual daquele super-herói. Mas ele não quer nada disso, Senhor Lucien. O imbecil quer subir com o mesmo equipamento que os outros sobem, sozinho, sem escolta. E se um dia ele cair, nem todo dinheiro que possuo vai consolar minha tristeza, porque, outra coisa que também posso garantir, não se ama nada nesse mundo do mesmo jeito que se ama o primeiro filho. Se algo acontecer com ele, eu vou sofrer e chorar do mesmo jeito que sofre a chora a faxineira, o engenheiro, o bancário e o banqueiro. O senhor entende onde quero chegar, Senhor Lucien?

— Felicidade individual é um conceito complexo demais... – confirmou Lúcifer, com um sorriso triste.

— Exato! – Bilderberg avivou o semblante, que ficara sombrio ao relatar sobre o filho alpinista. – O que nos leva à conclusão que os esforços devem ser feitos visando o bem maior da sociedade. E, para explicar melhor o que penso, vou propor um exercício filosófico, Senhor Lucien. Imagine a seguinte situação: existe um trem desembestado, que não pode ser parado, apenas desviado. Há apenas dois caminhos possíveis. Num dos caminhos, para o qual o trem agora se dirige, cinco pessoas estão amarradas aos trilhos, sem chances de se soltar. No outro caminho, para onde o senhor pode desviar o trem caso puxe uma alavanca, há apenas uma

pessoa amarrada. O senhor puxaria a alavanca e desviaria o trem, Senhor Lucien?

— Bom, depende de quem são os cinco... – Lúcifer não conseguiu deixar de rir, ao imaginar Deus, Miguel, Belial, Azazel e Jota amarrados aos trilhos. – Mas, imaginando que sejam desconhecidos, para não complicar o exercício, acredito que sim – Lúcifer respondeu, intrigado e satisfeito, pois apreciava esse tipo de elucubração –, puxaria a alavanca, sim.

— Por quê?

— Ora, estaria salvando o maior número de pessoas possível.

— Mas sacrificando uma pessoa para isso – o homem rechonchudo provocou.

— Seria um mal necessário, dadas as circunstâncias – Lúcifer encolheu os ombros.

— Exato! Um mal necessário dadas as circunstâncias! – K. Bilderberg animou-se. – E o que estamos precisando agora, é de alguém que tenha pulso para fazer o mal necessário.

— Desenvolva melhor, por favor... – Lúcifer inclinou-se ainda mais.

— Na minha sociedade ideal, Senhor Lucien, ninguém passa fome – disse Bilderberg –, não há crimes e, quando há, a punição chega de imediato; as pessoas podem trabalhar tranquilas, constituir suas famílias, comprar seus carros, casas e viver suas vidas em paz. As mazelas humanas, as dores do amor e da perda, ainda estarão lá, não há como evitar. Mas com escassez de necessidades básicas, com guerras e violência urbana, ninguém precisa sofrer. Essa é a sociedade que planejo para um futuro próximo, Senhor Lucien.

— Parece bom... lembra até a música daquele cara que tomou um tiro. Que era da banda famosa... ? – a memória voltava a pregar peças.

— John Lennon – Bilderberg socorreu.

— Isso, esse mesmo! A Silvana que gosta – Lúcifer divagou. – Mas, enfim... acho que todos nós estamos lutando por um mundo assim, não estamos? – perguntou, sorrindo com ironia.

— Talvez não pareça, mas eu estou – respondeu Bilderberg.

— Mas isso é possível? Explique de uma vez, por favor... — Lúçifer começou a se impacientar.

— O mundo está muito *cheio*, Senhor Lucien. Muitas bocas para alimentar, muitos crimes para controlar, muitos focos de desavença, muitos lugares para onde apontar as câmeras de monitoramento — Bilderberg falou, sem se importar com a agitação do interlocutor. — Sem contar que os recursos naturais são limitados. Alguns, renováveis, é verdade, mas no ritmo em que estamos, as coisas vão acabar mais rápido do que podem se restaurar. E aí, não importa se você é o tubarão ou o lambari... você vai morrer de qualquer jeito. Confesso que às vezes me pergunto se não seria melhor acabar com tudo de uma vez, Senhor Lucien — divagou, com o olhar perdido. — Mas, vamos considerar que todos querem continuar vivendo — concluiu, depois de ficar absorto por alguns instantes.

— E qual é a proposta, exatamente, Senhor Bilderberg? — Lúçifer recostou-se à cadeira presidencial, já imaginando as possibilidades.

— Precisamos eliminar metade da população, como mal necessário para iniciar a nova ordem mundial, trazendo paz duradoura e crescimento estável para os que permanecerem. Essa é a proposta, Senhor Lucien. Na verdade, esse é o mal necessário para conseguirmos chegar à sociedade ideal.

Se ficou impressionado, Lúçifer não demonstrou. Não falou nada por algum tempo, ruminando aquelas palavras. Lembrou-se do dilúvio, a tentativa malsucedida de recomeçar do zero. Mas isso tinha sido ideia de seu Pai. Ele certamente poderia fazer melhor, pensou.

— Metade, hein? Deveriam ser cinco de cada lado, na história do trem... — Lúçifer ponderou, com sarcasmo.

— Era só para ilustrar o mal necessário — K. Bilderberg deu mostras de ter ficado constrangido pela primeira vez.

— Só estou brincando, entendi o ponto — Estrela da Manhã apaziguou. — E como isso seria feito?

— Meios é o que não nos falta, Senhor Lucien — Bilderberg respondeu com tranquilidade. — Meu preferido, no momento, é a

guerra, contra algumas nações que, digamos, estão no aquário de outros tubarões, ou dentro de outras bonecas, se preferir. Isso resolveria parte do problema. Uma epidemia controlada que viesse logo em seguida, resolveria a outra parte – olhou para cima, balançando a cabeça como se fizesse contas.

— O que quer dizer com “controlada”? – Lúcifer ficou curioso com a palavra.

— Um vírus que mata um terço dos infectados, mas com especial taxa de letalidade sobre determinadas... etnias, Senhor Lucien – ele explicou.

— Entendo... – o Anjo Caído falou. Na verdade não entendeu muito bem, mas pensaria melhor sobre as implicações daquilo depois. – E onde eu entro nessa história?

— Ora, o senhor seria o líder do mundo novo, Senhor Lucien – Bilderberg sorriu mais efusivamente, mostrando dentinhos pequenos e bem branquinhos dentro da boca. – Precisamos de alguém carismático, para convencer que a guerra é o melhor caminho, para tranquilizar a população quando a doença vier. Alguém que venha com a força de um furacão, de uma trombeta, *de uma profecia bíblica*. Alguém que ordene “atirem-se ao fogo” e de imediato todos ali se atirem de bom grado, com a certeza de que é o melhor a se fazer e com o orgulho de morrer queimando sob as ordens de líder tão admirável. Alguém que resolva todos os problemas, ou acabe logo com tudo de uma vez, poupando a humanidade de uma existência enfadonhamente medíocre. O senhor é assim, Senhor Lucien. O senhor é esse líder.

— Há outros líderes igualmente carismáticos... – disse Lúcifer, ainda com o “profecia bíblica” ecoando nos ouvidos.

— Talvez sim... – Bilderberg assentiu, depois de puxar na memória.

— Então, por que eu?

— Ora, Senhor Lucien! Porque o senhor me cumprimentou em aramaico quando entrei aqui!

Bilderberg gargalhou, com toda euforia que contivera até então.

## **CAPÍTULO XXXII – A NOVA ORDEM MUNDIAL**

Chamava-se Ishmael. Mas não era caçador de baleias, tampouco daria origem a uma grande nação de descendentes. Teve apenas uma esposa, chamada Jamile. E apenas uma filha, chamada Sumaya. Olhou a foto que sempre olhava, tirada anos antes, em que os três estavam juntos à mesa – não sorriam, mas estavam felizes, disso ele jamais se esqueceria. Poucos dias depois daquele almoço, mísseis inimigos foram disparados em direção a instalações militares, mas acabaram desviando a rota em alguns fatídicos quilômetros e atingindo o bairro residencial em que Ishmael morava. Ele estava no trabalho, dois quarteirões longe do raio da explosão. Só ouviu o barulho e pensou que o mundo havia desabado. Correu para casa e, já nas primeiras passadas, percebeu que de fato o mundo não estava mais em pé. Pelo menos o seu mundo. Não havia mais casa, nem bairro, nem ruas, nem nada além de escombros, poeira, gritos, fogo, lágrimas e pedaços de gente, por todos os lados. De Sumaya e Jamile, restou apenas a foto, que agora Ishmael colocava de volta no bolso com um longo suspiro, preparando-se para atravessar a rua.

As instruções que Ahab, líder da resistência revolucionária, deu aos “iniciados” foram simples e claras: “entrem nos lugares em que os infiéis se aglomeram, julgando-se seguros debaixo de um manto de proteção feito de notas de papel. Mostrem a eles, meus irmãos, que esse manto é tão ilusório quanto a fé que eles têm nos falsos deuses e nos falsos profetas. Mostrem a eles, meus irmãos, que jamais estarão seguros novamente e que os prazeres inócuos com que se deleitam e a vida de luxo que ostentam, às custas do sangue e suor do nosso povo, está prestes a acabar. Mostrem a eles, meus irmãos, que a guerra santa começou e só vai terminar quando o último dos infiéis tiver virado pó e se misturado às areias do deserto. Mostrem a eles, meus irmãos. Mostrem a eles”.

Ishmael não acreditava muito em deuses e profetas. Também não sentia ódio, ou vontade de se vingar. A vida tornara-se insuportavelmente insípida desde a explosão e qualquer coisa que viesse a fazer depois, a ele seria igualmente sem sentido, então

apenas seguiu o fluxo da manada, junto aos outros homens que perderam esposas, filhos e filhas naquele dia. Conheceu Ahab e sua obstinação cega pela guerra, aprendeu coisas sobre o mundo, sobre a ganância sem fim dos infiéis e as artimanhas sujas utilizadas pelo inimigo para escravizá-los e controlá-los. Ganhou um uniforme, ganhou treinamento militar, ganhou passaporte com visto, identidade falsa e uma passagem aérea. Ganhou uma missão.

E um colete cheio de explosivos.

\* \* \*

Alguns meses depois da conversa entre Lúcifer e K. Bilderberg, uma série de atentados, realizados com precisão de fazer inveja aos relógios suíços, foi deflagrada pelo globo, vitimando milhares e milhares de pessoas. Os países onde ocorreram esses atentados, bem como as nações aliadas, decidiram que aquela era a gota d'água e não haveria mais saída possível além da guerra, além da eliminação completa do inimigo em todas as frentes. Pouco se questionou sobre como os chamados "terroristas" conseguiram acesso a esses países, ou sobre como obtiveram os artefatos nucleares utilizados em alguns ataques. Na verdade, todo e qualquer questionamento foi sumariamente abafado pela ideia de que não poderia haver descanso, trégua ou acordo, enquanto restasse um suicida disposto a amarrar bombas no corpo e explodir em uma loja, boate, restaurante ou onde quer que fosse; enquanto seguidores fanáticos de seitas religiosas arcaicas estivessem em condições de sequestrar aviões e atirá-los em arranha-céus; enquanto ainda respirasse um único desalmado ignorante, de intelecto tão primitivo a ponto de acreditar em paraísos repletos de virgens os aguardando após utilizarem armas de destruição em massa nas imediações das escolas, ceifando a vida de crianças inocentes. Não poderia mais haver tranquilidade. Não poderia haver mais nada.

Lúcifer, alinhado aos ideais de Bilderberg, identificou naquela oportunidade a única chance de fazer algo efetivamente bom e duradouro pela humanidade. E revelou-se um exímio líder militar, nessa ocasião. Aos olhos dos aliados, tratava-se de alguém que por sorte lutava do mesmo lado, pois parecia ter o dom mágico de

adivinhar os movimentos dos inimigos, as localizações das bases secretas e das peças chave, e ali fazia chover fogo, até que não sobrasse nada além de ossos e cinzas. “Quem pode guerrear contra ele?”, perguntavam-se os inimigos, já conformados com a derrota e a completa aniquilação. Não sabiam, e nem haveria como saber, que Estrela da Manhã possuía uma rede de espiões invisíveis – Mammon e seus asseclas tiveram participação decisiva em uma série de batalhas, obtendo informações que jamais poderiam ser obtidas por satélites ou agentes infiltrados. Mas esse segredo, obviamente, o Diabo não contou para ninguém. Antes que a última bomba caísse, seus feitos o conduziram ao cargo de líder da ONU, que logo foi substituída por outra entidade aglutinadora de nações, igualmente presidida por Lúcifer e denominada “Nova Ordem Mundial”. Essa função ocupada pelo Anjo Caído, na prática, equivalia a um cargo de “dono do mundo”.

— Vivemos agora tempos de guerra, cidadãos do mundo – disse Lúcifer, em seu primeiro pronunciamento em rede universal. – Mas logo viveremos tempos de paz, confiem no que eu digo. Logo, todo fanatismo que leva os humanos à barbárie, será extinguido. Uma nova era, iluminada pelas estrelas da racionalidade, meus amigos. Uma nova era, onde poderemos viver nossas vidas com tranquilidade e criar nossos filhos com segurança. É por essa era que estou lutando, neste exato momento. E uma coisa vos digo: quem não estiver comigo, está contra mim! – ele afirmou, batendo no palanque com fúria. – Quem não estiver comigo, será enterrado junto às ruínas do mundo antigo, isso eu garanto. Mas quem estiver comigo, quem lutar e sangrar a meu lado, meus amigos – nesse momento ele sorriu, com uma confiança que parecia atravessar a tela e ir direto ao coração de cada espectador –, desses garanto que não esquecerei. Esses conhecerão as maravilhas que serão trazidas pela Nova Ordem Mundial. Confiem no que eu digo, meus amigos.

As pessoas confiaram no que dizia e o amaram de imediato, vendo nele a figura do líder capaz de finalmente conduzir o mundo pelo caminho *certo*. E amaram e nele confiaram ainda mais quando a guerra foi encerrada, quando a *escória do mundo* havia sido total



e irrestritamente varrida do mapa, sem deixar saudades ou vestígios.

Logo depois da guerra, porém, seguindo à risca a agenda do Senhor K. Bilderberg, veio a doença. A epidemia sem precedentes, mesmo quando comparada proporcionalmente à peste negra, causada por um novo vírus que se espalhou pelo globo num piscar de olhos, tão transmissível quanto a gripe comum, mas vitimando uma a cada três pessoas infectadas, ou, dependendo da etnia e da região, agindo com praticamente cem por cento de letalidade. O surgimento desse vírus foi atribuído ao inimigo que, ao constatar a derrota iminente na guerra, lançou no mundo sua arma biológica mais terrível. Bilhões morreram. E os bilhões que restaram creditaram a salvação da própria vida aos esforços de Lucien Arcanjo e viam nele, e somente nele, alguém que poderia reconstruir o mundo, levar a humanidade a um novo estágio. Pagariam qualquer preço que fosse cobrado por isso, o seguiriam por quaisquer caminhos, e cumpririam suas ordens sem pensar sequer meia vez.

Chips subcutâneos foram implantados nas pessoas, para que cada passo, de cada cidadão, pudesse ser controlado e monitorado, garantindo a segurança e o bem estar da sociedade como um todo. Só se podia comprar ou vender com aquela marca. Quem “saísse da linha” (e essa linha era desenhada por Lúcifer, onde bem entendesse), era prontamente identificado, localizado e *eliminado*. Porém, Lúcifer não tomou decisões arbitrárias, tampouco foi incoerente no cumprimento de suas atribuições. Conduziu o novo mundo para o que considerava um bom caminho, tentando reduzir ao máximo a dor e o sofrimento do maior número de pessoas. E a maioria esmagadora da população concordou com essa filosofia e o idolatrou como líder, chegando a desejar que ele pudesse permanecer ali, no comando do mundo, por toda a eternidade se isso fosse possível.

Nos países não afetados pela guerra e, um pouco depois, nos países aliados que foram atacados e tiveram que se reconstruir, a vida seguiu praticamente inalterada. Percebeu-se que, para o cidadão comum, que precisava acordar cedo e trabalhar todos os

dias, pouca diferença fazia o estilo de governo, pouca diferença fazia a privacidade ou a liberdade (seja lá qual fosse a definição de liberdade), pouco importava se era capitalismo, comunismo, monarquismo, socialismo, anarquismo, totalitarismo, absolutismo, fascismo ou qualquer outro ismo que se pudesse inventar. Tendo como alimentar os filhos, caminhar na rua sem medo de ser assaltado e sem medo de morrer de forma tola, tendo como chegar em casa e ver um prato de comida quente aguardando à mesa, saciar as necessidades básicas e depois ainda se entreter com a novela ou com os esportes, para a grande maioria estava ótimo.

E, para quem não gostasse, tinha o chip.

\* \* \*

O Senador Fernando, sua esposa Soraia e também seus filhos, morreram na ocasião da epidemia. Estrela da Manhã estava completamente absorto em sua escalada pelos degraus do poder e nem chegou a lamentar a perda de alguém que, pouco tempo antes, havia sinceramente considerado um amigo. Silvana sobrevivera e ficou com Lúcifer durante todo o tempo, com os olhos vitoriosos de quem escolhe o lado certo. Certo dia, após levar o café, ela comentou:

— Caramba, chefinho – ela disse, colocando adoçante na xícara –, já vai fazer três anos e meio que você tá nessa de líder mundial, hein? Que orgulho!

— Tudo isso já? – Lúcifer ficou surpreso.

— Passou rápido, né? – tomou um gole de café e decidiu colocar mais adoçante. – *Quarenta e dois meses...* passou voando! Também, com tanta coisa que aconteceu, né? Guerra, epidemia, reconstrução de cidades, implantação dos *chipzinhos...* ai, agora ficou bem mais fácil comprar as vidas lá no joguinho! – ela divagou, depois tomou o restante do café e prosseguiu com o assunto. – Se pensar bem, acho que você fez mais do que qualquer um faria nesse tempo. Por isso o povo quer que você continue pra sempre, todo mundo te adora, chefinho. Minha vó diria que “é Deus no céu e Lucien na Terra”, mas olha... acho que ninguém nem lembra mais de Deus não, viu. Bom, ainda mais depois que você colocou aquelas

*restrições, né... mas acho que foi bom, pra combater o fanatismo e tal. Que foi, chefinho? Ficou quieto de repente...*

Lúcifer não ouvira nada desde o “passou voando”. Só via a boca de Silvana se mexendo, enquanto o mundo se tornava um caleidoscópio cinza, que girava e girava, hipnótico. Não sentia o gosto do café, nem o peso da xícara. Frases desconexas passavam pela cabeça, junto a um silvo constante que lhe atormentava os ouvidos. A verdade do mundo se descortinava à sua frente, como se *alguém* lhe destapassem os olhos naquele instante.

*“E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer fogo do céu a terra...”*

— Quanto... quanto tempo, Silvana?

*“E lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses”*.

— Três... Três anos e meio... você tá bem, chefinho? – largou a xícara e foi acudi-lo.

— Eu... eu... não.... não, de novo, não... de novo, não...

*“Apocalypse treze, irmãos. Quem quiser acompanhar pra confirmar o que estou falando aqui, acompanhe”*.

— De novo o quê, chefinho? Você... você tá estranho... o quê...?

— FILHO DA PUTA!!! ELE ME ENGANOU DE NOVO!!!

Então, Lúcifer mostrou sua verdadeira face.

Silvana ficou mais aterrorizada do que ficara com a guerra, com a doença mortal que dizimou metade da humanidade, com as histórias de fantasmas, assombrações, anjos e demônios que a avó contava a ela, quando ainda era tão nova a ponto de quase não se lembrar. Mais aterrorizada do que jamais voltaria a ficar. Estrela da Manhã voou sobre ela, a derrubou no chão e falou, enquanto enterrava os polegares em seus olhos:

— Agora, Silvana... agora talvez eu esteja te fazendo um favor. Se você é o doce que se mostrou esse tempo todo, você vai pra um lugar legal, bem legal – cravou um pouco mais os dedos e o sangue espirrou. Silvana debatia-se e gritava em desespero. – Mas, se você é a putinha dissimulada que às vezes acho que você é, se você

também me enganou esse tempo todo, ah, daí daqui a pouco a gente vai se encontrar. E você vai ver o que é dor de verdade...

Os dedos foram até o final.

E Silvana parou de se mexer.

## CAPÍTULO XXXIII – O SENHOR DAS TREVAS

Com ódio jorrando em cada poro, Lúcifer abandonou o corpo material, saindo dele em forma de sombra, com asas, chifres e crueldade. Sobrevoou o mundo dos vivos e, mesmo a grande distância, os humanos absorveram a presença do mal em seu estado mais bruto – a isso sentiram medo e também sentiram, principalmente, um grande vazio, uma tristeza profunda que veio tão repentina quanto inexplicável, uma sensação de que tudo que se pode fazer ou deixar de fazer é sem sentido, que a vida é tão somente uma queda despropositada num poço estreito e escuro, de onde não há outro destino que não seja, mais cedo ou mais tarde, encontrar o fundo e ali morrer, sozinho e com frio, com os próprios gritos reverberando pelos tijolos úmidos sem que ninguém lá no alto possa ouvir, sem que ninguém lá no alto sequer se interesse em ouvir. Sentiram o coração apertar, como se uma terrível verdade acabasse de lhes ser descortinada bem à frente dos olhos – felicidade e angústia, amores perfeitos, amores abortados e amores perdidos, esperança, ambição, gentileza, alegria, danação, traição, altruísmo e egoísmo, bem e mal, conhecimento, tudo, todas as risadas que foram dadas à mesa onde o cheiro da canela em pó salpicada no café com leite aquecia o espírito e trazia promessas de dias melhores, todas as lágrimas indigentes choradas sobre o travesseiro no silêncio da madrugada, o primeiro berro do filho ao sair da barriga da mãe, o primeiro velório de um familiar, o primeiro beijo e a última separação, todas as provações, todas as coisas que um dia se amou ou odiou, ou que se deixou de amar ou odiar – eram apenas memórias que se desvaneceriam *como lágrimas na chuva* implacável do passar do tempo. A existência era, afinal, um fardo que pesava demais sobre os ombros, um fardo que, pensando agora, não tinha o menor motivo para continuar sendo carregado, fazendo o simples fato de estar vivo ganhar os contornos da pior de todas as maldições.

Foram essas as coisas que se passaram pela cabeça dos homens e das mulheres, quando sentiram sobre eles a escuridão gelada da sombra do Anjo Caído. E alguns, que já sentiam e

pensavam coisas similares mesmo sem o vulto maligno por perto, não foram fortes o suficiente para suportar, para aguardar que a luz de Deus e dos anjos vencesse a escuridão...

Ao chegar sobre um determinado ponto do oceano, Lúcifer voou em direção à água e afundou até as fossas abissais milhares de metros abaixo, onde habitavam criaturas primitivas, que os humanos nem imaginavam existir. Entre essas criaturas, estava a serpente marinha, o dragão que assombrou os pesadelos dos marinheiros durante séculos, a besta chamada Leviatã. Estrela da Manhã disse algo a ele e depois desapareceu entre as fendas de negrume indizível, e de lá seguiu para o núcleo terrestre, onde se encontrava o portal de transição entre as esferas de realidade da Terra e do Inferno. Pouco depois, emergiu no Lago de Fogo, retornando a seus domínios que, agora, percebia que nunca deveria ter abandonado. “Vejam, é Lúcifer quem está ali!”, “ele voltou!”, “sim, é Lúcifer!”, “o mestre está de volta, está de volta!”, “finalmente vamos à guerra!” – assim os demônios comentavam entre si, uns com alegria, outros com medo e desconfiança, apontando na direção de Lúcifer.

Batendo asas lentamente em sua forma diabólica, ele observou os vales onde as almas humanas eram torturadas, as caldeiras e os veios de magma que jaziam sem parar das montanhas e se espalhavam por todos os lados. Observou também, com atenção redobrada, as tropas infernais, que treinavam sob o chicote de Azazel. Concluiu que já adiara o confronto por tempo demais, que nunca aqueles idiotas ficariam completamente preparados para o que estava por vir e que, na verdade, isso não importava muito.

Foi à Fortaleza das Trevas, retomar o trono agora ocupado por Belial.

Os grandes demônios postados à porta da fortaleza entreolharam-se, se lembrando das ordens dadas por Belial para que *ninguém* entrasse ali sem prévia autorização. Chegaram a fazer menção de interpor o caminho com as foices, mas bastou Lúcifer lançar um olhar de soslaio para que fossem dissuadidos dessa ideia e se apressassem a abrir os portões. O Primeiro entre os Anjos subiu calmamente os degraus, despertando sentimentos admirados

e temerosos nos demônios que por ali treinavam. Belial não conseguiu disfarçar a surpresa e o dissabor ao vê-lo, mas não abandonou o trono, mesmo com a proximidade cada vez maior – ao contrário, afundou-se ainda mais no assento, como se ali estivesse disposto a se enraizar.

— Obrigado por manter o trono quente, Comandante – Lúcifer falou, tentando conter a ira enquanto caminhava. – Agora já pode sair e cuidar de seus afazeres militares. Azazel é um idiota e estaremos perdidos se dependermos dele.

— Então resolveu voltar, Estrela da Manhã? – Belial entrelaçou os dedos em frente ao peito. – Será um reforço deveras bem-vindo para engrossar as fileiras do *meu* exército. Atribuirei uma patente adequada à consideração que tenho por você, não se preocupe. Segundo-tenente, ou talvez Cabo... em nome dos velhos tempos.

— Belial, não sei se você percebeu, mas hoje não estou com a menor disposição para palhaçadas – chamadas de ódio emanaram dos olhos e também das mãos de Lúcifer. – Então, é melhor sair logo, porque você não vai gostar se eu precisar ir até aí te arrancar dessa cadeira.

— Como quiser, Estrela da Manhã... – Belial se levantou e começou a descer lentamente os degraus, dirigindo-se a Lúcifer. – A propósito – continuou, com um visco malicioso na voz –, é impressão minha, ou está sem a sua espada?

Ao terminar a frase, o demônio saltou sobre o inimigo, sacando o enorme machado *Degolador de Arcanjos* ainda no ar e golpeando, com rapidez só ombreada pela brutalidade, assim que colocou os pés no chão. Estrela da Manhã foi obrigado a se esquivar, abaixando-se, do contrário teria o corpo dividido em dois à altura do peito. Num movimento de agilidade impossível, Belial girou o machado, antes que o corte horizontal terminasse, segurando-o apenas com a mão direita e erguendo-o, para depois golpear verticalmente, com velocidade e violência redobradas. Dessa vez, Lúcifer teve que saltar para o lado e o *Degolador de Arcanjos* encontrou o chão do castelo, num impacto que abriu uma fenda que ia dali até a entrada da fortaleza e fez tremer todo o Inferno, chamando a atenção dos demônios que estavam por perto (até

mesmo os guardiões, que supostamente deveriam permanecer imóveis, apressaram-se portões adentro para assistir à luta) e também dos Lordes infernais, que vieram sem demora ver o que se passava.

Lúcifer costumava gostar de jogos estilo “gato e rato” – desde que o gato fosse ele. Ali, com aquela lâmina incansável zunindo no ar e passando a milímetros do pescoço, sem perspectiva de se aproximar devido à envergadura do oponente e sem nenhum plano traiçoeiro na cabeça, sentiu-se camundongo acuado por um tigre. Belial não dava mostras de que se cansaria tão cedo de bater, pelo menos não antes do que ele, ainda se readaptando à forma original de espírito maligno, se cansaria de esquivar.

Belzebu foi o primeiro Lorde a chegar e ficou com o coração dividido – tinha mais simpatia por Lúcifer, mas não ousaria tomar partido de ninguém numa situação daquelas, para correr o risco de perder e ter que lidar com a ira do vencedor depois. Em seguida, veio Belphegor, que apenas observou a luta, indiferente. Azazel chegou quase ao mesmo tempo e teve vontade de ajudar a acabar com Lúcifer de uma vez, mas se conteve – talvez Belial se ofendesse com isso e, de qualquer forma, a derrota de Estrela da Manhã parecia ser apenas questão de tempo. Outro demônio adentrou os salões, mas a presença desse só foram perceber quando Belial deu um chute em Lúcifer, que tentara se aproximar para golpeá-lo com as mãos nuas, arremessando-o contra um dos pilares do castelo e fazendo toda a estrutura trincar e tremer, ficando prestes a desabar.

Nesse momento, um pequeno diabrete, saído sabia-se lá de onde, bateu suas asas diminutas, voando na direção do mestre para lhe entregar a *Aniquiladora do Caos*. Estrela da Manhã, que sangrava pela boca e pelo nariz, pegou a espada, colocou-se de pé e caminhou silenciosamente entre os veios de pedras e poeira que caíam do teto. Azazel fez menção de atacá-lo, mas Belial o censurou, com um gesto de mão.

— Agora sim a luta ficará deveras interessante... – o grande demônio desafiou, segurando o *Degolador de Arcanjos* com as duas mãos.



— Agora sim ficará deveras calado, Belial – Lúcifer falou, enquanto saltava na direção do inimigo, com ímpeto renovado.

Belial percebeu que perderia assim que as lâminas se encontraram pela primeira vez, pois Lúcifer atacava com velocidade que não permitia qualquer reação e só lhe restou recuar, se esquivar e aparar os golpes. Os papéis de caça e caçador inverteram-se completamente e Belial, numa última cartada, partiu para o ataque, mesmo sabendo que abriria a guarda dessa forma. Sua intenção era golpear o mais forte que pudesse (e assim esperava acabar com o inimigo) e torcer para que o golpe que recebesse não fosse fatal. Ele rasgou o ar num corte diagonal, mas Lúcifer, com a sorte que favorece os destemidos, dobrou o corpo acompanhando o movimento do machado e, ato contínuo, cravou a *Aniquiladora do Caos* no peito do oponente. Ranzael, o demônio que era sistematicamente torturado desde que fizera Belial sangrar em um treinamento, comemorou com um grito efusivo. Ficou com medo de ter chamado muita atenção, mas todos os demônios de classe inferior que acompanhavam a luta, no lado de fora castelo, estavam absortos demais para notar qualquer reação mais exacerbada. Belzebu bateu palminhas discretas com as mãos caprinas, Belphegor cruzou os braços e Azazel limitou-se a acariciar o bode que o acompanhava, reconhecendo que não seria páreo para enfrentar Estrela da Manhã.

— Está deveras interessante agora, Comandante? – Lúcifer girou a espada dentro do peito de Belial, fazendo-o soltar um gemido abafado.

Com o posto de Senhor das Trevas recuperado diante dos olhos de todas as testemunhas que precisava, embainhou a *Aniquiladora do Caos* e foi até o machado de Belial, com curiosidade. Tentou erguê-lo com apenas uma das mãos e não conseguiu. Usou as duas e então, com mais dificuldade do que podia esperar, tirou a arma do chão.

— Então, não é que é verdade? – Lúcifer sorriu com ironia, contemplando o *Degolador de Arcanjos*. – Só você consegue empunhar com uma das mãos, não é? Acredite, isso lhe será bastante útil de hoje em diante... – Com um golpe seco, decepou a

mão esquerda de Belial, junto à metade do antebraço. – Se não fosse um guerreiro tão hábil, e se não estivéssemos tão próximos da guerra, teria cortado sua cabeça – disse ao Comandante, que tentava conter os urros de dor. – Agora, levem esse miserável daqui! – disse a ninguém em específico, e Belzebu e outros demônios inferiores se apressaram a cumprir as ordens. – Você não, Belzebu. Quero que faça outra coisa.

— Sim, sim... o que desejar, meu invencível Senhor...

— Onde está Lilith?

— Ela... ela... foi aprisionada... por Belial... meu saudoso Senhor – Belzebu respondeu, hesitante.

— Traga-a aqui, agora – deu a ordem sentando-se no Trono das Trevas, seu lugar por direito, sem dar ouvidos à nova bajulação que Belzebu lançou antes de ir buscar o sarcófago em que Lilith estava presa. – Diabrete, venha até aqui – dirigiu-se ao demônio alado que criara no caminho para o Céu e que agora lhe salvara a vida ao trazer a *Aniquiladora do Caos*. – Os demais, vão embora – com um aceno de mão dispensou Belphegor, Azazel e os outros, como se espantasse insetos indesejáveis que atrapalham a refeição.

Os demônios partiram em silêncio e o diabrete foi até Lúcifer, com a alegria do cão que é chamado pelo dono. Chegou perto, batendo as asinhas, voando de um lado para outro. Estrela da Manhã lhe acariciou o rosto.

— Ah, meu diabrete! Atendeste ao chamado e cumpriste teu propósito ao trazer de volta a minha espada! – Lúcifer sorriu. – MAS POR QUE DEMORASTE TANTO? – o sorriso se transformou na expressão mais pura do ódio, enquanto apertava a garganta da criatura.

Com as mãos pequeninas, o demônio tentou se desvencilhar, mas era absolutamente impossível. Em sua mente primitiva, lembrou-se do chamado mental do mestre, do bote certeiro para roubar a espada que estava em poder de Uriel, da fuga a toda velocidade e da satisfação ao perceber que os anjos haviam *desistido* de persegui-lo, do voo entre as dimensões, do mergulho doloroso no Lago de Fogo e da astúcia para se esquivar castelo

adentro. Pensou no que podia ter feito de errado e, enquanto o sopro da vida se esvaía de seu corpo, ficou triste, não por morrer, mas por perceber que seu mestre não o amava mais.

Quando Belzebu voltou, trazendo o sarcófago, o corpo do diabrete jazia no chão frio, coberto pelas brumas pestilentas. O demônio das moscas notou que o chefe não estava num dos melhores dias e concluiu que seria mais prudente não falar nada. “Abra”, Lúcifer ordenou. Ele cumpriu de imediato. Lilith saiu de lá, respirando com o desespero do náufrago que vem à tona, com o corpo coberto por vermes e insetos que lhe devoravam a carne.

— *Mon Ché...* meu... amor... – caiu nas escadas, tentando chegar até Estrela da Manhã e caiu de novo, ao tentar se apoiar no braço que não estava lá.

— O que aconteceu aqui? – Lúcifer foi até ela e a segurou pelo queixo, examinando o rosto cheio de furos e sulcos oriundos da fome insaciável dos vermes.

— Você voltou, amor... você voltou... – Lilith tentou abraçá-lo, mas ele recuou.

— Belzebu, jogue essa mulher de volta ao sarcófago e deixe-a presa na masmorra mais escura – Estrela da Manhã ordenou.

— AMOR? – Lilith se surpreendeu, desesperada, enquanto Belzebu a agarrava.

— Mesmo que passe mil anos no Lago de Fogo – Lúcifer falou –, sua beleza jamais voltará a ser a mesma. E sem beleza, você não me serve de nada.

Em pouco tempo, o Anjo Caído reuniu o exército e os Lordes infernais. Conferiu os cavalos, as espadas, escudos e lanças. Certificou-se do ódio assassino e da sede de carnificina que cada um estava sentindo. Aumentou a velocidade dos moinhos colossais que prensavam as almas humanas e delas extraía a essência do Caos, com a qual fez a arma derradeira.

E invadiu o mundo dos vivos, ávido pela batalha final.

## CAPÍTULO XXXIV – VISÕES DO APOCALIPSE

*Pouco depois disso, na Terra...*

### **Ayumi**

Em uma diminuta ilha, que aos olhos dos anjos poderia ser confundida com um pedaço do Paraíso esquecido em meio à vastidão do Índico, a pequena Sayori Hanata reunia um punhado de areia, tão cristalina quanto a matéria prima dos sonhos. Na pureza de seus pensamentos, na inocência da imaginação infante, aquele aglomerado disforme ganhava contornos de um enorme castelo cor-de-rosa, habitado pela Princesa Coala e suas irmãs, que eram protegidas do terrível dragão por uma legião de soldados sapos de pelúcia. Falando na linguagem que só as mães conseguem compreender, Sayori disse, com um largo, alegre e incompleto sorriso:

— Mãã, óia só meu catélo!

Por um breve instante, Ayumi Kurosawa voltou à realidade, saindo do mundo de pensamentos melancólicos e suicidas em que estava absorta. O mundo em que passava a maior parte do tempo desde que o marido decidiu trocá-la por uma mulher com menos idade, mais próteses, mais libido e menos surtos bipolares. O único mundo que parecia fazer sentido e de onde agora nada, nem a praia mais bonita do planeta, nem ninguém, conseguiria tirá-la. Ninguém, exceto a pequena Sayori. Mas apenas por um breve instante. Ayumi olhou na direção em que a filha estava apontando e, com os olhos adultos, há muito desprovidos de magia, viu apenas um amontoado de areia branca. Fez um leve aceno com a cabeça e forçou-se a um sorriso. Todos os dentes estavam lá, mas sem o menor vestígio de alegria. Logo o semblante tornou a ficar estático e seus belos olhos puxados, ocultos por lentes escuras, contemplaram, sem gosto nem vontade, a vastidão do oceano confundir-se com o céu de fim de tarde no horizonte. Retornando ao seu universo de vazio, Ayumi não testemunhou a bravura com que os soldados sapos de pelúcia lutaram, protegendo a princesa coala ao impedir que o dragão invadisse o castelo cor-de-rosa.

E também não percebeu a areia tremendo sob seus pés.

### **Carlos e Juliana**

De alguma forma, Carlos sempre soube que ficaria ao mesmo tempo feliz e preocupado quando recebesse a notícia. Só não sabia exatamente com qual intensidade esses sentimentos disputariam lugar em seu peito. Então, Juliana entrou no carro, mais radiante que o Sol desabrochando na primavera, apertando e sacudindo o resultado do exame no ar como se fosse um bilhete de loteria premiado. E Carlos percebeu quem falaria mais alto. Quase tão alto quanto a esposa:

— Vida, CON-SE-GUI-MOS!!! Tô grávida! Aaaiiii... – disse a moça, pulando no pescoço do marido antes que houvesse tempo para raciocinar ou respirar. – Falei! Falei pra você que aquela coisa que eu vi no céu antes de ontem era um sinal!

— Meu... putz... caramba... nem sei o que dizer...

Não sabia mesmo. Beijou Juliana com o máximo de entusiasmo que um homem, casado há nove anos e atordoado pelo turbilhão de responsabilidades que certamente viria ao mundo junto com o primogênito, poderia beijar. A felicidade estava lá, disso não restava qualquer dúvida. Mas a preocupação criava uma barreira que a impedia de transparecer no semblante. Terminou o beijo e forçou um sorriso. Olhou o relógio para disfarçar, constatando que já estavam atrasados. Engoliu seco, deu a partida e ligou o rádio, encarando com certa desolação a infindável fileira de luzes vermelhas e buzinas que se estendia além do cruzamento. O mundo havia mudado muito. Mas o trânsito continuava o mesmo.

— Que foi, vida? Parece que não gostou... – sentenciou Juliana, sem precisar usar os poderes do sexto sentido feminino.

— Não, vida... gostei, lógico que gostei. Pô, a gente *tava* tentando há tanto tempo, meu... lógico que eu gostei. É que...

— É “que”, o quê, Carlos?

— Caramba, Ju... sei lá, meu. Eu tenho medo...

— Medo do quê, vida? – Juliana perguntou, erguendo a sobrancelha daquele jeito que Carlos não sabia definir se era ameaçador ou engraçado. Agora, parecia ameaçador.

— Medo, Juliana... medo. Sei lá, meu... medo do nenê ter algum problema, nascer com algum defeito, doença, sei lá... Medo *dos cara inventar* de terceirizar o Data Center e me mandar embora. E aí eu não ter como comprar fralda, leite, remédio, pagar escola e dar conta da porrada de gastos que uma criança deve dar. Medo de não ser um bom pai... acho que, na real, o meu maior medo é esse. Não ser um bom pai...

Havia mudado o governo, a estrutura dos países – alguns se agruparam, outros perderam território ou mudaram de nome e outros sumiram do mapa. A sociedade estava mais segura e estável (e alguns já se questionavam a que preço) e aos olhos do cidadão comum, as engrenagens que faziam o mundo girar não eram mais as mesmas (na verdade, eram as mesmas de sempre, mas pareciam diferentes por não mais usarem as máscaras de outrora). Grandes eventos tinham ocorrido, a pior guerra e a pior epidemia, estavam superadas. Mas a insegurança dos homens em relação à paternidade, continuava igual.

— Ai, que bobeira! Vai dar tudo certo, vida. Nosso bebê vai nascer saudável, não vão te mandar embora... você ainda tá pensando com a cabeça de dez anos atrás! E você vai ser o melhor pai do universo. Para de se preocupar, canceriano. Vive o agora... – Juliana acariciou os cabelos do marido, dessa vez, valendo-se do poder que as mulheres possuem de acalmar os homens com voz doce e cafuné. – Melhorou? Mais algum medo?

— Bom, já que você perguntou, tenho medo que ele fique rebelde e faça alguma coisa pra me afrontar, comece a usar droga, torça pro seu time e não pro meu, ou algo assim...

— Bobo! – Juliana gargalhou. – Pois fique o senhor sabendo que vai ser “ela”. Uma gatinha linda que vai te deixar morrendo de ciúmes lá pelos 15 anos, quando um monte de moleque ir lá em casa atrás dela. E vai torcer pelo meu time sim! Ha-Ha-Ha!!!

— Não fala uma coisa dessas, já fiquei desanimado de novo! – Carlos também gargalhou, agora com a felicidade transbordando nos olhos enquanto tentava sintonizar a estação. – Caramba, Ju... a gente vai ter um filho. Agora que tá caindo a ficha...

— Realizando nosso sonho, né, vida? Seu pai vai ficar todo bobo quando a gen... ué... desligou o carro?

— Putz grila, que esquisito. Desligou sozinho. Vou dar uma comida de rabo no Jair, acabei de buscar da revi... meu, que bagulho estranho... tá tudo apagado. Os *farol*, as *fachada* das *loja*, tudo. E nem tá chovendo, meu...

— Meu, que saco! Apagou até meu celular. O que será... vida... o que é aquilo...?

Carlos viu o rosto da esposa ficando literalmente iluminado, com um rastro flamejante refletido nos grandes olhos castanhos. O céu tornou-se sangue, trombetas rugiram ao longe e o tudo estremeceu, num estrondo que parecia ter advindo do choque cataclísmico entre dois planetas. Enquanto o carro rodopiava no ar, Carlos viu um caos de poeira, fuligem, metal retorcido, fogo e estilhaços. Após o impacto da queda, sentiu o chão sacudir, como se um milhão de cavalos com patas de fogo galopassem sobre a Terra. Depois não viu nem ouviu mais nada. Acordou preso ao cinto, de ponta cabeça. Não fazia ideia de quanto tempo havia se passado. Pela fresta do vidro trincado notou que, desde um pouco à frente de onde estava até perder de vista, o mundo desabava em chamas.

— Meu... o que será que foi isso? Você tá bem, Ju? Juliana? JULIANA....

### **Aurora (e Fred)**

Dona Aurora tentava acompanhar o programa da tarde, acometida pelo mesmo feitiço que permite às crianças assistirem determinado desenho infinitas vezes com a mesma empolgação da primeira. Torcia para que a esposa desse uma surra no marido que foi revelar, em rede nacional, o caso que manteve durante anos com a irmã mais nova da empregada. Mas então Fred começou a andar de um lado para o outro no tapete de motivos egípcios, e a meter-se embaixo do sofá, circular entre as pernas e miar feito filhote desmamado. A televisão teria que esperar, porque Fred era família. E família sempre era prioridade.

— O que foi, querido? Vai falar que já está com fominha? Ah, mas a mamãe não vai abrir outra lata agora não, seu sem vergonha

– disse Dona Aurora, agarrando o bichano pelas dobras do pescoço para em seguida aconchegá-lo no colo macio.

Acariciando os pelos do angorá, mais uma vez teve a certeza que ali, por trás daqueles olhos amarelos, estava o espírito do saudoso Osório, que a relegara às brumas da viuvez há tantos anos. Eram tão parecidos. Dois bebês que morreriam de fome, não fosse ela para alimentá-los. Os mesmos surtos de inquietação repentina, que só passavam mediante a ternura de seus afagos. A mesma predisposição para escapulidas noturnas, com uma sutil diferença, é verdade – Fred sempre voltava. Aurora não gostava de lembrar essa última parte. Mas sempre lembrava, mesmo assim. Antes que tivesse a chance de se perder em devaneios, Fred lhe arranhou as pernas gordas, saltando em direção à janela, onde ficou miando de um jeito quase agonizante. Aquilo não era normal, algo errado estava acontecendo, ou prestes a acontecer. *Os gatos sentem.*

— O que tem lá fora, querido? – Aurora ouviu as hélices enquanto se levantava do sofá. – Viu? É só a polícia. Deve ter algum bandido solto por aí. Falaram que não tem mais bandido no mundo, mas tem sim, eu sei que tem. Daqui a pouco passa no jornal, você vai ver.

Ao abrir a cortina, Aurora percebeu que não era a polícia, mas o exército (o bom Osório ensinara a diferença, tantos anos atrás). Helicópteros, pelo menos uma dúzia deles. “Deve ser algum bandidão”, concluiu. Porém, ao acompanhar a trajetória das aeronaves, seus olhos semicobertos pela catarata contemplaram algo que, mesmo sem compreender ao certo, a fez apertar Fred contra o peito e dar um passo para trás. A princípio parecia o Sol, nascendo no horizonte. Mas o Sol estava... se aproximando. Caminhando inexorável, cobrindo o mundo como uma colcha viva de insetos. Milhões deles. Não, não eram insetos – Aurora forçou a vista. Eram animais maiores, cavalos talvez, estavam tão longe, mas chegando perto tão rápido. Esmagando prédios, carros, ônibus, pessoas e tudo mais que estivesse pela frente. O gato desvencilhou-se do abraço e se lançou sacada afora, deixando-a sozinha. Gritos ecoaram lá embaixo, desesperados o suficiente para se destacar em meio às buzinas.



A energia foi cortada e Aurora teve que acompanhar pela janela o que gostaria de ver pela TV. Com o retrato do saudoso Osório às mãos, ela viu o corre-corre. Viu gente largando o carro no meio da rua para fugir a pé, gente que se ajoelhava chorando na calçada, crianças e velhos pisoteados pela turba. Ao longe, observou os gafanhotos metálicos do exército sendo esmagados pelos cavalos (agora já se podia ver claramente) como se não fossem nada. Cada vez mais próximo. O lustre balançou. Mais próximo. As rachaduras começaram a desenhar uma árvore repleta de galhos nas paredes. Aurora sentiu o calor que emanava das montarias e dos cavaleiros. Sentiu o amálgama de medo e alívio que acompanha a certeza do fim. Então ouviu um miado, e alegrou-se por um breve e derradeiro instante.

Fred sempre voltava.

### **Josh**

Josh Fishburn sentiu a adrenalina fluindo na corrente sanguínea, logo após avistar o brilho intenso, que iluminava o horizonte como o Sol se escondendo atrás das montanhas nos crepúsculos alaranjados do Tennessee. Aquilo era bem diferente do treinamento, bem diferente da *terceira guerra*, ainda terrivelmente fresca na memória, ou de qualquer outra coisa. Conferiu, pela enésima vez, os ponteiros no painel do B-52, a fortaleza que voava silenciosa sob a pálida luz da Lua cheia e das estrelas que salpicavam de tinta cintilante todo o firmamento. Lembrou-se dos olhos castanhos, da maciez da pele e do cheiro dos cabelos de Jeniffer, enquanto rezava para que seus companheiros conseguissem dar cabo da ameaça com as armas *convencionais*.

— *Bravo One* para *Fox Three*. Contato visual estabelecido com o alvo. Repito, contato visual estabelecido com o alvo. Pela alma da minha mãe que está no céu, isso está parecendo uma daquelas coisas que a velha lia no final da bíblia para me assustar quando eu desobedecia. Câmbio – A voz metálica do líder da esquadrilha soou no ouvido de Josh.

— *Fox Three* para *Bravo One*. Atirem à vontade. Repito, atirem à vontade. Vamos derrubar essas coisas logo, porque eu não quero

perder o jogo dos Titans. Câmbio.

— Vocês ouviram o Major. Vamos fazer com esses diabos, ou seja lá o que for isso, o mesmo que os Jets vão fazer com os Titans amanhã. Com todo respeito, senhor. Câmbio.

Eles fizeram algazarra, gargalharam, contaram vantagens e lorotas. Depois, seguindo as determinações de K. Bilderberg, o líder mundial em exercício, começaram a atirar, na tentativa de conter a ameaça. Primeiro com rajadas das M61A2, que saíram do cano brilhando como lanças incandescentes. Essas lanças poderiam dividir um prédio ao meio, mas não surtiram efeito nos demônios, que simplesmente seguiram em cavalgada inabalável, à metade da velocidade dos aviões. Realizaram nova onda de tiros, obtendo os mesmos resultados de antes. As piadas pararam de ser ouvidas no rádio. Então, despejaram uma chuva de mísseis sobre o exército invasor. Eram as forças armadas mais poderosas do mundo, com quarenta e oito de seus F-22, o melhor caça de combate que os humanos já conceberam, cada um disparando seis AIM-120, o projétil ar-ar mais veloz e mortífero que um avião pode disparar.

Nada. Nenhum cavaleiro foi abatido.

— Vou tentar atirar mais de perto, *Bravo One* – comunicou Terry Campbell, o primeiro e último aspirante a herói do dia.

— *Bravo One* para *Wolf Six*. Não faça isso. Repito, NÃO FAÇA ISSO. Campbell... isso é uma ordem... CAMPBELL...

A agonia de Terry Campbell ecoou no rádio, enquanto a obra-prima que pilotava tornava-se um emaranhado amarelo de metal derretido ao se aproximar de uma das criaturas, que simplesmente bateu asas, golpeou o avião com um machado flamejante e seguiu caminho como se tivesse acabado de se livrar de um mosquito. Atiraram até acabar a munição das metralhadoras, pedindo que Deus (já esquecido por muitos) os ajudasse. Todavia, nenhum milagre aconteceu. Deus haveria de lutar, mas não com as armas dos homens.

— *Bravo One* para *Fox Three*. Não conseguimos resultado satisfatório. Repito, não conseguimos resultado. Vamos precisar do plano B, senhor. Deus te abençoe, Josh. Câmbio.

— *Fox Three* para *Bravo One*. Tire os rapazes daqui. Repito, tire os rapazes daqui. E... foi uma grande honra combater ao lado de vocês. Realmente uma grande honra. Câmbio.

Josh Fishburn tinha consciência que recebera um bilhete só de ida quando subiu no avião. Mas subiu mesmo assim. “Senhor Josh, garanta que essa bomba acerte o alvo... *nós* dependemos do senhor, Senhor Josh”, foram as palavras do líder mundial em exercício. Talvez tivesse se inspirado mais caso o próprio Lucien Arcanjo viesse lhe passar as instruções, mas K. Bilderberg também foi claro e motivador o suficiente. Os melhores equipamentos, mísseis intercontinentais, satélites espiões, alta tecnologia. Tudo isso ajudava, é claro, mas as guerras sempre foram e sempre seriam vencidas com bons soldados. E Josh era um bom soldado. O medo lhe adormecia as pernas, acelerava o coração, esmorecia o espírito, mas ele, não obstante, fez o B-52 subir a 12.000 pés. Bastava apertar um botão e a ogiva despencaria por três quilômetros, caindo bem no meio daquela legião que parecia ter surgido dos piores pesadelos da humanidade. Talvez houvesse tempo para fuga. Talvez. Mas essa não era uma opção. Só havia um jeito de *garantir que a bomba acertasse o alvo*. E um bom soldado não escolhe missões, só faz o que precisa ser feito.

Josh lembrou-se da maciez da pele e do cheiro de maçã que sempre sentia nos cabelos da doce Jeniffer. Sentiu saudade da esposa, e também do filho que nunca teriam. Pediu perdão a Deus, por tê-lo renegado num momento de fraqueza. Agradeceu pela dádiva de ter contemplado as nuvens alaranjadas, que só podiam ser vistas no pôr-do-sol do Tennessee.

E atirou o B-52 sobre o exército inimigo, buscando sua própria redenção.

### **Sayori (e os soldados sapos)**

Em uma diminuta ilha, que aos olhos dos anjos poderia ser confundida com um pedaço do paraíso esquecido em meio à vastidão do Índico, a pequena Sayori defendia seu castelo cor-de-rosa. O batalhão de soldados sapo de pelúcia lutava com honradez e bravura jamais vistas, porém, num movimento arbiloso, o terrível

dragão lançou uma baforada de fogo poderosa, que fez o exército do bem cair atordoado. E agora Sayori precisava da ajuda da mãe para proteger a Princesa Coala.

— Mãã, ajudaqui! Óia o tamanho da onda qui o dragão feiz pá dituí o catélo, mãã...

Ayumi Kurosawa voltou à realidade e contemplou o horizonte. Uma onda de altura impossível aproximava-se, trazendo consigo a morte certa. O demônio Glabrezu, que a obsedava há meses, arregalou seus olhos de serpente. Aquilo só podia ser obra do *mestre*. Do verdadeiro e único mestre: Lúcifer, Estrela da Manhã. Um rejúbilo apoderou-se de sua alma maligna – a hora havia chegado. Saboreou a dor e o desespero que estavam por vir. Mas, quando retornou a atenção à mulher, o demônio se decepcionou. Com calma e sobriedade que há muito não davam as caras em seu coração, Ayumi abraçou Sayori e disse:

— É, o dragão está vindo, meu amor... Mas olha, se a gente ficar abraçada e fechar bem os olhos, conseguiremos vencer.

— E os sapos, mãã?

— Os sapos vão ficar bem, eles são muito fortes e corajosos, não são? Agora me abraça, filha. Me abraça, luz da minha vida. Meu amor por você é mais forte do que qualquer coisa e dragão nenhum vai te separar de mim. Vamos ficar juntas e vamos construir muitos castelos de areia, eu prometo. Eu prometo... – repetiu, abraçando com mais força a filha.

A onda desintegrou aquela e muitas outras ilhas.

Mas o amor permaneceu intacto e, nos últimos instantes, o nome de Ayumi Kurosawa foi escrito no livro da vida.

## **CAPÍTULO XXXV – ARMAGEDOM**

Grandes catástrofes se alastraram pelo mundo dos homens, assim que Lúcifer irrompeu das esferas infernais com suas tropas, marchando e promovendo a dor e a barbárie, antes da batalha final. Terremotos derrubaram prédios e abriram fendas no chão, separando povos e continentes; ondas de altura indizível cobriram as cidades litorâneas e afogaram milhões; ventos sopraram com fúria avassaladora e fizeram voar animais, veículos, casas e esperanças; os cavalos de pesadelo, montados pelos demônios, conspurcaram o chão e o ar com suas patas de fogo, destruíram campos e metrópoles, espalharam terror, doença e desgraças, trouxeram a guerra, a peste, a fome e a morte. Os humanos tentaram combatê-los com suas armas, com seus canhões, aviões, mísseis e bombas, mas todos os esforços foram em vão – as armas dos mortais possuíam grande poder destrutivo quando utilizadas uns contra os outros ou contra o planeta, mas não eram capazes de sequer arranhar os demônios. Nuvens cor de sangue cobriram todo o céu e a Terra mergulhou num abismo de trevas e caos sem precedentes, tornando-se imagem e semelhança do próprio Inferno. Dessa forma, coube àqueles que sobreviveram o triste papel de invejar os que haviam morrido, além de esperar por um milagre que pudesse lhes trazer a salvação.

E o milagre veio ao final do terceiro dia.

Das nuvens escuras surgiu uma luz, como se o próprio Sol abrisse caminho à força para beijar a Terra mais uma vez. Em todas as partes do globo, os humanos, que agonizavam e fugiam e morriam e atacavam os próprios pais e os próprios filhos em meio à loucura, puderam ver a luz. Pois ali estava Miguel, à frente dos doze serafins com túnicas de prata, que agora pareciam brilhar com o fogo de mil sóis. Ali estava Uriel, que abandonara os Portões de Safira para lutar ao lado de seus amigos, ali estava Rafael, liderando uma vastidão de querubins alados, munidos de espadas flamejantes e lanças imbuídas da justiça divina; e também Gabriel, com a armadura sagrada e o arco dourado. E, acima de todos os anjos, arcanjos, serafins e querubins, estava o Altíssimo. Viera em

Sua forma humana, vestido como um humilde carpinteiro. Porém, aqueles que tiveram oportunidade de vê-Lo, reconheceram a Sua Majestade, e foram tocados pela graça nesse instante. Os homens e mulheres e crianças e velhos ajoelharam-se e choraram, balbuciando "Adonai... Adonai...", mesmo sem saber o significado do que balbuciavam. As dores e os sofrimentos foram esquecidos e tudo o que havia ocorrido até então, todas as coisas boas e más, todos os amores (que foram correspondidos e também os que nunca tiveram a oportunidade de se concretizar), todas as alegrias e todas as perdas, todas as idiossincrasias da condição humana, a mesquinhez, os medos, as lágrimas e também os sorrisos – tudo, absolutamente tudo se afigurou como um diminuto grão de sal dissolvido no oceano da eternidade. A morte carnal viria para todos, antes que aquele dia chegasse ao fim. Mas, agora, não havia mais motivo para temê-la, pois, independente do que acontecesse com a Terra e o universo material, a salvação da alma era certa – e era isso que realmente importava; ademais, o próprio Deus-Pai-Todo-Poderoso estava ali e, com toda certeza do mundo, as tropas do Diabo seriam esmagadas como vermes rastejantes, sem qualquer dificuldade. Foram essas coisas que os humanos sentiram ao contemplar o Altíssimo e as tropas celestes.

Entretanto, Lúcifer tinha outros planos para aquela tarde.

Os exércitos colocaram-se em formação de batalha. O contingente era tão vasto que todo um continente foi coberto pelos soldados de ambos os lados. Os humanos desafortunados que estavam nesse continente e decerto morreriam tão logo as primeiras espadas se encontrassem, só viam anjos e demônios por todos os lados – nos céus, entre os destroços dos prédios, nas florestas incendiadas, nas montanhas, vales, desertos e para onde mais se pudesse olhar, cobrindo todo o horizonte até depois do mar. Lúcifer postou-se à frente das legiões infernais e Miguel adiantou-se às hostes celestiais. Estavam a quilômetros de distância, mas as vozes podiam ser ouvidas como se estivessem lado a lado.

— Sabes que não tens chance, Samael – Miguel falou, apontando a lança na direção do inimigo. – Sabes que o destino dessa contenda já está selado desde o início dos tempos. Tens

consciência que tuas ações trazem apenas dor e sofrimentos a ti e a todos à tua volta. E, ainda assim, insistes em lutar. Por que, Samael? Por quê?

— Sabes que és um idiota, Miguel – Lúcifer respondeu, com deboche e ódio dividindo espaço na voz. – Sabes que cortarei tuas asas, tua língua e tua cabeça oca e abrirei caminho até o Altíssimo, que finalmente mostrou que tem colhões e apareceu para lutar. Tens consciência que estou pouco me fodendo para as merdas que saem de tua boca. E, ainda assim, insistes em falar. Por que, Miguel? Por quê?

As gargalhadas profanas dos demônios ecoaram por todo o planeta. Todos riram e ganharam confiança, exceto Belial e Azazel, que permaneceram concentrados, aguardando com ansiedade o final daquela falação inútil para atacar de uma vez. Belzebu riu mais alto e por mais tempo que qualquer outro e bateu palmas, dizendo “muito bem falado, meu dialético Senhor”. Lúcifer o ignorou. Virou-se para as tropas, tomou fôlego e todos imaginaram que estavam prestes a ouvir mais um dos discursos prolixos que o General gostava de fazer antes das batalhas. Porém, Estrela da Manhã tirou a *Aniquiladora do Caos* da bainha, apontou-a na direção das tropas inimigas e disse apenas:

— Destruam todos eles...

Mal terminou a frase e já estava voando em grande velocidade na direção dos inimigos, dando impressão que lutaria sozinho se fosse preciso. Miguel teve o mesmo ímpeto, mas, quando bateu as asas para voar e enfrentar Samael, um rugido monstruoso fez o mundo tremer às suas costas. Era o Leviatã, o dragão marinho, a besta criada por Lúcifer com a essência do Caos. Percorreu com os olhos toda a extensão do campo de batalha, à procura do Behemoth, que fora criado por Deus para ser o Nêmesis daquele demônio, porém não o encontrou em nenhum lugar. O monstro atacou os querubins próximos, derrubando cinco com um único golpe de cauda e desintegrando outro punhado com as labaredas de fogo que saíam de sua boca. Naquele ritmo, tendo surgido de um lugar totalmente inesperado, a criatura chegaria rapidamente ao Altíssimo.

— Vós! – Miguel gritou aos serafins. – Detenhais Samael, a qualquer custo! – em seguida, a contragosto, foi lutar com o Leviatã.

O primeiro serafim que se interpôs no caminho de Lúcifer foi partido ao meio e atravessado como uma folha de papel. Três outros aguardavam, logo atrás, enquanto dois pretendiam atacar pelos flancos, um de cada lado. Contudo, a *Aniquiladora do Caos* movimentava-se tão rápido nas mãos do Diabo que parecia estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, além de parecer ter uma lâmina maior do que realmente tinha, e aqueles cinco serafins com túnicas de prata foram feitos em pedaços antes que pudessem esboçar qualquer resistência, de modo que metade da guarda pessoal de Miguel havia caído antes que os exércitos se encontrassem. Os outros seis atacaram de uma só vez e o Anjo Caído voou para o lado, esquivando-se de uma lança e se posicionando de um jeito que os adversários ficassem em fila. Quando perceberam o que estava acontecendo, tentaram se espalhar e realizar novo ataque em conjunto, mas não obtiveram muito sucesso – três ficaram quase em linha e Lúcifer os atravessou numa só batida de asas, decapitando-os com um único golpe.

Nesse momento, os exércitos se encontraram.

Uma onda de energia foi espalhada por todos os lados e o planeta estremeceu com os efeitos daquele choque colossal – vulcões entraram em erupção, lançando ainda mais nuvens escuras no céu e empestando a atmosfera com calor e cheiro de enxofre; placas tectônicas colidiram, abrindo fendas cataclísmicas por todo o globo e gerando tsunamis ainda maiores que aqueles que haviam varrido as cidades litorâneas do mapa, dias atrás; as construções que ainda permaneciam em pé terminaram de cair, e todos os feitos dos humanos – das torres mais altas aos museus mais singelos, das pontes mais belas às esculturas mais abstratas, dos presídios aos hospitais, dos reformatórios às bibliotecas, passando pelos shoppings, padarias, manicômios, lojas, restaurantes, bancos, praças, postes, semáforos, aeroportos, rodoviárias – tudo se tornou apenas poeira, escombros e folhas rasgadas. Todavia, à essa altura,



pouquíssimas eram as pessoas que ainda estavam vivas para se lamentar.

Enquanto Lúcifer trespassava o peito do penúltimo serafim, as tropas se atracavam com selvageria e pedaços de espadas, de escudos, lanças, asas, chifres e também pedaços de anjos, demônios e cavalos, voavam por todos os lados. Um anjo armou o arco e deu disparo certo na direção de Estrela da Manhã, que terminara de liquidar a guarda pessoal de Miguel. Lúcifer segurou a flecha com a mão e jogou-a de volta, feito azagaia. A seta foi direto no olho do anjo, e ele despencou agonizando até o chão, onde demônios inferiores aguardavam, esfaimados, pela carne dos corpos abatidos. Em meio àquela balbúrdia de sangue e urros e clangor de metal batendo em metal, Lúcifer perdeu o Altíssimo de vista e se enfureceu, para azar dos anjos (e também dos demônios, pois, no frenesi da batalha, pouco importou quem era aliado ou inimigo) que estavam próximos.

\* \* \*

Miguel investiu contra o Leviatã. A terrível criatura percebeu a presença do arcanjo que chegava e tentou surpreendê-lo num bote traiçoeiro. Os incontáveis dentes, do tamanho de espadas, teriam dividido o anjo em dois se, no último instante, ele não fizesse uma esquivada perfeita, jogando o corpo para trás. Em seguida, Miguel voltou como se tivesse se libertado de um elástico e aproveitou o impulso para cravar *Ira do Criador*, a lança sagrada forjada pelo próprio Altíssimo, no pescoço do dragão. Um golpe que teria feito uma pequena lua em pedaços, mas que foi contido pelas escamas e perfurou minimamente a carne. O Leviatã urrou, mais de raiva do que de dor, e atacou como se nada tivesse acontecido. Miguel esquivou-se novamente e desferiu outro ataque, obtendo resultados similares ao primeiro. Veios de sangue viscoso começaram a escorrer pelos ferimentos do dragão, mas a criatura não dava mostras de que aquilo seria um grande empecilho. Alguns anjos tentavam ajudar, mas eram presas fáceis da ferocidade da besta e o General das hostes celestiais os dispensou, ordenando que fossem ajudar na contenção dos demônios que avançavam, pois, se conseguissem chegar até ali, aí sim estaria perdido. O arcanjo não

demorou a perceber que se cansaria primeiro naquela luta e, cedo ou tarde, acabaria atingido por um dos golpes e sabia que isso seria fatal. Sem mais alternativas, porém, continuou se esquivando das mordidas, rabadas e sopros de chama e contra-atacando com a lança quando possível.

\* \* \*

Azazel e Belphegor lutavam juntos, no chão. Os dois Lordes infernais avançavam sobre as hostes e, usando os próprios punhos, esmagavam crânios e desmembravam os inimigos com extrema crueldade, deixando um rastro de sangue e atrocidade pelo caminho. O bode de Azazel os seguia, refestelando-se com as sobras da batalha. Foi o primeiro a ser alvejado pela flecha de Gabriel e tombou antes que pudesse dar um último berro. Belphegor foi o segundo – levou duas setas no peito e sentiu a luz divina lhe queimar o espírito. Mas um príncipe do Inferno não cairia tão fácil. Saltou na direção do anjo.

— Hummm... Belphegor arrancar asas de Gabriel!!!

— Não, Belphegor... você não vai arrancar as asas de mais ninguém.

Assim disse Gabriel, o anjo amado, antes de trespassar os olhos do inimigo com as flechas gêmeas que saíram do arco. O grande demônio com pés de raízes de árvore recebeu o impacto no ar, e voltou ao chão em grande velocidade, arrastado por dois raios que acabaram por lhe explodir a cabeça ao encontrar o solo. Enquanto fazia o disparo, porém, uma rocha voava em sua direção, atirada por Azazel, aspecto da ira. Conseguiu se esquivar o suficiente para que o bólido não lhe esmagasse o peito, mas acabou sendo atingido na asa e não pôde mais voar. Caiu de uma vez e, ao se levantar, com a dor lancinante se espalhando em choques pelo corpo, ouviu Azazel se aproximar.

— Isso, Gabriel... assim que eu gosto: uma boa briga no chão. Sem flechinhas, sem espadas, só mãos limpas e que vença o mais forte. JUSTO, NÃO ACHA? – o demônio uniu as duas mãos como se fossem uma marreta a concentrar toda raiva do mundo e golpeou a face de Gabriel, arremessando-o longe. – Essa foi pelo meu bode, seu filho da puta...

Antes que o inimigo pudesse ficar em pé novamente, Azazel lhe desferiu uma canelada nas costelas, partindo-as feito galhos secos. Demônios inferiores aproximaram-se, já preparados para capturar o comandante inimigo e torturá-lo com todas as honras, mas Azazel os repeliu, da mesma forma que um leão repele as hienas que tentam se aproximar de sua presa. Agachou-se sobre o peito do inimigo, que respirava com dificuldade e já quase se engasgava no próprio sangue.

— Gabriel... – disse, envolvendo a garganta do anjo com os dedos enormes. – Pensei que você daria mais para o gasto, sabia? O que acha de ser sufocado, seu maldito? O que acha de ser sufocado pelo poder de um guerreiro de verdade? O QUE ACHA?

Gabriel, com os olhos arregalados encarando a morte certa, bateu o chão em desespero e, talvez por sorte, talvez pela providência divina, encontrou ali uma pedra. Usando as últimas forças, bateu com ela na cabeça de Azazel, que caiu para o lado com as mãos indo instintivamente de encontro ao ferimento.

— MALDITO! – Azazel se levantou, ainda mais furioso. – EU VOU TE MAT...

— Não, não vai não – Gabriel interrompeu o inimigo, cravando-lhe no pescoço a adaga que trazia à bainha. – O poder não vem dos punhos, ou das flechas, ou das espadas... todo poder vem de Deus. E você é um idiota que fala demais, Azazel... – disse isso, puxou de volta a lâmina e caiu ajoelhado, tentando recuperar minimamente o fôlego, sem saber que parte do corpo doía mais.

Mas logo teve que se levantar, pois, com o leão morto, as hienas voltaram a se aproximar do animal ferido que desejavam devorar.

\* \* \*

Belial investiu na direção do exército inimigo. Entre os que ali estavam, entre todos os generais, comandantes, soldados de elite e soldados rasos que quase não passavam de meros figurantes na grande batalha, Belial talvez fosse o mais consciente sobre a estupidez da guerra e as reais chances de vitória de cada lado. Entretanto, já estava ali mesmo e não havia mais como voltar, a não ser que trocasse de lado – mas não se prestaria a essa atitude

vergonhosa. Além disso, a despeito das certezas que trazia consigo, a verdade é que gostava do ambiente de matança e ali, ouvindo os gritos e o choque das lanças nos escudos e sentindo o cheiro de ferrugem e medo que se espalhava como praga pelo ambiente, sentia-se em casa. Tinha consciência que a única chance de sair vitorioso seria destruindo o Altíssimo, mas acreditava que Estrela da Manhã falharia novamente nessa empreitada e limitou-se a aproveitar o quanto pudesse aquela última batalha. Assim, colocou o *Degolador de Arcanjos* para trabalhar, desferindo golpes e mais golpes de maciça brutalidade que dilaceravam, decapitavam, mutilavam, matavam e (tentava esse efeito sempre que possível) deixavam agonizando em dor os inimigos que tinham o infortúnio de cruzar seu caminho. Odiou Lúcifer uma vez mais pela mão arrancada, pois, sem ela, as opções de tortura ficavam deveras limitadas. Mas não parou para se lamentar e fez o *melhor* de acordo com as possibilidades. Tinha todo o corpo coberto com sangue, penas e vísceras de anjos e batia algo que já havia sido o rosto de um soldado inimigo contra as rochas, quando foi interpelado por Rafael:

— Tu já foste conhecido como “Belial, o valoroso” – o anjo falou. – Lembro-me que na guerra contra o Caos, eu estava prestes a morrer, prestes a ser esmagado por um dos gigantes de entropia. Lembro-me que alguém me salvou, pulando na frente do ataque sem medir consequências, sem temer pela própria vida. Esse alguém não foi Estrela da Manhã, nem Miguel, nem Gabriel; eles teriam feito a mesma coisa, é verdade, mas estavam longe. Foi tu, Belial, disso bem me lembro. E também me lembro de que nós éramos amigos. O que aconteceu para que te tornaste... isto? – abriu os braços com as mãos espalmadas, mostrando a carnificina à volta, que se estendia num raio de quilômetros, promovida quase exclusivamente pelo grande demônio.

— Um discurso deveras comovente, Rafael – disse Belial. – Mas não espere despertar um surto de saudosismo com isso. Não espere que eu deixe de te derrubar, de arrancar suas asas e suas mãos e seus pés, e de fazê-lo sangrar por cada poro e chorar implorando por misericórdia. Não espere isso de mim, Rafael, só porque um dia

fomos amigos, ou porque um dia fui chamado de “valoroso” – cuspiu para o lado, como se estivesse enojado com a lembrança daquela palavra.

Rafael percebeu que não havia caminho outro além do combate. E isso lhe causou tristeza. Mas não se acovardou e lançou-se ao encontro do inimigo com a espada de gume azul, de onde emanava o fogo sagrado da justiça. Belial era, visivelmente, muito mais forte. E também era mais rápido do que deveria ser com todo aquele tamanho, de modo que, à exceção do próprio Lúcifer e do monstruoso Leviatã, não poderia haver adversário mais terrível para Rafael enfrentar. O anjo esquivava-se de uma machadada, mas, antes que pudesse contra-atacar ou esboçar qualquer outra reação, já precisava se esquivar novamente da lâmina que cortava o ar sibilando como o zunido concentrado de um milhão de insetos venenosos. Belial divertia-se com o desespero que sempre ficava estampado nos olhos dos inimigos, quando constataavam que não teriam a menor chance diante de tão formidável oponente. Brincou mais um pouco com Rafael, até que decidiu que era hora de derrubá-lo e começar uma nova etapa de *entretenimento*. Adiantou-se para golpear as pernas do adversário, porém o excesso de soberba levou-o a escorregar nos restos mortais do anjo que torturava há pouco. Rafael aproveitou a oportunidade para golpeá-lo e a lâmina imbuída da justiça divina abriu um talho que ia do meio do peito à cintura do demônio.

— Não precisa terminar assim, Belial! – gritou Rafael, quase em tom de súplica. – Salvaste minha vida uma vez e agora me permita salvar a tua! Tente mudar, meu amigo. Abandone tuas maldades... ainda há luz brilhando em ti. E em todos nós... – estendeu a mão, sorrindo com extrema alegria ao notar que o semblante de Belial havia se transformado e que ele largava o machado e também estendia a mão em sua direção.

— Sabe o que aconteceu com o último que me fez sangrar, Rafael? – Belial agarrou-o pelo braço, alçou-o no ar e depois o trouxe de volta ao chão, com desmedida violência, fazendo muitos ossos se partirem com o impacto. – Vou te contar, meu amigo... aposto que ficará deveras emocio...

— Não! Chega dessa história, chega, chega, chega! – uma voz esganiçada soou no ouvido de Belial. Era Ranzael, que gritava, num amálgama de raiva, medo e alívio, enquanto cravava a espada na nuca do Comandante.

— Ma... Maldito... – Belial gaguejou, arrastando-se na tentativa de agarrar o demônio insolente, mas Rafael reuniu as últimas forças e terminou de destruí-lo.

Depois disso, o anjo encostou-se a uma rocha, desarmado e sangrando. Ranzael aproximou-se dele, pensando em milhares de possibilidades, refletindo como sua reputação aumentaria quando soubessem que havia vencido Belial e também Rafael, peça chave do exército inimigo. Pensou nas cenas exageradas que descreveria para dar um tom épico à narrativa. Mas pensou, sobretudo, nas palavras que acabara de escutar:

— Você... acha... – começou, como se estivesse com medo de dirigir a palavra a Rafael. – Você acha, que ainda pode ter alguma luz em mim?

— Sempre tem... – Rafael respondeu com dificuldade, mas sorrindo. – Às vezes, nós demoramos um pouco para perceber, meu caro. Mas sempre tem.

— Sempre tem... – Ranzael repetiu, concordando com a cabeça para tentar reforçar a crença que queria ter naquela ideia. – Eu vou... eu vou ficar aqui do seu lado, até que tudo isso acabe – continuou a falar e a balançar a cabeça, agora com os olhos cheios de lágrimas. – É, vou ficar aqui do seu lado, vou sim... é isso que eu vou fazer... é... sempre tem... sempre...

Rafael concordou, com a felicidade vencendo a dor no semblante.

Quem salva uma alma, salva o mundo inteiro.

\* \* \*

Uriel venceu Asmodeus com facilidade. O demônio da luxúria escondeu-se o máximo que pôde, ficando às margens da batalha e enfrentando inimigos fáceis, mas o guardião dos Portões de Safira, que caçava os campeões inimigos, o encontrou e desferiu uma espadada mortal, sem tempo para últimas palavras. Como não encontrou Mammon em nenhum lugar, partiu no encalço de Belzebu

que, na forma de mosca monstruosa, espalhava o terror da pestilência, desorientando os soldados celestiais. O aspecto da gula também não ofereceu muita resistência ao querubim, que lhe trespassou a barriga fazendo-o emitir um grito pavoroso, enquanto milhões de moscas saíam do ferimento. Porém, com as patas de inseto, Belzebu puxou Uriel e o ferrou na coxa. Pouco depois, o mundo foi ficando ainda mais escuro do que já estava e as coisas à frente começaram a se duplicar, triplicar e distorcer. Mesmo sob os efeitos do terrível veneno, Uriel conseguiu avistar Gabriel, que enfrentava sérios problemas lutando ferido contra uma legião ávida para derrubar tão patenteado inimigo. Desceu até lá e foi ajudá-lo.

Enquanto isso, uma montanha de corpos e armas destruídas se formava abaixo do lugar onde Lúcifer lutava. Os anjos, mesmo os de determinação e fé mais ferrenhas, passaram a olhar com temor redobrado para o Senhor das Trevas e ficaram com medo de atacá-lo. Alguns chegaram a fugir, apavorados. Então, ouviu-se um rugido de ódio, tão alto que pôde ser escutado até do outro lado do mundo e tão medonho que todos aqueles que guerreavam pararam de lutar por um instante, para ver o que se passava. Era o Leviatã, mas o rugido não foi causado pela lança de Miguel, que o espetava outra vez, mas pela entrada no campo de batalha de seu real oponente – o Behemoth. A formidável criatura surgiu do nada e avançou a passos inexoráveis na direção da serpente marinha, derrubando árvores, montanhas, aliados, inimigos e tudo mais que estivesse à frente. O choque das duas criaturas fez o encontro dos exércitos, que havia abalado o planeta pouco antes, parecer um estalar de dedos.

— Estás um tanto atrasado, caro confrade... mas é um alívio ver que finalmente vieste – Miguel sussurrou consigo próprio, olhando deslumbrado para a batalha inenarrável que se desenrolava à sua frente.

Respirou fundo.

E foi enfrentar Lúcifer.

## **CAPÍTULO XXXVI – O ÚLTIMO EMBATE ENTRE DEUS E O DIABO**

O urro do Leviatã despertou Lúcifer do frenesi assassino em que estava imerso e que o levava a matar mais anjos, arcanjos, serafins e querubins do que se podia contar. Ofegava – não de cansaço, mas de ódio, ira e crueldade. E queria mais. Com o campo de visão mais limpo, conseguiu localizar onde estava o Altíssimo, mas deduziu que não chegaria até lá sem passar por Miguel (que agora vinha de encontro a ele). Assim, voou na direção do arcanjo, segurando a *Aniquiladora do Caos* com as duas mãos. Quando se encontraram, desferiu um golpe de cima para baixo, tão rápido quanto violento, com poder suficiente para dividir uma estrela de nêutrons ao meio como se fosse uma laranja. Miguel se defendeu estendendo a lança *Ira do Criador* (que também segurava com as duas mãos) em frente ao rosto. O choque gerado por aquele impacto rivalizou com o encontro do Behemoth com o Leviatã e os anjos e demônios que lutavam nas imediações pararam de combater, em parte para assistir às batalhas épicas que se desenrolavam e, em outra parte (que agia na forma de um incômodo silencioso que espetava a alma) por perceberem, com mais clareza do que nunca, que eram apenas formigas lutando ao lado de gigantes.

Os golpes seguiram, incessantes, gerando ondas e mais ondas de energia enquanto as silhuetas de Miguel e Lúcifer se destacavam entre as nuvens quando caíam os raios. A chuva lavou o sangue que cobria a armadura, os cabelos e o rosto do Anjo Caído e começou a arder nos olhos, mas ele continuava a atacar com a mesma precisão. As forças de Miguel estavam exauridas, devido à dura luta contra o Leviatã, mas ele continuava a se defender e a esquivar, aguardando a oportunidade de encaixar um contragolpe e acabar com Samael. A oportunidade veio – Lúcifer agrediu com ímpeto demasiado e acabou abrindo a guarda, expondo o flanco à estocada de Miguel. O arcanjo reuniu todas as forças e atacou. Porém, no meio do caminho, percebeu que caíra numa armadilha – Lúcifer se



esquivou para o lado, como se já soubesse de onde viria o golpe e, nesse momento, quem ficou com a guarda aberta foi Miguel.

Estrela da Manhã atacou sem piedade. Devido à manobra, não conseguiu colocar toda força que queria empregar, mas, ainda assim, rasgou o inimigo de baixo para cima, abrindo um corte que começou pouco abaixo da primeira costela e subiu até decepar o braço direito à altura do ombro. Miguel gritou. Lúcifer sorriu.

— Você nunca foi páreo pra mim, Miguelito – disse, com a soberba que sempre tomava conta de seu espírito ao sentir o sabor da vitória. – Agora, vai lá em baixo pegar seu bracinho, vai...

Cortou as duas asas de Miguel com um único golpe, chutou o inimigo para baixo na sequência do movimento e ficou acompanhando a trajetória descendente do arcanjo mutilado, deliciando-se com a cena até o inimigo estatelar-se, com o impacto de uma explosão nuclear, nas montanhas centenas de metros abaixo. Gargalhou, satisfeito. Então, passou os olhos por toda extensão do campo de batalha e viu Deus. Estava em Sua forma humana, sentado no alto de uma grande colina, observando de um jeito que não se podia distinguir muito bem se era tristeza, indiferença, ou um pouco das duas coisas, a todo aquele horror que se desenrolava próximo ao lugar em que um dia havia erguido o Jardim do Éden. Lúcifer voltou a sentir o ódio tomando conta de cada um de seus poros e deixou a raiva fluir. “Agora é sua vez, seu puto...”, pensou, voando em disparada até lá.

Ao chegar, atacou o Altíssimo da mesma forma que atacara Miguel – um golpe de cima para baixo empunhando a espada com as duas mãos. Deus não fez menção de se esquivar e, por um breve instante, Lúcifer teve certeza da vitória, teve certeza de que destruiria o Todo Poderoso com a *Aniquiladora do Caos* e lavaria o chão com sangue sagrado, como ocorrera no Calvário, tantos anos atrás. Nesse breve instante, teve certeza de que seria o novo senhor do universo, que todos sem exceção se ajoelhariam a seus pés até o final daquele dia, que se sentaria no Trono Sagrado e o conspurcaria, que seria amado, adorado e temido e que governaria o mundo com mão de ferro, dali até o final dos tempos, com a crueldade que era parte indissociável de sua alma, com a maldade

que jamais deveria ter tentado abandonar. Sentiu o doce sabor da vingança.

Mas foi apenas por um breve instante.

Sentiu paralisar os braços, as asas e todo o restante do corpo. Ficou suspenso no ar, com a lâmina da espada a poucos milímetros da cabeça de Deus, que lhe deu as costas e começou a caminhar, falando:

— É dessa forma que pretende se redimir, Lúcifer, Estrela da Manhã?

O Senhor das Trevas percebeu que havia recuperado os movimentos e poderia falar e atacar novamente. Mas não atacou com a espada (pois concluíra que seria inútil), nem respondeu nada. Apressou-se a pegar, na cintura, a orbe de diamante em que trazia a essência do Caos, extraída das almas humanas no Inferno. Atirou-a na direção de Deus e, com seu poder diabólico, destruiu o invólucro quando esse estava bem próximo do alvo, liberando as forças caóticas, que envolveram o Altíssimo como uma matilha de incontáveis leões esfaimados envolveria um cordeiro. Seguiu-se uma profusão de feixes luminosos de todas as cores possíveis e impossíveis e dessa vez não só a Terra, mas também a Lua, o Sol, os outros planetas e todas as outras estrelas, quasares, buracos-negros e nebulosas do universo estremeceram, e veios de energia pura, com a extensão de dezenas de galáxias, rasgaram a malha do espaço-tempo e as esferas espirituais e materiais se amalgamaram.

A ventania gerada por aquele evento foi infinitamente mais forte do que a que Lúcifer enfrentara ao atravessar o Caminho da Perfeição. O Primeiro entre os Anjos tentou proteger o rosto com as mãos, tentou firmar-se no solo e bater as asas para se segurar, mas os esforços foram em vão – foi arremessado para longe, tão indefeso e sem possibilidade de reação quanto as árvores e pedras que voavam junto com ele e eram desintegrados a seu lado. O vento parou de repente e o mundo parecia ter sido coberto por um véu de silêncio. Lúcifer voou na direção da colina, certo de que encontraria apenas os restos mortais do Altíssimo. Talvez fizesse um elmo com a ossada do Pai, ou uma nova empunhadura para a *Aniquiladora do Caos*, ou uma nova arma... sim, uma nova arma,

um cetro, por que não? Sim, um rei precisava de um cetro imponente, majestoso. E o que haveria de mais imponente e majestoso que um cetro criado com os ossos do Deus morto? – Lúcifer pensava essas coisas enquanto voava até o topo da colina. Todavia, ao chegar lá, notou que Deus também tinha feito planos para aquela tarde.

E ter os ossos transformados em cetro certamente não estava entre eles.

— É dessa forma que pretende se redimir, Lúcifer, Estrela da Manhã? – Deus, sentado sobre uma rocha, repetiu a pergunta com o semblante tranquilo de carpinteiro, como se nada tivesse acontecido.

— Que chance eu tive de me redimir? – o Anjo Caído esbravejou, ao perceber que não lhe restava alternativa além de responder. – Diga, que chance eu tive?

— Em verdade te digo, Lúcifer, Estrela da Manhã: tiveste todas as chances do mundo – Deus respondeu, com firmeza e tranquilidade. – Ora, não te enviei aqui entre os homens, com a missão de que fizesses algo bom por eles? Chegaste mesmo a pensar que dizimar mais da metade deles, que controlá-los como gado... chegaste mesmo a pensar que isso, de alguma forma, poderia ser considerado algo bom?

— Quem é você para falar sobre controle? – Lúcifer gritou, apontando para o rosto de Deus. – Quem é você para falar sobre isso? Você trata todos como se fossem seus brinquedos, suas marionetes. Você é um sacana que tem me usado desde sempre. Eu só segui o caminho em que você mesmo me colocou, não tive chance nenhuma.

— Em verdade te digo, Lúcifer, Estrela da Manhã: havia vários caminhos. Sempre há. E caminaste por um deles com tuas próprias pernas.

— Dá pra parar com essa porra de “em verdade te digo”? Esse negócio enche o saco! – o Diabo levou as mãos à cabeça, indignado. – Por que você tinha que vir logo desse jeito? É só pra me provocar? Não tem como mudar esse aspecto para o velho?

— Agora não... – Deus respondeu, rindo discretamente como um pai que ri das travessuras do filho mimado.

— Poder, pode... mas você que não quer. Não é?

— Acho que já conversamos sobre isso...

— Então os assuntos estão esgotados? É isso? Acabou? – Lúcifer perguntou, abrindo os braços e movendo a cabeça de um lado para o outro, contemplando a desolação que os cercava. – Quem não quis jogar o seu joguinho está condenado à danação eterna, é isso?

— Nunca se tratou de um jogo, Lúcifer – o Altíssimo mostrou-se desapontado. – Criaste monstros em tua cabeça e agora eles não param de te atormentar. Tens que te libertar disso, em algum momento.

— Então, ainda há tempo para redenção?

— Sim...

— O que preciso fazer? – Estrela da Manhã perguntou, desconfiado.

— O mesmo que qualquer outra criatura: só precisa aceitar a graça.

— Como posso saber se tenho realmente poder de escolha?

Deus pensou na pergunta por alguns instantes e, em seguida, respondeu, levantando-se da rocha e abrindo os braços:

— Ficarei aqui parado. Se vieres até mim, me abraçar e me aceitar novamente como teu Pai amoroso, terás a tua redenção: todos os teus crimes serão jogados no mar do esquecimento e ainda hoje caminharemos juntos pela Planície das Sete Virtudes, traçando planos para recuperar as almas perdidas. E, para que não duvides da tua real oportunidade de escolha... – o Criador respirou fundo, como se pela primeira vez hesitasse em dizer algo. Então continuou, com a mesma convicção de sempre: – Para que não duvides da tua real oportunidade de escolha – repetiu –, abrirei mão da minha onipotência e não farei nada, até que tomes tua decisão e que todos os efeitos decorrentes se resolvam.

— Quer dizer... – Lúcifer começou a falar e depois parou para refletir, como se tentasse desvendar algum mistério, algum embuste escondido no meio das linhas tortas. Mas não encontrou

nada e prosseguiu: – Quer dizer, que é só eu te abraçar, dizer “papai, eu te amo” e tudo resolvido?

— De preferência sem esse deboche, mas... sim, é isso – Deus confirmou.

— Da outra vez, você falou que não era tão simples...

— Da outra vez – disse o Altíssimo –, não tinhas a chance de escolha que tens agora. Se optares pelo abraço, saberei que é de coração e saberei que me amas acima de tuas ambições.

— E, se em vez de te abraçar, eu decidir... te matar. Você vai ficar parado sem fazer nada? – Estrela da Manhã perguntou, guardando a *Aniquiladora do Caos* na bainha e dando o primeiro passo à frente.

— Exatamente, filho.

— Parece confiante demais, desconfio que esteja escondendo alguma coisa – Estrela da Manhã deu mais dois passos, ainda receoso.

— Eu não minto. Tu bem sabes disso – o Altíssimo garantiu, encarando os olhos de Lúcifer, que chegava cada vez mais perto.

— Então, Pai... só posso te dizer uma coisa... – Lúcifer falou, respirando fundo, refletindo, pensando em todas as possibilidades ao mesmo tempo, lembrando-se de todos os eventos desde a criação, de todas as vezes em que se sentira injustiçado, traído, manipulado, vilipendiado; pensando no quanto cobiçou e ainda cobiçava o posto de Deus, no quanto queria ser adorado como Deus. Mas pensou também nos dias felizes junto à Fonte da Vida, nos poemas e nas canções. Sentiu saudade da velha harpa, sentiu saudade de casa, sentiu saudade do amor. Abriu os braços e se preparou para dar o passo derradeiro, mas então, subitamente, a imagem de Gisele caindo do prédio lhe veio à cabeça. E voltou a pensar em toda dor e sofrimento que Deus poderia ter evitado, os eventos que não precisavam ter acontecido, as guerras sem propósito, os jogos de bem e mal, o teatro de salvação e danação. Sentiu o ódio tomando conta do corpo, de modo irreversível. – Só posso te dizer uma coisa, pai... – fechou os braços, cerrou os punhos e finalmente explodiu, tomando a decisão final: – MORRA, MALDITO!!!

O primeiro soco acertou em cheio na bochecha e fez Deus cambalear dois passos para trás. “Vai me oferecer a outra face, vai?”, o Diabo perguntou, enquanto batia novamente. Em seguida, veio uma joelhada no estômago e depois outro soco, no queixo dessa vez. O Criador foi ao chão, sangrando, e Lúcifer começou a chutá-lo, xingá-lo e acusá-lo, colocando para fora toda mágoa, rancor e ódio que guardara no coração desde aquele longínquo dia em que viu a estátua de outro anjo à margem da Fonte. O Altíssimo, em forma humana, protegia-se instintivamente, da mesma forma que qualquer homem comum faria, como havia tentado se proteger dos romanos antes da crucificação. Mas, assim como naquela ocasião, a violência dos golpes agressores era demasiada e só restou a Ele apanhar e sofrer em silêncio. Quando Lúcifer cansou de bater, a face do Altíssimo estava disforme e Sua túnica empapada em sangue. O Anjo Caído ofegava, ainda com mais ódio do que quando começou o massacre. Decidiu que era hora de acabar com aquilo de uma vez. Desembainhou a *Aniquiladora do Caos* e preparou a estocada derradeira.

— É... dessa forma... que pretende se redimir... Lúcifer? – Deus perguntou uma vez mais, cuspidando sangue entre uma palavra e outra, enquanto se arrastava até uma pedra que pretendia usar como apoio para as costas.

— Ainda agora tenho chance de redenção? – o Diabo perguntou, em tom provocativo, mas com certa curiosidade.

— Até... até o último instante... filho...

Lúcifer gargalhou.

— Pois então... papai – falou com deboche –, tome aqui o meu abraço e a minha jura de amor! – gritou, preparando-se para atacar.

A lâmina da Aniquiladora do Caos ergueu-se no ar e brilhou ao refletir a luz dos raios que caíam longe, onde a batalha entre os anjos e os demônios ainda se desenrolava, onde Leviatã e Behemoth haviam matado um ao outro, onde o demônio chamado Ranzael ainda estava ao lado do corpo mutilado de Rafael, protegendo-o com a própria vida, onde Uriel e Gabriel, mesmo quase mortos, ainda lutavam, com valentia e heroísmo, contra as

legiões que não paravam de atacar. Depois, a lâmina desceu em direção ao peito do Altíssimo.

Metal encontrou carne.

E o chão foi lavado por sangue depois do golpe fatal.

— Estavas avisado, Samael... – uma voz com o poder dos trovões que preludiam grandes tempestades e, ao mesmo tempo, serena como o cadenciado escorrer de águas numa nascente de riacho, soou às costas de Lúcifer. – Estavas avisado que no final eu cravaria minha lança em tuas costas... – disse o arcanjo Miguel, que se arrastara sangrando por léguas e léguas para enfrentar o grande inimigo e proteger o Altíssimo.

— Mig... Miguelito... – Estrela da Manhã falou com extrema dificuldade, pois o sangue jorrava de sua boca. – Se... sem... sempre traiçoeiro, hein? – sorriu pela última vez e tombou com a espada afrouxando nas mãos, trespassado pela lança *Ira do Criador*.

Miguel foi até o Altíssimo e estendeu-Lhe a mão que ainda possuía, para ajudá-Lo a levantar. Mas acabou ele também caindo, debilitado pelos ferimentos que recebera pouco antes.

— Imploro para que perdoeis minha demora, meu Senhor – falou com dificuldade, tentando se levantar. – Estou envergonhado por falhar no cumprimento de minhas atribuições.

— O que aconteceu é o que havia de acontecer, meu bom arcanjo – Deus respondeu, em pé, totalmente recuperado dos ferimentos e agora com o aspecto do Pai, não mais do Filho. – Às vezes és muito duro com si mesmo, Miguel. Cumpriste muito bem tua missão, como sempre fizeste, soldado. Agora, feche os olhos e aproveite teu merecido descanso. Quando acordar, estaremos de volta ao lugar onde não há dor, nem sofrimento.

Miguel obedeceu, como sempre fizera e sempre haveria de fazer. Lúcifer estava com os olhos abertos, fixos no céu que se abria, já quase sem vida. Com os últimos resquícios de força, perguntou, com uma voz débil que em nada lembrava a antiga altivez:

— Você... vo... você sabia... sabia que ele ia... te salvar, não sabia?

— Lúcifer... – Deus sorriu com compaixão – tu precisas vencer esses monstros que criaste em tua cabeça.

Enquanto o azul dos olhos tornava-se um cinza opaco, o Portador da Luz – aquele que um dia brilhou com a mesma beleza e a mesma intensidade da Estrela da Alva e depois mergulhou num abismo sem fim de escuridão –, murmurou algumas palavras, tão baixo que ninguém poderia ouvir ou compreender. Ninguém exceto o Altíssimo, que se sentou ao lado do primeiro anjo, colocou a cabeça de Sua mais intrigante e complexa criatura sobre o colo e escutou tudo, com satisfação. E também com um pouco de tristeza. Aquelas palavras fizeram com que se lembrasse de outra época, que a Ele parecia tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Fizeram com que pensasse nos outros caminhos que poderia ter seguido, que seriam igualmente perfeitos conforme Sua vontade. Fizeram com que pensasse no propósito de todos os seres que havia concebido, com infinito amor.

Era o *Poema da Criação*.



## EPÍLOGO

### ***Milhares de anos depois...***

Lúcifer, Estrela da Manhã, havia se refugiado na Fortaleza das Trevas e ali permanecera, sozinho e em silêncio, desde o final da última batalha quando, juntamente com as almas impuras que se recusaram a aceitar a graça de Deus, os demônios derrotados foram atirados no Lago de Fogo e a saída do Inferno foi lacrada para sempre. Talvez o Anjo Caído permanecesse assim por toda eternidade, imerso em seus pensamentos, lutando contra seus próprios monstros interiores. Mas, então, um vento frio soprou em meio ao fogo, ao enxofre e ao ranger de dentes.

E Lúcifer abriu os olhos.

Levantou-se do Trono das Trevas e colocou-se a caminhar em meio ao vazio e à escuridão, que foram os únicos a lhe emprestar companhia nos últimos tempos. Então, colocou as mãos em frente ao rosto, e delas emanou uma luz tão intensa. Essa luz iluminou todo o castelo e o deixou cego por alguns momentos. Com o poder de síntese que apenas o anjo mais belo e mais inteligente de toda a criação poderia ter, ele concluiu:

— Puta que pariu, a luz... é d'Ele!

Sorriu e continuou a caminhar, olhando as próprias mãos, feito criança deslumbrada com brinquedo novo, e balbuciando frases desconexas consigo – “nunca foi minha”, “nada”, “nada nunca foi meu”, “sou só o portador”, “nada nunca foi de ninguém”, “tudo é d'Ele”... “tudo”. Desceu ao calabouço, ainda falando com euforia e sorrindo sem parar. Libertou Lilith.

— Mu... a... mum... ma... – ela apenas conseguia emitir sussurros incompreensíveis.

Estava fraca e Lúcifer a amparou. “Calma, meu amor, calma...”, ele disse, carregando-a no colo. Saiu do castelo e notou que o Inferno estava em ruínas, uma imensa desolação coberta pela poeira de sonhos que foram despedaçados em algum lugar do caminho. Não havia mais demônios torturando almas, nem caldeiras borbulhando, tampouco o alarido dos gritos e chicotes, nem das espadas. Até o fogo e o magma escorrendo das

montanhas pareciam inertes, preguiçosos. Estavam todos deitados sob cinzas e só se podia saber que ainda existiam ao chegar muito perto e perceber as respirações e o arranhar dos dentes uns nos outros.

Lúcifer soube exatamente o que fazer e sentiu que, na verdade, sabia desde sempre. Sentiu-se o maior de todos os tolos por ter demorado tanto a aceitar aquele propósito. Ergueu voo e brilhou, não só com as mãos dessa vez, mas com o corpo todo, com toda alma e todo entendimento. Brilhou como só podia brilhar o Primeiro entre os Anjos, aquele que fazia o Criador chorar de alegria com seus poemas e suas canções, o escolhido de Deus para ser o Portador da Luz.

Brilhou como a Estrela da Manhã.

A poeira foi soprada e os que estavam deitados se levantaram, olhando para Lúcifer com o espírito renovado, preenchidos pela esperança trazida pela luz que chega na hora mais escura. Nesse momento, as almas que estavam ali aprisionadas, sem exceção, souberam que jamais voltariam à escuridão novamente. E se alegraram imensamente com isso.

— Faz tempo que não vejo meu Pai – Lúcifer falou aos demônios e humanos que o observavam admirados. – E agora, confesso a vocês que bateu uma saudade. Acho que vou fazer uma visita. Quem vem comigo?

Com um raio de luz, Lúcifer quebrou os lacres da saída do inferno, abrindo caminho para o Céu, para a redenção final de todas aquelas almas. Para a redenção dele próprio. Sussurrou para Lilith, que, acometida pela loucura do longo e terrível cárcere, gemia em seus braços:

— Nós vamos pra um lugar, *mon cher*, um lugar bem legal. Tenho que dar o braço a torcer: o cara que criou tudo aquilo, sabe fazer as coisas – ele sorriu. – Tem uma menina que está lá faz tempo e ela vai tirar sarro da minha cara, vai dizer “se liga no movimento, demorou muito, tio!”. Tem uns amigos, que eu quero muito reencontrar e tanta gente a quem devo tantas desculpas – alisou os cabelos de Lilith, recobrou o fôlego e continuou: – Nesse lugar, tem uns campos tão verdes que nem dá pra acreditar, um

lago em que a gente pode nadar a vida inteira, umas montanhas onde o vento parece cantar e também tem uma fonte... – parou um instante, lembrando-se dos detalhes, sem impedir que uma lágrima viesse lhe encher os olhos. – Tem uma fonte lá, que é a coisa mais bonita que eu já vi. Você vai gostar, amor. Você vai gostar...

Disse isso e voou, conduzindo ao Céu as almas que faltavam para completar a felicidade e os planos do Criador.

E então, ele finalmente entendeu.

**FIM**

## CONTATOS

Gostou? Então, por favor, gaste uns minutinhos me ajudando a divulgar. Uma avaliação na Amazon e Skoob, bem como um post nas redes sociais, já ajudam um bocado!

Não gostou? Ficarei muito feliz em saber sua opinião sincera para poder melhorar, seja por e-mail ou por avaliações negativas na Amazon e no Skoob! (Sei que isso parece aquelas mensagens "sua opinião é muito importante para nós" que ficam passando no telefone das empresas enquanto esperamos atendimento, mas é verdade! :D).

Posso garantir que um escritor fica realmente muito feliz quando recebe o feedback das pessoas que leram suas obras.

**Amazon:** <http://tinyurl.com/zxosbjf>

**Skoob:** <http://www.skoob.com.br/autor/8535-fabio-baptista>

**E-mail:** [fabio.baptista.writer@gmail.com](mailto:fabio.baptista.writer@gmail.com)

**Facebook:** <https://www.facebook.com/fabio.baptista.9277>

**Website:** <http://www.fabio.baptista.com>

## **SOBRE O AUTOR**

O autor nasceu e cresceu (bom... crescer é modo de falar, porque parou nos 1,67) em São Paulo, cidade que odeia nos dias úteis por causa do trânsito e nos fins de semana por causa da ciclofaixa, mas de onde, num tipo de síndrome de Estocolmo Edipiana, sente saudade já no segundo dia das férias. Estudou para ser desenhista, tentou ser roteirista, acabou virando Analista de Sistemas (e tem consciência que isso não faz o menor sentido). Começou a escrever meio que por acaso e acabou pegando gosto pela coisa (na verdade, foi uma maneira que encontrou de economizar com terapia). Participou de algumas antologias, foi finalista do Prêmio SESC 2012, categoria contos, e finalista do Prêmio SESC 2016, com o romance "A Redenção do Anjo Caído". Detesta falar sobre si mesmo (principalmente em terceira pessoa) e procura escrever coisas que despertem emoções, lágrimas e sorrisos, prezando sempre pela qualidade literária.

Vem falhando miseravelmente até aqui, mas continua tentando.

# Table of Contents

CAPÍTULO I – SOBERBA

CAPÍTULO II – A QUEDA

CAPÍTULO III – REFLEXÕES

CAPÍTULO IV – DECISÕES

CAPÍTULO V – REUNIÃO INFERNAL

CAPÍTULO VI – A ESCOLHA DE LÚCIFER

CAPÍTULO VII – O MAU FILHO A CASA TORNA

CAPÍTULO VIII – O ACORDO ENTRE DEUS E O DIABO

CAPÍTULO IX – O PÃO QUE O DIABO AMASSOU

CAPÍTULO X – FAZENDO UM “CORRE”

CAPÍTULO XI – PREGAÇÕES

CAPÍTULO XII – CACHORRO-QUENTE

CAPÍTULO XIII – NOVOS AMIGOS

CAPÍTULO XIV – UM DIA DEPOIS DO OUTRO

CAPÍTULO XV – O REINADO DE BELIAL

CAPÍTULO XVI – CONDOMÍNIO

CAPÍTULO XVII – UM HOMEM DE BEM

CAPÍTULO XVIII – MATANDO BARATAS

CAPÍTULO XIX – CHAMAS

CAPÍTULO XX – CINZAS

CAPÍTULO XXI – UM ROSTO BONITO

CAPÍTULO XXII – EPITÁFIO

CAPÍTULO XXIII – HOSPITAL

CAPÍTULO XXIV – PLANOS DE GUERRA

CAPÍTULO XXV – CANTANDO COMO UM ANJO

CAPÍTULO XXVI – A PRIMEIRA ELEIÇÃO A GENTE NUNCA ESQUECE

CAPÍTULO XXVII – BALÕES

CAPÍTULO XXVIII – O TAMANHO DO CERCADO

CAPÍTULO XXIX – MAX E MAMMON

CAPÍTULO XXX – NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL

CAPÍTULO XXXI – BONECAS RUSSAS

CAPÍTULO XXXII – A NOVA ORDEM MUNDIAL

CAPÍTULO XXXIII – O SENHOR DAS TREVAS

CAPÍTULO XXXIV – VISÕES DO APOCALIPSE

CAPÍTULO XXXV – ARMAGEDOM

CAPÍTULO XXXVI – O ÚLTIMO EMBATE ENTRE DEUS E O DIABO